

10ª EDIÇÃO

FAZ-ME FICAR

Os Mandamentos do Afonso

AFONSO NOITE-LUAR

O AUTOR ERÓTICO PORTUGUÊS MAIS VENDIDO DE SEMPRE

MANUSCRITO


10ª EDIÇÃO
FAZ-ME FICAR
Os Mandamentos do Afonso
AFONSO NOITE-LUAR
O AUTOR ERÓTICO PORTUGUÊS MAIS VENDIDO DE SEMPRE
MANUSCRITO

AFONSO NOITE-LUAR

FAZ-ME FICAR

Os Mandamentos do Afonso

MANUSCRITO

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2019
Direitos reservados para Letras & Diálogos,
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 BARCARENA

Título original: *Faz-me Ficar*
Autor: *Afonso Noite-Luar*
Copyright © Afonso Noite-Luar, 2019
Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2019
Revisão: *Nuno Pereira/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Coleção: Romance Erótico
Este livro contém conteúdos para adultos.
Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens ou incidências são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1.ª edição em papel, Lisboa, junho, 2019

Às mulheres que se colocam em primeiro lugar
e não aceitam nada menos que tudo.

1

«E agora que já têm os vossos certificados, eu gostaria de terminar relembrando o que vos transmiti no início desta formação», disse, por fim, à vintena de formandos que tinha diante de mim. «Ao longo das últimas semanas dei-vos muitas ferramentas para serem verdadeiros **Afonsos** e conquistarem, estimarem e valorizarem a mulher que despertou o vosso interesse. Contudo, o facto de a quererem, e de a conseguirem conquistar, não significa que seja a pessoa certa para vocês ou que será a pessoa que vos fará felizes. Muito provavelmente será, mas não é regra. Isto porque as técnicas que vos dei implicam uma transformação comportamental. Implica colocarem uma máscara fictícia que, se não for absorvida e compreendida, mais tarde ou mais cedo, pode cair. Nesse momento, verão que não são essa pessoa que acreditam ser, nem a pessoa que está ao vosso lado é a que deve ser. Se, de facto, querem ter a certeza de que a mulher que conquistaram é a certa e que gosta de vocês tal como são, então terão, invariavelmente, de ser sempre fiéis a vocês. Sem máscaras, ou falas, ou comportamentos estudados. Se assim for, garanto-vos que essa relação dificilmente terminará. O que não vos garanto é quando ela irá começar. Tanto uma abordagem como outra têm um lado positivo e negativo, mas agora cabe-vos tomar a decisão de qual delas seguir. A minha parte está feita. Nunca se esqueçam: amar a alma e foder o corpo, porque qualquer coisa menos que tudo é nada.»

Introduzi uma pasta na mochila, fechei-a sobre a secretária e, no meio do burburinho da sala, ergueu-se uma voz.

«Professor?», chamou um formando do fundo da sala.

«Diga!», atirei, apontando com o queixo na direção dele.

«Nos dê um último conselho.»

Achei curioso, e até enternecedor, aquele pedido e, quando começava a acreditar que não me iria lembrar de nenhum conselho relevante para poder fechar com chave de ouro aquela formação, ocorreu-me um que nunca era de mais relembrar.

«Nunca, nunca, mas mesmo nunca, antes, durante ou após o sexo,

lhe perguntem se ela está a gostar. Não há forma mais simples e eficaz de estragar um bom momento de sexo do que essa.»

Pus a mochila ao ombro e abandonei a sala. Assim que cheguei à rua e vi o trânsito na Avenida Governador Agamenon Magalhães, uma das principais artérias da cidade do Recife, dei graças por não ter de usar carro. Tinha ficado hospedado num hotel do outro lado da avenida, por isso, em dez minutos estava no meu quarto. Enquanto esperava pelo semáforo, olhei para o telemóvel; marcava 29 °C e uma humidade acima de 70%. Por mais que já não fosse novidade, a cada dia que passava mais certezas tinha de que aquele não era o meu *habitat* natural. Tomei banho, vesti uma camisa, desci novamente à rua e dirigi-me para um restaurante que ficava a uns cem metros do hotel para jantar. Sentei-me e saboreei muito calmamente aquela que seria a minha derradeira refeição em terras de Vera Cruz, pois no dia seguinte, bem cedo, tinha o voo para o Porto. Os cem metros de regresso ao hotel foram também percorridos muito lentamente para que, tal como a refeição, eu pudesse degustar ao máximo todas aquelas sensações. Podia não ser o local perfeito para mim, mas não deixava de ser um local onde eu tinha vivido muitas experiências que levaria para a vida.

Olhei uma última vez à minha volta e, antes de subir até ao meu quarto, peguei no telemóvel e enviei uma mensagem para o grupo do *WhatsApp* que tinha em comum com o Miguel e a Filipa:

«Onde jantamos amanhã?»

Começava assim mais uma aventura repleta de sexo, mistério e muitas reviravoltas e surpresas. Boas e más…

2

Era já noite quando cheguei ao Aeroporto Sá Carneiro, no Porto, e, mais do que fisicamente, vinha psicologicamente cansado pelo stresse que sempre me exigiam as viagens de avião, principalmente com escalas, como tinha sido aquela. No entanto, já tinha combinado com o Miguel e a Filipa jantarmos no *Brasão*, nos Aliados, e não ia falhar, até porque era o próprio Miguel que me ia buscar ao aeroporto. E lá estava ele, de braços abertos, quando ainda faltavam uns dez metros para chegar junto dele, só para dar nas vistas e me envergonhar um bocadinho com o seu espalhafato propositado. Mas nada que me admirasse. Assim que me abeirei dele, deu-me um abraço apertado e ofereceu-se para me ajudar com as malas.

«Então? Muitas saudades?», perguntou com clara ironia.

«Sabes bem que não sinto isso, mas senti falta de algumas coisas, sim. Principalmente do meu melhor amigo…»

«Aaaaah! Eu sabia que não vivias sem mim!»

«… O *Dark*», atirei em tom de brincadeira.

Demos uma gargalhada e focamo-nos imediatamente em guardar as malas na bagageira do carro e iniciar viagem. Em 20 minutos chegámos aos Aliados e estacionámos numa rua paralela. Ao chegar ao *Brasão*, encontrámos a Filipa à nossa espera, na rua, com a habitual indumentária alternativa e a fumar um cigarro enquanto falava ao telemóvel. Assim que nos viu, despediu-se da pessoa com quem falava, apagou o cigarro e acelerou o passo até mim, dando-me, também ela, um abraço apertado. Não que eu fosse uma pessoa de afetos, mas se, de facto, eu sentia que pertencia àquele local era precisamente porque tinha abraços assim à minha espera.

«Estás bem mais moreno, **Afonso**!», constatou a Filipa, e eu revirei os olhos perante a previsibilidade daquela observação. «Fica-te bem esse tom de pele. Dá-te um aspeto mais saudável. Pode ser que agora te habitues a viver durante o dia.»

«Pois, mas se me vires durante o dia, provavelmente é sinónimo de que eu ainda não dormi. Por isso, duvido que o meu aspeto pareça muito

saudável. A noite assenta-me bem.»

Desta vez, foi a Filipa a revirar os olhos. Logo de seguida fez sinal para que a acompanhássemos até ao interior do restaurante.

Falávamos regularmente durante o período em que estive fora, mas era quase sempre por iniciativa deles. Não faz parte do meu perfil procurar seja quem for, mesmo que sejam amigos, mas eles já sabiam e também me perdoavam por isso. Tinha consciência de que não devia ser assim, pois até as relações de amizade precisavam de ser alimentadas, mas a verdade é que se não fossem eles a entrar em contacto, muito raramente teríamos falado nos quase sete meses que estive do outro lado do oceano. Das poucas vezes que falei por iniciativa própria para a Filipa foi para lhe perguntar pela Inês, e mesmo assim tive de vencer uma inércia gigantesca que era imposta pelo meu orgulho. Contudo, havia já muito tempo que não tocava nesse assunto, precisamente porque também não me queria lembrar. Mas os minutos desde o instante da aterragem tinham criado na minha cabeça uma ponte até ao momento das últimas referências que tinha da cidade. E, como não podia deixar de ser, o nome da Inês estava invariavelmente gravado naquelas imagens. A Filipa tinha-me dito, uns dois meses antes, que a Inês mudara de emprego e que fora viver para Vila Nova de Gaia, de modo a ficar mais próxima dele. Desde então, não tive mais notícias dela.

«Vá! Conta-nos tudo sobre essa aventura», pediu a Filipa, assim que nos sentámos e fizemos os respetivos pedidos.

«Valeu pela experiência», comecei por dizer. «Gostei, mas não trocaria Portugal pelo Brasil.»

«Nem pelas mulheres?», perguntou o Miguel, intrigado.

«Nem pelas mulheres. Sou fã das portuguesas.»

«E como é que elas são na cama? Ouvi dizer…»

«Ei! Ei! Ei!», interrompeu imediatamente a Filipa. «Eu ainda estou aqui, Miguel, não vamos perder o foco da conversa.»

«Depois conta-me tudo», sussurrou-me o Miguel, piscando-me o olho com um sorriso e batendo-me levemente no braço.

«Bom, resumindo, fui lá fazer o que fazia aqui, mas num modelo diferente. Enquanto aqui faço acompanhamento personalizado, lá foi em formato de palestras e para turmas de cerca de 20 aspirantes a

Afonsos. Não gosto tanto, porque não é um trabalho tão eficaz e acaba por ser muito teórico. Quanto ao que aconteceu fora da sala… limitei-me a ser fiel a mim mesmo, com as devidas adaptações», concluí com um sorriso atrevido.

Não demorou muito até os nossos pratos serem servidos e, nos minutos que se seguiram, fui partilhando alguns episódios caricatos que se passaram comigo, perante o olhar atento e curioso dos dois. Quando disse tudo o que de mais relevante tinha para contar sobre aqueles últimos meses e lhes passei a palavra, o Miguel não demorou a tocar num assunto que parecia tabu:

«É verdade… A Inês sabe que já vieste?»

Ficámos subitamente todos em silêncio e o Miguel cerrou os dentes, como se tivesse acabado de meter o pé na argola.

«Eu não lhe disse nada», respondi.

Olhámos depois ao mesmo tempo para a Filipa.

«Eu também não comentei nada com ela…»

Não sabia se gostava ou não daquilo que acabara de ouvir. Por um lado, o facto de a Inês não saber que eu tinha voltado permitia-me estar numa certa zona de conforto. Isto porque eu sabia de um pormenor que ela, e, à partida, mais ninguém, além da Filipa e do Miguel, sabia. O que era bom para toda a gente, pois era como se tudo ficasse na mesma, e a Inês continuaria a sua vida normalmente e eu a minha. Por outro lado, se ela soubesse que eu já tinha voltado, inevitavelmente iria pensar mais em mim. E por mais que eu soubesse que isso era mau para ela, o meu ego gostava dessa ideia. Podia até não me ver durante anos, mas o facto de saber que estávamos a dez quilómetros de distância, e não a 8 mil, teria uma influência muito grande. No entanto, a minha parte estava feita, apesar de nem tudo ter corrido como planeado, e não queria estragar isso.

«Mas tens falado com ela?», insistiu o Miguel.

«Desde que ela se mudou para Gaia, é claro que falo menos com ela, mas vamos falando e de vez em quando estamos juntas.»

Assim que a Filipa terminou de falar desviou logo o olhar para a francesinha que tinha no prato, deixando claro que não tinha intenções de continuar com aquela conversa. De certa forma, eu também não, pelo menos na presença do Miguel. Não que lhe estivéssemos a esconder

alguma coisa, mas como ele não sabia a história completa, mais valia não explorar aquele assunto. Contudo, não pude deixar de ficar intrigado com a reação da Filipa.

«Planos para o *after party*?», perguntou o Miguel, assim que se apercebeu que tínhamos todos terminado.

«Não, nem pensar», desmarquei-me logo. «Passamos em tua casa para pegar o *Dark* e levas-me a casa. Preciso de descansar.»

«Tens razão. Sendo assim, fica para depois. Vamos embora.»

Quando chegámos à rua, a Filipa dirigiu-se ao Miguel:

«Vai na frente, o **Afonso** já vai ter contigo.»

«Oh! Muito falam vocês os dois sem mim. Qualquer dia, ainda vos encontro na mesma cama», disse em tom jocoso.

«Não sejas parvo!», atirou a Filipa, batendo-lhe no braço. «Quando tiver tempo, falo contigo, mas agora é só com ele.»

Conformado, o Miguel meteu as mãos nos bolsos do casaco, deu meia-volta e adiantou-se pelo passeio adiante. Já eu esperei, expectante, que a Filipa acendesse um outro cigarro e começasse a falar. Não era difícil perceber qual seria o tema.

«Estás a pensar dizer-lhe alguma coisa?», interrogou a Filipa, assim que atirou a primeira lufada de fumo para o ar.

«Mesmo que quisesse, não podia…»

«Porque é que não queres e porque não podes?»

«Quando tivemos aquela última conversa em tua casa, ela usou uma palavra mágica que, no glossário do meu universo, significa que estou impedido de a voltar a procurar até que seja ela a procurar-me ou que, por algum acaso do destino, nos cruzemos.»

A Filipa lançou-me um olhar de frete antes de comentar:

«Sabes que essa ideia de teres um universo só teu com não sei quantos mandamentos, leis e palavras mágicas é muito egocêntrica e masoquista, certo? Até porque, aparentemente, tu crias leis contra ti mesmo. Isso não faz muito sentido, **Afonso**.»

«Não te vou explicar agora o porquê das coisas, senão estaríamos aqui a noite inteira. Respondendo à outra parte da tua pergunta, não quero porque tudo tem um tempo e altura ótimos para acontecer. Depois, há um perímetro de segurança que, naturalmente, não é igual para todos, mas que, em função das pretensões de cada um, não convém

ultrapassar, sob o risco de se estragar tudo. Além de que há coisas que é melhor não se saberem.»

«Tipo, o quê?»

«Não vou desenvolver. Mas tu vais desenvolver o porquê de me teres feito essa pergunta. Tens medo que a procure, é?»

«Não propriamente.» Levou o cigarro à boca. «Até porque não sei se isso seria bom ou mau…»

O olhar ausente da Filipa denunciava um dilema interior entre dizer o que lhe ia na cabeça, e correr o risco de falar de mais, ou não dizer e continuar com aquela informação presa na garganta. E uma vez que tinha de o dizer a mim, só os meus ouvidos lhe podiam desatar aquele nó. Talvez precisasse apenas de um empurrão.

«Diz logo o que me queres dizer! Foi por isso que pediste ao Miguel para ir na frente. Então, diz de uma vez!»

«Mudei de ideias, entretanto. É melhor esquecer o assunto.»

Naquele momento, percebi que ela estava apenas a apalpar o terreno com aquela pergunta inicial. Mas depois da minha resposta, recuou nas suas intenções. Afinal, fui eu que falei de mais. Se lhe tivesse dito algo mais vago, ela teria avançado com a revelação. *Sabes que foi um erro de amador, menino* ***Afonso****! Agora não vais ficar na ignorância, aperta com ela!*

«Começaste, agora acaba», insisti, mas a Filipa pareceu ignorar-me. *Aperta com ela!* Assim que se preparava para levar de novo o cigarro à boca, agarrei-lhe no braço e fui mais claro: «Diz de uma vez o que me tens a dizer sobre a Inês!»

«Para quem não se importa, estás muito preocupado.»

«Curioso!», reagi, em jeito de correção, levantando o sobrolho.

A Filipa puxou o braço, fazendo-se soltar, e suspirou.

«A Inês tem estado estranha desde que saiu de casa.»

«E isso não tem que ver com o que se passou?»

«Não diretamente…»

«Mas achas que é por minha causa?»

«Não propriamente…»

«Então, o que tenho eu que ver com isso?»

«Vês, **Afonso**? Vês porque não te digo nada e faço bem?»

A Filipa começou a apagar o cigarro e dava sinais de que ia embora

antes do previsto. *Ai! Ai!* ***Afonso****! Tu já devias saber o que acontece quando me deixas controlar a tua boca.*

«Tem calma! Diz lá o que posso fazer.»

«Não vale a pena. Até porque, mesmo que quisesses, não podias, não é mesmo?», disse-me com ironia, antes de me dar um beijo no rosto. «Gostei de te ver. É bom ter-te de volta.»

Lançou-me um sorriso e foi embora. Fiquei ali parado, a vê-la a afastar-se e a pensar no que tinha ficado por dizer, e já sabia que, enquanto não descobrisse, não ia descansar. Era agonizante saber que tinha de esperar indefinidamente por uma resposta, mas também não me deixei preocupar muito. Lembrei-me de que o Miguel estava no carro à minha espera e apressei-me.

Seguimos viagem até à casa dele e eu estava cada vez mais ansioso e curioso para saber qual a reação do *Dark* ao ver-me, passados tantos meses. Quando chegámos ao destino, o Miguel tomou naturalmente as rédeas do percurso e guiou-me para o interior da casa dele. Fez um compasso de espera antes de abrir a porta que dava acesso ao terraço onde estava o *Dark*, e eu agachei-me, preparado para o abraçar. Assim que abriu a porta e o *Dark* me viu foi como se uma avalancha de pelo e baba corresse na minha direção e me atirasse para trás. A excitação do animal era tanta que parecia querer devorar-me. Também eu estava muito contente por reencontrá-lo, mas sabia, ao mesmo tempo, que o Miguel tinha criado laços de afeto com o agora nosso amigo, e custava-me perceber que ia quebrar aquela ligação diária. No entanto, não era nada que já não estivesse previsto, e era assim que tinha de ser. Aceitei o saco meio cheio de ração que o Miguel me entregou, pois sabia que não tinha nada em casa para ele comer, pelo menos até ao dia seguinte, e entrámos para o carro. Quando cheguei a casa, foi a vez de deixar o Miguel despedir-se do *Dark*. Naquele momento, percebi o quão ingrata era aquela posição. Era como se, de repente, chegassem os pais biológicos a casa dos pais adotivos e lhes levassem o filho já grande, depois de eles o terem criado durante uma vida. Mas lembrei-me de que ele tinha vivido dois anos comigo e quase sete meses com o Miguel, pelo que, teoricamente, ainda era mais meu do que dele. Apesar de ser um pensamento acriançado, ajudou-me a atenuar aquele desconforto.

Assim que abri a porta do quinto esquerdo, a primeira sensação foi de

estranheza, por ser tão estranho entrar na minha própria casa. Já o *Dark* parecia não estranhar nada e entrou como se tivesse apenas passado um fim de semana fora. Entrei, sem acender qualquer luz, pousei as malas, corri um dos estores até cima e sentei-me no sofá, em silêncio. O luar entrava pela casa e chegava-me até aos joelhos. Sob as minhas pernas tinha-se deitado o *Dark*, enrolado nele próprio, e o luar, ao embater no seu pelo branco, fazia-o reluzir no escuro. Estiquei a mão para sentir aquela luz na minha pele e isso deu-me um conforto invulgar. Deixei-me estar alguns minutos naquele ambiente lúgubre e quieto, a refletir nos tempos que me esperavam, e nenhuma das sensações que me visitaram o corpo era claramente positiva. Decidi acreditar que talvez fosse do cansaço da viagem e que no dia seguinte, quando acordasse, tudo iria parecer melhor. Passei uma última vez a mão no pelo do *Dark* e fui tomar um banho demorado.

Quando terminei e me coloquei diante do espelho, a observar o meu corpo, passei o dedo pela cicatriz, como habitualmente fazia, e não notei sensibilidade. Lembrei-me, então, que durante todo o meu período no Brasil, além de não ter notado sensibilidade, a voz na minha cabeça tinha dado algumas tréguas. Aparecia sempre, claro, mas nunca de forma descontrolada. Talvez aquela viagem fosse um ponto de viragem. Este pensamento despertou um leve sorriso e serviu de contrapeso às sensações menos boas que tinha tido minutos antes no sofá. Mas já era hora de dormir.

A manhã do dia seguinte foi dedicada a pôr a casa novamente em velocidade de cruzeiro, depois de mais de meio ano parada. Aproveitei para ir fazer umas compras para repor os *stocks* e não previa sair mais nesse dia. Só no dia seguinte é que me iria preocupar com o trabalho, mas seria apenas um dia de manutenção no escritório. Aliás, antigo escritório. Uns meses antes, tinham-me contactado porque havia um pretendente para o meu escritório, já que aquele espaço estava inutilizado, apesar de eu pagar o arrendamento. Sugeriram-me uma mudança para outro edifício e eu, no fundo, até gostei da ideia, porque já estava na hora de o fazer. Não só por ser um procedimento normal no meu percurso, mas também devido aos acontecimentos dos meus últimos tempos em Portugal, antes da minha partida. No entanto, apesar de não pretender sair mais de casa nesse dia, os meus planos foram

alterados depois de uma chamada da Filipa.

«Conta-me coisas», disse assim que atendi o telemóvel.

«Ontem estive a pensar e percebi que não vale a pena adiar esta conversa mais tempo. Podemos encontrar-nos logo?»

«Sim, claro… Onde?»

«Já te mando a morada e hora por mensagem.»

Um minuto depois, tinha uma SMS dela. Marcou para as 17h00, no que, pelo nome, aparentava ser um café que ficava em Vila Nova de Gaia. Não era um local e uma hora propriamente comuns, o que me deixou intrigado, mas ia fazer o que me tinha pedido. À hora marcada estava diante do café. Entrei e, quando foquei o meu olhar na mesa do canto, ela olhou para mim. Contudo, não era a Filipa que estava à minha espera… era a Inês.

3

Naquele momento, o meu cérebro não foi capaz de processar a infinidade de questões e cenários que se despoletaram com aquela visão da Inês na mesa do canto, com um ar tão surpreendido quanto o meu. Aquele encontro era destino ou era um destino chamado Filipa? Será que a Inês sabia que eu vinha? E se não sabia, será que gostou de me ver? Ou teria sido tudo aquilo uma armadilha montada pelas duas? E se foi, devia ignorá-la e voltar a sair? Onde estaria a Filipa? Aqueles dois segundos em que fiquei parado diante da porta pareceram uma infinidade. As pessoas começaram a olhar para mim, e a Inês continuava sem reação, de olhos colados nos meus. *Estás à espera de quê? Mexe-te!* Comecei então a caminhar na direção dela, puxei uma cadeira e sentei-me à sua frente, do outro lado da mesa. Ficámos exageradamente calados, como se nenhum dos dois soubesse o que estava a acontecer, mas ao mesmo tempo não queria estragar o momento com uma primeira deixa mal escolhida.

«O que é que vai querer?», perguntou uma voz ao meu lado.

«Hã?»

«O que é que o senhor vai querer tomar?», voltou a repetir a -funcionária do café, como se não tivesse sido entendida.

«Um café e uma água», respondi por fim, ainda baralhado.

«O que é que… estás aqui a fazer, **Afonso**?», perguntou a Inês, desviando depois o olhar para a mesa, visivelmente perturbada.

Naquele momento, muitas das questões que me ocorreram quando entrei foram automaticamente excluídas. Além disso, a probabilidade de ter sido destino era tão remota que não me dei ao trabalho de acreditar nela. Era óbvio que tinha sido obra da Filipa. Mas, chegado a esta conclusão, outras perguntas afloravam na minha mente e convinha ter uma resposta para elas antes de responder à pergunta da Inês. O que queria a Filipa com aquele encontro? Se eu dissesse que tinha sido a Filipa a dizer-me para vir, isso seria bom ou mau para cada um de nós? Eu não lhe podia mentir, mas também achava que não lhe devia dizer toda a verdade.

«Creio que estou a fazer o mesmo que tu, sem saber.»

«Como é que sabias que eu estava aqui, **Afonso**?»

«Eu não sabia que estavas aqui.»

«Queres mesmo que acredite nisso?»

«Da última vez que falámos, tu fizeste uso de uma das palavras mágicas do meu universo. Se não for eu a respeitá-las, quem será? A partir do momento em que me pediste para eu desaparecer, fiquei mentalmente impedido de te procurar. Por isso, nunca o teria feito intencionalmente. E tu, melhor do que ninguém, sabes como levo à letra as leis do meu universo.»

O desafio de não dizer a verdade sem mentir exigia-me um esforço gigantesco de manipulação e programação mental, desde a escolha das palavras certas até à antecipação exata do que a outra pessoa iria fazer perante a informação que lhe dava.

Na vida existem dois grandes caminhos: o da verdade e o da mentira. O da verdade é o caminho correto, mas nem sempre nos leva onde queremos. O da mentira é o caminho incorreto, mas o mais fácil de seguir. Contudo, estou impedido de mentir, por restrições do meu universo. Entre os dois, temos o caminho que eu acabei de seguir: o caminho da omissão inteligente. Extremamente complexo e exigente, mas que me dá o melhor dos dois mundos.

«Já sei! Foi ela…», sussurrou a Inês.

«Ela, quem?», questionei, fazendo-me de burro. É certo que não é resposta, mas dava-me tempo para pensar numa.

«A Filipa! Foi ela que te disse que eu estava aqui!»

Era hora de arriscar. Se ela respondesse que sim à pergunta seguinte, não havia volta a dar senão dizer a verdade.

«Mas ela sabe que estás aqui agora? Neste momento?»

A Inês ficou pensativa e semicerrou os olhos, como se, de alguma forma, eu a tivesse deixado sem saída.

«Não, não tem como saber que neste momento estou aqui, hoje nem sequer falei com ela. Tudo bem, **Afonso**. Na falta de uma justificação plausível vou acreditar, provisoriamente, que foi obra do destino», respondeu, mostrando um olhar desconfiado. «Quando voltaste?»

Era mais uma pergunta com ratoeira. Se eu dissesse que tinha voltado no dia anterior, ia estragar tudo. Afinal, qual era a probabilidade

de, por coincidência, me cruzar com ela nem 24 horas depois de regressar a Portugal? Tinha de contornar a questão.

«Não há muito…», atirei.

Não menti e a Inês pareceu satisfeita com a resposta. Só depois de ultrapassado aquele campo de minas é que parei para pensar no esforço que fazia para ela não saber o verdadeiro motivo de eu estar ali, algo que eu próprio também não sabia. Contudo, já não sabia se o estava a fazer pela Filipa, para não a denunciar e criar mais um conflito entre elas por minha causa, ou se o fazia por mim, para a levar a acreditar que o destino nos queria juntar. Um pensamento que me apanhou desprevenido e me deixou desconfortável. Entretanto, a empregada chegou com o meu pedido.

«Vejo que a tua viagem ao Brasil não mudou alguns hábitos», disse, apontando para o café e a água que eu tinha pedido.

«Há muitas coisas que esta viagem não mudou em mim…»

«Em ti, talvez não, mas em mim, essa tua viagem mudou muitas coisas», reagiu, com um olhar frio e distante.

Não gostei daquele tom de voz e senti o meu coração inexplicavelmente a acelerar. Tentei perceber o que sentia naquela fração de segundo que separava a afirmação dela de um comentário meu e cheguei à conclusão assustadora de que não era adrenalina, e muito menos excitação… Era medo. E havia muito tempo que eu não sentia medo. Por um lado, não queria explorar aquele assunto, mas, por outro, a tentação, porventura masoquista, de conhecer a verdade era maior do que aquele medo.

«O que queres dizer com isso?»

«**Afonso**… não vale a pena…»

«Res-pon-de!», exigi, endurecendo a voz e o olhar.

Fez uma pausa, soltou um suspiro e começou por dizer:

«Muitas coisas mudaram desde que foste embora. Tu seguiste com a tua vida e eu segui com a minha. Fiz o que tu querias.»

«Isso significa exatamente o quê, Inês? Sê direta!»

«Não tenho de te dar explicações», declarou, sem muita convicção, desviando o olhar para a mesa.

«Não te estou a pedir explicações sobre a tua vida, estou apenas a pedir um esclarecimento sobre uma intervenção que acabaste de ter

nesta nossa conversa, que não me deixou totalmente elucidado. E por acaso esta nossa conversa é sobre a tua vida. É algo que não posso saber ou que não queres que eu saiba?»

«Nem uma coisa nem outra, simplesmente não acho que te devo alguma coisa. Mas, se fazes questão de saber, eu digo, sem problema nenhum. Tenho uma pessoa…»

«Pronto! Está dito. Não custou nada, vês?»

Respondi quase por reflexo, mas só quando terminei a frase é que o meu cérebro começou a processar o que acabara de ouvir da boca dela. Não era nada de estranho, não era nada que não estivesse à espera, mas mentiria se dissesse que me era indiferente. Afinal, o seu atual era certamente o primeiro depois de mim e, a despeito de todas as minhas aventuras no Brasil, eu continuava a não ter alguém com relevância emocional na minha vida, ao contrário da Inês. Apesar de ter sido ela quem mais se magoou com o nosso envolvimento, era como se também ela tivesse sido a primeira a seguir em frente. Não queria admitir, mas estava a fazer-me confusão.

«Então, e tu, como é…»

«Ele fode-te bem?», interrompi.

«Que pergunta parva, **Afonso**!»

«Ele fode-te bem ou não? Faz-te vir? Responde, Inês!»

Soltou um novo suspiro, como se lhe custasse admitir.

«Sim… e sim…», respondeu, desviando o olhar para a janela e ajeitando o cabelo atrás da orelha com um jeito envergonhado.

«Fode melhor do que eu?»

«A sério que é essa a tua preocupação? Só estás preocupado em saber se há algum macho melhor do que tu na zona?»

«Fode ou não melhor do que eu? Fiz uma pergunta!»

«Não é melhor nem pior, é diferente! A sério, **Afonso**, eu não vou ter esta conversa, além disso, está a ficar na minha hora.»

Quando se preparava para pegar na bolsa, o telemóvel tocou. Olhou o visor e comprimiu os lábios, denunciando imediatamente quem estaria do outro lado da linha. Logo de seguida, atendeu.

«Estou… Vim lanchar ao café…», dizia a Inês ao telemóvel.

Enquanto ela falava, levantei uma nota entre os dedos na direção da empregada e ela veio recolhê-la para fazer o pagamento.

«Não é preciso», continuou a Inês. «Eu já vou.»

«Era ele?», interroguei, assim que terminou a chamada.

Olhou para mim, mas ignorou a minha pergunta e começou a arrumar as coisas para se ir embora.

«Sabes… No fundo, não quero saber se ele é melhor ou pior do que eu na cama», garanti, mudando de assunto.

«Então, é o quê, **Afonso**?»

Fiz uma pequena pausa antes de lhe perguntar:

«Já sou passado, para ti?»

«Foram, quê? Sete meses?», replicou prontamente. «Sete meses não são dois dias», prosseguiu em tom de lamento.

Entretanto, chegou a funcionária com o troco e pousou um conjunto de moedas sobre a mesa. Comecei a guardá-las numa das mãos e fiz um compasso de espera, antes de recolher a última.

«Podes guardá-la», disse a Inês num tom frio. Depois, olhou para a porta do café e atirou: «Merda! Tenho de ir. Fica bem, **Afonso**.»

Fiquei momentaneamente imóvel e de olhar vidrado na mesa, até que percebi que não podia deixar que aquela conversa acabasse assim. Fui atrás da Inês, mas quando cheguei à rua ela já estava a entrar num *Mercedes* preto que estava parado na rua em frente. Baixei-me para ver quem estava do outro lado, no lugar do condutor, e nesse momento o meu coração acelerou. Desta vez, não por medo, mas sim de raiva: era o Henrique.

4

Os nossos olhares cruzaram-se, mas a Inês não se deve ter apercebido, pois estava preocupada a colocar o cinto. A expressão dele foi uma mistura de surpresa (por perceber que eu tinha voltado), de raiva (por perceber que eu tinha estado com a Inês) e ao mesmo tempo de gozo (por saber que eu acabara de perceber que ela estava com ele). De seguida, fez questão de arrancar a toda velocidade, e eu fiquei estancado a ver o carro a afastar-se.

A raiva começou a apoderar-se velozmente do meu corpo, como se fosse um veneno. Tudo o que tinha acabado de acontecer era demasiada informação para processar. Vi-me parado no meio do passeio durante uma infinidade de tempo, e só quando uma senhora me pediu licença para passar é que pude desligar os pensamentos. Apercebi-me então que, naquele tempo, tinha estado com o maxilar contraído e os punhos cerrados, tal foi a descontração que senti depois de aquela senhora me ter despertado.

Fui até ao carro, entrei e fiquei em silêncio, tentando decifrar o que sentia. A Inês acabara de admitir que tinha uma pessoa, que eu já era passado, e logo depois descubro que a pessoa por quem (teoricamente) me trocou foi alguém que (teoricamente) ela tinha trocado por mim. E essa pessoa era, nada mais, nada menos, a mesma de quem era suposto eu fazê-la esquecer-se quando me propus entrar na vida dela. Tudo aquilo era demasiado estranho e revoltante para mim. Eu tinha falhado. Tinha oficialmente falhado. *És um fraco, **Afonso**! Ainda se fosse por outro tipo qualquer, mas o ex dela? Isso é profundamente humilhante. O tipo passou-te por cima e agora está a rir-se da tua cara.* Quanto mais pensava naquilo, mais a raiva se infiltrava pela minha carne e, em contrapartida, menos racional me tornava. *Sente! Sente o veneno daquilo que és a percorrer-te as veias e a consumir-te de dentro para fora. Não me negues, não me anules, tu és isso, **Afonso**! Sê!* As minhas mãos começaram a tremer e a visão a ficar turva, e eu tinha de ativar o método de emergência. Não havia tempo para ir para o meu *canto,* pois fora uma dose de informação demasiado forte num curto espaço de

tempo. *Não faças nada! Deixa desligar, a vida é tão mais simples se desligares.* Abanei a cabeça para sacudir aquela voz que me puxava para a escuridão. Liguei o carro e carreguei no acelerador até ao fundo.

Não estava a fazer condução mais responsável, tendo em conta que me encontrava no centro da cidade — e ainda por cima em hora de ponta —, mas não havia tempo a perder. Parei na bomba de gasolina mais próxima, peguei em dois cestos, fui à arca frigorífica que tinha o gelo e carreguei-os com vários sacos, até não caberem mais. Paguei, carreguei a mala com os sacos e voltei a carregar no acelerador até ao fundo. Desta vez, tinha de ir ainda mais depressa, pois o gelo estava a derreter. Levei os sacos com o gelo até ao quinto esquerdo e, assim que entrei, o *Dark* correu da minha direção e saltou para mim, empolgado por me ter de volta.

«Sai da frente!», gritei, dando-lhe um empurrão.

Ele soltou um guincho e ficou a olhar para mim, assustado. Arrependi-me imediatamente de ter feito aquilo, mas foi mais forte do que eu.

«Desculpa», disse, sem o encarar, como se, de alguma forma, ele pudesse entender que não tinha sido eu a fazer aquilo.

Bati a porta e corri para a casa de banho. Liguei a torneira da água fria da banheira e, enquanto ela enchia, eu abria e despejava os sacos de gelo dentro dela. Quando a água chegou a meio da banheira, já tinha despejado todo o gelo que, naquele momento, cobria a superfície da água. Comecei então a despir a minha roupa diante do espelho, e reparei que os meus olhos estavam raiados de sangue. Era a raiva a consumir-me. *Não é nada a raiva! Isso é só um pormenor! É o teu verdadeiro eu a querer respirar! Sou eu! Para de me abafar!* Era uma imagem que preferia não ter, mas já era demasiado tarde. Assim que tirei a roupa toda, pus os dois pés dentro da água fria, que a cada segundo ficava ainda mais fria, e contive um gemido. Depois, fui descendo e, aos poucos, a água foi cobrindo o meu corpo e o ar começou a faltar-me. Soltei um berro com os dentes cerrados e, do lado de fora da casa de banho, o *Dark* arranhava a porta enquanto gania, preocupado. *Está tudo bem,* Dark*. É só água gelada*, dizia-lhe eu telepaticamente, ao mesmo tempo que todos os meus músculos se contraíam. Os minutos seguintes seriam uma eternidade.

Poucos segundos depois, todo o meu corpo tremia

descontroladamente. Comecei a deixar de sentir os membros e os músculos começavam a doer com tanta contração. Teria de aguentar o máximo de tempo possível até atingir o limite físico e psicológico a que aquela tortura me iria levar. Durante aqueles minutos, todos os meus pensamentos eram automaticamente anulados. Era impossível ter um raciocínio lógico perante aquela condição de hipotermia. Não havia outra preocupação que não fosse aguentar sempre um segundo mais com o corpo debaixo da água gelada.

Aquela foi a melhor técnica que encontrei para anular os assomos de raiva que me puxavam para as profundezas de mim mesmo, onde não havia luz nem esperança. Era uma técnica de autotortura simples, prática, reversível e que podia ser cancelada quando quisesse. A partir do momento em que os meus pensamentos obsessivos entrassem em ressonância, a minha mente iniciava uma descida descontrolada em espiral, e o frio era uma forma eficaz de travar essa descida sem que me provocasse, propriamente, algum dano físico. Caso não fosse capaz de a travar, as luzes apagar-se-iam e, como se de um mecanismo de segurança se tratasse, os meus sentimentos eram desativados e eu seria controlado pelos meus instintos. O que, num homem como eu, seria destrutivo, tanto para mim como para os que me rodeavam. Podia parecer uma realidade surreal — e, de facto, era —, mas a forma de funcionamento da minha mente ainda era um mistério que eu tentava resolver. Contudo, antes de o fazer, tive de desenvolver técnicas que me permitissem controlá-la e manipulá-la, de modo a poder proteger-me dela.

Quando senti o meu corpo a atingir o limite, saí da banheira, de forma trôpega, e entrei na cabina de duche. Liguei a água quente, sentei-me no chão e deixei-me estar, sentindo a água a cair-me nas costas. Aos poucos, os membros foram recuperando a sensibilidade e eu sentia-me muito mais aliviado e tranquilo. *Não foi desta! Mas sabes que isto foi só o começo. É uma questão de tempo,* ***Afonso****!*

Vesti apenas um robe e saí. À porta da casa de banho estava o *Dark*, com uma expressão de quem já me tinha perdoado a ingratidão com que o tratara momentos antes. Sabia que não podia esperar outra coisa dele que não fosse amor incondicional, e vê-lo ali à minha espera, e ainda lembrar-me da preocupação dele quando ouviu os meus queixumes na

banheira, deu-me uma paz reconfortante. Era o meu fiel amigo e nele buscava muita energia positiva que me ajudava a manter à tona. Afaguei-lhe a cabeça e depois bati duas vezes na minha perna, dando sinal que me acompanhasse até à sala.

Estava, literalmente, de cabeça fria e já conseguia refletir melhor sobre o que acontecia dentro de mim. A raiva passara ou, pelo menos, estava temporariamente adormecida. Contudo, o facto de ter excluído a raiva da equação permitiu-me observar outros sentimentos que começavam a ganhar forma dentro de mim. Algo me incomodava e, quando olhei mais atentamente com os olhos de dentro, concluí que não era um desconforto ou irritação: era dor. E essa descoberta, sim, deixou-me irritado. E de imediato ocorreu-me um nome: Filipa. Peguei no telemóvel e enviei-lhe uma mensagem:

«Estragaste tudo! Precisamos de falar.»

5

Combinei com a Filipa passar em casa dela no dia seguinte, antes de ir ao escritório para fazer as mudanças, e à hora combinada estava a tocar à campainha do seu apartamento.

«Podes subir», disse, sem sequer perguntar quem era.

Subi a escadaria e a Filipa já me aguardava à porta. Convidou-me a entrar e a dirigir-me para a sala, e assim que entrei uma estranha sensação apoderou-se de mim. Só depois percebi que as lembranças da Inês eram as culpadas por aquele desconforto. Não só porque tudo aquilo que vivi com ela ali era apenas história, mas por também ter sido ali que a nossa história terminou oficialmente. Ainda assim, o maior desconforto, para mim, era perceber que aquelas lembranças me incomodavam.

«O que bebes?», perguntou.

«Nada. Senta-te e começa a falar…»

Dirigiu-se até junto de mim e sentou-se ao meu lado no sofá.

«O que queres que te diga?»

«Quero que me digas porque é que querias que eu me encontrasse a sós com a Inês, tendo em conta que há uns meses tu própria fizeste questão de expor todo o nosso plano e, consequentemente, voltá-la ainda mais contra mim.»

«Disseste-lhe que fui eu que te disse para ires lá?»

«Se eu lhe tivesse dito, com certeza já terias sabido, pois ela já te teria avisado que tinhas sido excluída da sua lista de amizades. Não é verdade, Filipa?»

«Tens razão, mas como contornaste a situação?»

«Pus a minha arte na psicologia inversa a funcionar. E tu, como sabias que ela estava ali àquela hora?»

«Conhecimentos…», limitou-se a responder.

«Diz lá, qual era a tua intenção com este reencontro?»

A Filipa soltou um suspiro e compôs-se no sofá.

«Como te disse quando chegaste, a Inês tem andado diferente. Quando estamos juntas, ela evita falar sobre a vida dela. Diz que está

tudo bem e que anda a sair com uma pessoa. Só que nunca desenvolve muito o assunto e eu já a conheço muito bem. Tenho quase a certeza de que ela…» Fez uma pausa. «Voltou para o Henrique.»

«Então, já não precisas desse *quase*. Voltou mesmo!»

«Como é que sabes?»

«Vi-a a entrar para o carro dele quando saiu do café…»

«Merda! Eu sabia! Mas será que ela não aprende?»

«Pois… Eu também não gostei de saber. Mas, aparentemente, é mesmo o que ela quer para a vida dela.»

«É o que ela quer?» Olhou-me com ar de repulsa e levantou-se do sofá. «Um tarado, maníaco, manipulador, arrogante, agressivo e sei lá mais o quê? Então não era melhor ficar contigo?»

«E eu sou o quê, Filipa?!», exclamei.

Ela ficou em pé a olhar para mim, e o seu silêncio dava-me razão. Logo depois, sentou-se e disse, de olhos no chão:

«Pelo menos, tu não andas metido em negócios escuros…»

«Como assim? O que é que sabes que eu não sei?»

«Não vou falar do que não tenho a certeza. Só sei que esse tipo não inspira confiança, é perigoso e o muito dinheiro que tem não é, claramente, de origem transparente. Não me esqueço de todos os desabafos que ela fazia quando andava com ele. Muitos deles a chorar. Eu sei que não tenho nada que me meter na vida da Inês, que ela é que sabe quem quer ter ao seu lado, mas ao mesmo tempo não me sinto bem ao vê-la destruir-se desta maneira. Não é apenas uma questão de não ir com a cara desse gajo, digo isto também baseando-me no que ela me dizia sobre ele.»

«Se é isto que ela quer e se é dele que ela gosta…»

«Ela não gosta dele, **Afonso**!», atirou. «Como te disse, eu conheço-a muito bem e sei que voltou para ele porque, mais uma vez, estava carente e, como tem um medo estúpido de ficar sozinha, para a Inês aquilo sempre é melhor que nada.»

«Vamos partir do princípio de que tens razão. Agora explica-me o que isso tem que ver com este meu reencontro com ela?»

«Na última conversa percebi que não a irias procurar por iniciativa própria, porque, aparentemente, não podias nem o querias fazer. No entanto, era importante que esse reencontro acontecesse, pois tinha

esperança de que ainda mexesses com ela. Como agora vieste de vez, quem sabe se as coisas… Não sei. Estou a supor. Só sei que qualquer homem é melhor do que aquele. Eu sei que ela não gosta dele e sei que ele não gosta dela. Apenas dão jeito um ao outro. E isso até seria aceitável, se não fosse uma relação destrutiva para ela. Custa-me meter-me onde não sou chamada, mas já não quero saber. Não me importo de ser a má da fita desta história ou que ela me fique a odiar, mas sei que um dia ela vai agradecer-me. Além disso, também não vou separar ninguém à força, apenas quero fazer com que abra os olhos. E sei que, se ela o fizer, vai afastar-se desse tipo. Nem tem como não o fazer.»

«Pois, essa ideia de benfeitora e de Cupido é muito bonita, mas não só este reencontro não mexeu nada com ela, como ainda me fodeste! Mas, no fundo, eu é que sou o culpado, porque fui eu que te dei estas ideias da última vez. Eu disse-te que havia um perímetro de segurança que não convinha ser ultrapassado, sob o risco de se estragar tudo. Além disso, havia coisas que era melhor não se saberem. Depois de todos estes meses, eu supunha que ela já teria alguém e que eu já seria passado. Mas uma coisa é supor, outra é essa pessoa dizê-lo na tua cara. E como se não bastasse, logo depois descobres que "até conheces" a pessoa por quem te trocou.»

«Eu não sabia que seria um reencontro tão esclarecedor nesse sentido, e muito menos que mexesse tanto contigo. A minha ideia era que mexesse com ela, não contigo.»

«Pois! Normalmente, eu sou o lobo que devora a carne, mas neste caso fui o pedaço de carne que atiraste aos lobos.»

A Filipa desviou o olhar em jeito de pedido de desculpa e ficou pensativa durante uns segundos, antes de voltar a olhar para mim, desta vez com um ar intrigado.

«Espera lá… se esse reencontro te afetou assim tanto, isso significa que a Inês ainda é importante para ti. Isso significa que tu gostas dela!», observou, radiante, como se tivesse descoberto um tesouro.

«Não! Significa que o meu ego ficou gravemente ferido.»

«Não me parece que seja só isso, **Afonso**», prosseguiu, com um sorriso maldisfarçado.

«É impressão minha, ou isso é uma boa notícia para ti?»

«Não te desejo mal, como é óbvio, mas tenho de admitir que é algo

que me deixa mais descansada. Parece que os papéis se inverteram todos e teremos pela frente uma grande aventura.»

«Não vem aventura nenhuma, Filipa!», vociferei, e pus-me de pé, pronto para sair. «Tu tramaste-me! Eu estava bem! Fiz o que tinha a fazer, já tinha saído de cena pela porta grande e tu pegaste em mim e atiraste-me novamente lá para dentro. Não era este o plano! Sou eu o cérebro deste jogo, sou eu que movo as peças no tabuleiro. Mas tu, numa simples jogada, tornaste-me um peão do meu próprio jogo. Parabéns», reagi com sarcasmo.

«Não era essa a intenção! Eu não sou manipuladora, como tu! Além disso, era uma questão de tempo até vocês se cruzarem e descobrires. Só me podes acusar de ter acelerado o processo. Eu apenas queria que vocês se reencontrassem, para que tanto tu como ela confirmassem se ainda havia algum sentimento.»

«Já não há nada! “Sete meses não são dois dias”, disse-me ela à minha frente, e agora digo-te o mesmo a ti.»

«Mas esses sete meses não representam o tempo que passou desde que o filme acabou, foi apenas o intervalo do filme.»

«Não vou continuar esta conversa, já me estou a demorar.»

Dirigi-me para a saída, abandonei o apartamento e, quando comecei a descer a escadaria, a Filipa surgiu à porta e chamou-me:

«**Afonso**!» Olhei para ela.«Eu sei que a Inês ainda gosta de ti, mas a cada dia que passa será mais difícil de a recuperares…»

Não comentei o que ela disse, virei costas e fui-me embora.

Segui viagem até ao meu escritório e, durante o percurso, era inevitável não pensar na Inês, na Filipa e, em especial, naquelas últimas palavras e na ironia pelo facto de um simples encontro surpresa ter virado ao contrário um jogo que eu julgava estar ganho. Não só não estava ganho como, de repente, eu já o estava a perder, sem saber se ainda ia a tempo de o ganhar ou sequer se o deveria continuar a jogar. Era como se estivesse num casino a jogar à roleta e tivesse acabado de perder. Ficava por ali, a lidar com a dúvida se iria ganhar ou não a jogada seguinte e recuperar o que perdera, ou aceitava o risco e sujeitava-me a piorar ainda mais a situação? A cobardia não fazia parte do meu dicionário, mas a imprudência também não. Sempre gostei de sair de cena no auge, mas a Filipa tinha-me trocado as voltas e eu teria

de pôr em prática um novo plano. Mas teria de ficar para depois, porque tinha acabado de chegar ao edifício do meu antigo escritório para recolher as minhas coisas. Subi de elevador e, quando cheguei à receção, fiquei desiludido por ver que não era a Susana que estava lá. A antiga secretária com quem eu me envolvera para a despertar para a vida e reanimar o próprio casamento. Era uma boa oportunidade de lhe perguntar como estavam as coisas «lá por casa». Quem me recebeu foi a secretária do primeiro turno, que eu só tinha visto um par de vezes, que me acompanhou a uma divisão de arrumos onde as minhas coisas estavam cuidadosamente arrumadas.

«A gerência lamenta, mais uma vez, todo o incómodo, mas o facto de o doutor estar fora não permitiu que as coisas fossem feitas com maior elegância. De qualquer forma, garanto-lhe que tudo foi guardado com o maior cuidado», esclareceu a secretária.

«Não se preocupe. Agradeço o cuidado!»

Comecei a transportar as minhas coisas para o carro, o que me obrigou a fazer mais duas viagens de ida e volta até ao estacionamento, e, por fim, regressei à receção, para entregar as chaves. Contudo, assim que as pousei sobre o balcão lembrei-me que uma delas era de uma das gavetas da secretária. E como não tinha uma cópia, ainda estaria lá o livro dos **Afonsos**.

«Ainda tenho umas coisas para recolher numa gaveta da secretária, será que posso ir lá agora?»

«De facto, o Dr. Álvaro disse que uma das gavetas estava trancada. Penso que sim, acompanhe-me, por favor.»

Depois de trocar umas palavras com o novo hóspede do escritório, fez-me sinal para que entrasse.

«Peço desculpa pelo incómodo.»

«Não faz mal, fique à vontade!», disse o homem de cabelo grisalho e bigode, afastando-se para trás com a cadeira.

Baixei-me para abrir a gaveta e não pude deixar de reparar nuns documentos assinados sobre a secretária, mesmo diante dos meus olhos. Álvaro Mattos Sanhudo, assim se chamava. A julgar pelo nome, deveria ser alguém importante e até me senti lisonjeado por ser um homem dessa categoria a ficar com o «meu» gabinete. Recolhi os meus últimos pertences e entreguei-lhe a chave.

«Está a gostar do espaço?», perguntei por cortesia.

«É agradável e gosto muito das vistas.»

Fiquei em silêncio a olhar em volta, numa tentativa falhada de me despedir, pois já nem a disposição dos móveis era a mesma.

«Falta-lhe mais alguma coisa?», questionou.

Aquela pergunta fez-me perceber que já estava ali havia demasiado tempo. Despedi-me daquele espaço, que não era mais meu, e fui-me embora com um sorriso apagado.

Segui viagem até à morada do meu novo escritório, que ficava na zona do Bonfim, e à medida que os quilómetros iam passando apercebi-me do quanto as coisas tinham mudado no tempo em que estive fora. «Sete meses não são dois dias», disse a Inês, e bem.

Cheguei ao destino e meti-me no elevador, já com uma das caixas com as minhas coisas. Quando cheguei, expliquei a minha situação à senhora da receção, que de seguida me acompanhou até ao meu novo espaço. Entrei, pousei a caixa sobre a secretária e olhei pela janela. As vistas eram agradáveis, o que me deixou mais descansado. Era a vez de me sentar na cadeira, para avaliar o seu conforto, e fiquei novamente satisfeito. Mas quando me preparava para abrir os armários, interromperam-me as intenções.

«**Afonso**?», chamaram desde a porta do escritório.

Olhei para ver quem era e não contive um riso irónico ao perceber que era a Verónica.

6

«O que estás aqui a fazer?», perguntei.

«Permite-me ser eu a primeira a perguntar, já que estou cá há mais tempo», respondeu, cruzando os braços.

Levantei-me da cadeira, contornei a secretária e sentei-me sobre ela. Durante aqueles cinco passos lembrei-me da última vez que a vi (naquele jantar no hotel), que coincidiu com o momento em que descobri que os nossos escritórios pertenciam à mesma empresa. Aparentemente, o destino ainda tinha planos para nós. Ou, como eu acreditava mais, só tinha intenções de me tramar.

«Fiquei sem o escritório que tinha, durante a minha ausência, e atribuíram-me este. Eu já tinha ideias de mudar, mas se soubesse que trabalhavas aqui, teria pensado duas vezes.»

«Tens bom remédio: muda-te!», atirou, antes de desaparecer.

Naquele momento, o meu cérebro voltou a fazer curto-circuito. Algo que começava a ser recorrente desde que regressara a Portugal. Teria ouvido bem ou a Verónica tinha acabado de desprezar a minha presença e consequente continuidade naquele local? Ou terei sido eu demasiado desagradável para alguém que já não via havia muito tempo? Teria também a Verónica deixado de estar interessada em mim? Alguma coisa não batia certo, ou eu tinha parado no tempo. Talvez o facto de estar fora me tivesse criado a ilusão de que o tempo não passara, ao contrário do que aconteceu com os que ficaram. O certo é que aquela reação foi mais uma facada no meu ego, e por momentos comecei a duvidar das minhas capacidades. Percebi que tinha perdido muito terreno e era hora de pôr mãos à obra para o recuperar. Ao mesmo tempo que aqueles acontecimentos recentes me desanimavam, também me davam um estímulo extra para mostrar o meu verdadeiro poder. Sete meses não eram dois dias, mas também não era tempo suficiente para se esquecer um **Afonso**. Muito menos… o **Afonso**.

Corri até à entrada do escritório e espreitei para o corredor, na direção por onde tinha ido a Verónica. De relance, vi-a a entrar pela última porta à esquerda. Apesar de as últimas lembranças que tinha daquela mulher

não serem as melhores, aquele reencontro, após todo aquele tempo, merecia melhores contornos, principalmente se íamos ser colegas nos meses seguintes. Ou então, esta era apenas a forma que encontrei para desculpar a necessidade de curar as feridas do meu ego. O que eu sabia era que tinha de esclarecer aquela reação desinteressada. Olhei para um lado e para o outro, fechei a porta e percorri o corredor. Bati à porta e, do lado de dentro, ouvi um «sim?» Rodei a maçaneta e empurrei a porta, deixando que um movimento lento fosse desvendando aos olhos da Verónica a pessoa que ia ao seu encontro. Nesse instante, ela estava a colocar uma pasta numa prateleira e parou o movimento, olhando para mim. O cabelo balançou no ar quando rodou a cabeça, e o rabo dentro das calças justas ficou ainda mais saliente.

«O que é que queres, **Afonso**?»

«Entender esse desprezo.»

«Não é mais do que aquele desprezo com que me tratavas», esclareceu, antes de pegar noutra pasta e colocá-la na prateleira.

«É vingança?»

«Não é vingança, é apenas a reação normal de alguém a quem és indiferente. Não penses que ainda sou aquela pessoa louca por te voltar a ter dentro dela.» Fechou a porta de vidro do armário e voltou-se para a secretária para juntar uns papéis. «Sim, tu fodes muito bem, e, sim, és aquele tipo de homem que preenche os meus requisitos, mas… lamento informar, não és o único.»

«Isso quer dizer o quê? Que já encontraste alguém que te fodeu melhor do que eu ou que te deixou mais excitada do que eu?»

Parou o que estava a fazer e ergueu o rosto para mim.

«Exatamente.»

«Estás a fazer *bluff*, pois sabes que isso me deixa furioso.»

«Se deixa ou não, isso é problema teu. Apenas me limitei a dizer a verdade. Se não gostaste de ouvir… temos pena.»

Estava a começar a ferver. Era como se a Verónica tivesse escolhido exatamente as palavras certas para remexer com o meu interior. Nada daquilo que tinha acabado de dizer encontrava encaixe no meu cérebro, e isso dava cabo de mim. Alguém a tinha fodido melhor do que eu? Alguém a tinha deixado mais excitada do que eu? *Não podia ser*, pensava, mas ela disse-o com tanta convicção que não era possível que

estivesse a mentir. Primeiro a Inês, agora a Verónica. Não sabia se estava desiludido por haver por perto quem fosse melhor do que eu na arte do sexo e da sedução ou se feliz por aquelas duas mulheres estarem, pelo menos aparentemente, bem servidas nesse campo. Contudo, o meu orgulho não me permitia ignorar aquilo.

«Só prova que tenho andado a fazer um bom trabalho aqui na zona. Parece que os meus **Afonsos** estão a proliferar.»

«Pois, mas, em contrapartida, ficas cada vez mais banal…»

«Eu sou único!», vociferei entre dentes. «**Afonso** só há um! Nunca te esqueças disso.»

«Tudo bem, fica lá com as tuas convicções e regozijos pessoais. Espero que desfrutes do teu novo espaço e da vista agradável que temos. Apesar da minha presença, que, se já não te agradava, agora que descobriste que já não estou interessada como antes, deve agradar-te ainda menos. Não tivesses tu um ego guloso», disse, antes de se sentar atrás da secretária.

Dei dois passos para o interior do gabinete, bati a porta atrás de mim e aproximei-me da Verónica, sob o seu olhar atento. Assim que cheguei junto dela, agarrei-lhe no queixo e rodei-lhe o rosto para mim, aproximando o meu do dela.

«Ainda não viste nada do que sou capaz!»

«E quem disse que estou interessada?»

«Qualquer mulher que goste de ser brutalmente fodida estaria interessada. E tu és uma delas. Não queres saber de sentimentos, jantares românticos ou flores, tu queres sexo do mais bruto e obsceno que há. Já tracei o teu perfil há muito.»

«E quem está a dizer isso? É o **Afonso** mauzão que me penetrou contra uma porta à revelia do seu amigo ou o meiguinho que disse que para me foder tinha de “haver critério”?»

«Talvez um outro ainda mais perverso e monstruoso do que todos os que conheces. Mas que, para minha e tua segurança, está adormecido. Mesmo assim, consigo dar-te o melhor sexo do mundo.»

«Estás a deixar-me cheia de vontade. Sabes de quê?»

Fixei o olhar e aproximei ainda mais o meu rosto.

«Diz-me…»

«De acabar este processo que tenho em mãos», respondeu,

erguendo um monte de folhas. «Dás-me licença?»

Soltei-lhe o rosto e tenho a certeza de que não consegui disfarçar devidamente a azia que ela me fez sentir com aquela rejeição, mesmo que eu não tivesse tentado propriamente alguma coisa.

«Bom trabalho», atirei, enquanto abandonava o gabinete dela, não sem antes lhe lançar um sorriso cínico.

Aqueles escassos metros que separavam os dois escritórios foram percorridos com um feroz desalento a pesar-me sobre os ombros. *És um fraco, Afonsinho! Bem dizia ela, há uns meses*. *Já nem uma mulher consegues deixar molhada, quanto mais levá-la para a cama.* Sentia-me como um lobo velho e moribundo, já sem jeito para caçadas. ***Afonso*** *— o manso! Se queres voltar a sentir o sabor de uma cona vais ter de desligar e deixar-me mostrar-te como se faz.* As minhas presas já nem sequer tinham medo de mim e zombavam da minha cara quando as tentava caçar. Foi assim que a Verónica me fez sentir segundos antes, dando ainda mais realce ao que sentia desde o reencontro com a Inês.

Aproveitei o andamento e fui ao carro buscar o resto das minhas coisas. Assim que pus tudo no lugar certo e compus a pouca mobília ao meu gosto, sentei-me novamente na cadeira e fiquei a observar o espaço. Faltava-me uma poltrona razoável para acolher os meus futuros aspirantes e, quando imaginei todo o percurso que tinha de ser feito, desde ir à loja e escolher uma, transportá-la até ao edifício e ainda fazê-la chegar ao meu escritório no quinto piso, mesmo que fosse alguém a fazê-lo por mim, revirei os olhos. Apercebi-me de que uma dor de cabeça começava a surgir na zona das têmporas, mas mesmo assim abri o computador e fui ao *e-mail*. Tinha esquecido aquele *e-mail* desde que partira para o Brasil, e era a primeira vez que o abria desde então. Tinha mais de cem *e-mails* de homens que desejavam fazer o meu curso, por isso, desisti. *Fica para amanhã*, pensei. Fechei o computador, peguei nas chaves e abandonei o gabinete. Quando me ia despedir da senhora da receção, apercebi-me de que ainda não lhe perguntara o nome.

«Rute!», respondeu com um sorriso.

«Até amanhã, Rute!»

Era uma mulher bonita, mas não houve química. Por isso, sabia-o logo à partida, não me ia gastar muitas energias. Desci ao

estacionamento, meti-me no 420 e arranquei para casa.

O regresso a Portugal, com todas estas peripécias, comparativamente à vida que levava no Brasil, era como se tivessem pegado em mim quando estava a dormir sossegado e atirado para um buraco, descarregado um camião de entulho por cima de mim e depois ainda me pedissem para sair de lá. Consequentemente, a voz na minha cabeça parecia ter voltado em força e começava a sugar-me alguma lucidez que tanta falta me fazia naquele momento para organizar as ideias. Não só para perceber o que estava a acontecer, como também para saber o que fazer dali em diante. *Não há nada para saber! Está tudo fodido e, para grandes males, grandes remédios: desliga! Desliga e isso passa,* ***Afonso****!* Abanei a cabeça, sacudindo mais uma vez aquela voz, e acelerei.

Quando cheguei a casa, fui recebido pelo *Dark* e o seu habitual entusiasmo. Atirei-me para o sofá e fechei os olhos, tentando acalmar a dor de cabeça que já abrangia toda a região da testa; o *Dark* colocou-se ao meu lado e começou a lamber-me o rosto. Não me apeteceu afastá-lo e deixei-o besuntar-me com a sua baba, na esperança de que me ajudasse a atenuar aquela dor. Dor essa que não só me afetava a cabeça, como também o peito, mas no peito era uma dor diferente, pois não era física. Não valia a pena continuar a negar a sua existência nem sequer a sua origem. Essa dor existia e estava ali a ferver no meu peito, juntamente com raiva, ansiedade e muitos outros sentimentos negativos. Tinha claramente o nome e a forma da Inês, e não era (nem nunca tinha sido) uma questão de ego ferido, era bem mais do que isso: era medo.

Ergui-me do sofá e senti um alívio estranho, como se o facto de ter admitido aquilo para mim próprio me tivesse livrado de um fardo. No entanto, foi-se um fardo e veio outro. O fardo da realidade. Um fardo que as mentiras que repetia constantemente na minha cabeça tinham aguentado por mim até àquele momento. Não havia volta a dar, tinha de reconquistar a Inês. E desta vez não o iria fazer por ela, pela Filipa, e muito menos pelo Henrique. Ia fazê-lo por mim, para me salvar. Peguei no telemóvel e liguei para a Filipa, que me atendou com um «estou» de interrogação.

«Preciso que me digas onde a Inês trabalha», disse-lhe.

7

A Filipa explicou-me que a Inês trabalhava num *stand* de automóveis próximo, precisamente, do café onde me tinha encontrado com ela. Era lá que a queria reencontrar. Além disso, em princípio, não teria tantas pessoas à volta (como no café), por isso, teríamos mais privacidade, e também não havia a possibilidade de ela usar a desculpa de ter de ir para o trabalho ou sequer de ter de ir embora, pois estaria presa ao compromisso laboral. Eram apenas projeções na minha cabeça, mas seria imprudente da minha parte ir para o campo de batalha sem uma estratégia estudada, até porque não sabia quantas mais oportunidades iria ter. Contudo, havia uma pequena ponta solta: como justificar que eu sabia onde ela trabalhava sem revelar que fora a Filipa a divulgar? Teria, mais uma vez, de recorrer a um pequeno jogo psicológico e esperar que a sorte protegesse a minha audácia, pois uma coisa era certa, ela ia perguntar.

No dia seguinte, ignorei a poltrona que tinha para comprar e mais de uma centena de *e-mails* por responder, aprontei-me, despedi-me do *Dark* e fiz-me à estrada até Gaia. Quando cheguei ao *stand*, deparei-me com um edifício luxuoso e os carros eram todos topo de gama. Antes de entrar, olhei para a montra e tentei encontrar algum que me agradasse, de forma a servir de tema de conversa. Ao fundo, vislumbrei um *BMW* série 6 lindo e nem pensei mais. Quando entrei, olhei em redor e lá estava ela, vestida com um fato justo, tacão e cabelo apanhado, a falar sorridente com um casal junto a um dos carros. Na secretária, uma jovem de óculos embrenhada numa pilha de papéis ergueu o rosto para mim. Fiz-lhe sinal com a mão, dando a entender que não precisava de se preocupar comigo, e desloquei-me na direção do carro que ficava na outra ponta, o que me obrigaria a passar por eles. Assim que passei por trás do casal, a Inês reparou em mim e arregalou-me os olhos, mas disfarçou imediatamente e voltou a concentrar-se no diálogo com o casal. Fingi que era um mero cliente e dirigi-me para o carro. Sabia que viria ter comigo logo que terminasse o que estava a fazer, e assim foi.

O som apressado dos tacões a embaterem no chão denunciavam,

mesmo sem olhar para ela, que estava mais preocupada do que entusiasmada por me ver no seu local de trabalho.

«O que estás aqui a fazer, **Afonso**?»

«Bom… eu vinha com intenções de levar um carro, mas acho que vou levar um avião», disse, olhando-a de cima a baixo.

«Para com isso», reagiu entre dentes, com um ar inquieto. «Como é que descobriste que eu trabalhava aqui?»

(Aí estava a inevitável pergunta. Hora de contornar a verdade.)

«Aparentemente, costumas ir àquele café muitas vezes. Mais tarde ou mais cedo, os funcionários acabariam por saber quem és e o que fazes. E uma pequena conversa pode fazer chegar a informação aos ouvidos errados», respondi-lhe com um sorriso, dando dois toques com o indicador junto ao meu ouvido. «Ou corretos, dependendo da perspetiva.»

Se tudo corresse bem, ela não iria duvidar daquela justificação em forma de pressuposto. Era uma hipótese, de facto, apenas não fora aquela que tinha seguido. Mas nada que ela tivesse de saber.

A Inês semicerrou os olhos e logo depois abanou a cabeça, demonstrando que não se importava. Pelos vistos, naquele momento, não era aquela a sua maior preocupação.

«Isso agora também não é importante. Não te quero aqui, por isso, por favor, vai embora.»

«Que maneira de tratar os teus clientes. Assim, dificilmente vais conseguir vender um carro. Se o teu patrão sabe…»

«**Afonso**!» A voz endureceu e os olhos arregalaram-se. «Não estou a brincar. Vai embora, estou a pedir-te, por favor!»

«Mas ir embora porque não me queres ver ou porque não me queres ver aqui?»

«Não te quero ver aqui!»

«Isso significa que nos podemos ver noutro local?»

«Foste tu que escolheste ir embora, foste tu que me pediste para não esperar por ti. Foi bem claro o que me quiseste transmitir naquele momento em que não agarraste a moeda nesse teu joguinho ridículo de moedinhas. E nem sequer vou falar de toda a mentira que me fizeste viver contigo. Foste para o Brasil fazer… sei lá o quê com as brasileiras que te apareceram pela frente e agora que voltaste, e sei lá como me

reencontraste, queres fazer de conta que não se passou nada? Porque é que me procuras agora?»

«Podemos ou não ver-nos noutro local?»

«Eu já te disse que tenho uma pessoa. Não é correto.»

«O que não é correto é estares com uma pessoa e pensares noutra. Escolheres uma e gostares de outra. Afinal, com quem é que não estás a ser correta? Com ele? Comigo? Ou será contigo?»

«Nada disso! Se estou com alguém, estou completamente!»

«Completamente enganada! Onde é que nos podemos ver?»

A Inês levou a mão à testa, suspirou e olhou para trás, de modo a confirmar que ninguém nos via.

«Está bem… Mas não penses que vai acontecer alguma coisa além de uma conversa que ambos precisamos de ter. Sou uma pessoa séria. Agora, vai embora, por amor de Deus!»

«Espera…»

Peguei no telemóvel, procurei o número dela e pus a chamar.

«O que estás a fazer?»

«A ligar para ti, para confirmar que não mudaste de número.»

Assim que ela sentiu o telemóvel a vibrar no bolso, revirou os olhos, tirou-o e virou o ecrã para mim, confirmando que estava a receber a chamada. Contudo, o meu nome não aparecia.

«Apagaste o meu número?»

«Foi um mal necessário, para não cair na tentação. Vamos!»

Agarrou-me no braço e guiou-me para a saída. Um comportamento que não era de alguém que não me queria ali, mas sim de alguém que não queria que eu fosse visto ali. E percebi isso quando, três passos após abandonar o *stand*, ainda acompanhado pela Inês, dou de caras com o Henrique, que acabava de chegar. Os nossos passos foram abrandando ao mesmo ritmo até pararmos, a dois metros um do outro, sob o olhar, certamente preocupado, da Inês. Era precisamente aquele encontro que ela queria evitar, mas, talvez por destino, tinha mesmo de acontecer. A expressão facial dele não me permitiu discernir se gostara ou não de me encontrar ali.

«**Afonso**, **Afonso**… onde nos viemos encontrar», começou o Henrique, com o seu habitual tom de voz sarcástico.

Era a primeira vez que nos cruzávamos os três com o conhecimento

de todos, e, de repente, foi como se um conjunto de cálculos e probabilidades se começassem a desenhar imaginariamente à minha volta. É certo que todos sabíamos quem era quem, mas ninguém sabia o que cada um sabia de cada um. Principalmente em relação à Inês. Pela reação dela, fiquei a saber que já sabia que eu e ele nos conhecíamos. Também sabia que o Henrique tinha conhecimento da minha relação com a Inês, desde aquele encontro no parque de estacionamento, mas desconhecia, por exemplo, se a Inês estava ciente de que eu sabia que aquela pessoa que ela me disse que tinha era aquele homem que acabara de chegar. Porque eu vi-a a entrar para o carro dele, mas ela não percebeu que eu tinha visto. No entanto, também não acreditava que ele lhe tivesse contado. Além disso, também não sabia se a Inês estava a par do facto de eu saber quem era o Henrique. Ela falou-me de um Victor, mas nunca lhe cheguei a dizer que descobri que esse Victor era, na verdade, um dos aspirantes a **Afonso**, que eu conhecia como Henrique. Por fim, não sabia se ela tinha noção de que a relação entre mim e ele não começou bem, piorou, e com as recentes descobertas ficou intragável. Dúvidas que só ficariam esclarecidas se eu soubesse o que o Henrique lhe falara de mim desde que tinham voltado um para o outro. Contudo, também não sabia se lhe fazia diferença que eu tivesse conhecimento de tudo, por isso, na dúvida, comportei-me como se não houvesse segredos.

«Vieste ver alguns dos nossos carros? Temos ali um *Jaguar* que me parece a tua cara. Mostraste-lhe esse, *mor*?», disse o Henrique para a Inês. De seguida, deu-lhe um beijo e agarrou-se a ela.

Com aquele beijo à minha frente, pelo menos uma hipotética dúvida da Inês deixou de existir. Assim que se beijaram, ela desviou o olhar do meu, como se tivesse ficado envergonhada. Menos uma dúvida para mim: não lhe era indiferente.

«Prefiro a engenharia alemã», atirei.

«Olha, que engraçado!», rejubilou cinicamente o Henrique. «Eu também! Parece que temos gostos semelhantes. Sempre achei que éramos muito parecidos, **Afonso**!»

Devolvi um sorriso sarcástico, antes de perguntar:

«Trabalham aqui?»

«Digamos que sim, tendo em conta que tudo isto…» Abriu os braços

para apontar para o edifício atrás. «É meu.»

Muito me contava ele. Com que então, a Inês mudou de emprego para ir trabalhar para o *stand* do Henrique. E, com certeza, não saíra de casa da Filipa para ficar mais perto do emprego. Foi, sim, para ir viver com ele. Agora percebia por que razão ele aparecia quase sempre com um carro diferente quando ia às minhas sessões. Mas percebi igualmente algo que me deixou incomodado. Agora, talvez mais do que nunca, a Inês estava presa a ele de todas as maneiras. E não teria sido, com certeza, por iniciativa própria, havia muita manipulação do Henrique por detrás de tudo aquilo. Eu já sabia que tinha perdido terreno com a minha ausência, mas nunca pensei que fosse tanto. Isso obrigava-me a redefinir toda a estratégia.

«O **Afonso** já estava de saída», atalhou a Inês para o Henrique, olhando de relance para mim. «Vamos para dentro!»

O Henrique pôs o braço sobre os ombros dela, viraram costas e seguiram para dentro. Eu fiquei a observá-los enquanto se afastavam, e senti um forte aperto no peito que havia muito não sentia. Algo que também começava a ser recorrente. Já dentro do *stand*, o Henrique ainda olhou por cima do ombro para mim, de modo a confirmar que eu estava a assistir da primeira fila àquele triunfo. Não só estava dentro do seu castelo, como também tinha conquistado a princesa. *Parabéns, falhado! Continua a ignorar-me e vais continuar a ser humilhado por esse canalha.* Abanei a cabeça e fui embora.

Pensei em ir para casa, mas sabia que se fosse para lá o monstro que vivia na minha cabeça continuaria a atormentar-me e só ia ser pior. Era um monstro que se alimentava de pensamentos negativos e obsessivos, e aquelas imagens recentes do Henrique a aparecer diante de mim e depois a beijar a Inês bem à frente dos meus olhos e a levá-la para longe eram iguarias para ele. Precisava de o distrair, por isso, em vez de ir para casa, fui direto para o escritório. Não era o destino ideal, mas talvez o trabalho e os desafios que ele me traria fossem aquilo de que precisava naquele momento. Não só para ocupar a minha mente, mas também para não fazer a minha vida girar em torno da Inês e do Henrique, pois só iria piorar tudo. Não só me afastaria daquilo que eu queria, como me iria afastar daquilo que eu era. *E quem é que tu és, **Afonso**? Tu és eu! Eu sou o teu verdadeiro eu. Tudo isto apenas te*

conduz até à tua essência, até à minha libertação. Deixa-me sair!

«Não! Cala-te! Cala-te! Desaparece!», gritei dentro do carro, como se «ele» estivesse no banco de trás a falar-me ao ouvido.

Bateram-me ao vidro e só nesse momento é que me apercebi de que dava socos no volante e estava parado na estrada num semáforo que havia muito já estava verde. Olhei para o senhor que me perguntava do lado de fora se estava tudo bem, fiz-lhe sinal com o polegar e pus o carro novamente em marcha. Quando cheguei aos escritórios, cumprimentei a Rute com um sorriso e um boa tarde seco e meti-me no meu gabinete. Sentei-me e soltei um enorme suspiro. Fiquei em silêncio durante uns segundos, a olhar para o vazio, depois respirei fundo e, quando me preparava para abrir o computador, o telemóvel vibrou. Era o Henrique a ligar-me.

«Sim?», atendi, reticente.

«Estou, sim, **Afonso**, peço desculpa. Não tive oportunidade de te dizer há pouco pessoalmente, mas, não sei se te lembras, eu disse-te há uns tempos que sabia as tuas rotinas, que conhecia a tua casa e até o teu cão. Se não quiseres que nada de mau lhes aconteça, acho bem que não voltes a procurar a Inês.»

A raiva estalou-me no rosto e raiou-me os olhos. Os músculos contraíram-se, apertei o telemóvel e atirei-o contra a porta com toda a força, fazendo um buraco nela.

«Filho da puta!»

8

Levantei-me da cadeira e comecei a andar de um lado para o outro, dentro do escritório, completamente furioso. Uma coisa era ameaçar-me, outra era ameaçar o meu melhor amigo que, por melhor que se conseguisse defender, seria sempre inofensivo perante a astúcia de um humano. O Henrique batera no fundo para me atingir, mas tinha sido uma boa cartada. Era como se aquela jogada já estivesse pensada havia meses, estando apenas à espera do momento certo para jogar a carta. A reconquista da Inês já era difícil, pelo simples facto de ela ter tomado a decisão de voltar para o Henrique, e piorou quando descobri que, além disso, também trabalhava para ele e vivia com ele. Naquele momento, a ameaça do Henrique era como se tivesse erguido mais um muro entre mim e ela. Nada que me fosse impedir ou fazer desistir de lutar por aquilo que queria, até porque era algo em que eu acreditava, mas não havia dúvidas de que tudo era muito mais difícil. Principalmente por eu não saber quantos olhos o Henrique tinha espalhados por aí. A vigiar (sei lá eu) cada um dos meus passos. Mais do que nunca, cada passo teria de ser dado com muito mais cuidado, pois tudo aquilo podia muito bem ser uma pequena amostra do que ele era capaz. *Para grandes males, grandes remédios,* ***Afonso****!*

Bateram à porta.

«Sim?», respondi.

«Passa-se alguma coisa, doutor? É que ouvi um estrondo», perguntou a Rute, com um ar preocupado, pela porta entreaberta.

Olhei para ela com uma expressão que a deve ter assustado, pois afastou a cabeça para trás. Contudo, não tive tempo sequer de lhe responder, porque logo atrás dela surgiu a Verónica.

«Deixe estar, Rute, eu trato a partir daqui.»

A Rute afastou-se e a Verónica entrou no gabinete, batendo a porta ao aperceber-se de que seria um momento que exigiria privacidade. Assim que a fechou, reparou no buraco do lado de dentro da porta. De seguida, olhou para mim e disse:

«Ainda agora chegaste e já estás a fazer estragos?»

Parece que ela gosta de brincar com o fogo, ***Afonso****. Dá-lhe o que ela merece.* Avancei na direção dela, agarrei-a pelo pescoço e encostei-a contra a porta. Com a outra mão, agarrei-lhe no braço e olhei-a como se fosse um animal sedento por um pedaço de carne, a arfar bem diante do seu rosto.

«O que tu tens que ver com isso, hã?», grunhi, com a boca quase colada à dela. «És tu que vais pagar, é?! O que estás aqui a fazer? Parece que gostas de estar em perigo, para entrares na toca do lobo quando ele está com raiva e ainda fechares a porta.»

«Não é nada disso! Mas é melhor… ser eu a tratar disto, pois já te conheço, do que alguém que não sabe lidar contigo», replicou aos soluços, enquanto eu lhe apertava o pescoço.

«Tu não me conheces!», gritei. «E nem eu sei lidar comigo, quanto mais tu! Deste foda e meia comigo. Não sabes nada!»

«O que se passa? Porque é que estás assim?»

«Aquele filho da puta ameaçou o meu cão. Acreditas nisto? Mas ele sabe com quem se está a meter? Hã? Sabe?!»

«**Afonso**… estás a magoar-me…»

«É para tu aprenderes. A seguir, vai ser ele!»

É assim mesmo, mostra ao mundo do que és feito!

«Para com isso!»

A Verónica deu-me um estalo forte, apanhando-me a zona do ouvido, e foi como se aquele choque se alastrasse por todo o corpo e me fizesse acordar. Soltei-a e afastei-me.

«Desculpa», pedi, de costas para ela.

«O que foi isto?»

«Nada… não devias ter entrado», disse por cima do ombro.

Senti a Verónica a aproximar-se um pouco mais de mim.

«Isto que acabou de acontecer tem que ver com aquela conversa do outro dia? Sobre um… **Afonso** adormecido?»

Virei-me para ela e fiz uma pausa, antes de lhe responder.

«E é melhor que assim continue. Para o teu bem. E meu…»

«Eu não disse que não gostei…»

«Há um monstro dentro de mim, desejoso de vir ao de cima. Um monstro, Verónica! Regido pelos valores mais instintivos e mundanos que existem. Achas que há alguma coisa para gostar nisso? Não digas

asneiras. Não sabes do que falas.»

«Todos nós temos esse lado. Não é só contigo que isso acontece. Todos nós exageramos quando estamos muito irritados ou muito excitados. Faz parte. Eu sou advogada, o que mais vejo são casos de pessoas a quem de repente se apagaram as luzes e cometeram loucuras. Porque ficaram completamente cegas. Isso também é humano. Esse monstro existe em todos nós.»

«E então? Por existir em todos é desculpa para o deixar usar as minhas mãos e a minha boca? O meu caso é bem mais complexo do que imaginas. E, já agora, não voltes a usar a expressão “todos nós” quando te referires a mim. Sempre que achares que a essa expressão se aplica, então, acredita, estás enganada.»

«Tudo bem, não a uso mais. Apenas não te quero fazer sentir culpado por seres assim. Apesar de tudo, não te desejo mal. Além disso, considero-me uma pessoa muito compreensiva e liberal.»

«Compreensiva e liberal, é?»

Baixei-me, peguei no telemóvel amolgado e mostrei-lho.

«Isto é compreensível para ti?», interroguei.

«**Afonso**, quem é que nunca estragou nada com raiva?»

Pus-me por trás dela, agarrei-lhe no queixo e inclinei a sua cabeça para trás, expondo-lhe o pescoço. Depois, coloquei o telemóvel diante do pescoço dela, para servir de espelho.

«E isto?», questionei, enquanto lhe tentava mostrar as marcas que tinha no pescoço através do reflexo. «Isto é liberal para ti?»

Empurrou-me para trás e virou-se para mim.

«Eu não te estou a desculpar. Mas também já vi que não vale a pena tentar esclarecer o meu ponto de vista. Que história é essa de te ameaçarem o cão? Há alguma coisa que eu possa fazer?»

A Verónica tinha mudado muito desde os nossos primeiros tempos. Mas não sabia se isso era bom ou mau. Ou ela tinha, de facto, mudado, ou estava a disfarçar, ou então estava apenas a conhecer uma faceta dela que as circunstâncias ainda não me tinham permitido conhecer. Preferi acreditar na última possibilidade.

«Não vou falar sobre isso…»

Contornei a secretária, sentei-me e abri o portátil, dando-lhe a entender que a conversa estava terminada.

«Se alguém te anda a ameaçar, eu posso ajudar-te!», insistiu.

«Não é nada de mais… É apenas um tipo que, em vez de apostar nos seus pontos fortes para vencer as batalhas, decide explorar os pontos fracos do suposto adversário. Neste caso, os meus. Enfim, os cobardes tentam sempre os caminhos mais fáceis, mas não o posso culpar, pois é uma estratégia como qualquer outra.»

Não entendi porque tinha feito aquele comentário (ou seria antes um desabafo?) logo depois de ter dito que não queria falar sobre isso. Talvez estivesse à procura de um ponto de vista diferente ou uma orientação vinda de alguém que estivesse fora da situação. Mas, ao mesmo tempo, sem abrir o jogo e, assim, poder ter o melhor dos dois mundos. Senti-me momentaneamente a bater no fundo, quando percebi o que estava a fazer com a Verónica. Teria isso outro significado que não fosse desespero?

«Explica-me melhor essa história», pediu, puxando uma cadeira e sentando-se à minha frente.

E se lhe explicasses antes a história do capuchinho vermelho, em que a capuchinho é fornicada fortemente pelo lobo mau no meio do mato, hã? Ela podia fazer de capuchinho. Passei a mão no rosto, tentando manter o foco, e ajeitei-me na cadeira. Estava difícil encadear os pensamentos e as imagens que me ocorriam na mente e não queria correr o risco de falar de mais, e muito menos fazer algo que não devia. *Achas mesmo que ela está preocupada contigo, Afonsinho? Ela só quer que a puxes pelos cabelos, a debruces sobre a secretária e a fodas contra ela.*

«Não vou falar destas coisas contigo, Verónica. Além disso, tenho muito trabalho e preciso de me concentrar.»

«Acabaste de ser ameaçado, partiste o teu telemóvel contra a porta do teu escritório e apertaste o pescoço a uma mulher. Não me parece que hoje vás encontrar essa concentração.»

Suspirei em jeito de anuência, voltei a fechar o portátil e empurrei a cadeira para trás.

«Tens razão… Acho que vou até à IKEA perder-me lá dentro umas quatro horas a ver se encontro uma poltrona em condições para poder começar a receber os meus clientes.»

«A sério que precisas de uma poltrona? Há uma no 815, que é, tipo, o

gabinete de arrumos aqui do piso. Vem comigo.»

Vês? Eu disse-te! Isto é tudo uma manobra para foder contigo. Aposto que não há lá poltrona nenhuma, mas sim uma cama redonda, toda em vermelho, com chicotes e algemas.

Nem tive tempo de contrapor. A Verónica levantou-se, saiu e eu fui atrás dela. Passou pela Rute e pediu-lhe a chave do respetivo gabinete. Era fácil perceber que ela tinha bastante influência naquele ambiente. Não seria apenas, certamente, pelos anos de trabalho ali, mas muito devido à sua postura altiva. Meteu depois por um corredor e eu segui-a. *Olha para esse rabo delicioso à tua frente. Vê bem como ele chama por ti. E o melhor de tudo é que a dona dele quer muito que tu o fodas.* Desviei o olhar para o fundo do corredor, mas tinha de admitir que o rabo dela era como um íman para os meus olhos.

«Posso fazer uma pergunta?»

Parámos no meio do corredor e fiz-lhe sinal afirmativo com a cabeça. Fez um compasso de espera e, por fim, perguntou:

«Tu ainda… andas com a miúda daquele jantar no hotel?»

Se ela não te quisesse dentro dela, não te perguntava isso.

«Aquela a quem tu decidiste contar coisas que não devias com o propósito de estragar a relação que eu tinha com ela?»

«OK! Não o devia ter feito. Mas, como te disse, não foi algo que tivesse procurado. A oportunidade surgiu e como eu andava um pouco revoltada contigo, falei de mais. Hoje em dia, era incapaz de fazer tal coisa, mas não me respondeste…»

«E porque é que isso agora é importante para ti?»

«Precisamente para saber se estraguei algo que não devia. Senti-me um pouco culpada depois desse episódio no hotel. Ainda assim, a revolta foi mais forte e nunca o demonstrei. Entretanto, também me passou a tara que tinha por ti e não quis mais saber do assunto. Mas agora voltaste e tinha de te fazer esta pergunta.»

Enquanto ela falava, tentei avaliar a linguagem corporal, para perceber se estava a ser sincera. Tratara-me com desprezo assim que me tinha visto, mas naquele momento estava muito solidária e com ar arrependido. E tanto uma reação como outra não batiam certo com a imagem que tinha dela dos tempos «pré-Brasil». Contudo, apesar do esforço para tentar tirar uma conclusão antes de lhe responder, não

consegui e tive de lhe continuar a dar o benefício da dúvida.

«Não… já não ando com ela. Quer dizer…» Vacilei. «Não, não ando. Se é que o nosso "andar" significa o mesmo.»

«Não foi uma resposta confiante. Estraguei alguma coisa?»

«Compor é que não compuseste, de certeza. Mas não íamos ver a tal poltrona?»

A Verónica entendeu a dica e retomou o percurso. Três portas à frente parou e inclinou-se para meter a chave na fechadura. O rabo dela voltou a entrar-me pelos olhos adentro e eu desviei o olhar por impulso. *Ela quer-te tanto dentro dela,* ***Afonso****. Acredita em mim!* Entrou primeiro e acendeu a luz. *Fecha a porta agora, porque se quiseres fechar depois, vai dar muito nas vistas.* Fechei a porta e meti as mãos nos bolsos. O espaço só tinha uma janela, mas as persianas estavam corridas e só entravam alguns raios de luz natural. A Verónica apressou-se a tirar umas pastas que estavam sobre a poltrona e eu mantive-me junto à entrada, a observá-la.

«E então? O que achas?», perguntou-me.

«Parece-me bem…», atirei, sem me mover.

Sentou-se na poltrona, cruzou as pernas e começou a passar as mãos nos apoios e a fazer leves movimentos, como se estivesse a testar o conforto. *Ela só está a confirmar se é boa para dar uma foda em cima dela. Está a seduzir-te e tu precisas de sexo para aliviar o stresse deste dia. Estás à espera de quê?*

«É confortável e tem tudo que ver contigo. É muito elegante e masculina. Acho que estava aqui à tua espera». Sorriu.

Quem está à tua espera é a cona dela. Apaga a luz! O meu batimento cardíaco começou a acelerar e engoli em seco. *Apaga a porra da luz!* Não sabia se ela estava realmente a seduzir-me ou se era tudo ilusão criada por aquela voz na minha cabeça. Estava a ser cada vez mais difícil distinguir o que era real do que não era, mas deixei-me levar por «ele» e se, de facto, ela não quisesse, logo me diria, eu acendia a luz, engolia aquela nega e continuaríamos normalmente com as nossas vidas. Apaguei a luz. *Lindo menino.*

«O que estás a fazer, **Afonso**?», interrogou, erguendo-se da poltrona e ficando imóvel diante dela.

A única iluminação que tínhamos eram os poucos raios de luz que

entravam pela janela, mas suficientes para perceber onde cada um estava.

«Se não quiseres o mesmo que eu, diz agora ou cala-te até eu terminar o que tenho a fazer», respondi, enquanto me aproximava.

Ela não abriu a boca e, quando cheguei junto dela, senti-lhe a respiração acelerada, algo que, por sua vez, era o melhor «sim» que me podia dar. Pus uma mão ao fundo das costas delas, a outra por trás do pescoço, puxei-a contra o meu corpo e comecei a beijá-la. No instante em que encostei os meus lábios nos dela foi como se os seus músculos se desligassem e o corpo se transformasse num pedaço de plasticina com o qual eu podia fazer o que me apetecesse. Soltei-lhe o corpo e pressionei-lhe levemente o ombro para a fazer sentar-se. Depois, coloquei-me de lado da poltrona, abri as calças, desci ligeiramente a roupa, agarrei na cabeça dela e meti-lhe o pau na boca. Ela começou a chupar-me com uma vontade que parecia ter esperado sete meses por aquele momento. (E se calhar tinha mesmo.) Fechei os olhos e ergui a cabeça para o teto, desfrutando daquela sensação, mas arrependi-me logo de o ter feito, ao vir-me à memória a figura da Inês. Abri imediatamente os olhos, mas não ajudou muito, porque estava demasiado escuro e o pouco que conseguia ver da Verónica não era muito distintivo. Para os meus olhos, aquela imagem podia pertencer a uma infinidade de mulheres, e a minha imaginação ia apenas buscar uma.

Na tentativa de afastar aquelas imagens da Inês da minha cabeça, decidi mudar de posição, de forma a ver melhor o rosto da Verónica e explicar ao meu cérebro que era ela que estava ali, e não outra que ele, porventura, quisesse mais. Se calhar, ao fechar os olhos e imaginar a Inês teria mais prazer, mas, além de isso ser profundamente incorreto e ir contra os meus princípios, tudo o que queria naquele momento era que a minha mente estivesse ali.

Passei para a frente dela, levantei-a para me poder sentar e depois puxei-a para mim. Pôs os joelhos de cada lado das minhas pernas e sentou-se no meu colo, virada para mim. Agarrou no meu pau e começou a masturbar-me e a beijar-me ao mesmo tempo. Já lhe vislumbrava melhor o rosto, e por momentos pensei ter encontrado a solução para afastar a Inês da minha cabeça, mas quando fechei os

olhos para beijar a Verónica a figura dela voltou em força, como *flashes* na minha imaginação. Fiz mais um esforço para me focar nela e naquele momento, mas as imagens que tinha das fodas que dei com a Inês começaram a aparecer por todos os lados. E tive de desviar o rosto e afastar a Verónica.

«Não me estou a conseguir concentrar…», confessei.

«Mas tens medo que alguém nos encontre?»

Era uma excelente desculpa para esconder a verdadeira razão, mas, além de não lhe poder mentir e dizer que sim (porque a verdade é que me estava a marimbar para o facto de nos poderem encontrar lá), caso lhe respondesse que sim ela provavelmente iria tentar encontrar uma solução, e eu sabia que não ia melhorar. Limitei-me a dizer-lhe que não com a cabeça e foi como se lhe tivesse dito o verdadeiro motivo da minha desconcentração.

«Hummm… Já percebi. É por causa dela…»

Levantou-se, começou a arranjar o cabelo e a compor a roupa, e eu mantive o olhar desviado dela. Dirigiu-se depois para junto da porta, acendeu a luz e, antes de sair, disse:

«Já sabes o que acontece quando deixamos uma foda a meio.»

9

Ela lambia-lhe o pau a todo o comprimento, fazendo mesmo questão de se lambuzar nele, não só porque lhe dava mais prazer, mas também porque sabia que isso o excitava mais. Depois, trepou pelo tronco dele acima, percorrendo-o com a ponta da língua até alcançar a sua boca. Enquanto o beijava, acariciava-lhe o pau e as bolas, e ele segurava-lhe no rosto. Sem desprenderem a boca uma da outra, ela alçou a perna e ele pegou nela, segurando-a contra si. De seguida, pegou no pau dele e ela mesma introduziu-o no seu sexo. Ele fletiu ligeiramente as pernas, para facilitar a penetração, e começou a fodê-la ali mesmo, em pé, no meio do quarto.

Assim que o prazer que aquela posição lhe proporcionava se esgotou, virou-se de costas para ele, empinou o rabo e, mais uma vez, foi ela a pegar no pau dele e a metê-lo dentro de si. De seguida, ele segurou-a pela cintura e ela debruçou-se para a frente, apoiando as mãos nos joelhos. Ele inclinou-se ligeiramente para trás, de modo a servir de contrapeso, e começou a penetrá-la. O cabelo dela baloiçava no ar e os músculos dele contraíam-se a cada estocada firme contra o corpo dela, que ele impedia que caísse para a frente através de uma técnica de equilibrismo habilidosa. Ela levantou o tronco até encostar as costas no peito dele, rodou a cabeça e beijaram-se apaixonadamente. Depois, pegou na mão dele e levou-o para a cama.

Deitou-se de barriga para cima e ele colocou-se por cima dela, penetrando-a sem demora. Contudo, desta vez, tudo acontecia muito lentamente. Não fodiam, faziam amor, percebi. Beijavam-se constantemente enquanto ele a penetrava com movimentos lentos e ela percorria as costas dele com as mãos num vai e vem dos ombros ao rabo. De vez em quando, beijava-o mais intensamente e trocava palavras de carinho com ele. Por fim, a Inês aproximou a boca do ouvido do Henrique e disse-lhe num sussurro: «Vem-te dentro de mim.»

«Nãããããão!», gritei.

Ergui-me da cama, assustado, e senti um alívio imediato ao perceber que não passava de um pesadelo. Aquela situação já se alastrara aos

meus sonhos, o único momento do dia em que eu esperava conseguir desligar-me de tudo o que se passava. Já não bastavam as constantes lembranças da Inês, ainda tinha de suportar as visões realistas que a minha imaginação conseguia criar do que se passaria entre eles os dois. Algo que eu dispensava por completo. Saí da cama e senti-me zonzo depois daquele despertar abrupto. Fui à cozinha, bebi um copo de água e meti uma cápsula na máquina para preparar um café, de modo a acordar de vez. Entretanto, chegou o *Dark*, com a taça da ração na boca, dando-me a dica para a encher. Era muito raro ele fazer aquilo e eu adorava quando acontecia. Dei graças por não me ter lembrado desse pormenor quando estava no Brasil, porque certamente a saudade teria apertado e eu passaria mal. Com aquela visão veio-me à memória a ameaça que o Henrique me tinha feito no dia anterior, e senti uma vontade enorme de agarrar naquele animal (o *Dark*, não o Henrique). Baixei-me, tirei-lhe a taça da boca e comecei a fazer-lhe festas no pescoço.

«Estás com fome, campeão? Estás com fome? Não vou deixar que ninguém te faça mal, está bem, companheiro? Anda, vamos! Vou encher-te essa taça!»

Deixei o café à espera e fui com o *Dark* à marquise. Despejei a ração na taça até transbordar, dei-lhe um beijo no focinho e voltei à cozinha para tomar o meu café.

Quando acabei de me arranjar, fui cumprir o quase ritual de ir ao computador ver o meu Facebook antes de seguir para o escritório. Ao abri-lo, tive a sensação de que os astros se tinham alinhado para me obrigarem a pensar na Inês, pois a primeira sugestão de amizade que me aparecia era a dela. Ela raramente atualizava o Facebook, mas a tentação de o abrir foi maior do que o receio de ver algo que não iria gostar. *Tu já os viste a beijarem-se à tua frente e acabaste de sonhar com eles a foderem, o que podes ver de tão grave no Facebook dela? Só se for a indicação «Numa união de facto».*

Cliquei numa fotografia dela e quase tudo era privado. A única publicação diferente, desde a última vez que tinha visto o perfil dela, era uma fotografia já com dois meses em que ela aparecia de costas e se via uma casa amarela com um arco em frente, cuja descrição era apenas «em casa». Acabei por sair do perfil dela e continuei a fazer

scroll, mas, desde o instante em que tinha acordado (e, aparente, ainda antes de ter acordado), era ela que passeava na minha cabeça, como se fosse o seu local favorito. Olhei para o telemóvel (de substituição, pois o outro ficara inutilizável), pousado ao meu lado, e ponderei ligar-lhe para marcarmos o nosso encontro, como tínhamos combinado. Só que, nesse momento, apareceu o *Dark*, bem animado, certamente por ter a barriga cheia, e voltei a lembrar-me das palavras do Henrique: «Se não quiseres que nada de mau lhes aconteça, acho bem que não voltes a procurar a Inês.» Ligo ou não ligo, perguntei-me, olhando para o telemóvel e depois para o *Dark*. *Estás com medo, **Afonso**?* Foi então que decidi pegar no telemóvel e marcar o número da Inês. Do outro lado, ouvi a mensagem: «O cliente para o qual ligou não se encontra disponível.» *Parece que ela te enganou bem.* Não quis inventar uma justificação precipitada, até porque ela podia estar sem bateria no telemóvel, e deixei as conclusões para mais tarde, quando decidisse voltar a ligar. Caso o resultado fosse o mesmo, então perderia tempo a tentar encontrar uma resposta plausível. Arrumei o computador, meti-me no 420 e despachei-me para o escritório.

Depois do episódio do dia anterior com a Verónica, ainda consegui encontrar alguma disponibilidade mental para tratar do transporte da poltrona até ao meu gabinete e organizá-lo de forma a ficar preparado a receber os meus clientes. Depois, respondi apenas a um *e-mail*, para não sentir que tinha sido um dia desperdiçado. Marquei com esse futuro aspirante a **Afonso** para o dia seguinte e era ao seu encontro que eu ia.

Quando estava a chegar, recebi uma chamada do Miguel.

«Preciso urgentemente de falar contigo», revelou, com um tom de voz preocupado. «Podes passar esta noite em minha casa?»

«O que é que se passa?»

«Podes ou não? Só estou em casa depois das 22h00.»

«Sim, posso! Mas estás a deixar-me preocupado!»

«E é para estar. Tem de ser mesmo hoje. Não me falhes!»

Desligou-me na cara e eu fiquei a olhar para o telemóvel, sem perceber o que acabara de acontecer. Se, momentos antes, tinha adiado uma preocupação com a Inês até uma segunda tentativa, naquele instante também ia adiar a preocupação com o Miguel para depois das 22hoo.

Quando cheguei ao quinto piso, a Rute chamou-me e entregou-me uma folha para eu preencher.

«É um pequeno formulário com alguns dos seus dados. Nome, morada, contacto, profissão e mais umas questões simples. Ainda não me tinha lembrado de lhe pedir», explicou.

Peguei na caneta e comecei a preencher o papel.

«Já agora, aproveito para o avisar que vem cá hoje um senhor compor-lhe a porta do gabinete.»

«Como sabe que ela está estragada?»

«Eu não sei, foi a Dra. Verónica que pediu para o avisar.»

«Ela manda alguma coisa aqui?», perguntei por curiosidade.

«Digamos que é filha de quem manda.»

«Muito me conta… Depois dê-me a fatura para eu pagar.»

«A doutora disse para não se preocupar com isso.»

Anuí com a cabeça e continuei a preencher. Assim que terminei, entreguei-lhe o formulário e, quando me dirigia para o gabinete, ela voltou a chamar-me com o papel no ar.

«Não pôs o seu nome completo, Dr. **Afonso**!»

Parei e voltei-me para ela.

«**Afonso** chega», disse-lhe de um jeito seco (não sei porquê).

Ficámos momentaneamente em silêncio a olhar um para o outro, o que tornou aquela situação ainda mais constrangedora, e eu fiquei com a certeza de que, somando ao estrondo que ouvira no dia anterior, a Rute ficou a desconfiar de mim. Pus no formulário que me entregou que a minha profissão era *coach*, mas quando se apercebesse de que todos os meus clientes eram homens, mais intrigada ficaria. Preferia que assim não fosse, mas também de outra forma não podia ser, por isso sorri-lhe, na esperança de a deixar um pouco menos assustada com a minha pessoa, e entrei no gabinete. Bati a porta e saltou-me logo à vista o buraco que tinha feito com o telemóvel. Confesso que, depois de já me ter passado o pico de raiva, me senti envergonhado por aquilo, mas não havia nada a fazer. De facto, aquele buraco na porta dava mau aspeto ao gabinete e agradeci mentalmente à Verónica. Ao mesmo tempo, lembrei-me do que a Rute me acabara de contar sobre a Verónica ser filha do dono daqueles escritórios e subitamente deu-se um *flashback*. Teria tido ela influência naquele reencontro que tivemos no hotel, no

jantar organizado pela empresa dona dos escritórios? Será que ela sabia que eu ia estar lá e que ia acompanhado? Mas, se sabia, porque não arranjou maneira de ficar na mesma mesa que eu e a Inês? Eram apenas suposições que me davam tantos motivos para acreditar como para não acreditar, por isso anulavam-se mutuamente. Decidi pôr essa questão de lado e concentrar-me no meu trabalho, pois, não tardaria muito, o meu primeiro cliente «pós-Brasil» estaria a bater-me à porta e a pedir-me para mudar a sua vida.

Pousei as minhas coisas, sentei-me em frente ao computador e comecei a responder aos *e-mails* em lista de espera e a fazer marcações. No quinto *e-mail*, o remetente, enquanto expunha o seu caso pessoal, fez referência à esposa que, por acaso, se chamava Diana, e eu levei a mão à cabeça por ainda não me ter lembrado da «minha» Diana desde que regressara. Poucos dias antes de voltar, ela tinha-me contactado a perguntar-me quando voltava, pois precisava da minha ajuda, e eu prometi-lhe que assim que chegasse a avisava e iríamos jantar. Mas com tudo o que me aconteceu desde o momento em que aterrei em solo nacional nunca mais me lembrei. Peguei no telemóvel e, quando me preparava para ligar, bateram-me à porta. Era o Paulo Fragoso, o meu primeiro cliente.

O Paulo era mais velho do que eu, mas não muito mais. Tinha bom aspeto, mas a linguagem corporal denunciava a tão comum insegurança, característica do tipo de homens que me procurava. Convidei-o a sentar-se na mesma poltrona onde, um dia antes, estava uma mulher a chupar-me, e depois de todos os formalismos iniciais avancei para a pergunta que realmente importava:

«O que te traz por cá?»

«É assim… Eu acho que estou a ser muito manso.»

Ficámos os dois a olhar um para o outro. Ele na esperança de que eu tivesse entendido, eu à espera que ele me explicasse.

«Manso? Como assim?»

Começou a olhar em redor, como se acreditasse que encontraria as palavras certas pousadas sobre os móveis.

«Tudo isto começou com uma ex-namorada minha que, numa discussão, me disse que eu era “a gaja da relação”. Na altura, não percebi porque é que ela me disse aquilo, mas depois estive com outras

mulheres e era comum elas dizerem para eu não ter medo de as magoar, para ser mais firme e também para parar de fazer perguntas. Não só durante o sexo, mas também quando saíamos, por exemplo. Mas eu só fazia as perguntas porque gostava de saber do que elas gostavam e como gostavam. É a pensar nelas que faço isto, porque me preocupo com elas. Quero que se sintam bem na minha companhia, mas, pelos vistos… isso é mau.»

«OK! Já percebi qual é o teu problema. E, como é óbvio, o teu problema não é quereres ser boa companhia ou sequer preocupares-te com o bem-estar e conforto das mulheres com quem te envolves. O teu problema é a forma como o fazes. Responde-me a isto: quando convidas uma mulher para sair contigo, perguntas onde ela quer ir, certo?»

«Sim, claro!», respondeu com firmeza.

«E se ela disser “escolhe tu”?»

«Se assim for, vou dando sugestões até chegarmos a um consenso. Assim, é uma decisão tomada em conjunto.»

«E fazes isso por ela ou por ti?»

Fez uma pausa e refletiu, não por não saber o que responder, mas por ter receio de não dar a resposta que eu queria.

«Por ela, por saber que a levava a um lugar a que ela queria ir e, consequentemente, por mim, por saber que ela ia onde queria.»

«Pois, tu achas que essa decisão foi tomada a pensar nela em primeiro lugar e só depois em ti, mas digo-te já que foi precisamente o contrário. Não estavas preocupado com ela, mas sim contigo.»

«Como assim, estava preocupado comigo?»

«Tu apenas tens um medo enorme de falhar. E, para não falhares, acabas por cometer erros. A prudência é boa, mas tu és demasiado prudente e isso faz-te perder. Se fosses piloto, serias aquele que nunca teve um acidente, mas também nunca ganhou uma corrida. Eras um tipo de meio da tabela, morno, assim-assim, e isso, parecendo que não, resulta ainda menos com as mulheres do que seres mau. Se vais numa corrida com muito medo de te espetares, vais acabar por ir muito devagar nas curvas e de certeza que não ganhas a corrida. Essa lei do devagar se vai ao longe é muito bonita, mas não se aplica em competição. E, quando se trata de conquistar e satisfazer mulheres, é competição ao mais alto nível. Estás a entender o que estou a querer

dizer?»

«Que eu tenho de arriscar mais?»

«Arriscar, mas com cabeça. É isso que fazem os campeões.»

«Mas como é que faço isso?»

«Com a formação que te vou dar, vais aprender muitas coisas que, sem te aperceberes, vão fazer com que corras esses riscos calculados de que tanto precisas. Mas, para não ires hoje embora sem nada, vou explicar-te algumas coisas. Em primeiro lugar, vais ter de perceber que podes ser o homem mais bonito e charmoso do mundo e, mesmo assim, a mulher que tu queres não te querer. A partir do momento em que compreendes e aceitas esta realidade, vais poder ir a jogo muito mais leve. E só por essa razão vais passar a errar menos vezes. Depois, tens de perceber que perder faz parte. Errar faz parte. Quando tentas chegar a um consenso com uma mulher sobre onde quer ir, estás a demonstrar, desde logo, que não és uma pessoa segura das tuas decisões. E, aparentemente, muitas das mulheres de quem te aproximas já são inseguras, e não precisam de um homem como tu. Elas querem um homem firme, que saiba o que quer e tome as rédeas da situação. Um homem que não fique à espera que seja ela a decidir. Um homem que diga “está pronta a X horas porque vou passar em tua casa e vens comigo”. Estás a perceber? Depois, se, por acaso, ela não gostar e for uma desilusão, temos de aprender com isso e seguir em frente. Mesmo errando dessa maneira, acabas por fazer melhor figura do que demonstrares que não estás seguro. Além disso, demonstra que não sabes o que estás a fazer. E a insegurança, quando se alia à ignorância, é a morte do artista. No sexo é a mesma coisa. Não tens de lhe perguntar como é que ela quer, se está a gostar ou pedir desculpa pelo que quer que seja. Tu tomas a iniciativa e fazes aquilo que achas que deves fazer. Se ela não quiser, não gostar ou lhe doer, ela tem boca para falar. Estamos entendidos?»

O Paulo arregalou os olhos e inspirou fundo, demonstrando que tinha sido muita informação para ele assimilar, mas aquela era a lição zero e teríamos muito tempo para cimentar aqueles conhecimentos. Ele abanou a cabeça e eu estiquei-lhe a mão, dando por terminada a nossa sessão.

Quando abandonou o meu gabinete, não teve tempo de fechar a porta, pois a Rute chegou nesse momento e segurou nela.

«Peço desculpa, Dr. **Afonso**, mas o senhor que vem compor-lhe a porta já está aqui à espera há algum tempo», disse-me.

«Mande-o entrar, obrigado!»

O homem entrou com uma caixa de ferramentas e pôs-se a olhar para porta, enquanto eu regressava ao computador.

«Isto vai fazer algum barulho, por isso vou perturbá-lo um bocado. Se por acaso quiser fazer uma pausa… aproveite agora. Também não são mais do que dez minutos», explicou o homem.

Só dez minutos?, pensei. Ou o homem é o melhor do mundo a arranjar buracos em portas, ou vai tapá-lo com um autocolante. Contudo, lembrei-me de que tinha de fazer o telefonema à Diana e aproveitei a ocasião. Fiz-lhe sinal com cabeça e saí.

Fui até ao *hall* de entrada, que era mais sossegado, tirei um café na máquina, bebi-o com calma e depois liguei para a Diana.

«Então, pequenina? Como é que estás?»

«Olha quem é ele!», respondeu, animada. «Meu *brazuca* favorito. Não me digas que acabaste de chegar e eu fui a primeira pessoa de quem te lembraste!»

«Mais ou menos… Ainda precisas da minha ajuda, certo? Quando jantamos, esta semana?»

«Esta semana? Esta semana só posso hoje. Dá para ti?»

Lembrei-me de que o Miguel também queria falar comigo, mas tinha de ser depois das 22h00. Comecei a fazer contas de cabeça e, se não me demorasse, conseguia satisfazer os dois pedidos.

«Não tenho muito tempo, mas tenho que chegue. Vou pensar num restaurante e já te envio a hora e a morada.»

Ficámos assim combinados e, uma vez que estava com o telemóvel nas mãos, marquei o número da Inês e pus a chamar. Arrependi-me imediatamente ao aperceber-me de que já não o estava a fazer para a convidar a sair (até porque acabava de preencher o resto do meu dia com o jantar com a Diana), mas apenas para confirmar se ela já tinha o telemóvel ligado. Contudo, o resultado foi o mesmo: «O cliente para o qual ligou não se encontra disponível.» Com os nervos, comecei a apertar o telemóvel na mão, por não perceber (ou não querer perceber) o que se passava e, entretanto, surgiu o senhor da porta, de mala na mão, a dirigir-se para o elevador. Levantou-me a mão e eu lancei-lhe um

sorriso. *Vamos lá ver o serviço dele*.

Meti o telemóvel ao bolso, ligeiramente feliz por me ter conseguido controlar (talvez graças ao senhor da porta), e dirigi-me para o meu gabinete. Entrei, bati a porta e dei uma gargalhada ao ver o arranjo que o senhor tinha feito.

«Verónica, Verónica», sussurrei.

10

Não tinha sido feito nenhum remendo, colocada uma pasta ou autocolante, mas sim uma placa que fora aparafusada por cima do buraco, com a inscrição: *É melhor não olhar a meios para atingir um fim do que deixar a meio por ter medo do fim. V.M.S*. Claramente uma mensagem da Verónica, assinada com as suas iniciais, para eu não me esquecer do que ficou a meio. Pelo menos, foi o que eu pensei.

Pelo que me apercebi, ela não estaria pelo escritório e eu não quis fazer figura de parvo a bater na porta do gabinete dela e não obter resposta. Oportunidades não iriam faltar para a confrontar com aquele pequeno «mimo» que, por sinal, seria a última mensagem que os meus clientes levariam das minhas sessões.

Enviei uma SMS à Diana, a marcar com ela no restaurante *Capa na Baixa* às 20h00 em ponto, e continuei focado no meu trabalho. Por várias vezes olhei para o telemóvel e a tentação de ligar novamente à Inês era muita, mas ao mesmo tempo o receio de que não atendesse tinha o mesmo peso no lado oposto da balança. Sabia que, se àquela hora não me atendesse, deixaria de haver dúvidas, e a verdade é que me sentia melhor assim. Contudo, quando faltava pouco para sair, disse para mim mesmo «que se foda» e pus a chamar. Obtive a mesma resposta do outro lado e já não fazia mais sentido continuar a iludir-me: aquele número já não existia.

Esperei pela Diana à entrada do restaurante e ia focando o meu olhar e atenção nas pessoas que entravam e saíam, de modo a evitar que me ocorressem pensamentos que só me iam tirar o apetite. *O que te tira o apetite é essa falta de sexo por causa de uma mulher que até muda de número só para não a contactares.*

Estava encostado com um pé na fachada e desencostei-me ao ver a Diana surgir junto ao Rivoli. Sorriu ao perceber que era eu e esbocei também um sorriso, não só por a rever, mas por comprovar que continuava excitante como sempre. Trazia um casaco fino e comprido que lhe chegava a meio das coxas e umas calças justas que lhe realçavam a tão bonita silhueta que a desenhava.

«Agora que te vejo é que me lembro das saudades que tinha», soltou a Diana, assim que chegou junto de mim.

«Não sei até que ponto essa é uma observação positiva, mas também estou contente por te ver.»

Pus-lhe a mão na cintura, para lhe dar um beijo no rosto, e encaixou tão bem no corpo dela que foi como se tivesse ligado a tomada dos meus sensores eróticos e o meu pau reagiu de imediato. Fiz-lhe sinal com a cabeça para que entrasse à minha frente e acompanhei-a até à mesa que estava reservada para nós. Depois de lhe resumir por alto a minha aventura de quase sete meses do outro lado do oceano, foi a vez de lhe passar a palavra.

«A julgar pelo que me disseste, já percebi que não notaste muito a minha ausência. Isso significa que estás num relacionamento ou que já arranjaste um novo "amigo das fodas"? Lembro-me, da última vez que falámos sobre o tema, que tu andavas a falar com um tipo divorciado, que acho que tinha uma filha…»

«Ah, isso acabou por não dar em nada. Já me conheces, **Afonso**, e já conheces a minha situação e também sabes como são os homens. Sabes que é difícil um homem olhar para mim com uma ideia de futuro só porque eu já tenho um filho de outro. Não passo de um caso para eles, só sirvo para dar umas voltas.»

«Pois, mas o problema não está neles. Por incrível que pareça, e por mais que te custe a acreditar e a admitir, o problema está em ti. E só quando perceberes isso é que vais conseguir mudar alguma coisa. Mas, por falar em voltas… tens dado algumas?»

«Oh! Estive uma ou outra vez com um amigo», atirou com um encolher de ombros.

«E foi bom?»

E se ela disser que sim, como é que vai ser? O teu ego já não foi suficientemente destroçado? Parece que gostas de dor, Afonsinho.

«Para te ser sincera, não foi nada de especial. Nem sequer me sinto muito orgulhosa de o ter feito. Mas como a vontade já apertava e ele é uma pessoa em quem eu confio… aconteceu.»

Pronto, já podes respirar de alívio. Confesso que gostei de ouvir aquilo, embora fosse uma manifestação do meu egoísmo crónico, mas como eu já sabia como era e não me importava de ser assim, não

lamentei o facto de me ter sentido bem com aquela revelação.

«A falta que eu te fiz…»

«Parece que sim», concordou, com um sorriso envergonhado que não escondeu o olhar que lançou aos meus lábios.

Diz lá que não alinhavas numa rapidinha com a tua amiga.

«Mas, diz-me, de que tipo de ajuda precisas?»

«Exato, já me esquecia!» Compôs-se no banco. «Tem que ver com um homem muito interessante que conheci recentemente.»

«Outro, Diana?»

«Espera! Desta vez, é diferente.»

«Se não mudares, não vai ser diferente! E não acredito que já tenhas mudado o *chip* para poderes voltar a apostar numa relação com a segurança de que precisas. Não troques a ordem das coisas.»

«Ouve. Depois daquele último caso de que te falei, desisti. Disse para mim mesma que o que tiver de ser será e convenci-me disso. Desde então, não me voltei a aproximar de ninguém e nem sequer tinha cabeça para isso. Estive duas ou três vezes com esse amigo, porque, como te disse, o meu corpo precisava. O meu corpo pedia-me sexo. Mas também já disse que não me orgulho disso!»

«Calma. Não te orgulhas, mas também não é caso para teres vergonha. Fodeste e fizeste bem, para evitar males maiores.»

«Como assim, evitar males maiores?»

Desta vez, fui eu a compor-me no banco, antes de me explicar.

«A componente sexual é importante para qualquer pessoa, e não é por se pensar que há coisas mais importantes na vida que o sexo passará a ser insignificante. Por muito ou pouco amor que haja, a necessidade de sexo continua lá, pois não deixamos de ser humanos e de ter esse instinto natural. O que acontece é que muitas pessoas ficam à espera de um relacionamento sério para satisfazerem essa necessidade. Que é básica. Inconscientemente, essa necessidade vai pressionar a pessoa a entrar num relacionamento. E porque foi pressionado, ainda que a pessoa não se tenha apercebido, a probabilidade de dar certo é reduzida. Quando tens abertura mental para teres sexo apenas e só para satisfazeres essa necessidade, ela automaticamente salta fora da equação. Assim, não estarás pressionada a iniciar um relacionamento para poderes retomar a tua atividade sexual.

Ou seja, vais encarar essa questão da tua vida com muito mais leveza e menos ansiedade, e é exatamente isso que permite que as coisas aconteçam e aconteçam bem. É por esse motivo que te digo que evitaste males maiores, mas não estou aqui para te dar uma palestra. Continua.»

A Diana ficou momentaneamente em silêncio, a olhar para mim, e não sei se estava a absorver o que lhe acabava de dizer ou apenas impressionada com a minha eloquência.

Pergunta-lhe há quanto tempo ela não fode.

«Prometo refletir sobre isso quando for embora. Continuando então o que eu estava a dizer. Sinto que mudei a minha postura nos últimos meses. Sinto-me, como tu dizes, mais tranquila. E também sinto que este homem… é especial.»

«E quem é esse homem?»

«Pois… não sei. Quer dizer, sei porque já me falaram dele, mas nunca falei com ele. Apenas nos cruzámos algumas vezes lá no trabalho, porque ele é um dos administradores da empresa.»

«Disseste-me que era um homem muito interessante. Contudo, nunca sequer falaste com ele. Em que é que te baseaste?»

«Interessante porque me atrai imenso. É mais nesse sentido. E é um homem charmoso, mais velho e, pelo que me disseram, divorciado também. Não sei é se tem filhos.»

Sabes porque é que ela olhou para a tua boca? Porque está desejosa de a voltar a provar. Diz-lhe que a queres foder hoje.

«Certo… Mas o que tenho eu que ver com isso?»

«É o seguinte: eu tinha pensado se…»

*Diz-lhe, **Afonso**! Afinal, és tu o grande amigo das fodas dela.*

«Não!», disse em voz alta.

«Não? Mas eu ainda nem disse o que queria.»

«Desculpa… precipitei-me. Termina o que estavas a dizer», respondi, meio atrapalhado.

«Basicamente, queria que me ajudasses a conquistá-lo.»

O quê? Ela quer que sejas a vela oficial da relação?

«Diana, já te dei montes de conselhos e orientações nas muitas conversas que tivemos sobre este assunto. Mas se calhar já os esqueceste. Não vale de nada eu explicar-te e depois não fazeres o que

digo. O que queres que eu te explique mais?»

«Pois, aí é que está. Não quero apenas uma orientação ou conselhos. Quero que acompanhes todo o processo e me digas tudo o que tenho de fazer. Se for preciso, em tempo real.»

«O que me estás a pedir é demasiado. Nunca trabalhei com mulheres nesse sentido, até porque não acho que vocês precisem de muito esforço para conquistar um homem. Ao contrário dos homens, não é durante a conquista que as mulheres cometem os maiores erros, mas sim quando a relação já está estabilizada.»

«**Afonso**, é muito importante para mim o que te estou a pedir. Quero muito aproximar-me deste homem, mas ele é, tipo, um executivo de topo, e lá na empresa qualquer mulher adoraria ir para a cama com ele. E, com certeza, mulheres não lhe devem faltar. Para ele não ter nenhuma, se é que não tem, é porque é muito seletivo. E eu sou apenas uma simples mulher, como vês. Que hipóteses tenho? Vocês, homens, têm a ideia de que nós, mulheres, só temos de escolher, mas não é bem assim. E este caso é, com certeza, a prova disso. No entanto, tenho a felicidade de ser amiga do mestre da sedução que me vai ajudar a conquistar este homem, não é verdade?»

Olha, olha, olha. Está visto que vais ficar a chupar no dedo e com a outra mão a segurar na vela. A Diana ficou a olhar para mim e a fazer beicinho, e eu senti-me numa posição desconfortável.

«Tu sabes que já te ajudei de muitas maneiras com esses assuntos e sei que fodes com esses teus amigos e até acho que fazes bem, mas pedires-me quase para te meter na cama de outro homem, isso já fica fora do que considero aceitável.»

«Vamos só tentar, não custa nada e eu prometo não te ocupar muito tempo. Se não der, não deu, é porque não era para ser.»

«A questão é que se der também podia “não ser para ser”. Porque as técnicas que te vou passar podem até fazer-te conquistar esse homem, mas não significa que seja o homem certo para ti e tu a mulher certa para ele. Explico isto sempre aos meus aspirantes. Não sei se isso é apenas ego e, se for, posso estar a contribuir para te meteres numa alhada. Porque é isso que o ego faz.»

«Não acredito que seja ego… vá, talvez um pouco, mas é algo que não sei explicar. O que sei é que se pelo menos não tentar, não vou ficar

bem, mas se tentar e correr mal, também não vou ficar bem. Por isso, se gostas de mim, tens de me ajudar.»

Apesar de não ter ambições com a Diana, porque mais do que amigos não pretendia que fôssemos (e menos também não), o facto de ela ter alguém significaria menos uma pessoa de confiança com quem eu podia ter sexo de qualidade sem compromisso. E não era uma ideia propriamente entusiasmante. Mas se era importante para ela, também era para mim, por isso, teria de a ajudar. Entretanto, recebi uma mensagem do Miguel, que dizia:

«*Quero-te em minha casa agora. É urgente!*»

Olhei para o relógio e já marcava 22h20.

«Então? Posso contar contigo?», insistiu a Diana.

«Sim, vou explicar-te como vais conquistar esse homem e, se fizeres tudo o que eu disser, garanto-te que vais conseguir. Agora, tenho mesmo de ir embora.»

11

Acelerei em direção a casa do Miguel, sem fazer a mínima ideia do que estava a acontecer. Se tinha apagado um incêndio já me preparava para apagar outro, mas o pior deles continuava aceso: aquele que me ia ardendo no peito e deixando a cabeça em brasa por tudo o que acontecia à minha volta.

Uma coisa era ensinar homens desconhecidos a conquistarem mulheres desconhecidas que nada me diziam, outra era ajudar uma amiga (com quem, por acaso, já me havia deitado muitas vezes) a conquistar um homem e, por consequência, tudo o que isso implicaria. Além de estranho, era sair da minha zona de conforto, pois nunca o fizera, embora acreditasse que tinha o conhecimento necessário para cumprir essa missão com sucesso. Mais do que me sentir incomodado, escolhi sentir-me entusiasmado com aquele desafio. Seria eu tão bom a ensinar homens a tornarem-se **Afonsos** como a ensinar mulheres a conquistar um? Claro que sim.

Com tanta azáfama e requisições até me tinha esquecido da Inês, por momentos. *Oooops*, tarde de mais, ela estava de regresso à minha mente. Peguei no telemóvel e, já sem esperança, voltei a ligar-lhe, obtendo a mesma resposta das últimas duas tentativas. Atirei o telemóvel para o banco do lado e acelerei ainda mais, para que a adrenalina me bloqueasse os pensamentos obsessivos que se começavam a formar na minha cabeça. *O que é que ela estará a fazer a esta hora, **Afonso**? 22h30 e a viver na mesma casa que o Henrique?* Apertei o volante do 420 e a minha visão afunilou. O meu único foco eram as linhas da estrada à minha frente. Tinha de chegar o mais depressa possível a casa do Miguel, pois cada segundo sozinho com «ele» na minha cabeça era um segundo a caminhar para o abismo. *Não sou eu o teu abismo, é ela! Aposto que ela está neste momento a chupar o pau dele com toda a vontade do mundo e tu andas aí preocupado a fazer de bombeiro a apagar fogos, quando o teu pau é que devia estar a arder de tanto meter!* Quando entrei na rua que dava acesso à casa do Miguel, senti um enorme alívio, mas, em contrapartida, voltou a

preocupação, pois pela urgência com que ele me falou, não deveria ser coisa boa o que me esperava. Estacionei num beco pouco iluminado ao lado do edifício e toquei à campainha. Não demorou muito até o Miguel me abrir a porta e fazer-me sinal para entrar. Segui-o até à sala e, quando acendeu a luz da divisão, saltou uma multidão de gente que gritou em uníssono:

«Surpresa!»

«Achas que não te ia preparar uma festa de boas-vindas?», disse-me o Miguel, enquanto passava o braço por trás do meu pescoço. «Enganei-te bem, hã? Foi por uma boa causa, eu sei que se te dissesse tu nunca irias aceitar. Vá! Vamos beber!»

Puxei-o para mim e perguntei-lhe ao ouvido:

«Não convidaste a Verónica, pois não?»

«Não, não convidei, mas convidei a amiga», confessou, olhando disfarçadamente pelo canto do olho.

Olhei de relance para onde ele apontara e vi a Alexandra, a amiga que a Verónica tinha trazido quando decidimos foder os quatro ali mesmo. Sendo que eu desertei antes da melhor parte. Contudo, proporcionei ao Miguel uma das melhores noites da sua vida. *Parece-me que isto é um sinal, **Afonso**.*

Entretanto, juntou-se à minha volta aquele magote de pessoas para me cumprimentarem como se eu tivesse chegado da guerra. A maioria das pessoas nem sabia bem quem eu era, tão-pouco eu as conhecia, mas como parecia mal não me virem cumprimentar, sendo eu (por culpa do Miguel) a estrela da noite, puseram-se na fila. Cumprimentei a contragosto toda a gente e esforcei-me por parecer contente por ver tantas pessoas que não me diziam nada, já que eram amigos do Miguel, não meus. Finalmente, surgiu alguém que me dizia muito: a Filipa.

«Temos de falar», disse-lhe, depois de lhe dar um beijo no rosto.

«Quando quiseres, estou por aqui», atirou, antes de dar meia-volta e afastar-se, dando a vez à pessoa seguinte.

A pessoa seguinte era precisamente a Alexandra, cujo sorriso era bastante elucidativo das lembranças que tinha de mim. *Olha bem para as dicas que ela te dá, ela sabe bem o que ficou por fazer. Não ignores os sinais do universo. Nem os dela.* Deu-me dois beijos e trocámos olhares que falaram muito mais do que as nossas bocas. Atrás dela, e

para finalizar aquele rodízio de beijos e abraços vazios, estava o Tito, já com a mão estendida para me cumprimentar. O Tito era um dos tais amigos do Miguel que eu só tinha visto uma vez. Fiquei com a impressão de que falava mais do que aquilo que sabia, mas mais por vontade de se inserir no meio do que por arrogância ou exibicionismo. Parecia-me bom rapaz.

«Então, como é que foi lá no Brasil? Comeste muitas brasileiras?», perguntou-me enquanto me apertava a mão.

Achei graça ao entusiasmo com que me fez aquela pergunta e à forma como a fez. Nunca lhe tinha dado razões para me abordar com aquela confiança, mas não levei a mal e deixei-me entrar na onda dele. Mesmo não me apetecendo muito, já que estava ali indiretamente por minha causa, convinha ser simpático.

«Sim, conheci algumas mulheres…»

«Ouvi dizer que elas gostam muito dos portugueses. Dizem que são melhores na cama do que os brasileiros. É verdade?»

«Não sei, não conheci muitos portugueses lá nem muitas brasileiras que conheciam portugueses. As mulheres com quem estive adoraram, mas acredito que qualquer mulher do mundo adoraria, por isso não sei se sou o melhor exemplo.»

O Tito deu uma gargalhada e agarrou-se a mim a rir. Acompanhei-o com um leve sorriso e mantive-me imóvel, apenas para não dar a ideia de que, lá por trocarmos duas palavras, já éramos amigos de infância. Entretanto, o Miguel chamou-me do terraço para que me juntasse ao resto do grupo, e o Tito veio comigo.

«Sabes, se, de facto, isso for verdade…», continuou o Tito, num sussurro, quando chegámos ao terraço. «Vou começar a tentar com as brasileiras, porque… meu… as portuguesas são muito difíceis. Acham-se muito importantes e não passam cartucho a um gajo. Ou então é por eu ser feio. Melhor, é por eu ser teso, assim é que é.»

«Achas que o poder económico pesa mais do que a beleza na hora de elas escolherem a quem dar a sua atenção?», perguntei, curioso por ouvir as teorias dele.

Enquanto falava com o Tito, reparava no que estavam a fazer a Filipa e a Alexandra, os dois rostos que estavam no centro de buscas do meu cérebro. E também as duas pessoas com quem pretendia falar naquela

noite. No entanto, tanto uma como outra estavam entretidas noutras conversas.

«… e é mais por isso que eu penso desta forma.»

Queres ver que este tipo não se vai calar? Apercebi-me de que não tinha prestado atenção a nada do que ele disse e, ainda que não estivesse assim tão interessado em saber, sentia-me mal por ignorá-lo, mas, convenhamos, tinha outras prioridades. Essa era até uma das razões pelas quais não gostava de socializar, e muito menos de socializar naquelas festas organizadas pelo Miguel. Não suportava a obrigação social de ser simpático e afável, e ainda menos de ter de concordar com o que as outras pessoas diziam, porque não era o momento de expor as minhas teorias. E mesmo que as expusesse, a probabilidade de aquelas pessoas não terem profundidade suficiente para as entender era muito elevada. Sim, eu era um cabrão arrogante e egocêntrico, mas estava a marimbar-me para isso.

«Pois… São pontos de vista», reagi, apenas para picar o ponto da minha vez de falar e passar-lhe a bola.

Contudo, quando ele recomeçou com as suas teorias vi a Alexandra a afastar-se do grupo com quem estava a falar e a dirigir-se para a mesa das bebidas. *Agora, **Afonso**. Ataca!* Além de ser uma excelente oportunidade de falar com ela, era também um ótimo momento para deixar de falar com o Tito. Eram duas forças a empurrar-me para ela. Quer dizer, três, a contar com «ele». *Vamos!*

«Vou falar ali com uma amiga minha. Até já!», despedi-me.

Enquanto me aproximava dela, reparei que estava com um copo na mão, à procura de qualquer coisa junto ao balde do gelo. Deu para perceber que era a tenaz para pegar no gelo que, por sinal, se encontrava dentro do balde com as tiras de limão. *Fantástico! Já tens tema de conversa.* Peguei na tenaz sem ela ver, aproximei-me por trás e falei-lhe por cima do ombro.

«É disto que andas à procura?», disse, expondo-lhe a tenaz.

«Ai, que susto!» Voltou-se para mim. «Sim, é. Já estava prestes a tirar o gelo com o próprio copo.»

«Dá-mo!» Olhei para o copo e ela passou-mo para a mão. «Eu preparo-te a bebida. O que vais querer?»

Vai querer acabar o que deixaram a meio, como é óbvio.

«Não sei, ainda estava a ver quais eram as opções.»

São duas: ou num dos quartos, ou no carro.

«Deixa comigo, então, já sei qual a bebida certa para ti.»

Aquele era um momento de improviso. O mais importante daquela cena era mostrar-lhe que, de facto, eu sabia do que ela gostava, não só para a deixar impressionada, mas também para assumir a posição de dominador, ao ser eu a decidir o que ela ia beber. O risco, claro, era errar redondamente e fazer figura de parvo.

Troquei de copo para um mais largo e comecei a preparar-lhe um *gin* tónico. Pus o gelo, rodei o gelo no copo para o refrescar e escorri o excesso de água. Deitei uma colher de frutos silvestres, a seguir o *gin*, depois a água tónica pelas costas da colher, para proteger o gás, passei a colher uma única vez para misturar tudo e entreguei-lhe o copo para a mão. Se havia coisa em que o Miguel não se descurava nas suas festas era na mesa das bebidas, por isso não me faltava nada do que precisava para preparar aquela bebida. Só faltava saber se a deixara suficientemente impressionada e, mais importante do que isso, se tinha acertado na bebida. Caso contrário, convinha que eu tivesse uma boa justificação para aquela escolha, pois, com toda a certeza, ela ia perguntar porquê.

«Um *gin* tónico… Hummm, agora vais explicar-me a razão.»

«É o equilíbrio perfeito entre o lado certinho, a porção sem álcool, e o atrevido, a porção com álcool. Depois, os frutos silvestres dão aquele toque selvagem que te é característico», respondi eu num tom sério, para não pensar que a estava a elogiar.

«Por acaso, gosto. Por isso, parabéns pela escolha, pela explicação e pela preparação. Parecias um profissional.»

«Considero-me profissional em tudo o que sirva para seduzir uma mulher. E também em tudo o que sirva para a irritar.»

Ficámos um segundo a olhar um para o outro. Eu sem saber se ela chegara onde eu queria e ela sem saber se eu queria que ela tivesse chegado onde chegou. Se é que chegou a algum lado.

«Estás a tentar seduzir-me, portanto.»

«Sim!», repliquei veementemente.

«E não tens problemas em admiti-lo?», questionou com admiração. «Qualquer homem iria negar solenemente.»

«Digamos que sou tão bom a fazer isto que consigo dizer-te a intenção de tudo o que estou a fazer, tudo o que vou fazer e como vou fazer, e mesmo assim não consegues evitar que eu o faça.»

Ficou novamente em silêncio a olhar para mim.

«Então, e tu, o que vais beber?» Mudou de assunto.

«Nada, não bebo álcool e o resto não me agrada.»

Que conversa da treta. Anda logo com isso. Por esta altura, a Inês já deve ir na segunda ou terceira foda lá com o outro.

«Mas deste-me álcool. Achas que consegues seduzir mais facilmente uma mulher quando ela está… "animada"?»

«Claro que não! Muito pelo contrário. Uma mulher "animada" não se consegue aperceber da minha inteligência, tão-pouco tem a inteligência dela a funcionar. E uma vez que preciso dela para seduzir e ser seduzido, não conseguia nem queria fazer nada. E eu poderia provar-te facilmente que não preciso disso para te seduzir.»

Como é óbvio, aquela última frase em forma de desafio tinha uma intenção bem clara. Era uma espécie de verificação de permissão. Se ela realmente não estivesse interessada, este seria o momento em que o iria demonstrar. Diria simplesmente que não estava interessada, sorriria e iria embora ou mudava de assunto.

«Ai, sim? Como?»

Verificação concluída. Tinha autorização para avançar. Tirei-lhe o copo da mão e pousei-o na mesa.

Olhei na direção das outras pessoas e vi que estavam todas entretidas. Vi também que o Miguel conversava de forma animada com a Filipa. Não dariam pela nossa falta, mas não convinha demorar muito. *Falta de tempo nunca é desculpa: dá-se uma rapidinha. O universo hoje tirou-te a Diana, mas deu-te a Alexandra.*

Sem sequer abrir a boca, comecei a afastar-me dela lentamente, saí da sala, fui para o corredor e deixei-me ficar na penumbra, à espera dela, entre a porta da sala e a da rua. Pouco depois, ela surgiu na porta, olhou para trás, confirmando que ninguém a via, e aproximou-se de mim, mergulhando também ela na escuridão do corredor. Agarrei nela e encostei-a à parede:

«Vês como até sem abrir a boca eu consigo seduzir-te?»

Olhei-a por meio segundo e entreguei-me à boca dela com a mesma

intensidade com que ela se entregou à minha. Fi-la sentir as minhas mãos grandes e firmes ao longo das suas costas e costelas, até que lhe soltei a boca e perguntei:

«Já alguma vez deste uma foda a meio de uma festa assim?»

«Não, nunca», respondeu, com a voz tremelicante.

«Então, chegou a tua primeira vez.»

Agarrei-a pela mão, abri a porta e saí com ela. Contornei a casa até onde estava o meu carro e comecei a beijá-la contra ele. *Neste momento, a Inês está a ser fortemente comida pelo teu principal inimigo e aposto que está a adorar. E tu, o que é que vais fazer com essa?* Levei uma mão ao rabo dela, apertei-o e puxei-lhe a cintura contra a minha, enquanto com a outra mão lhe segurava na cabeça. Também ela quis sentir o meu rabo e apalpou-o. Nesse momento, passou um casal no passeio atrás do carro, no espaço entre os dois edifícios, e olhou para nós. Enquanto a Alexandra olhou para o outro lado, com medo de ser reconhecida, eu fiz questão de olhar para o casal, pois dessa forma sabia que iriam desviar o olhar mais depressa. *Mete-a dentro do carro.* Abri a porta do lugar do pendura, sentei-me e fi-la sentar-se em cima de mim, com as costas junto ao meu peito, para que tivesse o seu rabo bem em cima do meu pau. Afastei-lhe o cabelo do pescoço e comecei a beijá-la junto à orelha. Ao mesmo tempo, acariciava-lhe os seios por cima da roupa com uma das mãos e com a outra esfregava-lhe o sexo, também por cima das calças. Estávamos os dois de calças de ganga, o que iria implicar uma ginástica heroica para levarmos a cabo as nossas pretensões, tendo em conta o local. Mas nada que a vontade não superasse. Afinal, o sexo não é um prato de se comer de faca e garfo e as etiquetas ficam do lado de fora da porta. Neste caso, da porta do carro.

Consumida pelo tesão, a Alexandra movia o rabo por cima do meu pau, de forma a sentir a dureza dele, e com a mão esquerda agarrava-me no cabelo, não deixando que soltasse a boca do pescoço dela. Ainda nem sequer o tinha metido nela e já ela gemia como se a estivesse a penetrar. O espaço exíguo que tínhamos ao dispor não nos dava liberdade para grandes manobras, tal como o tempo não dava margem para demoras, mas a adrenalina que isso nos proporcionava fazia os nossos corpos estalarem de tesão.

Desabotoei-lhe as calças para lhe dar a dica que íamos avançar para o que nos tinha trazido ali e ela mesma tratou do resto. Encostou os ombros ao meu peito, para erguer o rabo, e começou a descer as calças. Aproveitei que ela tinha levantado o rabo e comecei a despir as minhas também. Desceu as calças dela até aos joelhos e voltou a sentar-se sobre mim, de modo a descansar daquela manobra exigente, e foi delicioso sentir a mistura do frio da pele das suas coxas com o quente do sexo dela sobre minhas pernas. Desci as minhas calças mais um pedaço, até as fazer passar os joelhos e, assim, poder afastar as minhas coxas e deixar respirar as minhas bolas. Logo de seguida, ela desceu as cuecas e eu os *boxers*.

Voltou a sentar-se sobre o meu pau (sem que a penetrasse) e procurou a minha boca com a dela. A adrenalina atingiu o seu auge e os nossos corações bombeavam a todo o vapor. Aquele instante assemelhava-se ao momento em que um avião se coloca na pista, pronto para descolar, e há um compasso de espera até começar a acelerar a fundo. Levei a minha mão ao sexo dela e senti-a completamente molhada. Acariciei-o um pouco mais, para lhe lubrificar melhor os lábios, e a Alexandra cerrou os dentes enquanto me olhava de lado. De seguida, ergueu o rabo, eu peguei no meu pau, alinhei-o com o sexo dela e deixou-se descer por ele até ficar sentada novamente no meu colo, desta vez comigo todo dentro. Envolvi-lhe a barriga com os dois braços, como se a prendesse para não fugir, e comecei a mover a minha cintura em círculos, para que ela sentisse o meu pau a remexer-lhe o sexo. Depois, apenas curvando as costas e enterrando o meu rabo no assento, em movimentos curtos, ia tirando e metendo o meu pau. Desta forma, bastava mantê-la fixa contra mim, com os meus braços, e os movimentos da minha cintura tratavam do resto. De vez em quando, ela parava e rodava o rabo, para me poder sentir ao máximo. *Se a Inês anda com outro, tu podes andar com outra. Vinga o teu orgulho com essa puta que tens em cima de ti. Rebenta-lhe a cona toda,* ***Afonso****!*

«Isso! Isso! Hummm… Tão bom! Fode-me!», pedia a Alexandra.

Comecei a rugir ao ouvido dela enquanto a penetrava e, num rasgo de raiva, puxei-lhe a gola da camisola, descobrindo-lhe o ombro, e mordi-a. A Alexandra soltou um ganido que, no início, parecia de dor, mas quando me pediu para não parar percebi que tinha sido de prazer, o que me

animou ainda mais. Entretanto, senti o telemóvel a vibrar no bolso das calças, junto ao meu gémeo. *Já notaram a tua falta, em breve vão começar à tua procura. Acelera!*

Soltei-lhe a barriga, agarrei-lhe nas nádegas com as duas mãos e comecei a pôr à prova os meus bíceps. Apoiei os cotovelos contra o encosto do banco e comecei a subi-la e descê-la com a força dos meus braços. Ela rapidamente quis dividir as despesas energéticas daquela posição e, com uma mão sobre a minha coxa e outra apoiada na porta, começou a saltar em cima de mim. Contudo, quando já tínhamos entrado em sintonia com os nossos movimentos e estávamos em velocidade de cruzeiro em direção ao clímax, vimos um vulto do lado de fora. *Foda-se! É preciso ter sorte!*

«Merda! Já nos viram!», exclamou a Alexandra.

«E então?»

«E então, **Afonso**? Se for alguém da festa, agora vai voltar lá para dentro e vai contar a toda a gente. É uma vergonha!»

Puxou a roupa para cima, olhou pelo vidro traseiro, para ver se vislumbrava alguém do lado de fora, e saiu do carro. Saí também logo de seguida e fui atrás dela. Quando chegámos junto do passeio, dobrámos a esquina e encontrámos a Filipa a fumar (mais) um cigarro. Entalou-se com uma lufada de fumo assim que nos viu.

«Peço imensa desculpa! Não queria interromper nada, apenas estava à procura do **Afonso**. Mas isto fica entre nós.»

«Fica tranquila, podes confiar nela», garanti à Alexandra. «É melhor entrares na frente, para não dar nas vistas.»

Lançou-nos um último olhar e entrou na casa.

«Não te julgava estraga fodas, Filipa.»

Levou a mão ao rosto antes de responder.

«Acredita que eu também preferia ter continuado na ignorância. O Miguel queria fazer um brinde, mas depois apercebemo-nos de que tu não estavas. Tentei ligar-te, mas como não atendias procurei-te dentro de casa, embora sem sucesso. Depois, ponderei a ideia de teres ido embora sem avisar ninguém e vim cá fora ver se o teu carro ainda aqui estava. Como o vi aqui, aproveitei para confirmar se estavas lá dentro e… de facto estavas.» Revirou os olhos. «Confesso que nem me ocorreu que pudesses estar com alguém. Afinal, quem é que se lembra de, a

meio de uma festa, ir ao carro dar uma?»

«Aparentemente, eu.»

«Sabes, não é o facto de te ter encontrado a fazer sexo no carro que me incomoda, mas sim o que isso significa.»

«O que é que isso significa? Que não o consigo segurar dentro das calças? Ou que sou um aventureiro?»

«Não, **Afonso**! Significa que ignoraste a conversa que tivemos em minha casa sobre a Inês! E eu a pensar que tu me tinhas perguntado onde ela trabalhava para a procurares e, afinal…»

«Não significa nada disso. Significa apenas que eu preciso de sexo. Coisa que está difícil de levar até ao fim desde que regressei. E, já agora, parabéns por teres contribuído para a minha taxa de fodas deixadas a meio. Vá lá que, pelo menos, é melhor deixar uma foda a meio do que dar uma meia foda, isso, sim, é mau, mas já parece feitiço. Além do mais, a tua amiga Inês, que tu dizes ainda gostar de mim, deve estar a viver com esse Henrique, por isso, provavelmente, devem estar a fazer o que eu estava a fazer até há bem pouco tempo. Não há um brinde para fazer?»

«Sim, mas agora vou acabar este cigarro. Então, em que é que ficamos? Sempre a procuraste ou não?»

Cocei a nuca e olhei em volta antes de lhe responder.

«Quando te disse, há pouco, que queria falar contigo era sobre isso. E, sim, fui ao encontro dela ontem e vim de lá pior do que o que fui. Ela quase me expulsou do *stand* e à saída cruzei-me com o Henrique. Como se não bastasse, ainda assisti a beijos e abraços dos dois bem à minha frente. Mas o mais “bonito” ainda estava para vir. Pouco tempo depois de ir embora, recebi uma chamada do Henrique a ameaçar o meu cão e a minha própria casa, que deve ser tudo o que ele sabe que eu tenho, caso a voltasse a procurar.»

A Filipa ficou boquiaberta e encarou-me de olhos arregalados. Limitei-me a comprimir os lábios e enrugar a testa.

«Que… ca… brão», disse, quase em câmara lenta.

«Quando falei com ela, combinámos voltar a ver-nos para falarmos, e eu fiquei de lhe ligar. Tentei fazê-lo hoje, mas sem sucesso. Deve ter mudado de número. Por minha causa, com certeza».

«Foi ele! De certeza que foi ele para cortar ao máximo o contacto que

ela possa ter contigo. Ameaçou-te e arranjou forma de lhe fazer a cabeça para ela mudar de número ou bloquear o teu contacto, sei lá. Ele tem-na completamente dominada. É isso que esse gajo faz. E ela, feita parva, permite! Que nervos!», vociferou, ao mesmo tempo que atirava com raiva a beata ao chão. «Desculpa! Desculpa por te ter metido numa situação destas.»

«Não tens de pedir desculpa. Não fiz isto por favor. Não o fiz por ti, nem por ela, nem por ninguém, além de mim.»

«Isso significa o quê?»

Fiz uma pausa e respirei fundo.

«Significa que percebi que gosto dela… que preciso dela. No entanto, não ando atrás de ninguém. Não tenho de andar atrás de ninguém, porque eu é que sou o prémio.»

«Isso é orgulho, **Afonso**!»

«Não é nada!», bramei. «É exigência. É rigor. É saber quem sou e o que valho. Luto por aquilo que quero, mas só até ao ponto em que isso não significa andar atrás de alguém.»

«E já chegaste a esse ponto?»

«Falta pouco. Não vou tentar muitas mais vezes…»

«Certo. Mas, e agora? Tendo em conta as ameaças e tudo o que aconteceu, como pensas voltar a procurar a Inês?»

Antes que lhe pudesse responder, o Miguel surgiu à entrada.

«Afinal, eles ainda estão vivos», exultou o Miguel. «Vamos lá brindar ao retornado. Siga na minha frente. *Bora*!»

O Miguel segurou na porta e regressámos todos à sala. Cada um pegou no seu copo, o chefe de cerimónias fez um minidiscurso (suficientemente emocionante para me sensibilizar), brindámos e, no intervalo de um segundo, já cada um estava na sua vida.

«Não sei», respondi, por fim, à pergunta deixada em *stand by*. «Só sei que terei de arranjar maneira de o Henrique não descobrir. Pelo menos, para já.»

«Precisas da minha ajuda?»

Assim que me fez aquela pergunta reparei no Tito, no canto da sala, à volta da mesa dos aperitivos, e tive uma ideia.

«Da tua, não, mas de uma certa pessoa, sim», repliquei, de olhos fincados no meu alvo.

Deixei a Filipa sem me despedir e aproximei-me do Tito.

«Há pouco estavas a queixar-te de seres teso», recordei-lhe, assim que cheguei junto dele. «Queres ganhar um extra?»

«Eu?», perguntou, admirado e entusiasmado. «Claro!»

«Perfeito! Então, espero que não tenhas planos para amanhã, pois vou precisar de um favor teu.»

12

«Vamos, *Dark*! Só mais um bocado, amigo!»

Eu estava a dar-lhe força para me acompanhar na corrida, mas não passava de um jogo para fazer o meu subconsciente acreditar que eu estava menos cansado do que ele e, talvez assim, aguentar-me um pouco mais. A verdade é que o *Dark* andava de um lado para o outro, parava para cheirar flores e alçar a perna nas árvores, e mesmo assim nunca me perdia de vista. Assim que cumpri a meta que tinha traçado, atirei-me para a relva do jardim para descansar, e o *Dark* veio para junto de mim.

«Isto de viver de dia até não é assim tão mau, pois não, companheiro?», comentei, enquanto lhe afagava o pescoço.

Dei-lhe um leve empurrão e ele saiu a correr atrás de uma pomba que se preparava para levantar voo. Já eu deixei-me ficar mais alguns minutos, a contemplar as poucas nuvens no céu, depois de ter expulsado alguma da raiva e tensão pelos poros.

Tinha tudo combinado com o Tito para poucos minutos depois, e só esperava que ele não fizesse asneira. Apesar de o meu plano poder facilmente correr mal sem que ninguém tivesse culpa. Não ia demorar muito para descobrir. Não queria envolver mais a Filipa naquela tentativa de reaproximação com a Inês, não só para não contaminar a relação entre elas, mas também para não correr o risco de queimar jogadas antes de chegar a altura certa de as fazer. E a Filipa era como um ás de trunfo que eu usaria quando não me restassem ideias melhores. Chamei o *Dark* e fui para casa tomar banho e arranjar-me para reencontrar a Inês.

Por mensagem, o Tito foi-me mantendo a par dos desenvolvimentos e, à hora marcada, já eu o esperava no local combinado. Quando finalmente me avisou de que tudo tinha corrido bem e que já vinha ao meu encontro, não consegui evitar um leve nervosismo, resultado de uma boa e agradável descarga de adrenalina.

Deixei-me estar dentro do meu carro, estacionado numa rua secundária atrás do carro do Tito, e só quando ele chegou e parou o

Jaguar ao meu lado é que saí. Ao mesmo tempo, ele também saiu do carro e eu passei-lhe para as mãos um molho de notas.

«Bom trabalho!», elogiei, com um piscar de olhos.

Entrei no *Jaguar* e lancei um sorriso à Inês, que estava no assento ao lado com ar de espanto.

«Pronta para um *test drive* comigo?», atirei.

«Eu devia ter desconfiado!», exclamou a Inês, de punhos cerrados. «Bem me parecia que ele não tinha ar de quem compraria um carro destes, mas como não julgo ninguém pela aparência, acreditei no rapaz. Afinal, não passava de uma manobra tua.»

«Não seria assim se não tivesses simplesmente mudado de número apenas para eu não te poder contactar. E como disseste que não me querias lá no *stand*…»

Coloquei o cinto e arranquei. Decidi não tocar na questão das ameaças do Henrique. Sabia que, naquele momento, ela estava mais do lado dele do que do meu, e não queria que ela pensasse que eu estava mais preocupado em separá-los (ao voltá-la contra ele) do que em ficar com ela. Além disso, corria o risco de ela comentar o assunto com ele e denunciar inadvertidamente o nosso encontro.

«E nem sequer te passou pela cabeça respeitar?»

«Eu respeitei. Não fui ao *stand*.»

«Refiro-me à parte do contactar-me!»

«Também respeitei. Não te contactei. Não tinha como.»

«Raios, **Afonso**! Para com esses jogos de palavras.»

«Tu disseste que tínhamos uma conversa pendente e pouco depois mudas de número. Isso significa que me mentiste?»

«Não!», respondeu prontamente. «Significa que, entretanto, as coisas mudaram e, por consequência, mudaram as minhas ideias.»

«Foi ele, não foi?»

(OK, não ia mencionar as ameaças, mas não ia deixar de falar nele.)

«Não. Fui eu. Para onde me estás a levar?»

«É perto e vai ser rápido. Não te preocupes.»

Conduzi até um dos pontos mais altos da cidade, com uma vista privilegiada sobre o rio e sobre as cidades que ele separava. Era uma espécie de miradouro onde existia uma pequena capela (pelo aspeto, abandonada há muito tempo), mas que, como é óbvio, eu não era o

único a conhecer, porque quando lá chegámos estavam mais três carros e algumas pessoas a tirar fotografias. Parei o carro, saí e caminhei até junto de uma grade em madeira que circundava o recinto. A Inês saiu logo de seguida e aproximou-se de mim.

«Porque é que não queres que eu te procure? Porque evitas que eu o faça?», questionei, sem tirar os olhos do horizonte.

Também ela olhou o infinito antes de responder.

«Porque é melhor assim. Quando estás com alguém, queres confiar nessa pessoa e queres que essa pessoa confie em ti. Para que tudo esteja bem entre ambos. Uma escolha implica sempre uma perda, não é mesmo? E, ao fazer a minha escolha, tive de aceitar e concretizar as minhas perdas. É assim que funciona.»

Ela estava a dizer-me alguma coisa nas entrelinhas e levei algum tempo até perceber onde queria chegar.

«Ele fez-te mudar de número como prova de confiança depois daquele encontro no *stand*, pois sabe tudo o que se passou entre nós, porque lhe contaste, com certeza. E tu aceitaste.»

«Não tenho motivos para não o fazer. Se é com ele que estou, é a ele que devo confiança, e a mais ninguém.»

«E a mais ninguém.» Voltei-me para ela. «Deves a ti! Ainda tens cabeça para pensar. Acho que ainda és uma mulher independente. Não te julgava tão submissa.»

«Não fales do que não sabes, **Afonso**! Afinal, trouxeste-me aqui para falar de nós ou dele?»

Soou-me bem aquele «nós» e aquele «dele», como se fosse ele o «outro», e não eu. Mas aquela sensação foi tão boa que nem quis tocar no assunto para não correr o risco de ouvir o contrário.

«Já deves ter percebido que eu sei que ele é o teu ex. Quer dizer, pensando bem, o teu ex sou eu, mas tu entendeste.»

«Não és! Se bem te lembras, aquilo não era propriamente uma relação. Era apenas uma brincadeira tua com muito sexo à mistura. E agora, como a boneca não quer mais brincar, estás chateado.»

«Se não posso falar do que não sei, então também não fales. Como eu estava a dizer, tu já percebeste que eu sei que ele é o tal Victor de quem me falaste. E com certeza também já sabes, porque nestes meses todos ele já te deve ter dito, e se não disse, fê-lo no dia em que nos

cruzámos no *stand*, pois certamente lhe perguntaste como nos conhecíamos, que ele foi um dos meus alunos. Um aluno que, por sinal, foi excluído por ir contra tudo o que eu defendo em relação às mulheres…»

«Porquê? Por não as querer usar como brinquedos?»

Por um lado, eu gostava daquela postura desafiadora, porque demonstrava bem que aquilo ainda mexia com ela, mas, por outro, significava que ela o estava a defender. E, de um jeito subentendido, a considerá-lo melhor do que eu.

«Eu nunca aceitaria que fosses submissa ao meu lado. Na cama, sim, na vida, nunca. E pelo que posso ver, é exatamente na vida que ele te torna submissa. Isso sim, é ser uma boneca nas mãos de alguém. Eu entrei na tua vida para livrar o teu coração de um homem que tu admitiste à minha frente ter sido uma má experiência, e a primeira coisa que fazes quando viro costas é correres para os braços dele. Isto vindo de uma pessoa que se dizia apaixonada por mim. Que legitimidade tens para me julgares?»

«Em primeiro lugar, não fui a correr para os braços de ninguém», disse de dedo em riste. «Em segundo, tu não sabes quando voltei para ele, podia ter sido apenas um dia antes de tu me reencontrares. E em terceiro, enquanto tu fizeste o que tinhas a fazer comigo e deste de frosques para o Brasil para fazer muitas amizades coloridas, alguém ficou aqui e preocupou-se comigo!»

Só quando terminou de falar e viu as pessoas a olharem de lado para nós é que se apercebeu que se deixara exaltar e levantara demasiado a voz. A verdade é que aquela observação tinha sido bem-feita, e por momentos senti-me o vilão da história (e talvez fosse), mas, na dúvida, era mais seguro virar o assunto.

«Porque é que voltaste para ele?»

«Porque é que insistes em falar nele?»

«Porque ele está no meio de nós!»

(Aquela frase soou-me muito religiosa.)

«Se está foi porque tu permitiste. Se não tivesses ido embora e se, além de teres ficado, tivesses feito por me merecer, eu teria com certeza ficado contigo, porque era contigo que queria ficar.»

«Isso significa que ficaste com ele porque não podias ficar comigo.

Mas eu já voltei e já podes ficar comigo!»

«Agora é tarde, **Afonso**!», exclamou.

Os olhos da Inês começaram a humedecer e a expressão dela era uma mistura de raiva e mágoa, como se me culpasse por uma decisão que se viu obrigada a tomar e já não podia reverter. Aproximei-me dela e agarrei-lhe no rosto com as duas mãos.

«Tens a certeza de que já é tarde?», perguntei, olhos nos olhos.

Ela desviou o rosto para o lado e para baixo, de modo que eu não conseguisse olhá-la diretamente nos olhos, mas continuei a segurar-lhe no rosto com as mãos por trás do pescoço. Pouco depois, pousou as duas mãos sobre cada um dos meus pulsos e apertou-os. Era a primeira vez que voltávamos a sentir o corpo um do outro nas nossas mãos desde aquela noite no jantar do hotel.

«Ainda não me deste uma verdadeira razão para me andares a procurar», disse ela, quase num murmúrio.

«Procuro-te porque quero que fiques comigo.»

Assim que lhe disse aquilo o rosto dela comprimiu-se, como se fosse uma esponja, e senti uma lágrima (e uma só) correr-me pelas costas da mão. Rodei o rosto dela para mim, mas ela não me conseguia encarar e continuava de olhar no chão.

«Disseste que queres que eu fique contigo. Não disseste que querias ficar comigo. Sabes o que isso significa, não sabes?»

«Significa o mesmo, Inês…»

A Inês afastou as minhas mãos do rosto dela e ergueu os olhos para mim, carregados de lágrimas, mas sem as deixar fugir.

«Não, **Afonso**, não significa! Tu, na verdade, não queres ficar comigo, apenas te faz demasiada confusão que eu tenha outra pessoa. Tens um ego demasiado grande para aceitares que me perdeste, principalmente para um homem como o Henrique. Podes não conseguir ver isso, mas eu vejo. Porque eu sou mulher e reparo até na ordem das palavras das tuas frases.»

«Não tires conclusões dessas baseadas em meras suposições, principalmente quando não são verdade. Eu quero ficar contigo!»

«Para de te enganar, **Afonso**! A ti e a mim. Tu não gostas de mim, não gostas de ninguém além de ti, e aquilo que achas que é gostar é apenas o teu egoísmo a falar.»

«Para de dizer o que é que eu sinto ou deixo de sentir. Eu é que sei! Não ignores o que vivemos juntos, pois não o voltarás a viver, nem com ele nem com mais ninguém. Só comigo!»

«Há coisas mais importantes do que essa *vida loca* cheia de adrenalina e sexo aqui e acolá. Mas, infelizmente, é algo que tu não me consegues dar. Para ti, sou apenas um brinquedo que te roubaram e agora queres reavê-lo para o guardares na prateleira, mas eu não vou deixar.» Ergueu o rosto para o céu, de forma a não deixar escapar as lágrimas. «Já estou atrasada… Importas-te de chamar um *Uber* para te levar ao teu carro?»

Eu queria defender-me de tudo o que ela me acabava de dizer, mas simplesmente não conseguia. Sentia-me bloqueado.

«Não me importo…», anuí, como se as palavras tivessem saído de forma automática, sem consentimento do meu cérebro.

Ela entrou no carro, ligou-o e a seguir abriu o vidro. Eu apercebi-me de que me queria dizer alguma coisa e aproximei-me.

«É esse o único medo que me disseste que tinhas, não é?»

«Qual?»

«O medo de seres trocado.»

Não esperou pela minha resposta e arrancou.

13

Talvez a Inês tivesse razão. Talvez aquilo que me estava a mover fosse um orgulho ferido, não um sentimento verdadeiro por ela. Nunca tinha parado para pensar nisso, mas agora que ela tinha tocado naquele assunto passou a ser um cenário possível. Mas isso levantava outras questões importantes. Como é que eu conseguia saber se era uma coisa ou outra? Independentemente da razão desconhecida que me estivesse a mover, valeria a pena a luta? Seria justo tentar afastá-la de um homem que, segundo o que ela me deu a entender, lhe dava o que eu não conseguia, só porque eu queria que ficasse comigo? Será que eu queria mesmo que ela ficasse comigo ou apenas não queria que ficasse com ele? Aquela conversa tinha virado às avessas todas as minhas ideias. De repente, era como se um manto de pó dentro da minha própria cabeça me tivesse roubado o discernimento. Estaria eu, afinal, naquele momento, a enganar-me, ao pensar que a queria mesmo, ou estive a enganar-me durante os meses anteriores, ao acreditar que não gostava dela? Tudo questões difíceis de responder, principalmente com um conjunto de pessoas a olhar de lado para mim, depois de me terem visto chegar com uma mulher de carro e ela ir embora sozinha. Chamei um *Uber* que me levou até ao meu carro e depois arranquei e fui direto para o meu escritório adiantar trabalho.

Pelo caminho, as imagens e as palavras da Inês iam passando em *loop* na minha cabeça, na esperança de que numa dessas passagens eu visse algo que ainda não tinha visto ou percebido. Pelo menos, uma certeza trazia comigo: eu ainda mexia muito com ela. Tal como trazia a certeza de que ela ainda mexia muito comigo, apesar das desconfianças que aquela conversa despertou em mim.

Não me identificava nada com aquele estado de dúvida que me deixava à deriva e me dava um profundo desconforto, mas se havia pessoa que era boa a deixar-me nesse estado era a Inês.

Assim que entrei no meu gabinete, sentei-me na cadeira em frente ao computador, que estava desligado, pousei o cotovelo sobre o braço da cadeira e apoiei a cabeça na mão. Fiquei momentaneamente a olhar lá

para o exterior e, aos poucos, uma frustração começou a apoderar-se de mim. Sabia que estava tudo estragado. *Tu sabes como pode voltar a ficar tudo bem. Basta desligares.* Olhei para o computador à minha frente, de ecrã apagado, e por instantes senti uma leve inveja dele. Depois, olhei para a porta e lá estava o letreiro com a inscrição que a Verónica mandara gravar e afixar para tapar o buraco. Ainda não a tinha confrontado com isso e pareceu-me a desculpa ideal para não ter de pensar no «caso Inês».

Saí do meu gabinete e fui bater à porta do da Verónica.

«Pode entrar!», respondeu do interior.

Abri a porta e encostei-me à ombreira.

«Vim só dar-te os parabéns pela originalidade.»

«Ooooh, que querido, **Afonso**! Não tens de quê.» Levantou-se, contornou a secretária, encostou-se a ela e cruzou os braços. «Gostaste da frase que escrevi para ti?»

«É elegante e soa bem, contudo, não sei se concordo totalmente com ela. Mas que mensagem me querias transmitir?»

«Apenas aproveitei a oportunidade para dar asas à minha imaginação. Não que eu tivesse necessariamente de te transmitir alguma coisa. Aproveitei para te deixar um lembrete de que, para o bem ou para o mal, nunca deves deixar nada a meio. Tudo merece um fim. Seja ele bom ou não. Pois só assim essa pasta pode ser fechada e guardada na gaveta do “já não há nada a fazer”. Parecendo que não, isso liberta a tua mente. E também te lembra que se queres muito alguma coisa, deves fazer tudo por isso.»

«Tudo, salvo seja. Não pode valer tudo…», alertei.

«Às vezes, para tu teres o que queres, alguém tem de sofrer.»

Eu entendia o que queria dizer, mas pelo olhar dela comecei a desconfiar que havia mais qualquer coisa nas entrelinhas.

«Desenvolve.»

«Por exemplo…» Fez uma pausa. «Quando queres muito uma pessoa, porque te apaixonaste por ela, mas estás ao lado de outra, tens de acabar com uma para ficar com a outra. Porque é a pessoa que tu queres. E muitas pessoas deixam de o fazer porque têm pena de magoar a pessoa com quem estão. Pois, apesar de tudo, continua a ser alguém importante e que não merece sofrer. No entanto, há coisas que

têm mesmo de ser e tu não podes abdicar da tua felicidade só porque alguém terá de sofrer por isso. A vida é assim.»

Ela tinha razão, mas continuava a desconfiar que estava com rodeios. Mas se estava a fazê-lo era porque não queria ir direta ao assunto, e se eu fosse direto ao assunto ela ia fugir. Ou seja, teria de entrar na «dança dos rodeios». Ela tanto se podia estar a referir a ela, e à possibilidade de ter alguém que queria deixar para ficar comigo, ou então a referir-se a mim e a dar-me alguma dica de que eu teria de me afastar de alguém para ficar com ela. Ou, caso ela não estivesse a ponderar uma situação nem a outra, tinha dado apenas um mero exemplo inocente para justificar aquele pensamento.

«Diz-me só uma coisa: essas palavras têm alguma coisa que ver com o que se passou no 815?»

«Não estava a pensar nisso. Aquilo foi o que foi e o que tiver de ser será. Parece redundante, mas é mesmo assim. Não estou preocupada. Até porque, quando digo que tudo merece um fim, seja bom ou mau, refiro-me a tudo aquilo que também merecia um início. Há coisas que têm mesmo de começar, e essas coisas, caso fiquem a meio, têm mesmo de ser levadas até ao fim. Contudo, há muitas coisas que nunca deviam ter começado. E essas, se ficarem a meio, talvez seja o melhor fim que podiam ter. E não estou certa de que aquilo que aconteceu no 815 faça parte dessa lista de coisas que tinham mesmo de começar.»

«Isso significa que fica tudo na mesma. Como se nada tivesse acontecido. É isso?»

«O que tiver de ser será, **Afonso**», limitou-se a responder.

Lancei-lhe um olhar enigmático e decidi despedir-me:

«Bom trabalho, então.»

Virei-me para ir embora, mas ela voltou a falar.

«Pareces mais tranquilo, já resolveste aquele problema?»

«Está tudo igual, a raiva é que me tem dado folga.»

Lançou-me um breve sorriso e regressou à cadeira.

Das três, uma. Ou a Verónica não sabia o que queria, ou sabia o que queria e eu não era uma prioridade, ou então estava a aplicar na perfeição (mesmo sem o saber) o meu mandamento número 64, que diz: dá e tira nas doses certas; nunca só dês, nem nunca só tires. Num momento parecia que queria e no outro fazia-me crer no contrário. O

que, de resto, era uma excelente técnica para atrair um homem. Isso, por um lado, deixava-me tranquilo, porque pensava que talvez fosse melhor assim, mas, por outro, irritava-me, pois ela tinha voltado a demonstrar falta de interesse em mim. Sendo que, dois dias antes, estava a chupar-me com grande vontade. Enquanto tentava decifrar o que a Verónica estaria a pensar e eu a sentir, lembrei-me da conversa que tinha tido com a Inês, pouco antes. E percebi que aquilo que estava a acontecer entre mim e elas as duas talvez não fosse assim tão diferente. Na verdade, eu não queria a Verónica, mas queria que ela me quisesse. Era como se pretendesse tê-la sempre por perto, ao meu alcance, e com vontade de mim, para a agarrar quando me apetecesse, mas, no fundo, sem intenção de o fazer. Estaria eu a fazer o mesmo com a Inês? Quanto mais pensava, mais me perdia nos meus pensamentos e, antes de tirar conclusões erradas, talvez fosse melhor focar-me no trabalho.

Regressei ao gabinete e retomei o trabalho, que insistia em ficar em segundo plano na minha vida, e não propriamente pelos melhores motivos. Tentei abstrair-me do que acontecia à minha volta e concentrar-me dolorosamente no que estava a fazer, mas o meu telemóvel começou a vibrar em cima da secretária e estragou-me o esforço. Era a Diana. Depois da Inês e da Verónica, não tinha, definitivamente, paciência para a Diana. Ela que me perdoasse, mas tinha de recusar a chamada. Pouco depois, voltou a insistir, e se não fosse importante não o teria feito, por isso, atendi.

«Muito ocupado?», disse ela do outro lado.

«Diz logo o que precisas de mim, Diana.»

«Olha, tenho novidades sobre aquele assunto de ontem. Mas hoje vou precisar da tua ajuda. Podes ir ter comigo ao *Costa Coffee*? Tipo… daqui a 30 minutos? É muito importante.»

Mais uma vez, o trabalho ia ficar para depois, porque tinha mais um incêndio para apagar. Soltei um suspiro, agarrei nas minhas coisas e fui ter com ela. Quando lá cheguei, já ela estava com um copo de *cappuccino* vazio à frente.

«Conta-me coisas», disse-lhe, assim que me sentei.

Com os olhos a brilhar de entusiasmo, debruçou-se para a frente, como se não quisesse que ninguém ouvisse, e começou.

«Nem de propósito, esta manhã, eu e esse tal homem de que te falei cruzámo-nos lá na empresa e começámos a falar, assim por acaso, sobre algo que uma colega tinha comentado naquele momento. Palavra puxa palavra, entretanto ele pergunta-me se tenho Facebook e pede-me o nome. Há pouco, mesmo antes de te ter ligado, enviou-me um pedido de amizade. Agora tenho de meter conversa e não sei como o hei de fazer.»

A Diana estava a falar-me com tanta euforia que parecia que lhe tinha acontecido a melhor coisa do mundo.

«Tu chamaste-me apenas para te dizer o que lhe dizer?»

Ela olhou-me com um ar de culpa, julgando-me zangado.

«A primeira conversa é a mais importante. Se digo alguma coisa errada ou se me comporto de uma forma que não devo, estrago logo tudo. Daí precisar que me ajudes. É só nesta, prometo!»

«Tudo bem, eu disse que te ajudava e vou ajudar-te, mas antes disso tenho de te fazer alguns alertas. O primeiro de todos é para parares com essa ansiedade. OK? Quando queres demasiado alguma coisa, sabes o que acontece? Ela afasta-se. Não penses que vem mais depressa. Muito pelo contrário. Essa ansiedade, se não a controlares, vai afastar esse tipo da tua vida. Pareces desesperada e nenhum homem quer uma mulher desesperada. E quando falo em ansiedade, não digo só em demonstrá-la, mas em senti-la. Tens de a evitar. Por isso, descontrai, e o que tiver de ser, vai ser. Este é o ponto um. Ponto dois: se estiveres sempre à espera de ser mal interpretada ou se estiveres constantemente a calcular o que a outra pessoa vai interpretar com as tuas palavras, não vai dar certo. Porque vais pensar em cada palavra e em cada vírgula, e as coisas não vão fluir. Eu, por exemplo, faço-o, mas é algo que já está tão entrosado em mim que, apesar dos cálculos todos que faço, consigo ser natural. E por isso as coisas fluem e eu chego ao meu destino. Como tu não tens tanta prática, o melhor é não pensares muito, seguires um conjunto de padrões e regras, mas dentro desses padrões seres tu mesma o máximo que conseguires. Quando se age de uma forma medrosa, rapidamente se troca o «d» pelo «r». Nós, homens, gostamos de uma mulher que (e isto é só no início) se esteja a foder para o que pensamos ou gostamos. Isto é, que seja genuína. Se ela quer usar determinada expressão ou se não gosta de determinada coisa, tem de

se saber impor. Nós gostamos de dominar, mas gostamos que esse dominar seja um desafio. Pois é esse desafio que nos estimula. Ou seja, tu tens de te saber impor e, ao mesmo tempo, saber o ponto em que te deixas vergar pelo domínio dele. Sabendo, claro, que, no fundo, tu é que controlas a dança. Nunca lhe dês a corda toda, senão ele amarra-te com ela e prende-te. Dá-lhe apenas alguma corda, ou seja, alguma confiança e liberdade, mas mantém-na firme, isto é, impõe a tua vontade e as tuas regras. Este é o segredo. Mas adiante.»

«Raios, **Afonso**! Acho que preciso de ti 24 sobre 24 horas na minha vida. Acabaste de falar tantas coisas importantes e já não me lembro de nada. Estás aqui há cinco minutos e quando fores embora vou sentir-me novamente desamparada e sem saber o que fazer.»

A Diana era uma mulher incrível. Lutadora, sonhadora, meiga, simples, atrevida e um monte de outras coisas boas, no entanto, como toda a gente, tinha algumas limitações, e aquela era uma delas. Esforçava-me para lhe explicar as coisas, mas, no fundo, sabia que só uma ou outra é que, de facto, lhe entravam na cabeça.

«Imagino, mas não tens outro remédio que não seja aproveitares ao máximo os cinco minutos que tiveres comigo. Não vou decidir cada mensagem que lhe vais enviar, até porque seria mau para ti. Ia roubar-te o sabor e as sensações que esta fase da conquista proporciona e seria uma desilusão. Apenas te peço para desfrutares desta viagem e, se correr bem, perfeito, se correr mal, não é o fim do mundo. Agora, dá-me o telemóvel, para ver o Facebook dele.»

Era importante analisar o perfil dele, não só para tentar descobrir algo que pudesse servir de gatilho para uma conversa, como para avaliar a sua personalidade. Vi e analisei por alto um conjunto de fotografias. Tinha fotos em vários países, inclusive países tropicais. Em muitas outras aparecia com alguns amigos, sendo que dois deles apareciam mais frequentemente, dando a entender que teria apenas duas amizades sólidas. Era bem-parecido, charmoso e gostava de frequentar bons espaços. Não me admirava nada que ela se sentisse atraída por aquele perfil de homem. Fiz-lhe mais algumas perguntas sobre o que tinham falado naquele encontro e como tinham falado, e de seguida devolvi-lhe o telemóvel.

«O que lhe digo? Olá? Ou pergunto se está tudo bem?»

«Se quiseres dar um tiro no pé logo na primeira mensagem, sim. Existem milhões de formas de começares a conversa e essa sugestão nunca é a que eu dou, porque é forçada, formal e não tem graça. A melhor estratégia é sempre começares a meio e saltar esses protocolos que matam a conversa mesmo antes de começar. Podias usar para meter conversa qualquer coisa que tenhas visto nas fotos dele, mas isso ia demonstrar que tinhas andado a bisbilhotar as fotos e o objetivo é fazê-lo acreditar que é ele o mais interessado nisto, não tu. Adotares uma postura desafiadora é sempre a melhor estratégia, pois permite que a conversa ganhe velocidade antes de chegarem às questões pessoais. Além disso, torna-a bem mais agradável. É o que eu digo aos meus aspirantes e, neste caso, aplica-se na perfeição no caminho inverso. Assim sendo, a primeira mensagem que lhe vais enviar é só isto: "Não perdeste tempo."»

«Tens a certeza? Mas eu não tenho confiança para isso!»

«E isso é ótimo, porque vai mostrar que te estás a marimbar para o que ele pensa e para os protocolos. Além disso, vai perceber que te estás a meter com ele e, se for um tipo com sentido de humor, que, pelas fotos, parece-me que é, vai entrar na onda. Percebe que o primeiro passo para tudo isto correr bem é não pensares que vai correr mal. Estou certo de que ele não vai desperdiçar a oportunidade de te levar para a cama. Ou seja, ele vai facilmente dar-te conversa. És uma mulher atraente e disponível, e ele é um homem atraente e disponível. O teu desafio nunca será chamar a atenção dele ou despertar o interesse nele. O desafio será mantê-lo.»

Entretanto, ele respondeu e eu acompanhei-a ao longo da conversa, que durou alguns minutos. Pedi-lhe para fechar o *chat* do Facebook e esperar pela mensagem seguinte dele.

«Agora, não vais responder mais.»

«Como assim?», perguntou, muito admirada.

«Não vais responder mais nas próximas horas.»

«Vou ignorá-lo propositadamente, é isso?»

«Exato! Foi ele que te adicionou no Facebook, mas, para todos os efeitos, foste tu que meteste conversa. Se, além desse facto, ele notar que estás muito interessada em manter a conversa, ele pode aperceber-se de que és tu quem quer mais. E isso nunca pode acontecer. Tem de

ser ele a pessoa que corre atrás. Até podes ser tu quem mais quer, mas tens de o fazer acreditar que é ele. A regra é sempre a mesma. Dar e tirar nas doses certas. Dar para o fazer acreditar, tirar para o fazer duvidar. E o teu único desafio é manter este equilíbrio. Entendido?»

(Estava a dizer-lhe aquilo e a lembrar-me da Verónica e de como ela fazia isso tão bem. Só faltava saber se era intencional ou não.)

«Mas quando é que é a melhor altura para lhe responder?»

«Logo à noite, antes de ires dormir, por exemplo. Podes trocar duas ou três mensagens com ele. E voltas a deixar de responder. Assim, ele vai acreditar que tu deixaste de responder porque adormeceste. Mas é apenas uma estratégia para não teres de te despedir e assim terminar a conversa. Se logo à noite falares com ele e te despedires, a conversa oficialmente acaba, e depois, para retomares o diálogo, precisas de uma nova desculpa. E nesta fase inicial, se isso acontecer, vai parecer que tu és o elemento mais interessado. Por isso, não convém. Além disso, o facto de deixares de lhe responder durante umas boas horas vai obrigá-lo a pensar em ti durante esse intervalo, porque, em teoria, ele está à tua espera. E enquanto espera alguém… está a pensar nessa pessoa. Algo que também fica bem é abrires a mensagem e não responderes. Aí, sim, ele fica mesmo a pensar em ti e a remoer-se por o estares a ignorar. No entanto, é preciso teres cuidado ao jogar esta carta. Porque se tu ganhas o hábito de abrir a mensagem e responder mais tarde, um dia, se te zangares com ele e lhe quiseres mostrar que estás zangada, vais deixar de lhe responder, mas ele vai ficar a pensar que, mais tarde ou mais cedo, vais responder, porque já é um hábito teu, e não vai atrás de ti. Que é essa a tua intenção subentendida. Que ele te procure, que se desculpe, que perceba que fez algo de errado. Caso não o faça, acabarias por ser tu a dizer-lhe alguma coisa, o que seria ainda pior, pois iria demonstrar algum tipo de desespero e falta de amor-próprio da tua parte. Resumindo e concluindo: de vez em quando, demoras a responder-lhe, mas sem abrir a mensagem, para ele não pensar que estás sempre disponível para ele. E quando quiseres demonstrar alguma irritação, abres a mensagem e não respondes, para o obrigar a procurar-te.»

«Vou começar a gravar o teu discurso no telemóvel. Juro!»

«Poupava-me algum trabalho, mas o importante é o conceito. E esse

sei que já o entendeste. Não precisas de grandes pormenores, deixa isso para mim, pois é o meu trabalho. Bom! A minha parte está feita, vou-me embora que hoje não estou nos meus dias.»

Puxei a cadeira para trás e ela agarrou-me logo na mão.

«O que se passa?»

Olhei para a mão dela por cima da minha e depois para o rosto da Diana. Olhou-me novamente como se fosse ela a culpada.

«Cansaço», limitei-me a responder.

«Tu não és pessoa de se deixar melindrar pelo cansaço. É muito mais do que isso. Sabes que podes falar comigo. Desabafa!»

Aquelas palavras despertaram em mim uma leve raiva. Soltei a minha mão da dela, ajeitei-me na cadeira e olhei-a seriamente.

«Estou a ajudar-te a conquistar um homem, se agora desabafasse contigo, amanhã provavelmente íamos às compras e eu acabava o dia a pintar-te as unhas. Não somos duas amigas, Diana!»

«Ei! Calma! Não é assim que te vejo. Apenas te queria ajudar, porque também me tens ajudado e gostava de me sentir útil para ti. Para retribuir de alguma forma, sei lá.»

«Não vou desabafar contigo. São problemas meus. E não me interpretes mal, mas são demasiado complexos para ti. Até eu tenho dificuldade em encontrar respostas, por isso…»

«Então procura um profissional que te possa ajudar, tal como eu te pedi para me ajudares.»

«Não exageres, Diana. Não é caso para tanto.»

Disse-lhe aquilo com tão pouca convicção que me denunciei.

«Eu conheço um psicólogo que é fantástico. É o Dr. Alfredo. Mas ele é muito mais do que um psicólogo, é especialista e mestre em várias áreas. Tem uma abordagem muito própria e gosta de ir contra os padrões, mas é uma excelente pessoa. Talvez ele te possa ajudar, já que dizes que é demasiado complexo.»

«Já chega, Diana. Não estou louco!»

Levantei-me e, enquanto arrumava a cadeira, ainda me disse:

«Não sejas orgulhoso nem teimoso, **Afonso**!»

Abanei a cabeça com um sorriso seco, apenas para lhe demonstrar que estava cansado da conversa, mas não propriamente zangado com ela, e fui-me embora. No regresso a casa, claro, vinha a pensar naquela

hipótese. Era muito difícil para uma pessoa como eu admitir que precisava de ajuda, o que por si só era uma facada no meu ego. Mas depois de admitir, vinha a parte de procurar ajuda, que era o materializar daquela realidade que eu tentava renegar. Não tinha gostado da última vez que o tinha feito, quando aceitei experimentar aquela terapia multidimensional, e não tinha paciência para voltar a passar pelo mesmo. No entanto, percebi que não tinha escolha quando entrava pelo portão de minha casa e recebi uma SMS da Diana, que dizia:

«Acabei de te marcar uma consulta amanhã, às 14h00, com o Dr. Alfredo. Depois envio-te a morada. Desculpa, mas tinha de fazer alguma coisa.»

14

«*Dark*! Anda! Temos de ir embora.»

Aproveitei a manhã para dar um passeio com ele no jardim que ficava próximo da minha casa, mas já se estava a aproximar a hora de almoço e precisava de ir embora, tendo em conta que tinha de estar às 14h00 no consultório do Dr. Alfredo, segundo as indicações que a Diana que me tinha dado no dia anterior.

Quando o *Dark* me ouviu a chamar por ele, desde o lado oposto do jardim, levantou a cabeça e ficou a olhar-me. Fiz-lhe sinal com a mão para irmos embora e ele baixou-se e levantou-se como uma mola, demonstrando à distância que não queria ir.

«Já chega, vamos!», gritei da outra ponta do jardim.

Ele deu mais duas corridas ao redor de umas árvores e voltou a parar e a encarar-me, para ver se eu tinha mudado de ideias e o deixava brincar um pouco mais. Eu continuava em pé, a olhar para ele, e voltei a fazer-lhe sinal para vir, mas ele não se mexeu. Decidi então assustá-lo um bocadinho e comecei a ir embora sem ele. De vez em quando olhava para trás, na direção dele, e via que me estava a acompanhar com o olhar, mas mantinha-se firme na sua decisão de não acabar o recreio tão precocemente. Continuei a afastar-me até que meti por uma rua que o impedia de me ver, do ponto onde estava. Aproveitei e escondi-me num beco. Fiquei a espreitar pela esquina, para ver quando é que ele aparecia à entrada da rua, e não foram precisos mais de dez segundos para ele surgir de focinho afiado à minha procura. Olhou para um lado e para o outro, e começou a percorrer a rua na direção que eu tinha tomado, até parar bem do meu lado. Quando olhou para trás e me viu fez uma festa enorme, e eu baixei-me para o abraçar. Pus-lhe a trela e enquanto regressávamos a casa não tinha dúvidas de que ele estava mais feliz por me ter reencontrado do que quando estava a brincar no jardim.

Assim que chegámos, lembrei-me que tinha a tarde cheia de marcações, e uma delas coincidia com a consulta que a Diana me marcara. Peguei no telemóvel e liguei para a Rute.

«Preciso que me desmarque a primeira sessão da tarde, porque tenho uma consulta às 14h00, e pelo menos até às 15hoo estarei indisponível. Quando sair, vou direto para aí! Faz-me esse favor?»

«Claro que sim, doutor, deixe comigo!»

Comecei a preparar o almoço e tirei uns bifes do frigorífico. Mal sentiu o cheiro a carne fresca, o *Dark* apareceu na cozinha e sentou-se muito respeitosamente junto aos meus pés, a olhar para cima. Acompanhava com os olhos cada movimento das minhas mãos, na esperança de que a qualquer momento caísse um pedaço de carne com o qual se pudesse deliciar. Estava com a língua de fora, a salivar de vontade e a lançar-me um olhar de quem jurava ser merecedor de um daqueles bifes saboroso.

«O teu prato é aquele!», disse-lhe, apontando para a taça dele.

Nem sequer olhou e não arredou pé dali enquanto não teve o que queria. Mais uma vez, não lhe consegui resistir, e nesse dia acabámos por almoçar o mesmo.

Quando ia a sair, ele acompanhou-me até à porta, afaguei-lhe o topo da cabeça e, para que não me visse a fechar a porta (ou melhor, para que eu não visse o olhar triste dele enquanto me via a fechar a porta), peguei num osso de brincar, atirei-o para lá do sofá, para que o *Dark* fosse atrás dele, e fui-me embora.

«Então, o que o traz por cá?», perguntou-me o Dr. Alfredo, de perna cruzada e bloco de notas na mão.

Os cabelos grisalhos, os óculos na ponta do nariz, a voz rouca pelo desgaste do tempo, a roupa fora de moda e os livros empilhados uns nos outros em cada pedaço de superfície plana conferiam àquele cenário e àquela personagem um aspeto intelectual. No entanto, eu continuava a sentir-me desconfortável, pois via-me no lugar daqueles que me procuravam a pedir ajuda. Desta vez, era eu quem precisava dela, e não estava certo se eu próprio já teria aceitado essa ideia. Algo que, se ainda não tinha acontecido, convinha que me apressasse, sob o risco de desperdiçar aquele momento e o que ele me podia dar. Tudo aconteceu muito rapidamente. No espaço de 24 horas tinha estado com a Inês, que fez a minha cabeça explodir numa infinidade de dúvidas. Depois, com a Verónica, que, sem saber, cimentou essas mesmas dúvidas. E ainda com a Diana, que, sem eu pedir, me atirou para dentro de um gabinete de um homem de barba branca que, acreditava ela,

tinha as respostas de que eu precisava. Não tive tempo de refletir sobre o que tinha acontecido e só me apercebi disso quando me fez aquela pergunta.

«São vários problemas.»

«Escolha um para começar, senhor **Afonso**.»

Vais falar-lhe de mim agora ou depois? Fiquei em silêncio durante uns segundos, a decidir por onde começar, e ele não tirava os olhos de mim, como se estivesse a avaliar cada movimento meu. Fazia-me uma confusão tremenda e deixava-me ainda mais desconfortável. Mas ir ali e tentar esconder-me era o mesmo que ir a um urologista e não tirar as cuecas.

«Vou começar pelo mais recente…»

«Vamos a isso.»

«É sobre uma mulher.»

«Sim», reagiu, expectante.

Era mais difícil do que eu estava à espera. A partir daquele momento, ia ser mais compreensivo com os meus aspirantes.

«Eu não sei se o que me faz lutar por uma pessoa é amor ou apenas ego e orgulho ferido.»

«Se me diz lutar, presumo que não esteja com essa pessoa neste momento, correto?» Acenei afirmativamente com a cabeça. «Mas porque é que isso o preocupa? Está a afetá-lo a si ou a ela?»

«É assim… Eu quero uma pessoa, mas ela está com outra. E, - aparentemente, está bem. Apesar disso, eu acredito que é de mim que ela gosta. Mas ela não acredita que eu gosto dela. E eu não sei se tem razão. Ou seja, não sei se o que estou a fazer é correto. Não sei se o que me move é uma força positiva. Não sei se devo lutar por alguém que está bem ao lado de outra para depois perceber que, afinal, já não a quero. E que o que eu realmente não queria era que ela fosse de outro. Neste momento, quero-a, e já lho disse, mas ela parece preferir ficar com outra pessoa. Apesar do que sente por mim. Mas, como disse no início, não sei se devo lutar por alguém sem saber se aquilo que me move são as melhores razões. Até porque ela já sofreu o suficiente por minha causa e não quero aumentar a lista. Resumindo: não sei o que sinto, por isso não sei o que devo fazer ou se devo fazer alguma coisa.»

«Se não fizer nada e simplesmente se afastar, como é que se vai

sentir? Ou melhor, como é que acha que se vai sentir?»

«Vou sentir-me mal, porque vou ficar na dúvida. Sem saber se seria bom, caso tentasse e conseguisse ficar com ela.»

«Em que situação acha que se sentiria pior: tentar e ficar frustrado por não conseguir, ou não tentar e ficar na dúvida?»

«Não tentar», respondi de imediato.

Fez uma pausa para escrever qualquer coisa no bloco.

«Muito bem. Apresentei-lhe duas hipóteses. Uma fixa e uma variável. A fixa é não tentar e ficar frustrado. A variável é tentar e dar ou não certo. Uma vez que a primeira opção é, como me disse, a pior, então é automaticamente excluída. Ou seja, terá de tentar de qualquer das maneiras. Uma vez que terá de tentar de qualquer das maneiras, convém que a maneira que escolher seja a melhor. Mas para que seja a melhor é preciso ter certezas sobre o que o move. Senão vai andar à toa e nunca chegará a lado nenhum.» Falava como se o pouco que lhe tinha dito tivesse sido o suficiente para desvendar o mistério que me levara ali. «Uma das suas dúvidas é saber se essa luta é correta e outra é saber qual a força motriz dessa mesma luta. Vamos então por partes.» Voltou a parar e a fazer o que parecia ser um esquema no bloco de notas. «Imaginemos que luta por essa pessoa e, de facto, consegue que ela se separe do companheiro e fique consigo. A sua preocupação é que, caso não dê certo consigo, essa sua luta tenha sido injusta, porque a tirou de uma relação onde supostamente ela estava bem para a meter numa relação que não deu em nada por mero egoísmo seu. Mas, repare, vendo as coisas de uma forma pragmática, se essa mulher deixar o companheiro para ficar consigo, é porque, no fundo, não gosta dele. Correto? Depois, pode ou não dar certo o relacionamento consigo, mas pelo menos assim ela viu-se livre de uma relação que, garantidamente, não a iria satisfazer. Mas só o fez porque o **Afonso** entrou na vida dela. Se calhar, se não o tivesse feito, ela nunca teria tido coragem para sair daquela relação que não a preenchia. Pois pode acreditar em mim: quando uma mulher está bem, quando ama e é amada na mesma medida, pode cair o mundo que ela não vai deixar a pessoa com quem está.»

Aquilo, de facto, não era uma novidade para mim, mas quando já começava a acreditar que estava a perder o meu tempo a ouvir algo que

eu já sabia, e ainda por cima vindo de alguém que pensava estar a dar-me uma novidade, fiz um esforço para me manter tranquilo e ouvir o que tinha para me dizer. Afinal, era muito mais velho do que eu, certamente muito mais experiente, e todo o cenário intelectual que o rodeava não podia ser só decoração.

Ele estava a falar para mim e, ao mesmo tempo, eu estava a lembrar-me de tudo o que tinha acontecido entre mim e a Inês meses antes, e comecei a fazer um paralelo com a situação que vivia por aqueles dias. Naquele tempo, também eu entrei na vida dela para a livrar de um sentimento que a ligava a alguém que lhe fazia mal. E, no fundo, era a ideia de estar a fazer uma boa ação (eu sei que não é elegante o termo neste contexto, mas não quero saber) que me movia. A diferença é que, naquele momento, e depois de tudo o que tinha descoberto desde o meu regresso, eu já não podia garantir que aquilo que me movia era mais altruísmo do que egoísmo, como da primeira vez.

«Depois, a sua preocupação é a dúvida se vai dar certo ou não, caso, de facto, a consiga conquistar», continuou o Dr. Alfredo. «Ora, essa dúvida existe sempre. Por isso, nem se coloca. Temos é de avaliar as probabilidades. Mas para calcular a probabilidade de dar certo ou não existe uma infinidade de variáveis e condicionantes. Contudo, há uma que pesa mais do que qualquer outra, que é o sentimento que têm um pelo outro. E toda esta conversa, com observações mais ou menos óbvias, foi para chegar exatamente a este ponto, pois é daqui que nascem todas as suas dúvidas. Vamos partir do princípio de que a…» Passou-me a palavra para completar a frase.

«Inês.»

«De que a Inês ama o **Afonso**, já que me disse que acredita que ela gosta de si. O que acaba por ser um pouco irónico, tendo em conta que sabe melhor o que ela sente por si do que aquilo que sente por ela.» Deu uma fugaz gargalhada gutural. *Ele está a gozar contigo ou é impressão minha?* «Assim sendo, permita-me fazer-lhe apenas duas questões. Consegue imaginar-se velhinho e feliz ao lado dessa mulher?»

A minha primeira reação foi responder-lhe que não. Mas quando comecei a imaginar o que ele me tinha pedido, senti-me estranhamente bem e uma sensação boa percorreu-me o corpo.

«Sim… consigo», repliquei.

«Ótimo! Não sei se tem filhos, mas independentemente disso, diga-me o seguinte: consegue imaginar filhos seus parecidos com essa mulher? Agrada-lhe essa visão?»

Se não fosse ele a expor-me aquele cenário, duvido que alguma vez me lembrasse de o colocar. O que é certo é que, quando visualizei a imagem que me pediu, gostei da sensação.

«Sim… de facto, sim», confessei.

«Não é com duas perguntas que vou perceber o que o **Afonso** sente, mas, no fundo, isto é como quando vai a um médico. Ele faz-lhe algumas perguntas, diz-lhe os sintomas e ele revela o que eventualmente tem e prescreve-lhe um medicamento.»

«Certo! Sendo assim, qual é o meu diagnóstico?»

«Eu diria que aquilo que o move não é apenas ego ou orgulho ferido, como me disse. O ego é uma força momentânea. O ego quer já e agora, seja a que custo for. E depois de ter já quer outra coisa. E depois outra e depois outra, e assim por diante. Uma coisa é certa, só poderá ter a certeza quando eventualmente conquistar essa mulher e ver como se sente com ela. Mas aquilo que eu acho é que, de facto, não é apenas isso que o move, porque o “para sempre” é uma hipótese para si. Ainda que não se tenha apercebido disso, o seu inconsciente pondera, ou seja, tem planos para algo duradouro com essa pessoa. Disse-me que a queria. Portanto, o desejo está aí. Disse-me também que não quer que ela sofra mais, deu-me a entender que quer o melhor para ela. Portanto, a amizade também está aí. Juntando tudo à possibilidade de envelhecer ao lado dela e de construir uma família com ela. Por tudo isto, não faz sentido, no meu ponto de vista, que a força que o esteja a mover seja o ego.»

«Se não é o ego, isso significa que…»

«Que é amor. O **Afonso** ama essa mulher.»

Fiquei a olhar para ele sem abrir a boca e julgo ter exagerado no tempo em que o fiz, pois a perceção que tive foi de ter paralisado quando me disse aquilo. Não por não acreditar nele ou por me ter apanhado completamente desprevenido, mas antes por ser alguém a dizê-lo por mim, como se eu fosse demasiado cobarde para dar a mim mesmo aquela notícia. Talvez mais do que a revelação era o uso daquela palavra: amor. «O **Afonso** ama essa mulher», disse ele. Eu já

tinha percebido que gostava dela mais do que eu pensava, já tinha percebido que a queria e que precisava dela, mas aquela frase tinha um peso gigantesco. Um dia antes, a Inês fez-me duvidar de tudo aquilo que eu sentia, e a verdade é que, no fundo, eu queria acreditar nela. Gostava que ela tivesse razão e, afinal, aquilo que me movia era apenas orgulho ferido por a ter perdido para outro. Isso tirava-me um peso dos ombros, pois, além de ser algo passageiro, eu não sentiria a pressão de lutar por ela. Aquela conversa com o Dr. Alfredo voltava, assim, a repor tudo como estava antes do último encontro com a Inês, mas desta vez com o peso extra da palavra «amor». Fazia muito tempo que eu me conseguia desviar daquela flecha, mas tinha sido finalmente apanhado.

«Estou tramado, não estou?», perguntei ao doutor.

Tramado? Estás é bem fodido, isso sim.

«Nada disso!» Tirou os óculos, fechou o bloco e pousou-o sobre uma pilha de livros ao seu lado. «Não é caso para ficar assustado. Queria saber se o que estava a fazer era correto. Pois aí tem a resposta que procura. É correto, sim. Ainda mais, tendo em conta que acredita que ela sente o mesmo por si. Sim, ela tem outra pessoa e pode parecer que não é ético. Mas, mais uma vez, sejamos pragmáticos. Se a ama, se o homem com quem ela está a ama e se ela ama o **Afonso**, significa que, neste momento, duas pessoas estão tristes e uma está contente. Se a conquistar e ficarem juntos, vão passar a estar duas pessoas contentes e só uma triste. É ou não é melhor assim?»

Sem dúvida que a forma de pensar daquele homem era muito lúcida e irreverente, o que ia de encontro à minha personalidade. Estava com ele havia apenas alguns minutos, mas só pela forma como via e expunha a realidade já tinha conquistado o meu respeito.

«Digo que estou tramado porque sei que já fiz demasiada porcaria para ela acreditar e confiar em mim…»

«Diga-me uma coisa: por acaso, já lhe disse tudo o que queria com ela e sentia por ela? Por acaso, já lhe disse que quer ficar com ela para sempre, que quer que ela seja a mãe dos seus filhos… que a ama? Já lhe disse que a ama, **Afonso**? São só palavras, mas sabe como são importantes para uma mulher, não sabe?»

«Não… não disse nada disso», admiti, desviando o olhar.

«Imagine que a Inês, neste momento, está a atravessar um charco,

saltando de pedra em pedra. Ela precisa de saber que a pedra onde o **Afonso** está é segura para poder saltar para lá. Caso contrário, vai ficar onde está, pois tem aquilo de que precisa: segurança e estabilidade. Além disso, precisa de se sentir verdadeiramente desejada. Estou certo de que ela quer saltar para a sua pedra, ela apenas não vê condições para o fazer. Não porque, de facto, não as tenha, mas porque o **Afonso** nunca as demonstrou de verdade.»

Quando acabou de me dizer aquilo, lembrei-me do que a Inês me disse pouco antes de ir embora, no dia anterior: «Há coisas mais importantes do que essa *vida loca* cheia de adrenalina e sexo aqui e acolá. Mas, infelizmente, é algo que tu não me consegues dar.»

«O que devo fazer?

«Acho que deve começar por lhe dizer tudo o que ainda não lhe disse e que não é mentira nenhuma. Precisamente aquilo que percebeu aqui hoje: que a ama. E também acho que o deve fazer o mais depressa possível. E quando digo o mais depressa possível… digo hoje mesmo.»

Depois de sair do consultório, e enquanto caminhava em direção ao meu carro, uma energia positiva começou a apoderar-se de mim. Apesar do peso que aquele homem me tinha colocado nos ombros, ao confirmar-me com as palavras certas aquilo que eu sentia e tinha de fazer, também me tinha dado uma força extra gigantesca. Estava realmente motivado para fazer aquilo que também eu acreditava ser o que tinha de ser feito. Iria apenas dizer-lhe tudo o que tinha para dizer e o que acontecesse depois disso seria o que tivesse de ser. O que é certo é que nada aconteceria enquanto não tomasse aquele passo de abrir o livro com ela. Procurá-la, dizer-lhe que a queria ou convencê-la de que o Henrique não era a pessoa certa para ela ou que eu era melhor do que ele, definitivamente, não era o caminho. E não ia esperar nem mais um dia, até porque, como a Filipa me tinha dito na conversa que tive com ela no seu apartamento, a cada dia que passava seria mais difícil recuperar a Inês.

Não deixava de ser irónico ter estado no dia anterior a ajudar uma mulher a ficar com o homem que ela queria e, um dia depois, estar eu a pedir ajuda a um homem para, de certa forma, me ajudar a ficar com a mulher que eu queria. De facto, até podia ser bom a entender as mulheres ou ajudar os homens a fazê-lo, mas quando se tratava de mim,

não conseguia ver nada. Senti-me um pouco envergonhado de mim próprio, mas não havia tempo para essas sensações, pois tinha uma mulher para reconquistar.

Entrei no carro, liguei-o, cheio de entusiasmo, e só depois me lembrei que não tinha ideia de como é que eu ia fazer aquilo, pois não tinha jeito nenhum para declarações e romantismos (a minha praia era mais sedução e sexo). Olhei para o relógio, de modo a verificar o tempo que tinha, e, com tanta euforia, esqueci-me das sessões que estavam marcadas para essa tarde. Já cancelara uma e tinha de cancelar as restantes para me focar no meu principal objetivo. Peguei no telemóvel e liguei novamente para a Rute.

«Cancele-me toda as sessões. Hoje não vou trabalhar!»

«Mas passa-se alguma coisa, doutor?»

«Não! Faça-me apenas esse favor.»

Desliguei a chamada e senti-me completamente perdido. Queria tanto ter uma boa ideia para ir ter com a Inês e dizer-lhe tudo o que tinha para dizer que os meus pensamentos congelaram. Podia simplesmente chegar lá e começar a falar, mas não era elegante e muito menos romântico. Algo que aquele momento exigia, mas esse departamento estava encerrado havia tanto tempo no meu coração que já nem das chaves sabia. Tinha, mais uma vez, de pedir ajuda, mas só tinha duas hipóteses: a Filipa ou a Diana. A Filipa conhecia bem a Inês, mas não era uma pessoa de romantismos. Por outro lado, a Diana não conhecia a Inês, mas era uma mulher mais experiente e, certamente, muito mais romântica. Optei pela Diana.

«A consulta ajudou?», questionou, assim que atendeu.

«Ajudou e é precisamente por isso que agora preciso da tua ajuda. Preciso de dizer a uma mulher que a amo, mas não me lembro sequer da última vez que o disse e estou um pouco enferrujado. Alguma sugestão de como o posso fazer?»

«Talvez flores. Todas gostamos de flores. Eu adoro!»

«Isso é um pouco piroso e antiquado.»

«Não sejas parvo, **Afonso**! Flores nunca saem de moda. Compra-lhe flores, tenho a certeza de que ela vai adorar.»

Decidi aceitar a sugestão dela, ainda assim, não estava satisfeito. Precisava de algo mais original, até que me lembrei do *Dark*. Pensei em

escrever um bilhete a pedir à Inês que viesse cá fora ou encontrar-me num ponto em concreto, depois pendurava-o ao pescoço do *Dark* e arranjava forma de ele entrar no *stand* e entregar-lho. Tinha a certeza de que ela o iria reconhecer imediatamente. Depois, ela iria ter comigo e eu estaria à espera com um ramo de flores. Era muito cinematográfico e tinha muito pouco que ver comigo, mas ela certamente ia gostar e, se ela gostava, eu também gostava. Procurei no telemóvel a florista mais próxima e fui até lá.

«Que flores vai querer?», perguntou-me a florista.

«Não faço ideia. Nunca ofereci flores.»

«É para a sua namorada, esposa…»

«Futura namorada, esposa e mãe dos meus filhos», atirei com uma convicção me deixou surpreendido.

A senhora soltou um largo sorriso e disse:

«Então, vamos optar pelas rosas. Quantas quer?»

«As suficientes para ficar bonito.»

Fiquei a observá-la enquanto preparava o buquê com todo o cuidado e pus-me a pensar no que ela estaria a imaginar, tendo em conta as respostas que lhe tinha dado. Mas a verdade é que estava mais preocupado em perceber como ia convencer o *Dark* a entrar num lugar desconhecido sem que ninguém me visse, sob o risco de deitar por terra todo o plano. E havia tantas variáveis que podiam correr mal que, por momentos, desanimei. Mas depois a florista passou-me o ramo de flores para a mão e estava tão bonito que eu recuperei imediatamente o ânimo. Agradeci, paguei e saí.

Deixei o ramo de flores no carro, para mexer o menos possível nele, e subi até ao meu apartamento. Passei por trás do sofá e vislumbrei o *Dark* deitado sobre ele, a dormir. Fui até aos armários e procurei por uma fita para amarrar o bilhete, e encontrei um cordel que era perfeito para aquilo que pretendia. Depois, peguei num cartão, fiz dois furos, atei o cordel, com largura suficiente para passar pela cabeça do *Dark*, e escrevi uma curta mensagem. Findo o trabalho manual, peguei no cartão e fui ter com o *Dark*.

«Acorda, companheiro. Vou precisar da tua…»

O meu corpo gelou dos pés à cabeça quando percebi o que tinha acontecido. O *Dark* não estava a dormir, estava morto.

15

«Não! Não! Não! Não pode ser!» Peguei no focinho dele, abanei-lhe a cabeça e a língua escapou-lhe da boca, frouxa e mortiça como todo o seu corpo. «Acorda, companheiro! Acorda!»

Pus-lhe a mão no peito, tentando sentir algum sinal de vida, mas tudo o que senti foi o frio que a morte lhe deixou. O meu melhor amigo jazia sobre o sofá. Deitado, solene, como se mesmo depois da vida se sentisse realizado por ter cumprido a sua grande missão: fazer-me companhia. Patas estendidas, pelo caído, corpo apagado, escapavam-lhe da carne os últimos fios de calor. Já não estava ali o *Dark*, o meu amigo de quatro patas, pelo escuro tal qual a noite por cima e por baixo alvo como o luar. Morria também sobre aquele sofá um pedaço de mim. Um pedaço que ainda brilhava. Um pedaço de luar que agora se apagava e dava lugar a mais uma porção da escuridão que já tanto me cobria.

«Não é possível! Não pode ser!», gritei.

De joelhos no chão, debrucei-me sobre ele, deitei o meu rosto sobre as suas costelas e deixei que as lágrimas jorrassem sobre o seu corpo, a cada segundo mais frio, a cada segundo mais rijo, enquanto lhe afagava uma última vez o pelo. Chorei como já não me lembrava de chorar, mas deixei-me desfazer em lágrimas, pois se havia alguém que as merecia era ele, e se havia alguém que precisava era eu. As lembranças começaram a bombardear-me a cabeça e eram o combustível do meu choro. As imagens dos nossos passeios e corridas juntos. As imagens dele à minha espera, quando chegava a casa, sentado a três passos da porta, ou do olhar triste quando me via ir embora eram como facadas no meu peito. E só de saber que, horas antes, tínhamos dado um belo passeio pelo jardim. E comido um belo bife. E que eu lhe tinha atirado a bola para lá do sofá, apenas para que ele não me visse partir, e, afinal, fui eu que não o vi partir. Morreu sem que eu me conseguisse despedir e aquela ideia foi como abrir a porta dos fundos das minhas piores lembranças e deixar fugir de lá os meus fantasmas. Sentei-me no chão e encostei-me ao sofá, com o corpo do *Dark* bem atrás da minha cabeça,

e fiquei a observar os brinquedos dele no chão, por baixo da janela, e as lágrimas voltaram a descer-me pelo rosto por saber que nunca mais ele ia brincar com eles. Nunca mais ele me ia azucrinar a cabeça com a chiadeira daqueles bonecos de plástico e bateu-me uma saudade profunda de quando ele me chateava.

Virei-me novamente para ele e, ao virar-me, vislumbrei um papel dobrado e pousado sobre o sofá. Peguei, abri-o e nele estava escrito, a letras maiúsculas: «EU AVISEI». Com o choque do que acabara de acontecer, nem sequer tinha pensado nas razões, mas ali tinha a reposta. *Aquele filho da puta matou-te o cão!*

Ergui-me muito lentamente e vi o corpo do *Dark* mergulhar na minha sombra. O sangue começou a ferver-me de dentro para fora e a raiva estalou-me no rosto. Passei a mão na cara, para limpar as lágrimas, e comecei a olhar em redor. O Henrique ou alguém a mando dele tinha entrado em minha casa, naquele intervalo de tempo em que saí para ir à consulta, mas como? Comecei a percorrer as janelas do meu apartamento, mas estavam todas trancadas. Além disso, com as janelas àquela altura era praticamente impossível alguém ter entrado dessa forma. Foi então que reparei na porta de entrada. Só podia ter sido por aí. Corri para lá, abri-a, mas não havia sinais de arrombamento. Estava imaculada. Eu sabia que a tinha deixado trancada, mas não era impossível de abrir através de algumas técnicas mais sofisticadas. Contudo, seriam sempre técnicas que exigiam algum tempo, o que seria suficiente para ser visto por algum vizinho, uma vez que estavam sempre a entrar e a sair pessoas dos restantes apartamentos do piso e toda a gente sabia que ali dentro só viviam um homem e o seu cão. O meu primeiro impulso foi começar a bater à porta dos vizinhos e perguntar-lhes se tinham visto alguém ou ouvido algum barulho estranho, mas as respostas foram todas negativas. Percebi que só o poderiam ter feito com uma chave, mas eu só tinha uma e andara sempre comigo. *Como? Como? Como?*, repetia de forma descontrolada dentro da minha cabeça. *O melhor é perguntar-lhe pessoalmente,* ***Afonso****.* Cerrei os punhos de raiva, agarrei nas chaves, meti-me no carro e acelerei até ao *stand*.

Ia completamente cego de raiva. *Rebenta aquele gajo quando o apanhares!* Na minha cabeça, só passava a cara dele associada a

cenários de destruição. Não queria saber de mais nada naquele momento que não fosse vingar-me dele e do que ele me tinha feito. Ele não tinha matado um cão, tinha matado o meu melhor amigo. Tinha-me roubado a corda que usava frequentemente para poder emergir das profundezas de mim e poder respirar um pouco. Tudo isso por causa da Inês, outra das cordas que ele me havia roubado, mas dessa não o podia culpar. Só a mim.

Parei o carro mesmo em frente à entrada do *stand*. Afinal, não tinha nada a esconder. Tinha uma sede enorme de o ver e uma ainda maior que me visse, para que percebesse com quem se tinha metido. Saí do carro e, de passo acelerado, dirigi-me para a entrada. Assim que cheguei ao interior do *stand*, os meus olhos detetaram imediatamente o corpo dele, debruçado sobre a secretária enquanto falava com a colega da Inês, que estava sentada em frente a um computador. *Estamos com sorte, o patrãozinho está na loja.* Na minha visão, era como se à volta dele estivesse um círculo vermelho que o marcava como um alvo. Comecei a caminhar na sua direção e ele ergueu-se e olhou para mim, ao aperceber-se do vulto que se aproximava. Assim que o nosso olhar se cruzou, corri para ele e agarrei-lhe no pescoço. *Destrói esse gajo,* ***Afonso****. Ele matou-te o cão!* A rapariga que estava sentada à secretária deu um grito e saltou para trás. Empurrei-o contra a parede e disse-lhe por entre dentes, num rugido:

«Normalmente, faço isto às mulheres quando as vou foder, agora faço-te a ti para te foder também, mas de uma forma muito menos agradável!»

Cerrei o punho e atingi-lhe o rosto com toda a força. Ele empurrou-me para trás e fez-me cair de costas sobre a secretária, atirando ao chão pastas e canetas, com o computador a salvar-se por pouco. Quando se preparava para me agarrar, dei-lhe uma patada no peito e atirei-o contra a parede. O espalhafato chamou a atenção de várias pessoas que estavam a ver os carros, que de imediato acorreram ao local. Quando estava já de punho cerrado para lhe acertar outro soco, fui agarrado por trás por um homem que me afastou do Henrique.

«O que estás a fazer? Estás louco?!», bradou a Inês.

«Ele matou o meu cão!», vociferei, de olhos colados nele.

«O *Dark* morreu?»

«Morreu porque ele o matou!»

O Henrique ajeitou a roupa e aproximou-se dela.

«Não acredites nele, Inês. Isso é mentira.»

«O que estás a dizer é muito grave, **Afonso**!», disse a Inês.

O homem continuava a agarrar-me à volta da barriga.

«Largue-me!», berrei-lhe, mas não acatou o pedido. «Ele ameaçou fazer mal ao *Dark*, se te voltasse a procurar, e ele hoje apareceu morto na minha própria casa, com um bilhete que dizia “eu avisei”, logo um dia depois de termos estado juntos!»

«Estiveste com ele ontem?», perguntou o Henrique.

«Não é nada disso que estás a pensar, Victor, depois falamos», retorquiu a Inês, atrapalhada.

«Não faças de conta que não sabes!», gritei na direção dele. «Ele controla tudo o que tu fazes», avisei a Inês. «Ele fazia o mesmo comigo! Vigiava cada um dos meus passos. Sabia onde eu morava, sabia as minhas rotinas. Mas não penses que é ele que faz isso. Ele paga a pessoas para o fazerem. Estás ao lado de um psicopata!»

«Para com essas acusações, **Afonso**! Quem entrou aqui a bater nas pessoas e a partir tudo foste tu. Quem é o psicopata, afinal?»

Fez-se silêncio e ficámos a olhar um para o outro de olhos arregalados. Naquele segundo, apoderou-se de mim uma desilusão que acabou por servir de contrapeso à minha fúria.

«Não acreditas em mim, pois não? Vais ficar do lado dele?»

Ela desviou o rosto e não me respondeu.

«Se não saíres imediatamente daqui vou chamar a polícia», alertou o Henrique.

Aquelas palavras voltaram a fazer-me ferver o sangue e tentei ir outra vez para cima dele, mas fui impedido pelo homem que me estava a segurar, que começou a puxar-me para fora.

«Vou vingar-me de ti! Vou destruir a tua vida!», gritei.

Só me soltou quando já estava cá fora e suficientemente afastado da entrada, não fosse eu voltar a correr para dentro, mas já não tinha mais nada a fazer lá. Entrei no carro e fiquei a olhar para o ramo de flores que continuava pousado sobre o assento. *Manda-o pela janela, ela não merece nada!* Abri o vidro, agarrei no ramo, atirei-o pela janela para o recinto do *stand* e arranquei.

Os meus olhos começaram a humedecer e a minha visão começou a ficar baça. Todos os sentimentos negativos que eu conseguia distinguir estavam a consumir-me a alma como um bando de ratazanas esfomeadas. Queria acalmar-me, mas percebi que já tinha perdido o controlo sobre mim. Tinha vontade de chorar de tristeza e simultaneamente gritar de raiva, mas nem um nem outro saíam e eu estava prestes a explodir, sem saber o que podia acontecer. As minhas mãos começaram a tremer e as buzinas dos carros, que por pouco não destruía com o meu por estar a cometer infração atrás de infração, iam entoando como sirenes na minha cabeça. *Não dá mais, **Afonso**! Isto é demasiado para ti, vais ter de desligar*.

Mais uma vez, eu estava a entrar num remoinho descontrolado e não havia muitas soluções que me pudessem valer naquela hora. Tinha (novamente) de arrefecer urgentemente o meu corpo. Parei numa bomba de gasolina, voltei a carregar a mala do carro com sacos de gelo e fiz-me à estrada. *Isso não é suficiente! Não vais passar a vida a recorrer a soluções alternativas. Faz o que tem de ser feito!* Estava a conduzir de uma forma tão imprudente que só podia ter um anjo da guarda a desviar os carros e as pessoas para que eu não tivesse um acidente ou fizesse com que alguém tivesse. Talvez fosse o meu irmão. Gostava de acreditar que sim. Contudo, e ao mesmo tempo, um demónio puxava-me para as profundezas e fazia-me querer cair na tentação de desligar os meus sentimentos e deixá-lo tomar conta de mim. *Se continuares a conduzir assim não vais ter anjo da guarda que te salve! Faz o que eu te digo.*

«Não… não… não», comecei a dizer para mim mesmo.

Continuava a acelerar como se a escuridão viesse atrás de mim e eu tentasse fugir dela. Até que apanhei um sinal vermelho e uma enorme fila de carros à minha frente que me impedia de o passar. Olhei em redor, à procura de alternativas para fugir ao trânsito, mas tudo o que eu vi foi um caminho de terra que, certamente, levava a lado nenhum. *Mete por aí! Desiste dessa luta estúpida que só te está a fazer sofrer e mete por esse atalho.*

«Merda!», bradei, de unhas cravadas no volante.

Fiz marcha-atrás para me afastar do carro da frente e meti pelo caminho de terra. *Isso! Isso! Lindo menino!* Acelerei pelo caminho

adiante, ignorando os buracos, e fui dar a um descampado. Parei o carro e fiquei agarrado ao volante durante alguns segundos, a ofegar como se tivesse feito todo aquele percurso a correr. Saí do carro, abri a mala, agarrei num dos sacos de gelo, rasguei-o e deixei cair o gelo no chão. Peguei noutro e fiz o mesmo, e assim sucessivamente até esvaziar a mala. Quando rasguei o último soltei um grito tão intenso que os pássaros das árvores em volta levantaram voo. Deixei-me cair de joelhos no chão e chorei compulsivamente. Quando senti não ter mais lágrimas para chorar, respirei fundo, ergui a cabeça e senti um alívio imenso, como se tudo aquilo que tinha acontecido não fosse mais real. *Obrigado, **Afonso**. Fizeste o que tinhas a fazer. Agora… somos um só.*

16

Todos temos um lado de que não gostamos e que preferíamos que ninguém conhecesse, mas do qual, por vezes, precisamos para nos defendermos. Os animais têm garras, dentes, caudas, carapaças, venenos e uma infinidade de habilidades que usam para se defenderem. Se os avaliarmos apenas pelos mecanismos de defesa vamos julgá-los extremamente agressivos quando, na verdade, só os usam quando necessários e é apenas o instinto de sobrevivência deles em ação. Também nós, humanos, os temos, ainda que adaptados à nossa natureza. Se formos demasiado mansos, viramos presas, se formos demasiado moles, somos esmagados, e se formos demasiado bons… somos comidos. (E não da melhor forma.) O mundo é uma selva e só sobrevivem aqueles que se adaptam e se defendem melhor. Todos queremos viver muito e bem, se não for muito, que pelo menos seja bem, mas poucos são aqueles que desenvolvem os mecanismos de defesa necessários para o conseguirem nesta selva. Contudo, os predadores não estão apenas lá fora, na rua, no trabalho, na vizinhança, nas família e grupos de amigos contaminados. Por vezes (para não dizer sempre), o nosso maior predador (inimigo) somos nós. Mas esse predador só será um inimigo se não tivermos a capacidade de o tornarmos nosso aliado. A raiva, por exemplo, pode fazer-nos construir 20 portas ou destruir 20 portas. Dependerá sempre da forma como a usarmos. E convém que seja a nosso favor, não contra nós. Também eu, talvez mais do que qualquer ser humano comum, tenho um predador a habitar dentro de mim. Podia continuar a reprimi-lo, e ser uma presa dele e do mundo, ou podia juntar-me a ele e sermos um só predador.

Se queres vencer os maus, tens de ser pior do que eles. Mas se queres ser mau porque precisas de sobreviver (entenda-se não sofrer), não podes sentir, não te podes importar, não pode existir empatia ou compaixão. Desligas, apagas as luzes e deixas o instinto dominar o teu corpo e mente. Qual a vantagem? Não choras. Qual a desvantagem? Também não sorris. Uma escolha implica sempre uma perda. E eu, para ter paz, tinha de ir à guerra. Mas para ir à guerra precisava de armas. E

«ele» era a melhor que eu tinha.

Tinha passado uma semana desde a morte do *Dark* e dos acontecimentos subsequentes. Uma semana que resolvi passar no meu *canto*, onde fui depositar o corpo do *Dark*. Era como um retiro para mim, mas já sem os efeitos de outrora. Não fui para lá para me recompor e fazer um *refill energético* ou uma *calibração,* já era demasiado tarde para isso. Fui, isso sim, entregar o meu amigo à terra e preparar-me para os tempos que aí vinham. Fiquei incontactável e desapareci do mapa, mas era tempo de voltar.

Era já noite quando regressava ao Porto e passava por Vila do Conde. Decidi fazer um pequeno desvio até ao *Arcus*. Havia muito que já lá não ia e parecia-me o momento ideal. Quando cheguei, vi um grupo de velhotes a um canto a jogar às cartas, e o funcionário, o mesmo homem de rosto enrugado e bigode farfalhudo, limpava uma mesa no canto oposto. Sentei-me ao balcão, pousei os braços sobre ele e aguardei. Pouco depois, o homem chegou e perguntou-me o que ia tomar.

«Uma cerveja. De garrafa. Bem fresca», pedi, mas assim que o homem virou costas, acrescentei: «E dois copos.»

Quando ouviu aquilo, parou e voltou-se para mim.

«É o homem dos dois copos. Estava tão distraído que nem me tinha apercebido. Também há muito tempo que já não vem aqui, com certeza.»

«Já tenho alcunha, é?», perguntei, com um ar pouco amigável.

«Não, não! Não me leve a mal, é só porque eu não sei o seu nome e lembro-me de ter pensado algumas vezes no porquê desse seu hábito de beber uma cerveja em dois copos.»

«Eu entendo a curiosidade…»

Ele ficou a olhar para mim, na expectativa que eu desenvolvesse, e eu fiquei a olhar para ele, à espera da minha cerveja.

«Vou já buscar!», atirou ao perceber a dica.

O homem baixou-se para abrir a arca frigorífica, pegou numa cerveja, pousou-a sobre o balcão e tirou a cápsula. Quando se virou para pegar nos copos, atirei:

«O meu irmão.»

«Como?», perguntou por cima do ombro.

«É por causa do meu irmão. Eu costumava vir aqui com ele, quando

regressávamos a casa, e bebíamos sempre uma cerveja juntos. Era das poucas coisas que o faziam sentir-se bem naquela fase da sua vida. E esta é uma forma de eu o ter mais… presente.»

«O que é que aconteceu ao seu irmão?»

«Morreu.»

«E pode saber-se…» Interrompeu o que ia dizer ao ver-me abanar a cabeça negativamente. «É melhor eu ir buscar os copos.»

«É para si.»

«A cerveja? Não bebo em serviço, obrigado!»

«Bebe, sim! Ninguém está a ver. Traga antes um uísque para mim. Duplo. Com uma pedra de gelo.»

Anuiu e começou a preparar o meu novo pedido. Quando terminou, entregou-me o copo e eu levantei-o para que brindássemos. Em dois tragos, bebi o uísque e ele ficou de olhos arregalados. Peguei na carteira, puxei uma nota e pousei-a sobre o balcão.

«Fique com o troco.»

Levantei-me para ir embora, mas ele interrompeu-me.

«Muito obrigado, mas não me chegou a dizer o seu nome. Gostava de saber como o tratar, quando voltar cá.»

«Não será preciso. Não voltarei.»

Levantei a mão ao senhor e abandonei o *Arcus*. O ardor que sentia pela minha garganta abaixo dava-me uma sensação reconfortante e que há muito não me lembrava ter. No entanto, sabia que tinha de me apressar a chegar a casa, pois não tardaria muito até que o uísque duplo, bebido em dois tragos, fizesse efeito num corpo desabituado àqueles volumes de álcool.

Estacionei o carro, pus a mochila às costas e subi até ao quinto piso. Quando me preparava para meter a chave na fechadura, apercebi-me do silêncio que vinha do lado do dentro. Não havia ganidos nem unhas a arranhar o chão e a porta, devido a uma euforia canina à espera do melhor momento do dia: o reencontro com o dono. Apesar de o silêncio ser demasiado esclarecedor, enquanto não abrisse a porta era como se aquela ideia não passasse de uma hipótese.

Abri finalmente a porta e a escuridão que me aguardava do lado de dentro era bastante elucidativa da morte que habitava aquele espaço. Tal como aquela que habitava o meu peito. Por isso, quando entrei e

mergulhei na escuridão, senti-me em casa.

Sentei-me no sofá e olhei o papel com a inscrição «EU AVISEI», que continuava pousado sobre ele, intacto, e senti que tinha de o eliminar. Peguei nele e, ao erguer-me, o uísque que tinha bebido minutos antes disse «olá». Estava zonzo, mas gostava da sensação. Afinal, tinha sido por ela que tinha optado por aquela bebida.

Caminhei até à cozinha, peguei num isqueiro e peguei fogo ao papel. Deixei-o cair na pia e fiquei a observar o fogo a consumi-lo até ao fim. Depois, abri a torneira e a água tratou de destruir o que restava dele. O papel já estava, só faltava o autor.

Voltei à sala e, pela primeira vez nessa semana, liguei o meu telemóvel. Parecia que estava a ter uma convulsão com tantas notificações e mensagens a entrar. Tinha chamadas e mensagens da Diana, da Filipa, do Miguel, da Rute e de mais uma infinidade de gente que o meu cérebro já não tinha condições de processar. Abri a mensagem da Filipa e, sem me dar ao trabalho de ver o que ela me tinha enviado (também não era difícil de perceber), respondi:

«Que negócios escuros são esses que o Henrique tem?»

Já não consegui esperar por uma resposta. Caí de costas no sofá e apaguei.

17

«… já tinha tudo preparado. Tinha as flores no carro, o cartão estava escrito e ia só chamar o *Dark*, quando percebi que ele estava morto. Perdi a cabeça e fui ter com ele. Andámos ao murro, embora tenham sido poucos segundos, porque veio logo um senhor agarrar-me. A Inês estava lá e viu. Eu disse-lhe tudo. Que tinha sido ele, mas ela não pareceu acreditar e ainda se virou contra mim, por eu ter feito aquele espalhafato todo. Depois, simplesmente precisei de estar longe de tudo e desligar-me do mundo por uns dias. E foi por isso que não respondi», expliquei ao Miguel e à Filipa, sob a luz ténue dos candeeiros do *Bonaparte*.

Ficaram durante algum tempo a olhar para mim, de olhos arregalados e mão na boca, sem saberem se haviam de demonstrar raiva do Henrique e da Inês ou pena de mim. Notava-se que o Miguel ainda estava baralhado por ficar a conhecer toda a história de uma só vez, já a Filipa foi mais expressiva e comprimiu os lábios enquanto batia freneticamente com as unhas na mesa que nos separava.

«Então e agora, o que vais fazer?», perguntou o Miguel.

«Vou destruir a vida dele. Ele tirou-me tudo aquilo de que eu mais gostava. Apenas vou retribuir o carinho.»

«Não tirou tudo, **Afonso**. Tu ainda nos tens.» A Filipa deu uma cotovelada ao Miguel. «Au! Pronto, pronto! Já percebi o que quiseste dizer. Mas como é que está a pensar fazer isso?»

«Com uma pequena ajuda da Filipa», repliquei, rodando a cabeça na direção dela. «Aliás, é precisamente por isso que estamos a ter esta conversa. Tens algo para me contar, não tens?»

«Não é melhor teres um pouco de calma? Estás a agir de cabeça quente. Não estou a gostar desse discurso», advertiu a Filipa.

«De cabeça quente agi há uma semana. Agora, muito pelo contrário, estou a agir com perfeita consciência.»

«O que só piora tudo, **Afonso**! Assim, não te digo nada!»

Bati com a mão na mesa e eles saltaram para trás com o susto.

«Não vou ficar parado enquanto ele faz o que quer e bem lhe apetece,

estás a perceber? Aquele tipo tem um ego maior do que o meu. Quando me conheceu, deu-se uma guerra de egos e ele começou a ver-me como um alvo a abater. Tudo piorou quando descobriu que eu andava precisamente com a ex dele. Foi uma facada muito grande. É claro que não ia desperdiçar a oportunidade de se aproximar dela quando eu me fui embora, para ele próprio sentir que ainda não tinha sido esquecido por ela e, dessa forma, curar a ferida que eu lhe tinha aberto. Talvez um pouco como aquilo que me aconteceu quando soube que ela tinha voltado para ele. Sabes o que isso significa?»

«Significa que vocês estão a usar a Inês como uma espécie de prémio que serve como um penso para as feridas dos vossos egos?», perguntou o Miguel, com a inocência de uma criança de dez anos.

A Filipa lançou-me um olhar de quem concordava com ele e eu devolvi com um olhar de quem não discordava por completo.

«Sei agora que aquilo que me movia era o amor, não o ego.»

«E neste momento é a vingança», atirou a Filipa.

«Também vais ficar do lado dele, é?», repliquei.

«Não estou do lado dele. Estou do lado dela! E o que me parece é que isto está a tornar-se numa guerra entre vocês, e é ela quem vai levar com os estilhaços. E com isso não posso compactuar, por muito que não suporte aquele tipo. Eu sei que ela gosta de ti, sei que tu gostas dela, mas eu só vou estar do teu lado se sentir que tu estás a lutar por ela, não apenas contra ele.»

«Em primeiro lugar, estou a lutar por mim. E mesmo para chegar a ela tenho de me ver livre dele. Não me podes culpar por não conseguir esquecer ou ignorar aquilo que ele me fez, certo? Qualquer pessoa seria movida por uma pontinha de vingança num momento destes. Mas, tal como não me podes culpar por isso, também não podes negar que ele é um obstáculo. E nada daquilo que eu quero e que tu queres se vai concretizar enquanto não tratar do “dossiê Victor Henrique”. Além disso, não lhe vou fazer mal nenhum. Quer dizer… nenhum mal físico. Isso já eu fiz há uma semana e não é a minha zona de conforto. Apenas preciso de ter algumas armas contra ele, de forma a anular um pouco o seu poder e ter mais margem de manobra e segurança. Não se esqueçam de que ele matou o meu cão. Um tipo que faz isto é capaz de muito mais. Com ou sem a Inês, preciso de me defender dele. A questão é:

posso ou não contar com a vossa ajuda?»

Olharam um para o outro e o Miguel encolheu os ombros, demonstrando que não estava nele o peso da decisão. Já a Filipa estava visivelmente mais preocupada e, depois de intercalar o olhar várias vezes entre mim e o Miguel, baixou os olhos e disse:

«O que queres saber sobre ele?»

«Fala-me desses negócios escuros que disseste que ele tinha.»

«Não tenho a certeza se ele está metido em alguma coisa ilegal, mas antigamente a Inês falava muito de um clube noturno que, acredito, está associado a ele.»

«Como é que se chama?»

«*Valkiria*, com k, acho que é assim o nome.»

Peguei no telemóvel e procurei no *Google Maps*.

«Encontrei. É em Gaia. Vou lá agora.»

«E o que é que vais lá fazer?», interrogou a Filipa.

«Vou só estudar o ambiente. Relaxa.»

«Queres que vá contigo?», ofereceu-se o Miguel.

«Talvez vá precisar da tua ajuda, mas não será hoje.»

Abandonei o *Bonaparte* e dirigi-me para o *Valkiria*. O clube noturno tinha um estacionamento grande, mas praticamente vazio, o que era perfeitamente normal, tendo em conta que era um dia de semana. Isso dava-me a indicação de que lá dentro estaria pouca gente, mas não podia jurar que isso seria bom para mim, uma vez que chamaria mais a atenção. De qualquer forma, não ia deixar de entrar por causa disso. Subi uma escadaria e dei de caras com o porteiro. Um homem franzino, sem um dedo mindinho, que se apressou a arrancar um cartão do bloco. Quando me entregou o cartão, o nosso olhar cruzou-se e, ainda que tenha sido um milésimo de segundo, deu para perceber que o meu rosto não lhe era desconhecido. Naturalmente, não lhe ia perguntar se me conhecia de algum lado, até porque eu nunca tinha ido ali e presumi que me tivesse confundido com outra pessoa. Entrei e, tal como previa, estava pouca gente, sendo que a maioria eram mulheres e, com toda a certeza, não eram clientes habituais, mas sim funcionárias… especiais.

Ao balcão, o *barman* preparava uma bebida qualquer. Aproximei-me e pedi uma cerveja. Peguei nela e dirigi-me para um dos sofás que ficava numa zona pouco iluminada atrás de uma coluna. Dali poderia observar

mais e ser observado menos. No entanto, não demorou muito até que uma das mulheres se aproximou de mim e se sentou ao meu lado, de perna cruzada.

«A primeira vez por aqui?», perguntou-me.

Minissaia, grande decote, lábios garridos e um aspeto claro de mulher experiente. Fiquei momentaneamente a olhar para ela, a estudar a melhor forma de tirar dela o que pretendia, e respondi.

«Sim… Como é que isto funciona?»

«Como assim? »

«O que estás aqui a fazer? Porque vieste ter comigo?»

«Então… para falar um bocado. Isto está um pouco parado.»

Dei um gole na cerveja e depois rodei ligeiramente para ela.

«Ouve, não tempo para isto, diz lá o que queres.»

«Ei! Relaxa!» Olhou-me como se a tivesse ofendido. «Só queria conversar um pouco porque te achei interessante. E se, por acaso, me quiseres pagar uma bebida… melhor ainda.»

«Imagino que as tuas bebidas sejam muito mais caras do que as minhas, correto?»

«Sim, mas a minha companhia também vale muito a pena.»

Já imaginava o método de funcionamento daquele bar. Um conjunto de mulheres atraentes eram contratadas para conversarem com os clientes e fazê-los pagarem-lhes bebidas, sendo que as bebidas delas eram muito mais caras. Desde 50 euros por um uísque até uns 500, se decidisse abrir uma garrafa de champanhe. Depois, metade era para elas e metade para a casa. A cada 15 ou 30 minutos elas pediam outra. Se o cliente pagasse, elas continuavam, caso contrário, partiam para outro. Tudo isto para os fazer crer que, no fim, ia haver sexo, mas depois inventavam uma desculpa qualquer e eles ficavam a ver navios.

Reparei que junto ao balcão estava outra mulher, aparentemente mais jovem, a mexer no telemóvel. Parecia ser novata e, por isso, mais fácil de manipular. A que estava junto a mim sabia certamente muito mais do que aquela que eu observava, mas também teria consciência do que é que, de tudo aquilo que sabia, não me podia contar. Se queremos deitar uma ponte abaixo temos de perceber qual o pilar mais fraco, e eu sentia que já o tinha detetado.

«Aquela é tua colega?», interroguei, olhando na direção dela.

«É, sim, porquê? Preferes ela, é?»

«Na verdade, prefiro estar sozinho.»

«Ninguém vem para um bar destes para estar sozinho.»

Encarei-a seriamente, dei mais um trago na cerveja e recostei-me no sofá a olhar em volta. Ela percebeu a dica, levantou-se e afastou-se. Esperei algum tempo e comecei a olhar para a miúda do balcão de forma intercalada, até que o nosso olhar se cruzasse. Quando finalmente reparou em mim, fiz-lhe sinal com o dedo para que se aproximasse. Ela olhou em redor, na dúvida se seria mesmo ela quem eu estava a chamar, e assim que lhe dei a confirmação, com um abanar de cabeça, veio ter comigo.

«Pareces nova aqui. Estou certo ou é só impressão?»

«Tu também pareces. Estou certa ou é só impressão?»

«É a minha primeira vez. E tu?»

«Quarta ou quinta…»

«Como te chamas?»

«Cláudia.»

«Como é que eu sei que é o teu nome verdadeiro?»

«Tens de confiar. E tu, como te chamas?»

«**Afonso**.»

«E como é que eu sei…»

Interrompi-a com um encolher de ombros, dando a entender que a minha resposta era a mesma que ela me tinha dado. Depois, dei asas à conversa, como se estivesse genuinamente interessado em saber da vida dela, até que me fez a pergunta da praxe.

«Pagas-me uma bebida?»

«Claro! A que tu quiseres.»

Ao dar-lhe aquela liberdade ela iria optar por uma bebida mais cara, mas não tão cara ao ponto de me desincentivar a pagar-lhe mais bebidas, pois era esse o desejo dela. Por outro lado, interessava-me conquistar a sua confiança e também sabia que se era uma bebida mais cara, à partida teria mais álcool. E uma boa dose de álcool associada a uma pontinha de confiança que pudesse sentir por mim, aliada à ingenuidade dela, era a receita ideal para sacar informação. E era para isso que eu ali estava.

Continuei a conversa sempre em torno dela, para a fazer acreditar

que era o meu objetivo e que estava interessadíssimo em levá-la para a cama (e até gostava, ela era realmente bonita e interessante, mas o meu propósito era outro).

«Não és só nova aqui no *Valkiria*», disse-lhe. «Mas também no mundo. Nem 20 anos deves ter…»

«Faço 21 este mês. Sei que tenho ar de princesinha, mas já vivi muitas coisas e considero-me uma mulher experiente.»

Aquela deixa foi como uma injeção de adrenalina que fez o sangue afluir para o meu pau. Mas não podia perder o foco e ofereci-me para lhe pagar outra bebida, antes de mudar de assunto.

«Quem é ele?», questionei, apontando para o *barman*.

«Porquê a curiosidade?»

«Estou a vê-lo a dar indicações para as tuas colegas. E está de costas muito direitas. Não parece um simples funcionário.»

«És bom observador. E, de facto, não é apenas um funcionário. É precisamente o *boss*. Quer dizer… um dos.»

«Isso quer dizer que há, pelo menos, mais um.»

«Exato. Que eu saiba, são dois, mas nunca vi o outro. Aliás, só conheço a alcunha dele, que é como o pessoal daqui o trata.»

«Alcunha? Que alcunha? Se calhar, até o conheço», perguntei com uma entoação desinteressada.

«Tratam-no por… *Padrinho*. Não me perguntes porquê.»

Fiquei a saber o mesmo, pois continuava sem a confirmação de que o Henrique era um dos sócios daquele espaço, mas a probabilidade era demasiado elevada para não continuar aquela conversa com o pressuposto de que essa hipótese não seria verdade. No entanto, também não podia continuar a fazer-lhe perguntas sobre os patrões, sob risco de ir longe de mais e já não poder voltar atrás.

Além de não saber se havia ligação entre o Henrique e aquele espaço, também não sabia se havia alguma coisa de ilegal ali. Ou seja, a possibilidade de estar a perder o meu tempo era, por isso, muito grande. Voltei a focar a conversa nela e em mim durante mais um pouco, novamente para fingir que não era só para saber do patrão que eu estava a falar com ela, e despedi-me. Paguei e dirigi-me para a saída.

O porteiro, que estava sentado num banco à entrada, viu-me a aproximar e apressou-se a abrir a porta. Recolheu o meu cartão,

agradeceu a visita, mas notei que não olhou para mim quando o fez. Desci a escadaria e, enquanto caminhava em direção ao meu carro, um automóvel estacionado do outro lado do parque chamou a minha atenção. Aproximei-me para o ver melhor e as minhas desconfianças confirmaram-se: era o mesmo *Opel Corsa* cinzento-escuro que me seguira meses antes, a mando do Henrique. Aquele simples carro acabava de atar um monte de pontas soltas na minha cabeça. Não havia dúvidas da ligação do Henrique àquele espaço e não havia dúvidas de que, naquele momento, ele já sabia que eu tinha estado no clube noturno dele. Pois aquele carro só poderia ser do porteiro que me reconheceu assim que me viu. Ou não tivesse ele acompanhado cada passo meu várias vezes. Nada mais era do que um pau-mandado do Henrique. E os «olhos atentos» que ele me disse que tinha por aí, aquando do nosso último encontro antes da partida para o Brasil, eram precisamente os últimos que me tinham visto.

Com aquela descoberta urgia a necessidade de estudar cuidadosamente o passo seguinte. Que passava por aquele porteiro. Sabia que não podia simplesmente ir ter com ele e confrontá-lo, pois isso seria dar um tiro no pé. Eles já sabiam que eu tinha estado no *Valkiria*, mas não me interessava que eles soubessem que eu tinha consciência disso. Por isso, fiz de conta que não sabia de nada, entrei no meu carro e preparei-me para saber mais coisas que eles desconheciam que eu sabia.

Saí do recinto do clube noturno e estacionei na rua de acesso, atrás de outro carro, para reduzir a probabilidade de ser visto. Se, quando entrei, já estava pouca gente, quando saí não faltava muito para fechar. Ainda assim, esperei quase duas horas até ver o carro que me interessava ver a sair do recinto. Era o *Corsa* cinzento-escuro, e agora era a minha vez de o seguir. Uma vingança justa, diria. Esperei que virasse a primeira esquina, para que não me visse a arrancar, e depois acelerei para não o perder de vista.

Segui-o até o que parecia ser um bairro social e, quando me apercebi de que estaria perto de chegar a casa, parei o carro e limitei-me a acompanhá-lo com os olhos. Vi-o a estacionar e a entrar em casa e naquele momento, contra todas as expectativas, só um nome me ocorreu: Tito. Ia voltar a precisar dos serviços dele.

18

Após uma semana sem aparecer no escritório, tinha muitas sessões em atraso, por isso era de prever muito trabalho nos dias seguintes. Mas pelo menos já tinha a minha cabeça mais aliviada. Não tinha mais preocupações, apenas missões. Fosse com os meus aspirantes em cada um dos seus problemas, com a Diana, que queria conquistar o seu homem de sonho, ou mesmo com o casal Henrique e Inês (estavam demasiado interligados um ao outro para os poder encarar de forma independente). Todos aqueles casos tinham sido convertidos em meras etapas na minha cabeça, que naquele momento os interpretava com uma visão limpa de emoção, anulando, assim, uma variável que me impedia de ser racional.

As luzes tinham-se apagado. Eu mesmo fiz questão de as desligar para que fosse sempre noite dentro de mim. E a noite é sempre igual. Enquanto é noite, é sempre noite. O dia não. O dia tem fases. Tem sombras que mudam a cada segundo. Tal como uma vida com emoções que podem mudar de um momento para outro, alterando a nossa perceção das coisas e, consequentemente, as nossas decisões. As emoções tornam-nos incoerentes e, de facto, não há nada mais humano do que a emoção e a sua cara-metade —a incoerência. E quando nos atrevemos a desligar a emoção, desligamos a humanidade que existe em nós.

Depois da minha descoberta recente sobre o porteiro bisbilhoteiro do Henrique tive de «contratar» o Tito para mais um serviço, já que ele parecia disponível para ganhar uns extras e tinha a vantagem de não fazer muitas perguntas. Pedi-lhe para controlar a rotina diária daquela família, anotar horas e locais habituais, recolher nomes e fazer alguns registos fotográficos. Acreditava que seria material que me daria muito jeito na hora de voltar ao *Valkiria*. Mas também sabia que ia levar alguns dias até ter a informação que queria, por isso, era tempo de ir tratando de outros assuntos.

Lembrei-me das muitas chamadas e mensagens pendentes da Diana, a que ainda não tinha tido vontade de devolver, e aproveitei o facto de o

meu último aspirante desse dia estar a demorar a chegar para arrumar esse tema.

«Sentiste a minha falta?», perguntei-lhe assim que atendeu.

«Caramba, **Afonso**! Que mania de desapareceres e não avisares ninguém. Qualquer dia, acontece-te alguma coisa de verdade e eu vou pensar que apenas tiraste uns dias para ti.»

«Diana, Diana… nós sabemos que essa tua preocupação pela minha ausência não é por mim, mas por ti, por não te ter ajudado estes dias. Diz lá, quais foram os avanços que tiveste.»

«Mas tu estás parvo? Claro que é por ti. Por ti e por mim.»

«Estou à espera e não tenho muito tempo.»

«Está bem, está bem! Tenho falado quase todos os dias com o Carlos, o tal que tu sabes, e ele perguntou-me se no próximo fim de semana eu poderia jantar com ele. E eu disse-lhe que sim. Mas o fim de semana está aí à porta e não sei como vai ser. E se ele quiser mais alguma coisa? Será que devo, será que não?»

«Estou a ver. Então, vais fazer o seguinte: quando ele voltar a tocar no assunto para confirmar se podes, tu vais inventar uma desculpa qualquer e vais dizer que não podes.»

«Mas eu já lhe disse que sim. E por acaso quero muito.»

«Então engole essa vontade! Não podes aceitar esse convite de jeito nenhum. É o primeiro. O primeiro nunca se aceita. Ele não pode acreditar que é uma prioridade para ti. Diz que não podes porque… sei lá… tens de arrumar a casa. Qualquer coisa insignificante. Isso vai deixá-lo a bater mal, porque falas com ele quase todos os dias, mas na hora de estares com ele acabas por colocar algo insignificante acima dele. Ele tem de se esforçar um pouco mais. Em momentos destes tens de ser racional, não podes estragar tudo só porque queres muito que aconteça.»

«E se ele desistir? E se não me voltar a convidar? Depois vou arrepender-me de ter desperdiçado esta oportunidade.»

«Mete uma coisa nessa cabeça. Se esse gajo desistir à primeira tentativa, tu não te vais arrepender, vais é agradecer, porque assim escapas logo de um tipo que, na verdade, não te queria assim tanto. E quanto mais depressa te livrares de pessoas que não te querem da mesma forma que tu, melhor. Estás a…» Bateram à porta. «Tenho de ir.

Faz o que te digo. Depois falamos.»

Desliguei a chamada e disse para entrar. Era o Paulo, o meu aspirante que se queixava de ser a mulher das relações. Cumprimentei-o e sentámo-nos para conversar.

«Então? Esse *chip* já mudou? Sentes-te mais **Afonso**?»

«Para ser sincero… nem por isso. Quer dizer, quando saio daqui, vou cheio de confiança, mas dois dias depois já desapareceu tudo e volto a ser um homem inseguro.»

«Paulo, vou explicar-te uma coisa. Quando me procuras com a intenção de seres um **Afonso** e, por consequência, tudo o que está inerente a isso, não podes estar à procura de fórmulas mágicas que te vão tornar um homem perfeito aos olhos de qualquer mulher. Ou seja, as tuas fraquezas não vão deixar de existir. Ou achas que eu sou assim tão perfeito que não tenho pontos fracos?»

«Sim, eu acredito e entendo o ponto de vista, mas talvez os meus pontos fracos sejam tão fracos que encobrem os fortes. E são coisas que já estão tão enraizadas em mim que não mudam.»

«Se nem sequer te consegues mudar, vais mudar o quê para teres e seres quem queres ser? Vais mudar o mundo? Não podes! Só te podes mudar a ti. Mas quando tu mudas, estás automaticamente a mudar o mundo em teu redor! E tu tens um poder enorme sobre ti e, consequentemente, sobre a realidade que te rodeia. A tua insegurança não vai deixar de existir. Os teus medos vão continuar lá. E toda a gente os tem. Nem que seja um. Mas têm. E se dizem que não, estão a mentir. A questão é: o que vais fazer com eles? Alguns deixam-se dominar por esses medos e inseguranças, outros decidem dominá-los. Eu não sou mais seguro do que tu, eu sei é dominar as minhas inseguranças melhor do que tu para que elas não atrapalhem as minhas intenções. Noto que a centelha está dentro de ti, mas tens dificuldade em mantê-la acesa. A tua única dificuldade é dar-lhe continuidade para que os resultados comecem a aparecer e comeces verdadeiramente a acreditar nisso.»

«Já começo a duvidar disso. Acho que sou um cordeiro a tentar passar por lobo e não posso negar a minha natureza.»

«Então, podes sair.»

Levantei-me e preparei-me para arrumar as minhas coisas.

«O quê? Não percebi», perguntou, intrigado.

«Sai pela puta daquela porta e não apareças mais aqui!», respondi-lhe, desta vez com um tom de voz agressivo.

«Mas o que é que eu disse de errado?!»

Aproximei-me, agarrei-o pelos colarinhos e encostei-o contra o armário, cerrando os dentes diante do rosto dele.

«Ouve lá, tu achas que isto é algum consultório de autoajuda? Não me estás a pagar para eu te dizer coisas bonitas, ou estás? Não me estás a pagar para ser eu a acreditar por ti. Se és o primeiro a não acreditar em ti, então não estás a aqui a fazer nada. Ouviste bem? Podes sair.»

Soltei-o e virei-lhe as costas.

«Tens razão, tens razão. Talvez eu só quisesse ouvir uma palavra de incentivo. Mas, de facto, ninguém tem de a dizer a não ser eu. Peço desculpa, mas não quero desistir.»

Passei a mão na barba e virei-me para ele.

«Foste criado por quem, Paulo?»

«O que é que queres saber exatamente?»

«Com quem é que vivias em tua casa, quando eras criança e adolescente, com quem cresceste no teu meio familiar?»

«A minha mãe divorciou-se quando eu ainda era muito novo, por isso durante toda a adolescência vivi com a minha mãe e uma irmã mais velha que, entretanto, casou e saiu de casa.»

«Claro, claro! Tal como eu previa.»

Comecei a caminhar de um lado para o outro à frente dele, com uma mão na cintura e outra no queixo, enquanto pensava.

«Isso quer dizer alguma coisa?», perguntou-me.

«Tudo aponta que absorveste demasiada da energia feminina com que foste criado e educado. Não é regra geral, mas no teu caso particular parece-me que não foste capaz de evitar e isso roubou-te alguma postura masculina. Dá um grito.»

«O quê?»

«Dá um grito, porra! Não entendes português?»

Ele soltou um berro que mais parecia o ganido de um cão. E ficou a olhar-me de lado, à espera da minha aprovação. Como é óbvio, não a teve, e eu voltei a agarrá-lo pelos colarinhos.

«Estás a gozar comigo, Paulinho? Eu pedi-te a porcaria de um grito,

não um ganido de um cão quando é calcado. Grita!»

Ele voltou a gritar, desta vez mais alto, e eu voltei a apertá-lo.

«Isto não é um concurso para ver quem grita mais alto, porque se fosse para isso eu apertava-te os tomates e o teu grito ouvia-se na China. Estás a entender?! Eu quero que esse grito venha daqui!» Bati-lhe duas vezes no peito. «Grita, cabrão!» Ele voltou a gritar e, dessa vez, já se notava mais profundidade. «Outra vez!», insisti, com o meu rosto quase colado ao dele. Ele voltou a gritar. «Tu não és a porcaria de cordeiro nenhum, tu és a porra de um lobo que foi criado no meio dos cordeiros e agora pensa que é um! Grita!» Ele gritou e eu já começava a sentir a catarse a ganhar forma na sua voz e expressão facial. «Esta é a tua natureza e nunca te atrevas a dizer que não. Sê a porra de um homem, que é aquilo que tu nasceste para ser, e sempre que caíres na tentação de duvidar um bocadinho que seja do que eu acabei de te dizer solta um destes gritos para te voltares a lembrar que és um homem. Tu és um lobo. Grita!»

Ele soltou um último rugido vindo da alma, fazendo vibrar as paredes do meu gabinete, e tinha a certeza de que uma transformação dentro dele acabara de acontecer. Libertei-lhe os colarinhos e fui abrir a porta para que saísse.

«Na próxima sessão, vou pôr-te à prova e, se tu falhares, acabou-se a formação para ti. Por isso, aproveita bem os próximos dias para tomares consciência da tua verdadeira natureza!»

Fiz-lhe sinal para que abandonasse o meu gabinete, fechei a porta e deixei-me estar em pé, a fazer uma introspeção. Olhei para as minhas mãos e não estavam a tremer. Pus uma delas encostada ao peito, de forma a sentir o bater do coração, e também não o notei alterado. Estava estranhamente calmo. Assustadoramente calmo. Tinha acabado de ter um ataque de raiva com o meu aspirante, mas não tinha sido uma raiva emotiva, fora, isso sim, uma raiva instintiva. Bateram-me à porta e abri para ver quem era.

«O que queres, Verónica?»

«Entender a gritaria que se passou aqui. Não dava para entender se era um parto, um assassinato ou um exorcismo. Credo!»

«Um pouco dos três, talvez. Estava a fazer o meu trabalho.»

«Está bem, **Afonso**, mas há mais pessoas que querem fazer o seu

trabalho e não podem, se houver sempre gritos aqui.»

«Foi uma exceção!», exclamei. «Mas se estiveres muito incomodada e quiseres que eu saia, é amanhã mesmo!»

«Calma! Também não é caso para tanto. Não sei o que se passou, mas estás muito irritado. O que é que se passou?»

«Não se passou nada, Verónica. Mete-te na tua vida.»

«Mas posso ajudar-te de alguma forma?»

«Não, não podes. Podes ajudar deixando-me em paz.»

Ela arregalou os olhos e, sem dizer mais nada, afastou-se. Bati a porta e assim que a bati lembrei-me de que talvez ela me pudesse ser útil naquele dia. Voltei a abrir a porta e chamei pela Verónica, que parou a meio do corredor a olhar para mim.

«E se jantássemos juntos hoje?»

Ela cruzou os braços, demonstrando que estava zangada comigo, mas ao mesmo tempo queria tanto quanto eu.

«Pode ser… mas onde?»

«Em tua casa», atirei.

19

O dia já estava no fim, por isso foi só o tempo de a Verónica e eu arrumarmos as nossas coisas e seguirmos viagem até casa dela. Cada um foi no seu carro e eu limitei-me a segui-la. Morava num condomínio fechado em Campanhã, e se por fora já dava para perceber que era uma casa de luxo, quando ela me abriu a porta para entrar pude ter a certeza. Era uma boa casa, mas ao mesmo tempo inexplicavelmente grande para uma pessoa só.

«Apanhaste-me desprevenida», disse, assim que pousou as coisas dela sobre a mesa da sala. «Não ligues à bagunça. Vou à cozinha ver o que tenho para preparar o jantar.»

«Fica tranquila, só preciso de ir à casa de banho. Onde é?»

«Ah, claro! É fácil, é mesmo ao fundo do corredor.»

A Verónica apressou-se para a cozinha e eu segui as indicações dela em direção à casa de banho.

Não percebi o porquê de ela se ter referido à bagunça, talvez por modéstia, pois a casa estava imaculada. Obsessivamente limpa. Quando fiz o que tinha a fazer na casa de banho e me preparava para ir ter com a Verónica à cozinha, uma porta entreaberta chamou a minha atenção. (Uma porta entreaberta chama sempre a atenção, até do menos curioso.) Espreitei para o fundo do corredor, para confirmar que ela não estava por perto, e empurrei a porta para trás. Acendi as luzes e deu-se uma faísca no meu cérebro com o que vi: era um quarto de criança. O que não fazia muito sentido, pois a Verónica não tinha filhos. Pelo menos que eu soubesse. Mas nada melhor do que lhe perguntar, e foi a primeira coisa que fiz assim que entrei na cozinha:

«Não pude deixar de reparar, até porque estava a porta aberta, que tens um quarto de criança. Porquê?»

«Ah! Isso… Entendo a admiração. É porque o meu sobrinho pequenino costuma passar cá uns dias, de vez em quando. Ia perguntar-te agora mesmo se bebias vinho.»

«Sim, tinto, se tiveres.»

Foi uma resposta pronta, mas não suficientemente convincente. Podia

estar a mentir. E se havia alguém capaz de o fazer na perfeição era ela, mas naquela noite a minha prioridade era só uma.

Encostei-me ao balcão e à minha frente vi a Verónica esticar-se para alcançar uma porta de um armário onde estaria o vinho. Eu podia tê-la ajudado, mas não quis. Aquela imagem estava a ser deliciosa. O rabo dela empinado e o fundo das costas descoberto, depois de a blusa lhe ter subido com o movimento, eram como um mimo para o meu pau, que parecia querer sair-me das calças para também poder desfrutar daquela imagem. Aos poucos, crescia em mim uma certeza de que a ia despedaçar com ele nessa noite.

«Preparo umas entradas?», perguntei.

«Mas não sei o que tenho, confirma no frigorífico, por favor.»

Abri o frigorífico e saltou-me à vista uma embalagem de queijo feta. Depois, olhei em redor e vi sobre o balcão uns tomates a chamarem por mim, e já sabia o que ia fazer.

«Tens tostas?»

«Primeira porta da direita para a esquerda.»

Fui buscar as tostas, estendi algumas sobre uma tábua no balcão, passei um fio de azeite sobre elas, pus o queijo por cima, depois duas lâminas de tomate, mais um fio de azeite e orégãos.

«Prova», disse-lhe, enquanto pegava num copo de vinho.

Meteu uma à boca e arregalou os olhos de espanto.

«Delicioso! É uma excelente ideia e muito fácil de preparar.»

Lancei-lhe um sorriso malicioso e meti também uma à boca.

«Estás muito mais calmo, já me podes dizer o que é que aconteceu no teu gabinete?», perguntou, enquanto se voltava a focar no pimento que estava a cortar.

«Nada de grave. Apenas um aspirante que insiste em renunciar à sua verdadeira natureza. Mas sinto que lhe dei um bom abanão, e da próxima vez vou pô-lo à prova.»

Quando acabei de lhe dizer aquilo, veio-me à cabeça uma boa ideia de como podia pôr o Paulo à prova e fiquei colado a olhar para a Verónica, porque a envolvia.

«Passa-se alguma coisa com a minha roupa?»

«Não! Estava só a pensar noutras coisas.»

Durante os momentos que se seguiram, um conjunto de cenários

começaram a ganhar forma na minha cabeça. Enquanto isso, a Verónica estava concentrada no arroz de camarão que preparava e eu ia colaborando, até que, a dada altura, me perguntou:

«Porque é que desapareceste durante uma semana? Reparei que não aparecias no escritório e depois a Rute disse-me que pediste para cancelar todas as sessões da última semana.»

«Aconteceram vários episódios negativos que me obrigaram a algumas… mudanças interiores. E precisei de passar um tempo sozinho. Só isso. Posso provar?»

Aproximei-me por trás da Verónica e fiz o meu corpo quase encostar-se ao dela. Peguei na colher de pau, tirei um pouco de arroz e levei-o à minha boca por cima do seu ombro. Deixei cair propositadamente um pouco daquele molho a ferver (e delicioso, por sinal) entre a gola da camisa e o pescoço, e ela soltou um gemido.

«Oooops! Desculpa! Deixa estar que eu limpo», disse-lhe.

Afastei-lhe a gola e lambi-lhe o molho do pescoço, fazendo-a soltar de novo um gemido, mas desta vez de prazer.

«Acho que já está no ponto.» Desliguei a placa elétrica. «E também acho que esta blusa está suja e precisa de ser trocada.»

Encostei a minha cintura ao rabo dela, prendendo-a contra o balcão, e comecei a subir as minhas mãos pela barriga acima, até lhe chegar aos seios, acariciando-os de seguida. Também consumida de desejo, começou a roçar o rabo no meu pau e eu comecei a desabotoar-lhe a camisa, ao mesmo tempo que lhe beijava o pescoço. Ela permanecia imóvel naquela posição, à exceção do rabo que procurava avidamente o meu pau.

Assim que lhe despi a blusa, rodei-a para mim, peguei nela, sentei-a no balcão e ela prendeu-me com as pernas. Começámos a beijar-nos até que ela interrompeu o beijo, dizendo-me:

«Vamos para o meu quarto.»

Peguei nela e, com um olho aberto e outro fechado, fui seguindo as indicações por entre beijos, até chegarmos ao quarto. Assim que lá cheguei, atirei-a para cima da cama e pus-me por cima dela. Comecei a beijá-la novamente e ela começou a despir-me a camisola. Voltei a levantar-me, para acabar de tirar a camisola, e tirei-lhe também os sapatos e as calças. Puxei-a para mim, fazendo-a erguer-se, agarrei-lhe

no rosto e disse-lhe:

«Hoje és minha, ouviste bem?»

«Faz o que tens a fazer comigo, por favor!»

Voltei a sentá-la à minha frente e desci a minha roupa. Com uma mão, agarrei-a por trás da cabeça e com a outra agarrei no meu pau e meti-lho na boca. Não soltei o meu pau e era eu que o fazia mover-se na boca dela, batendo-lhe com ele tanto do lado de dentro como por fora, contra rosto dela.

«Chupa-me, porra!»

Agarrei eu mesmo na cabeça dela e comecei a foder-lhe a boca, até a fazer entalar-se com a cabeça do meu pau. Voltei a tirá-lo e esfreguei-o no seu rosto, espalhando por ele a sua própria baba.

Já completamente nua, empurrei-a para trás, fazendo-a cair de costas sobre o colchão, despi o resto das calças e rodei-a para mim, para que a cabeça dela ficasse bem por baixo das minhas bolas e o sexo dela à minha mercê. Lambi os dedos e comecei a esfregar-lhe o sexo freneticamente, antes de lhe introduzir os meus dedos médio e anelar e começar a masturbá-la. Esbofeteava-lhe o sexo de vez em quando e voltava a penetrá-la com os meus dedos. Com a outra mão, ia metendo o meu pau na boca dela para que me chupasse, mas eu também queria chupar-lhe aquele sexo todo. Agarrei nas pernas dela pelo lado de dentro das coxas, carreguei sobre elas para a prender contra o colchão e abocanhei-lhe o sexo. Já estava em velocidade de cruzeiro, se começasse com mimos ela não ia sentir nada. Por isso, comecei a chupá-la com intensidade e a aplicar os meus movimentos laterais que a fizeram começar a estremecer.

«Morde! Morde!», suplicava ela.

É para já, pensei para mim. Ataquei-lhe o sexo à dentada, como se fosse um animal que a quisesse literalmente devorar, e ela incentivava a minha investida com os seus gemidos.

«Isso! Isso! Sem medo!», insistia.

Fui intercalando as mordidas, as lambidelas, chupadelas e -masturbação com os dedos, proporcionando-lhe a maior variedade de sensações no sexo dela, mas o melhor ainda estava para vir, quando me apercebi de que ela tentava alcançar a gaveta da mesinha de cabeceira. Naquele momento, a minha reação foi de raiva.

«Estás parva?!», vociferei. «Estás a tentar fazer o quê, caralho? Concentra-te!», gritei bem na cara dela.

Puxei-a pelos cabelos para cima, fui ver o que ela tinha na gaveta e soltei uma gargalhada maquiavélica quando vi o que estava lá dentro. A gaveta estava repleta de brinquedos sexuais. Tinha um chicote, dildos com diferentes tamanhos e formatos, assim como vários *plugs* anais, molas, preservativos e lubrificantes.

«Oooooh! Ela só queria brincar», disse-lhe com irónica doçura. «Então, vamos lá brincar!»

Voltei a agarrar nela, virei-a de barriga para baixo e levantei-lhe o rabo, para que ficasse com ele empinado e virado para mim. Dei-lhe uma forte bofetada em cada nádega, lambi o polegar e acariciei-lhe o ânus. Peguei num dos *plugs* (num dos maiores), agarrei no lubrificante e embebi o *plug*. Voltei a acariciar-lhe o ânus com o polegar, pressionando cada vez mais em círculos até entrar todo no cu dela. Tirei o polegar, peguei no *plug* e comecei a introduzi-lo lentamente dentro dela, rodando-o de um lado para o outro para entrar melhor. Assim que entrou, dei-lhe uma mordida numa das nádegas e voltei-a para cima. Peguei em duas molas e prendi-lhe cada um dos mamilos com elas. Vasculhei novamente na gaveta, agarrei num dos dildos (o que tinha as veias mais salientes) e embebi-o também no lubrificante. Aproximei-me do rosto dela, pus-lhe uma das mãos sobre a testa e dei-lhe com o dildo no rosto.

«Vamos ver se aguentas com isto tudo!»

Regressei ao meio das pernas dela, afastei-lhe os lábios com os dedos e comecei a introduzir-lhe o dildo no sexo. Ela ajeitou o corpo para facilitar a penetração, e assim que entrou todo comecei a fazer pequenos movimentos de vai e vem com ele. Quando ela começou a reagir às sensações que aqueles dois objetos frios lhe estavam a proporcionar, era tempo de lhe dar algum calor humano e comecei a chupar-lhe e a lamber-lhe o *clit*. Meti a minha mão por baixo das costas dela, para a prender, e aos poucos fui aumentando o ritmo com que metia e tirava o dildo, assim como lhe chupava o *clit*. Ela começou a gemer cada vez mais alto, sacudindo os braços de um lado para o outro, até que me agarrou na mão e arrancou o dildo de dentro dela para se poder vir à vontade.

Tinha as mãos ocupadas, por isso a única forma que arranjei de tirar a

mão dela daquela zona e deixar-me fazer o meu trabalho foi mordê-la. Soltou um grito e eu voltei a atacar-lhe o sexo.

Fi-la vir-se mais algumas vezes antes de lhe tirar os brinquedos todos e pôr-me por cima dela. Era a vez de a fazer sentir o meu pau. Penetrei-a, tapei-lhe a boca e comecei a fornicá-la. Com a minha mão a tapar-lhe a boca, os olhos dela eram o meu único canal de comunicação, mas suficientemente expressivo para perceber o prazer que consumia cada célula do seu corpo, à medida que eu me fazia entrar e sair dela. Virei-a de lado, voltei a penetrá-la e com as duas mãos pressionei a cabeça dela contra o colchão.

«Geme agora à vontade! Geme!», gritei-lhe ao ouvido.

Aumentei a velocidade com que a fodia, agarrei no cabelo dela com uma mão e com a outra meti-lhe quatro dedos na boca e segurei-a pelo maxilar, para não fugir para a frente com a força das minhas estocadas. Cuspi nos lábios dela e não resisti em cravar os meus dentes no seu ombro, que estava junto ao meu queixo.

«Geme! Geme mais!», voltei a gritar.

Enquanto a penetrava ia rugindo ao seu ouvido. Voltei a mordê-la no rosto, junto à orelha, e depois soltei a mão que lhe prendia o cabelo para lhe tapar o nariz. Restava-lhe respirar pela boca, semitapada pelos dedos que tinha dentro dela.

Soltei-lhe o rosto, saí de cima dela, fui às minhas calças e arranquei o cinto, enquanto ela olhava para mim, na expectativa do que eu ia fazer. Peguei numa almofada, tirei-lhe a fronha, dobrei-a duas vezes e pu-la à volta do pescoço da Verónica. Depois, peguei no cinto, envolvi-lhe o pescoço com ele, por cima da fronha, passei-o pela fivela e ajustei-o, mas sem apertar muito. Servia, assim, de garrote improvisado. Enquanto isto, a Verónica limitava-se a aceitar tudo o que eu fazia, demonstrando que também era essa a sua vontade. Pus-me por cima dela e voltei a penetrá-la, enquanto segurava o cinto contra o colchão. Com o meu rosto por cima do dela, olhava-a nos olhos com uma expressão desumana. Também me empenhava em fazer o maior barulho possível ao embater contra o sexo dela, não só para lhe dar prazer através do contacto físico, mas também através da audição, levando ao extremo o meu mandamento número 4: sexo em silêncio não é sexo.

À medida que o tempo avançava, apertava cada vez mais o cinto e a

expressão queixosa da Verónica, mas simultaneamente de incentivo, dizia-me para continuar. Aos poucos, o oxigénio começava a escassear no seu cérebro e, com isso, uma panóplia de sensações secundárias começava a surgir. Aumentei uma última vez a intensidade de penetração, assim como a força com que apertava o garrote. O rosto dela começou a ficar vermelho e quando senti que tinha atingido o limite de segurança comecei a libertar lentamente o cinto e saí de cima dela.

«Deixa-te ficar deitada um bocado», aconselhei.

Sentei-me na beira da cama, a recuperar o fôlego, e fiquei a ouvir a respiração ofegante dela atrás de mim.

«Vieste-te?», perguntou-me, ainda deitada.

Olhei para o preservativo, ainda metido no meu pau, como se quisesse confirmar aquilo que eu já sabia: não me tinha vindo. Levantei-me e, sem lhe responder, fui à casa de banho livrar-me dele. Quando voltei, reparei numa peça de mobiliário de que, talvez pelo tesão do momento, não me tinha apercebido. Era um berço.

Aquilo já me começava a soar muito estranho, mas não me apeteceu voltar a tocar no assunto, até porque era mais curiosidade do que necessidade. Peguei na minha roupa e comecei a vestir-me.

«A comida a esta hora já não deve prestar», disse ela.

«Eu também perdi o apetite. É melhor ir embora.»

A Verónica ergueu-se e ficou sentada sobre a cama.

«Aconteceu alguma coisa? Fizeste algo que não querias?»

Na verdade, eu já tinha feito a única coisa que queria naquela casa, e era precisamente por isso que pretendia ir embora.

«Se eu não quisesse, não tinha feito. Simples.»

«Então é assim? Fodes-me e vais embora?»

«Só vim para te fazer vir.»

«Obrigada pela gentileza», reagiu ela com ironia.

«Depois compenso-te.»

«Vou cobrar!»

Acabei de me vestir, olhei-a uma última vez e fui-me embora.

Aquele regresso a casa foi uma viagem de profunda introspeção sobre o que tinha acontecido. Umas semanas antes, talvez tivesse feito o esforço de contrariar o instinto natural de subir as calças e desaparecer. Sabia que era desagradável o que estava a fazer, mesmo

que ambos estivessem conscientes de que era apenas sexo, talvez por cortesia ou elegância ficava-se sempre um pouco mais. Contudo, eu estava a ser regido pelos meus instintos e eles mandavam-me sair rapidamente dali, pois já tinha o que queria. Tinha gostado da foda, mas também sabia que nunca o sexo me iria realizar se não fosse feito com alguém que me importasse. Faltava-lhe, por isso, algum sabor, alguma cor… e muita alma. Uma alma que eu tinha guardado na gaveta para que não se estragasse.

Quando cheguei a casa e me preparava para abrir a porta do prédio, reparei que do interior da minha caixa de correio saía uma fita vermelha. Fiquei imóvel durante alguns segundos a olhar para aquilo e depois olhei em redor, como se fosse encontrar por perto alguma explicação para aquilo. Uma certeza eu tinha. Algo bom não seria. Agarrei na fita e comecei a puxar.

20

Algo bom não era de certeza, mas também sabia que não estava uma bomba dentro da minha caixa de correio e eu estaria a puxar o detonador sem saber. Na verdade, aquilo que surgiu atado na ponta da fita vermelha era uma *pen drive*. Por impulso, voltei a olhar em redor, para confirmar se alguém me estaria a observar, e abri a caixa, verificando se havia mais algum presente no interior. Não tinha nada, além de uma carta da Autoridade Tributária. Entre uma *pen* misteriosa e uma carta da Autoridade Tributária, venha o diabo e escolha.

Quando entrei no meu apartamento, apressei-me a abrir o portátil e introduzir a *pen*. Tinha apenas um ficheiro de vídeo. Dei duplo clique e começou a reprodução das imagens de videovigilância (com som) do *stand* do Henrique, no momento em que eu entrei e comecei a agredi-lo. Ouve-se ainda, no final, a frase ameaçadora e comprometedora que lhe disse mesmo antes de sair: «Vou vingar-me de ti. Vou destruir a tua vida.»

Fechei o vídeo, recostei-me no sofá e soltei um suspiro. Nesse momento, apercebi-me de que o vídeo tinha uma descrição personalizada. Voltei a clicar para ver a descrição completa e dizia o seguinte: «Se voltares ao *Valkiria*, este vídeo vai parar à polícia.»

«Cabrão!», gritei ao fechar com estrondo o computador.

Ele voltava a estar um passo à minha frente. Não sabia exatamente que tipo de implicações aquelas imagens me poderiam trazer, mas sabia que certamente me trariam problemas que não me apetecia ter. Além disso, vindo do Henrique, não me admirava que ele simulasse um roubo ou um estrago qualquer para depois me acusar, usando aquelas imagens como prova. Mas se ele realmente me quisesse tramar, porque não mostrava logo aquilo à polícia? Perguntei a mim mesmo e não demorei a ter uma resposta: porque ele não queria envolver a polícia. Se o fizesse, gastaria uma carta cuja finalidade era precisamente não ser jogada e, desta forma, deixar-me neutralizado, pois era apenas isso que ele queria. Era como se ele fosse um polícia a apontar uma arma a um criminoso. No fundo, apenas queria que o criminoso não fizesse nada

para não o obrigar a disparar, porque isso só traria problemas aos dois. Mas o facto de ele não me querer no *Valkiria* e nem sequer querer envolver a polícia só provava que tinha alguma coisa a esconder e, muito provavelmente, estava relacionado com aquele clube noturno. Por sorte, já tinha um plano em marcha, mas estava dependente do profissionalismo do meu espião amador. Decidi ligar-lhe para saber novidades.

«Muito pouca coisa», respondeu o Tito, quando lhe perguntei o que tinha descoberto. «Vi que tem um filho…»

«Que idade tem, mais ou menos?»

«Uns 13 ou 14, diria eu.»

«Perfeito. Esquece o pai. Quero saber tudo sobre o miúdo. Em que escola anda, a que horas entra e sai, nome, tudo o que conseguires. Preciso disso o quanto antes.»

«Combinado, chefe, mas vou precisar de mais uns dias.»

«Cinco dias úteis é o tempo suficiente para estudares a rotina dele. Nem mais um dia. Bom trabalho.»

21

Tinham passado os cinco dias úteis do prazo que tinha dado ao Tito e esperava nesse dia receber uma chamada dele. Contudo, quando o telemóvel começou a vibrar e eu já me preparava para cumprimentar o Tito, reparei que era a Diana que me ligava.

«Conta-me coisas.»

«**Afonso**! **Afonso**! Fiz aquilo que me disseste para fazer, disse que não podia, inventei uma desculpa qualquer que a minha mãe precisava de mim e ele disse que me voltaria a convidar durante a semana, e assim fez. Acabou de me convidar para jantar hoje mesmo. O que faço? Aceito ou não?»

«Desta vez, vais aceitar.»

«Mas eu nem sei como me comportar. Ele é um homem requintado. Aposto que me vai levar a um restaurante todo chique e eu vou perder-me com os talheres e fazer uma figura triste.»

«E vais recusar o convite por causa disso? Não, pois não? Então, cala-te! Vais aceitar esse convite, mas nada de sexo. Ouviste?»

«OK, nada de sexo! Mas que postura devo ter durante o jantar? Distante? Afável? E que tipo de roupa devo levar?»

Passei a mão no rosto, suspirei e olhei para o relógio.

«Daqui a uma hora e meia, mais ou menos, aparece no meu novo escritório. Tenho agora uma sessão e depois estou livre para te explicar o que vais ter de fazer.»

A Diana era boa rapariga, mas também demasiado stressada e isso acabava por me contagiar. Independentemente de tudo, tinha-me comprometido em ajudá-la e ia fazê-lo até ao fim.

Enquanto ela não chegava, aproveitei para despachar uma sessão com um cliente meu que seria, porventura, o cliente mais velho de sempre. Tinha 55 anos, estava viúvo há cinco e queria renascer para o mundo do sexo e das mulheres. No entanto, havia um pequeno problema: o pau dele já não lhe obedecia como dantes.

Por vezes, as minhas sessões pareciam mais de terapia sexual do que formar **Afonsos**. Mas também tinha consciência de que ambas

estavam inevitavelmente interligadas, visto que era uma transformação que abrangia vários campos da vida de um homem, incluindo o sexual. Acima de tudo, queria que recuperassem a alegria e o prazer com que, de uma forma geral, devem ser encarados o sexo e os relacionamentos. A sedução é um jogo extremamente prazeroso quando encarado de forma leve e descontraída. E depois, o sexo não é nenhum bicho de sete cabeças, pois a sua principal finalidade é ser bom para as duas partes enquanto durar. Por vezes, isso implica que sejam só cinco minutos. Por vezes, isso implica que se fique só pelo sexo oral, ou só pela penetração, ou só pela masturbação. Por vezes, isso implica que seja numa casa de banho do local de trabalho durante a pausa de almoço. Não há uma ordem fixa, um local apropriado ou um padrão obrigatório. O que há é um conjunto de princípios que devem ser seguidos e sob os quais nos devemos reger. Princípios esses que eu decidi batizar no meu universo e nas minhas sessões de «Os Mandamentos do **Afonso**». Mesmo alguns deles, por vezes, é necessário ignorá-los, em função das circunstâncias que estão constantemente a mudar e a obrigar a ajustes. E era precisamente isso que eu tentava passar aos homens que me procuravam, para que a primeira coisa que eu lhes eliminasse da cabeça fosse o medo que eles traziam relativamente ao sexo oposto e às relações sexuais. Afinal, não temos de ser perfeitos, e o sexo não tem de ser sempre perfeito, tem é de valer a pena. E se não valer a pena, então que não falte compreensão para aceitar as coisas menos boas e vontade para tentar novamente e fazer melhor.

Terminada a sessão, acompanhei o homem à saída e chamei pela Diana, que já me esperava na minissala de espera que havia à entrada. Convidei-a a sentar-se e não pude deixar de reparar na estranheza daquela situação. Era a primeira vez que uma mulher entrava no meu gabinete para uma sessão comigo. Agradou-me a ideia e, por segundos, ponderei alargar o espectro de clientes ao sexo feminino. Mas, antes disso, tinha de ser bem-sucedido com ela.

«Qual é o restaurante onde te vai levar?», perguntei.

«Restaurante Porto Galé. É muito chique, não é?»

«É um espaço requintado, sim.»

«Merda! Eu sabia. Que vergonha vou passar!»

«Não exageres. Não vais jantar com a rainha de Inglaterra. Vais jantar

com um homem que, por sinal, te quer comer. Por isso, a tua margem de erro está bastante alargada.»

«Não sei se vai continuar a querer comer-me depois de ver que não sei comer nos restaurantes que ele costuma frequentar, com 30 talheres, 20 copos e mil regras de etiqueta.»

«Isso é o menos importante! Vamos focar-nos no que interessa. Vais ter de ser extremamente afável nesse jantar. Muito querida, muito meiga, muito divertida e, no final, tiras-lhe o tapete.»

«O quê? Tiro-lhe o tapete? Não percebi.»

Ajeitei-me na cadeira antes de me explicar melhor.

«Tens de o fazer acreditar durante todo o jantar que esta noite vocês vão acabar na mesma cama, mas, na verdade, não vai haver nada para ninguém. Tens de o iludir ao máximo.»

«E se o Carlos achar que estou a gozar com ele?»

«Não vai achar, porque vais ter sempre uma postura elegante, de senhora, e amanhã vais continuar a falar com ele como se nada fosse. Ou seja, tu demonstras que queres e que estás disposta, mas é ele quem tem de se empenhar em conquistar-te. É como quando vais a um espetáculo de comédia. Pagas o bilhete e sentas-te numa cadeira a assistir ao comediante, ou seja, mostras que tens interesse em ouvi-lo, mas se ele quiser receber o teu aplauso terá de se empenhar em palco. Com os homens, é a mesma coisa. Deixas que eles se aproximem e dás uma oportunidade de mostrarem que são suficientemente bons para ti e que te querem de verdade. E passam à fase seguinte aqueles que cumprirem essas condições. Tu até podes querer, mas se ele não faz por isso, então tens de ter a capacidade de dominar as tuas vontades. És tu que tens de as dominar, não elas a ti. Vou dar-te mais um exemplo. Imagina que este homem é um atleta de salto em altura. E, para ficar contigo, tem de conseguir passar por cima de uma fasquia que foi colocada por ti. Quanto mais alta estiver essa fasquia, mais ele vai ter de se empenhar para conseguir passar por cima dela. Certo?»

«Certo, mas também pode acabar por desistir.»

«Já te disse que se ele desistir logo é porque não quer de verdade e se não quer de verdade, andor com ele.»

«Como é que eu sei qual é a altura ideal para colocar a fasquia?»

«Colocas a fasquia à altura daquilo que vales. Como é óbvio. E se

não sabes o que vales, então trata disso. Agora nunca cometas o erro que muitas mulheres fazem, que é baixar essa fasquia para ele alcançar o que quer e, por consequência, o que elas querem também. Porque dessa forma ele consegue saltar por cima da fasquia, mas como não precisou de grande esforço e não se cansou muito, ainda tem força para saltar para fora depois de ter a recompensa. Estás a entender a metáfora? Tens de o fazer suar e garanto-te que após ter o que quer, ele vai dar valor. Depois, o desafio é manter essa fasquia alta, porque se facilitas, ele rapidamente perde o interesse. E neste jantar ele tem de perceber o quão alta está essa fasquia.»

«E isso acontece não o deixando levar-me para a cama?»

«Não o deixando para já. Repara, quando uma mulher vê um homem atraente, projeta-o imediatamente como um homem de família e possível pai dos seus filhos. No caso do homem, quando vê uma mulher atraente ele projeta as fodas que vai dar com ela. Não é sempre assim, como é óbvio, mas, de uma forma geral, é assim que funcionam os mecanismos feminino e masculino. Ou seja, quando ele olha para ti, vê uma hipotética foda interessante, e o teu desafio é fazê-lo querer mais do que isso. Não duvides que o objetivo dele, esta noite, é sexo. Só. Não penses que ele quer fazer de ti a mulher da sua vida. Ele quer esvaziar os tomates e quer fazê-lo contigo, mas tu não vais deixar.»

«Pois, mas a minha dificuldade, e medo, é saber como lhe dizer que não sem que ele entenda que não é por não querer, mas porque acho que ele tem de se esforçar mais.»

«Basta não dizeres um não absoluto. Dizes antes “talvez um dia, mas hoje não”. Enquanto uma mulher se afasta quando ouve um “talvez”, porque repudia homens que não sabem o que querem, o homem, quando ouve isso de uma mulher, interpreta como um desafio. E é isso que o prende. Além de saberes dosear a quantidade de sins e de nãos, tens de apostar forte nos talvez.»

«**Afonso**! Raios! Já devias saber que sou um pouco lenta, eu acho muito bonita toda essa filosofia, mas não serve de nada.»

«Tu é que não serves de nada!», vociferei.

«Ei! O que foi isso?», atirou, com um ar ameaçador.

«Não foi nada! Só não tenho paciência para quem quer aprender com atalhos e quer fórmulas mágicas para tudo.»

«E eu não tenho paciência para filosofias, principalmente estando a menos de três horas de um teste tão importante. Se não tinhas paciência dizias e eu nem sequer tinha vindo. Não tenho de levar com o teu mau humor porque andas de mal com a vida.»

«E eu não tenho de levar com a tua burrice!»

Devolvi o ataque e, pela reação dela, vi que tinha feito porcaria.

«Olha, **Afonso**, isso eu não admito. Não vim aqui para isto.»

Pegou na mala, levantou-se e eu agarrei-a pelo braço.

«Senta-te que eu ainda não acabei!»

«Mas tu estás bem da cabeça, **Afonso**?»

«Queres ou não queres que te ajude com esse jantar?»

«Quero, mas se estás a fazer isto contra a vontade, então dispenso. E muito menos vou admitir que me insultes. Não foste tu que acabaste de dizer que eu tenho de saber o que valho? Pois sou suficientemente valiosa para não aceitar coisas desse género.»

«Queres ou não que te ajude? Não volto a repetir.»

Mordeu o lábio e sentou-se com uma expressão tensa, sujeitando-se a engolir aquele sapo porque, no fundo, sabia que, naquele momento, o Carlos era mais importante para ela do que eu.

«Diz lá o que tens a dizer.»

«Se ele te tentar beijar, não evites. Caso também o queiras fazer, como é óbvio. É muito provável que ele o vá tentar fazer esta noite. Não há problema nenhum em beijá-lo, mas logo a seguir cortas e desapareces. Não te entregues ao beijo como se ele fosse um príncipe encantado. Faz de conta que não devia ter acontecido e vais embora. Isso vai fazê-lo acreditar que estás a entrar em algo que não deves e deixá-lo ainda mais empolgado com o desafio. Caso ele te convide para ires para casa dele ou para um outro local que tu acredites que é um atalho para te levar para a cama, corta logo também. Dizes que não, mas não te mostres ofendida, porque senão ele pode sentir-se envergonhado e depois não sabe como te encarar e acaba por se afastar e fica tudo estragado.»

«OK…», atirou, com um amuo subtil. «E que roupa levo?»

«Nada de decotes ou roupas exuberantes. Vai elegante, mas simples e discreta. Nisso não precisas de conselhos meus, porque já o fazes bem. As aparências iludem, já sabemos, mas, para todos os efeitos, a

roupa que vestimos diz muito sobre quem somos e o que queremos. E, hoje, tudo o que queres é passar um bom bocado com alguém que consideras interessante, apenas e só para se conhecerem melhor. Estamos entendidos?»

A Diana deu-me um seco «obrigado», levantou-se e, quando se preparava para abrir a porta, virou-se para trás e disse-me:

«Gosto muito de ti, **Afonso**, mas não percas o encanto.»

Saiu, bateu a porta e eu fiquei com aquelas palavras no ouvido, enquanto observava a placa que a Verónica mandara colocar na porta e que dizia: «É melhor não olhar a meios para atingir um fim do que deixar a meio por ter medo do fim». Estaria eu tão obcecado com um certo fim que não olhava a meios para o alcançar? Seriam esses atalhos, afinal, o meu próprio fim? Perguntas que me ocorreram e que já não fui a tempo de responder, pois o telemóvel começou a vibrar no bolso com uma chamada do Tito.

«Conseguiste o que te pedi?», perguntei-lhe.

«Penso que consegui a informação necessária.»

«Perfeito! Fez-me chegar isso ainda hoje. Amanhã, tenho uma visita para fazer a uma certa pessoa…»

22

«Não vás embora sem me dizer, por favor!», supliquei.

«Só tens de ganhar coragem para abrir…»

«Abrir o quê? Diz-me o quê!»

«Está lá o que tu precisas. E é tão simples…»

Só lhe conseguia ver a boca, que sorria sempre com uma doçura e uma paz tão aconchegantes que me davam uma vontade enorme de o abraçar. Começou a afastar-se novamente da minha cama e eu ainda tentei agarrar-lhe na mão, mas não me conseguia mover.

«Volta! Volta!», gritei, ao acordar de mais um sonho.

Depois de muito tempo ausente, o meu irmão voltava a visitar-me nos sonhos. Não lhe conseguia ver o rosto, por algum motivo, mas era ele, disso eu tinha a certeza. Estava sentado bem ao meu lado, e eu queria tanto tocar-lhe, mas não me conseguia mexer. Parecia tão real, tão vivo… mas não tinha passado de mais um sonho. De mais um sonho inconclusivo. Dizia sempre o mesmo e não dizia mais nada, como se tivesse de ser eu a descobrir. No fundo, eu estava ciente que sabia o que ele queria, mas não conseguia lá chegar. Talvez me faltasse coragem, como ele tanto dizia naqueles sonhos repetitivos, só não sabia para quê.

Antes mesmo de estar totalmente desperto, o telemóvel começou a tocar sobre a mesinha e estiquei-me para pegar nele.

«A sério que me estás a ligar a esta hora, Diana?»

«Ainda não te passou o mau humor?»

«Acabei de acordar. Não faço milagres.»

«E não sabes o esforço que fiz para aguentar até agora. Porque a minha vontade era ter-te ligado às 2h00.»

«O que foi desta vez?»

«Beijámo-nos.»

«E o que fizeste a seguir?»

«Fiz o que me disseste para fazer. Fiz de conta que tinha feito algo que não devia e disse-lhe que era melhor ele ir embora. Tinha acabado de me deixar em casa e eu virei-lhe as costas.»

«Perfeito. Agora, vais fazer o seguinte. Nos próximos dias, vais adotar uma postura distante. Evitas meter conversa e, se o vires na empresa, podes falar com ele, mas só “olá”, “bom dia” e “boa tarde”. Se ele te mandar mensagens, responde sempre, mas demora a responder. Se ele te ligar, não atendas. Quando te perguntar o que se passa contigo e essas tretas, arranja forma de dares a entender que o problema não é dele, mas teu. Ele tem de acreditar que tu queres, mas que, por algum motivo, não podes. Ou porque tens medo de sofrer, ou porque te sentes insegura relativamente a ele. Isso vai tornar-te uma presa ainda mais atrativa. Tudo isto para o obrigares, sem que ele perceba, a investir tempo e energia em ti, de forma a começar a ficar apaixonado sem se aperceber. Ele assim vai ficando sempre na dúvida e é nesse estágio que tens de o manter até ao infinito. Não te esqueças desta regra básica: o que faz uma mulher ficar é a certeza, o que faz um homem ficar é a dúvida. Depois, o passo seguinte é seres tu a convidá-lo. Ou então abrir a porta para um novo convite. Por exemplo, fazeres uma pergunta desinteressada, do género “então, quando é que me voltas a convidar?”, para ele perceber que já está novamente a valer e que estás disposta a voltar a tentar. Entendeste, Diana? Conseguiste fixar tudo o que te disse?»

«Sim… foram muitas coisas, mas acho que sim.»

«Ótimo! Diverte-te muito.»

Desliguei a chamada e estiquei-me para pousar o telemóvel. Ao fazer aquele movimento, os lençóis roçaram na minha cicatriz nas costelas e soltei um gemido de dor. Apalpei a cicatriz e notei-a demasiado sensível. *Claro, o sonho*, pensei para mim. Estava tão sensível que mais parecia uma queimadura. Uma sensação que atenuou depois do banho refrescante que tomei.

Antes de sair de casa em direção aos escritórios, voltei a dar uma olhadela nas informações e fotografias do filho do porteiro do *Valkiria,* que o Tito me enviara para o telemóvel, e comecei automaticamente a imaginar a forma como o iria abordar, assim que o reencontrasse. Algo que eu queria fazer ainda nessa noite, mas antes tinha umas sessões para despachar.

Cumprimentei a Rute com um olá quando cheguei e olhei de relance para o *Jornal de Notícias* que estava pousado sobre o balcão. Parei dois

passos à frente, voltei atrás e peguei no jornal.

«Dois milhões de pobres é muita gente, não é?», comentou a Rute, quando me viu a olhar para o jornal, cuja manchete dizia «Risco de pobreza atinge 2,4 milhões de portugueses».

Contudo, não era o título que me tinha chamado a atenção, mas sim o próprio nome do jornal e o *flashback* que me provocou. Fiquei imóvel a olhar para ele e reparei que a Rute esperava uma resposta ao seu comentário.

«Quero lá saber!», atirei, deixando-a espantada, e apressei-me para o interior do meu gabinete.

Eu sentia que algures na minha mente estava uma memória que me poderia ser útil, mas era tão ténue que a qualquer momento a poderia perder. Era como se estivesse no topo de um penhasco a segurar na ponta de uma corda o baú do tesouro. Uma distração era suficiente para deixar escapar a lembrança e ela voltar para as profundezas do esquecimento. De tal modo que tive de abrir o computador e o *browser* quase de forma mecânica só para não correr o risco de a deixar fugir. Tinha uma ou outra palavra-chave que estava mais viva, e foram essas que coloquei na caixa de pesquisa do *site* do JN. Após algum *scroll*, acabei por encontrar a notícia responsável por aquele *flashback*, dos tempos em que o Henrique era apenas um (falso) aspirante a **Afonso**. O título da notícia dizia: «Rede de TV pirata gera milhares de euros»*.* E falava que a Polícia Judiciária tinha feito buscas em vários *stands* de automóveis em Vila Nova de Gaia, suspeitos de serem usados para lavagem de dinheiro oriundo de uma rede de TV pirata. Quando acabei de ler a notícia foi como se regressasse no tempo, mas desta vez de uma forma mais nítida. Podia ver-me sentado no meu sofá da sala, com o computador sobre as minhas pernas e o *Dark* aos meus pés, a cumprir a minha rotina de ver as notícias antes de ir para o escritório. Aquela notícia em particular chamou a minha atenção, e passado todo este tempo parecia que, sem estar ciente disso, eu sabia que me ia dar jeito. Havia, na verdade, uma infinidade de *stands* em Gaia, mas era uma hipótese que, aliada ao perfil que tinha do Henrique, ganhava muita força. Lembrei-me então que o Miguel, antes de começar a estudar Arquitetura, tinha trabalhado alguns anos como engenheiro informático, curso em que se havia formado em primeira instância, e talvez me

pudesse ajudar. Peguei no telemóvel e liguei-lhe.

«Como é, maior? Não me digas que me vais convidar para sair», disse o Miguel, sem me dar tempo sequer de dizer um olá.

«Não sei, a minha ideia inicial era apenas pedir-te uma ajuda com base dos teus conhecimentos de informática.»

«Companheiro, por algum motivo virei para Arquitetura.»

«Eu sei, ainda assim, percebes mais do que eu do assunto.»

«Diz lá o que é que precisas, então.»

«É uma longa história. Podemos falar pessoalmente?»

«Se é longa, melhor. Passa em minha casa logo à noite.»

Fiz o que ele me disse. Resolvi a minha vida no escritório e à noite fui ter a casa dele. Contei-lhe tudo o que tinha descoberto, desde a minha ida ao *Valkiria* até à forte possibilidade que, entretanto, surgiu, e perguntei-lhe o que sabia sobre o tema.

«Penso que há diferentes formas de fazer isso. Normalmente, há sempre uma equipa no terreno a angariar clientes e a fazer instalações de *boxes* que mandam vir da China, por exemplo, e depois são adulteradas e preparadas por eles. Depois, há sempre uma espécie de "central de controlo", naturalmente ilícita, a partir de onde são partilhados, via Internet, os cartões de acesso a canais codificados. Acho que este método se chama *card sharing*. Depois, claro, eles cobram uma mensalidade pelo serviço e está sempre a chover dinheiro na conta. E como é quatro vezes mais barato do que nas operadoras legais, há sempre clientes.»

«Dizes tu que há uma equipa no terreno a angariar clientes?»

«Em princípio, sim, embora funcione muito pelo passa-palavra. Como qualquer negócio ilegal. Depois, cada um recebe uma comissão. Mas achas que são esses os negócios escuros do tal gajo?»

«Tudo aponta que sim…»

«Estava à espera que fosse algo como… sei lá… prostituição ou tráfico de droga. Tem mais que ver com o tipo de bar onde foste.»

«Não me parece o perfil dele. Além disso, pelo que uma das miúdas do bar me disse, ele não aparece muito por lá. Penso que a função dele no esquema é apenas a lavagem desse dinheiro através do *stand* que tem. Ele lava o dinheiro e depois fá-lo chegar em forma de ordenado às pessoas que estão envolvidas no esquema, como se fossem

funcionários normais do *stand* ou do bar.»

«Na notícia que me falaste não dizia que tinham feito buscas em não sei quantos *stands*? Se o tivessem apanhado, provavelmente ainda estava dentro da gaiola, por esta altura.»

«Essa central de controlo de que falas nunca estaria no *stand* dele. O *stand* é apenas uma lavandaria.»

«Então, onde é que achas que está a central?»

«Não sei onde possa estar, mas sei onde podem estar alguns elementos dessa equipa. Pelo menos um. O porteiro do *Valkiria*. Se ele é porteiro e fez o serviço de espião a mando do Henrique, com certeza que também está envolvido nesse esquema.»

«E qual seria a função dele? Não me parece que seja o técnico informático responsável pela distribuição do sinal.»

«Ele tem uma posição estratégica. Diariamente, entram e saem muitas pessoas de lá. Especialmente homens que de santo têm muito pouco. Ou seja, o público-alvo perfeito. Além de ser mais fácil angariar clientes, é mais fácil receber os pagamentos, pois é dinheiro entregue em mãos e sem rastro. Algo que convém a ambas as partes, porque os clientes também estão a cometer um delito. Assim, a função principal dele é angariar clientes, como tu falaste. E melhor do que ir à procura deles, é quando eles vão ao teu encontro. Ele já era o meu alvo, mas agora, com esta recente descoberta, será mais fácil fazê-lo falar.»

«E quando estás a pensar encostá-lo à parede?»

«Hoje mesmo. Não tenho tempo a perder. Mas, para isso, vou precisar da tua ajuda. Não posso entrar no *Valkiria*. Aquilo tem câmaras de vigilância e o porteiro já me reconhece. Então, basicamente preciso que tu sejas o meu isco para o atraíres até ao meu encontro. Posso contar contigo?»

«Claro, companheiro! Só vais conversar com ele, certo?»

«Isso…», respondi, enquanto me tentava convencer do mesmo.

Nesse momento, tocaram à campainha e o Miguel levantou-se para ir abrir a porta.

«Estás à espera de alguém?»

«Deve ser a Filipa.»

«O que é que ela vem aqui fazer?»

«Ela disse-me que precisava de falar pessoalmente contigo e tu

disseste-me que precisavas de falar pessoalmente comigo, então eu disse aos dois para passarem aqui e resolvia-se a questão.»

O Miguel foi abrir a porta e eu fiquei a interrogar-me sobre o que é que ela tinha para falar comigo que não pudesse ser por telefone. Depois de ouvir umas vozes no corredor, vi a Filipa a surgir à porta da sala e levantei-me para a cumprimentar.

«Se tiveres alguma coisa para fazer, aproveita agora», disse a Filipa para o Miguel.

«Vou lavar a louça, fiquem à vontade.»

A Filipa esperou que o Miguel se afastasse e depois sentou-se.

«Alguma coisa para me contar?», interrogou, como se fosse uma espécie de questão de aquecimento para o que aí vinha.

«Isso pergunto eu. O Miguel disse-me que querias falar pessoalmente comigo. O que tens para me dizer?»

«Pois é, pois é…» Bateu com as mãos nas coxas e deslizou para a frente, de forma a ficar sentada na beira do sofá. «Como deves saber, faço anos na próxima semana e, à semelhança dos últimos anos, vou festejar o meu aniversário na quinta dos meus avós. Tu já sabes como é, porque foste nas dois últimos aniversários, e, como viste, também não é nada assim tãaaao especial. É apenas um mimo que os meus avós gostam de me dar, mas a que nem ligo muito.»

«Filipa, vai direta ao assunto que estou com pressa.»

«Vais a algum lado?»

«Se acabares de dizer o que tens a dizer ainda hoje, sim!»

Comprimiu os lábios e engoliu em seco.

«Certo… bom… Digamos que tenho três coisas difíceis para te dizer e vou dizê-las por ordem. A primeira delas é que, como deves imaginar, convidei a Inês para a minha festa.»

Parecia que já havia data marcada para o meu reencontro com ela, mas não tinha sido propriamente uma notícia animadora.

«A segunda é que ela me disse que só podia aceitar o convite se o Henrique fosse com ela. O que, apesar de tudo, é perfeitamente compreensível, uma vez que… são um casal.»

«Foi uma condição dela ou uma imposição dele?»

«Não sei, mas isso agora também não é relevante. Eu não o suporto e custa-me imenso tê-lo na minha festa, mas, como deves imaginar, não é

correto eu deixar de a convidar por causa dele.»

«Pronto, Filipa. Se é essa a tua ideia, acho que fazes bem. Eu farei de conta que não vejo ninguém. E qual é a terceira?»

«Pois, a terceira…» Fez uma pausa para se voltar a ajeitar no sofá. «A terceira é sobre isso mesmo. Não sei se é boa ideia juntar-vos aos três no mesmo local. É uma festa de aniversário e, como sabes, a vossa relação está de cortar à faca e eu não quero…»

«Não queres que eu vá», completei.

«Não é não querer que vás. É não querer mau ambiente e, infelizmente, para isso tenho de sacrificar alguém.»

«Deixa-me ver se eu entendi bem: não é correto tu deixares de convidar a Inês por causa do Henrique, mas é correto deixares de me convidar por causa do Henrique?»

«**Afonso**, como podes ver, eu ia ser sempre presa por ter cão e presa por não ter. Se não fosses tu a acusar-me, seria ela. Estou a falar contigo, calma e pessoalmente, mesmo para evitar que fiques magoado comigo, por isso, por favor, entende a minha situação. Além disso, como disse, é só uma festita. Nada de importante.»

«Na verdade, não quero saber», atirei.

A Filipa afastou a cabeça para trás e olhou-me com espanto.

«Como assim, não queres saber?», perguntou, receosa.

«Não quero saber da tua festa para nada, Filipa. No fundo, até me deste uma boa notícia. Não gosto de festas pirosas. Divirtam-se muito por lá», soltei, com uma arrogância venenosa.

Levantei-me e dirigi-me para a saída.

«Que conversa é essa? Tu estás bem dessa cabeça?»

Parei antes de abandonar a sala e virei-me para ela.

«Se tudo correr como espero, o Henrique também não vai à tua festinha de aniversário.»

Segui em direção à cozinha para chamar o Miguel.

«O que é que queres dizer com isso, **Afonso**?», perguntou a Filipa, enquanto corria atrás de mim. «O que vais fazer?»

«Vamos, Miguel, está na hora, é melhor irmos», disse-lhe.

«É para já!»

Passou as mãos por água, secou-as e acompanhou-me, sempre sob o olhar da Filipa, que implorava por uma resposta.

«Mas vocês são capazes de me dizer o que vão fazer?»

«Calma, coração», tranquilizou o Miguel. «Vamos só beber um copo. Não te esqueças de bater a porta quando saíres.»

«**Afonso**! Miguel!», gritou do corredor, ao ver-nos sair.

Entrei no carro e, assim que o Miguel entrou, disse-lhe:

«Aquilo que vai acontecer agora fica só entre nós. OK?»

«Combinado, parceiro!»

Liguei o carro e arrancámos em direção ao *Valkiria*.

23

Quando chegámos ao *Valkiria*, estacionei num lugar estratégico, na esquina do estacionamento mais distante do edifício, junto à vedação que estava repleta de plantas, impedindo que fôssemos vistos pelo menos de dois dos lados. Logo atrás de nós chegou outro carro e decidi esperar que o movimento acalmasse para pormos em prática o plano que comecei a explicar ao Miguel.

«Vamos fazer assim: quando tudo acalmar, tu vais até à entrada do bar e vais falar com o porteiro. Confirma em primeiro lugar se é o mesmo que eu vi, senão ainda corres o risco de me trazer outro tipo. Mas ele é fácil de identificar, é franzino e não tem um dedo mindinho. Tu vais chegar lá, um pouco atrapalhado e de mangas arregaçadas, e pedir-lhe ajuda para trocar um pneu. Ele tem de perceber que é genuíno, senão pode pensar que a tua intenção é outra e inventa uma desculpa que não pode abandonar a porta. Confirma que não está ninguém por perto ou ele pode pedir a alguém que venha na vez dele. Além disso, dá a ideia de que é urgente e que não são mais do que dois minutos. Diz-lhe que só tem de segurar numa chave de fendas qualquer. Se ele aceitar, vais acompanhá-lo até este lado do carro (entre o carro e a vedação) e eu vou estar aqui à espera dele. Entendeste tudo?»

O Miguel abanou a cabeça e, enquanto fazíamos tempo até ao momento certo, podia ver pelo rosto do Miguel que ele estava a estudar mentalmente o que ia fazer e dizer. Depois de verificar uma última vez os espelhos, dei-lhe dois toques no braço e fiz-lhe sinal para avançar. Ele saiu e eu fiz o mesmo, para me esconder, agachado, do lado de fora do carro. Peguei no telemóvel, procurei as fotos que o Tito me enviara para estarem preparadas para serem mostradas e aguardei por eles. Não demorou muito até começar a ouvir vozes a aproximarem-se, e nesse momento voltei-me para a roda da frente do meu carro. Quando finalmente chegaram por trás de mim, voltei-me para eles, agarrei o franzino pelos colarinhos, encostei-o contra o carro e cumprimentei-o com um sorriso malicioso.

«Como é, Zé, lembras-te de mim?»

O homem ficou em pânico a olhar para mim e para o Miguel.

«O que é que está a acontecer?!», exclamou o homem.

«Chiu!» Encostei o dedo nos meus lábios. «Vais fazer pouco barulho, senão meto-te neste carro e só te encontram amanhã… em vários locais. Se é que me entendes. Lembras-te de mim ou não?» Ele pareceu indeciso entre a verdade e a mentira, e eu decidi dar-lhe um pequeno incentivo em forma de soco no estômago. «Não me faças enervar, Zé, porque nem eu sei do que sou capaz. Só te vou perguntar mais uma vez: lembras-te de mim ou não?»

Engoliu em seco e olhou para o Miguel, antes de responder:

«Sim! Sim! Eu lembro-me!»

«E não queres saber como é que eu sei o teu nome?»

«O que é que vocês querem?»

Dei-lhe um estalo e serrei os dentes.

«Responde à puta da minha pergunta, seu cabrão!»

«Está bem! Eu quero! Eu quero!»

«Já que insistes, vou dizer-te.» Voltei a dar-lhe um sorriso cínico. «Eu sei o teu nome porque fiz contigo o mesmo que andaste a fazer comigo. Andei a vigiar-te! Quer dizer, eu não, mas os capangas que trabalham para mim. E, acredita, eles são bem piores do que eu e do que o teu… *Padrinho*. Não é mesmo assim que vocês o tratam? Mas deixa-me dizer-te que eles não andaram a vigiar apenas a ti.» Peguei no telemóvel e comecei a mostrar-lhe as fotografias que o Tito tinha recolhido. «Reconheces? Sabes que casa é esta?» O rosto dele parecia ter congelado. «Responde!»

«É a minha…»

«Muito bem! Lindo menino!», rejubilei com ironia. «Então, e esta senhora? Sabes quem é?»

Os olhos dele ficaram raiados de raiva e impotência.

«É a minha esposa!»

«Mas o melhor ainda está para vir. E quem será este rapazinho a caminhar de mochila às costas? Será o teu filho João Filipe que vai todas as manhã com estes dois amigos vizinhos apanhar este autocarro para ir para esta escola e que nos intervalos costuma ir a este cafezinho do outro lado da rua comprar doces?»

Enquanto falava ia deslizando o dedo no ecrã, para lhe mostrar as

fotos, e a expressão dele tornava-se cada vez mais agonizante e os olhos lacrimejavam.

«O que querem vocês de mim? O que é que fizeram?»

«O que é que fizemos? Nada. Ainda. Mas se não colaborares, vamos ter de fazer. Neste momento, estão dois capangas meus parados num carro em frente à tua casa. Dentro dela, como sabes, estão a tua mulher e o teu filho a dormir sossegados. Se não quiseres que algo lhes aconteça agora mesmo, vais responder direitinho a tudo o que eu te perguntar. Entendido?» Abanou a cabeça freneticamente. «Em que negócios ilegais anda metido o *Padrinho*?»

«Eu não… não me meto na vida dele, eu… eu só faço o que ele me pede. Sou só um porteiro, nada mais», disse, a gaguejar.

Apertei-lhe ainda mais os colarinhos e voltei a insistir, desta vez com a voz mais enraivecida.

«Eu sei que ele montou a porra de uma rede pirata de televisão e que se farta de ganhar dinheiro sujo à custa dela, e tu és mais um que ganha dinheiro assim. Onde está a puta da central?»

«Não sei, não sei, juro!»

«Ai, Zé… Zé… Ao que tu me obrigas.» Peguei no telemóvel e simulei uma chamada. «Estou sim? *Caveira*? Parece que o tipo não quer falar, podes avançar com o plano que combinámos.»

«Não! Não! Não!», gritou o porteiro. «Eu falo! Eu falo! Eu juro que não sei onde é que eles montaram essa central, eu apenas passo a palavra e tento arranjar clientes e receber os pagamentos. Não trato de mais nada, recebo a minha parte e não faço perguntas, eu juro, juro, mas, por favor, não façam mal à minha família.»

«Vês, companheiro», disse para o Miguel. «Às vezes, temos de seguir a nossa intuição. A sorte protege os audazes, não é mesmo?» Sorri para ele, antes de me voltar para o porteiro. «Eu vou acreditar em ti quando me dizes que não sabes onde é a central, mas não penses que me vou embora de mãos a abanar. De certeza que deves ter uma lista desses clientes contigo, onde registas os nomes, se já pagou ou não, entre outras coisas. Dá-ma já!»

«Mas… para quê? São só nomes e nem sequer…»

«Vou ter de ligar ao *Caveira*, Zezinho? Eu disse já!»

«OK! OK! Está no meu portátil, dentro do meu carro.»

«Agarra nesse braço, vamos acompanhá-lo até ao carro.»

O Miguel agarrou-o por um dos braços, eu agarrei no outro e dirigimo-nos para o carro dele. Depois de olhar para o interior e confirmar que estava lá uma mochila de computador e que não se tratava de uma armadilha, entrámos os três para o banco de trás do carro, ficando o porteiro, naturalmente, no meio de nós.

Abriu o portátil e depois um ficheiro Excel com um conjunto de nomes, contactos telefónicos e códigos que eu não sabia para que serviam, mas decidi registar tudo através de fotografias. Eram centenas de nomes. Assim que terminei, disse para o franzino:

«Como vês, nada aconteceu além de umas fotografias inocentes, mas se eu descubro que contaste isto a alguém, não te esqueças de tudo o que sei sobre ti. Se algo me acontecer por causa deste nosso encontro, os meus capangas têm ordem para destruírem a tua vida. Estamos entendidos, Zezinho?» Limitou-se a engolir em seco e a abanar afirmativamente com a cabeça. «Agora vou fazer-te uma última pergunta e se ousas mentir-me, já sabes o que acontece: foste tu que mataste o meu cão a mando do *Padrinho*, não foste, seu canalha? Eu sei que ele não se ia dar a esse trabalho.»

«Não! Não! Não! Não fiz nada disso. Juro! Fui eu que deixei lá a *pen* na caixa de correio, mas nunca entrei no prédio. Pode ter sido ele ou outra pessoa, mas juro que não fui eu!»

«Estás a mentir-me, cabrão!», gritei-lhe ao ouvido.

Agarrei-lhe no pescoço e comecei a apertá-lo.

«Já chega, **Afonso**! Vamos embora!», alertou o Miguel.

Apertei-o por mais um segundo e abandonámos o local.

No caminho de regresso à sua casa, o Miguel mal abriu a boca. Além disso, não parava de trocar mensagens.

«Estás a falar com quem?», perguntei, assim que chegámos.

«Filipa», limitou-se a dizer.

«Está a perguntar-te o que vieste fazer comigo?»

«Também.»

«Não lhe disseste nada, pois não?»

«Não… O que pensas fazer com esses nomes?»

«Amanhã vou falar com a tua amiga Verónica. Ela é advogada e, melhor do que ninguém, saberá como é que, com estes dados, poderei

tramar a vida daquele filho da puta.»

«**Afonso**…», chamou, sem olhar para mim. «Tu sabes que sou teu amigo, e a prova disso é que te fui ajudar esta noite e não disse nada nem te impedi de fazer nada. Mas a verdade é que… eu não reconheci aquele **Afonso** no parque de estacionamento.»

«O que queres dizer com isso?»

«Desde que te aconteceram aquelas coisas…»

«Desde que me fizeram aquelas coisas!», corrigi.

«Seja como for. Sou teu amigo e quero o melhor para ti, e não acho que estejas a seguir o melhor caminho.»

«Estou a seguir o caminho que me obrigaram a seguir.»

«Estava a falar por mensagens com a Filipa, mas ela não estava preocupada com aquilo que fomos fazer, estava preocupada contigo e comigo, e estava a alertar-me para isso mesmo. Também já se apercebeu de que tu estás diferente, e se ela já desconfiava, depois da conversa que teve contigo há pouco, em minha casa, passou a ter a certeza. E depois do que vi lá no parque, penso o mesmo.»

«Mas agora toda a gente implica comigo? Eu sempre fui arrogante e desprezível, não percebo qual é o espanto!»

«Sim, mas não eras frio, obcecado e agressivo, como agora. Estás a sair dos trilhos por causa do Henrique e da Inês. E, por falar no Henrique, acho que há coisas mais importantes do que ele com as quais te deves preocupar.»

«Parem de me pintar como o vilão desta história!»

Comecei a sentir uma irritação a efervescer-me no sangue.

«Mas se usares isso para estragar a vida a esse gajo passarás a ser o vilão. Não queimes esse cartucho por vingança, porque, mais tarde, poderás precisar dele para te defenderes. Este é o conselho que te dou, mas faz o que achares melhor para ti.» Abriu a porta, saiu, mas antes de a bater, baixou-se e acrescentou: «Já agora, vê bem o que estás a perder com essa postura. Eu sei que a morte do *Dark* foi uma grande perda para ti, porque eras muito apegado a ele, e eu próprio tinha muito carinho por ele, mas não era tudo o que tinhas. E só vais perceber isso quando continuares a perder pessoas importantes na tua vida. Ainda vais a tempo de mudar.»

Bateu a porta e precipitou-se para o interior de casa. Permaneci

imóvel e de braços caídos, a pensar nas palavras que tinha acabado de ouvir, e optei por pensar enquanto conduzia. Arranquei, segui viagem para casa e, à medida que me aproximava do meu destino, ia tendo menos vontade de lá chegar. Simplesmente, não me apetecia chegar ao espaço vazio e morto em que se transformara a minha casa e isso servir como uma espécie de confirmação do que o Miguel me acabara de dizer. Decidi, por isso, fazer um desvio e dirigi-me para a Rua das Oliveiras, não longe da Praça Carlos Alberto, e entrei no primeiro bar que me chamou a atenção, sem me importar com o nome. Estava fraco o ambiente, mas também não deveria faltar muito para fechar. Sentei-me ao balcão e pedi um uísque puro. Bebi de um só trago e deixei-me estar por uns segundos a sentir aquele ardor que ia da boca ao estômago.

«Outro!», pedi ao *barman*.

Matei-o novamente num trago só e deixei-me estar momentaneamente a desfrutar daquela sensação tranquilizante.

«Mais um, por favor», voltei a pedir.

O *barman* olhou-me, desconfiado, mas serviu-me na mesma. Entretanto, o álcool começou a fazer efeito, a visão ficou turva e tudo o que se passou de seguida foi uma verdadeira incógnita para mim. Quando acordei, vi-me dentro de uma casa que não reconhecia, com uma dor de cabeça enorme e sangue na minha roupa.

«Dormiste bem?», disse uma voz por cima do meu ombro.

Olhei para trás e vi a Diana encostada à ombreira da porta.

«Como é que eu vim aqui parar?»

24

«Abusaste da bebida ontem, **Afonso**», revelou a Diana.

«Continuo sem saber como vim aqui parar.»

A Diana soltou um suspiro, descruzou os braços e veio sentar-se ao meu lado, com cara de poucos amigos.

«Ontem estava descansada a dormir na minha cama quando alguém me decide ligar, quase às 3h00. Achava eu que eras tu, pois era o teu número, mas, afinal, era o dono do bar onde decidiste embebedar-te. Ele disse que tu já tinhas perdido a noção e pegou no teu telemóvel para ver as tuas últimas chamadas. Ligou para mim a pensar que eu era a tua namorada e pediu-me para te ir buscar e ajudar, porque ele queria fechar o estabelecimento. Quando cheguei lá, encontrei-te encostado num dos sofás e com a sobrolho cortado, pois, aparentemente, caíste e bateste com a testa na esquina de uma mesa.» Levei a mão ao sobrolho e apercebi-me do penso que tinha colado nele. «Um dos funcionários ajudou-me a levar-te para o meu carro e depois trouxe-te para minha casa. Fiz-te o curativo e deixei-te a dormir aqui no sofá.»

À medida que ela relatava o que tinha acontecido ocorriam-me alguns *flashes* de memória que correspondiam à descrição que a Diana fazia. Um ligeiro desconforto apoderou-se de mim, pelas figuras tristes que eu imaginava ter feito, mas a ressaca estava a incomodar-me ainda mais e precisava de tomar alguma coisa.

«Tens máquina de café aqui em casa?»Ela pareceu ofendida com a minha pergunta.

«Tu ouviste alguma coisa do que eu te disse?»

«Ouvi, mas não fizeste nenhuma pergunta e eu fiz. Tens café ou não? Preciso de cafeína para revitalizar.»

Comprimiu os lábios e lançou-me um olhar tão furioso que, se fosse um desenho animado, estaria a deitar fumo pelos ouvidos.

«Não vais tomar café nenhum enquanto…»

«Eu vou procurar!»

Levantei-me e fui para a cozinha. A Diana veio logo atrás e encostou-se ao balcão em silêncio, enquanto me via à volta da máquina de café, a

tentar descobrir como pô-la a trabalhar com apenas 10% do meu cérebro a funcionar. Ela acabou por ceder, aproximou-se de mim, afastou-me com o braço e ela mesma tratou de me tirar um café. Eu aproveitei a gentileza e sentei-me. Assim que preparou o café, pousou-o na mesa à minha frente e voltou a encostar-se ao balcão, de braços cruzados, com o mesmo semblante aborrecido.

«Tinha a ideia de que não bebias. Muito menos até cair para o lado. Não tem nada que ver contigo. Sabes disso, certo?»

«E não bebia, mas as coisas mudam.» Tomei o café e apontei para a Diana com a chávena. «Tiras-me outro, por favor?»

Ela acatou o meu pedido e serviu-me outro.

«Não abuses na cafeína, senão dá-te palpitações.»

«Pode ser que, ao sentir o meu coração a bater mais forte, eu perceba que ainda estou vivo.»

«Estar vivo e viver são duas coisas muito diferentes.» Puxou uma cadeira e sentou-se à minha frente. «O que se passa contigo, **Afonso**? Não estás bem. Agora até te embebedas!»

«Estava só a matar saudades dos velhos tempos.»

«Isto não tem graça nenhuma. Fala comigo. Deixa-me ajudar-te. Tu também já me ajudaste muito.»

«Trouxeste-me para tua casa. Fizeste-me um curativo. Deixaste-me dormir no teu sofá e ainda me puseste um cobertor por cima. Além disso, acabaste de me servir um café. Já me ajudaste o suficiente. Quanto ao resto… não há muito a fazer.»

«Diz-me uma coisa, aquela consulta que tiveste com o Dr. Alfredo ajudou-te mesmo ou disseste-me que sim só para eu não te chatear mais com esse assunto?»

«Se eu disse que ajudou, é porque ajudou.»

«Então, se calhar era boa ideia voltares a falar com ele.»

«Eu procurei-o naquela altura, embora empurrado por ti, por motivos diferentes daqueles que me afetam agora. E nem penses em marcar nova consulta surpresa, porque desta vez não irei.»

«Ajudou-te uma vez e pode ajudar de novo, **Afonso**. Não custa nada tentar. Nota-se claramente que estás perdido!»

«Este café não sabe a nada», comentei, para mudar de assunto. «Tenho de procurar um sítio onde possa tomar um a sério.»

Levantei-me e dirigi-me para a saída da cozinha.

«Onde vais? Espera por mim, eu levo-te.»

«Já te dei trabalho que chegue por hoje. Quando tiveres novidades relevantes com o teu amigo… apita.»

Fui à sala calçar-me e recolher os meus pertences, sob o olhar impotente da Diana, e abandonei o apartamento dela. Atravessei a rua e caminhei até ao café que tinha em frente, para tomar um como deve ser. Sentei-me na esplanada e supus que os olhares que se tinham concentrado em mim se devessem ao meu aspeto descuidado, mas não me importava. Enquanto esperava pelo café, viajei até à última vez em que estive na casa da Diana e que coincidiu, curiosamente, com o momento em que o Zé porteiro, que eu ameaçara na noite anterior, tinha estado naquela mesma esplanada. O jogo invertera-se muitas vezes desde então. Entretanto, o meu café chegou e tomei-o com a pressa de quem sabia que já tinha falhado compromissos profissionais suficientes nesse dia. Apanhei um *Uber* até ao meu carro e fui a casa tomar banho.

A sensação fresca que o duche me proporcionou, juntamente com o efeito da cafeína a fervilhar-me no sangue, fez a minha energia crescer gradualmente, até que uma leve euforia começou a apoderar-se de mim. Passei do oito para oitenta em poucos minutos e percebi, já tarde de mais, que, tal como na noite anterior, eu tinha exagerado na bebida. Afinal, aquele café da Diana era mais forte do que parecia. Percebi que tinha de expulsar o excesso de energia, mas também tinha de ir trabalhar, porque já tinha falhado várias sessões, por isso precisava de arranjar forma de aplicar a energia no trabalho.

Quando cheguei ao escritório, cumprimentei a Rute do modo menos discreto que alguma vez o tinha feito com ela e, quando me preparava para abrir a porta do meu gabinete, a Verónica surgiu ao meu lado, a carregar uma pilha de pastas e papéis.

«Chegaste mais tarde hoje. Está tudo bem, certo?»

«Tudo normal», respondi-lhe. «Só uma noite difícil.»

«Muito bem. Não te esqueças que ainda me estás a dever uma compensação», recordou, com um piscar de olhos.

Não me deu tempo de responder, pois afastou-se assim que terminou de falar, mas, no fundo, até me fez um favor, pois não tinha nenhuma resposta decente para lhe dar.

As horas que se seguiram foram especialmente aflitivas, porque não conseguia canalizar aquela energia para as sessões. Só sentia que falava para os meus aspirantes mais depressa e com os olhos mais arregalados do que o normal. O que, como é óbvio, não ajudava muito. Aquela euforia que eu me via obrigado a conter estava lentamente a tornar-se em ansiedade e a estragar a boa experiência que podia ser. Mas tudo mudou quando percebi que a minha última sessão do dia era com o Paulo. Fui mesmo recebê-lo à porta, tão animado que estava com a vinda dele.

«Senta-te», sugeri, dando-lhe uma palmada no ombro. «Como foram estes últimos dias? Muito treino ao espelho?»

«Sim, tentei mudar a minha postura. Ser mais dominador, relembrando-me de que sou um lobo, não um cordeiro.»

«Tentaste ou conseguiste?»

«Digo que tentei porque ainda não tive oportunidade de me pôr à prova para saber se estou diferente ou não.»

«Ainda não tiveste oportunidade ou ainda não procuraste uma oportunidade porque tens medo de falhar?!», perguntei, enquanto aumentava, a cada palavra, o volume da minha voz.

«Não passou assim tanto tempo desde a última sessão, ainda estava a fazer o trabalho interior…»

«Estás a brincar comigo, Paulo?! Estás a tentar camuflar ou desculpar a tua cobardia, ou é impressão minha?»

«Não estou! Juro que não! Apenas não surgiu a oportunidade. Estas coisas levam o seu tempo…»

«Achas que não sei o tempo que é necessário?! Achas que ando nisto há dois dias? Não estou a dizer que estás um homem diferente e que o teu problema está resolvido. Nem sequer está perto de se resolver. Estou a dizer que uma coisa é treinar, outra é jogar. E tu estás com medo de ir a jogo porque te estás a acobardar. Afinal, o lobo ainda está a dormir!»

«A minha atitude já mudou, noto isso em mim, apenas ainda não testei, mas tu disseste que me ias pôr à prova quando eu voltasse, pois aqui estou para provar que não sou um cordeiro.»

Os astros pareciam ter-se alinhado para eu poder pôr em prática a ideia que me ocorreu quando comentei com a Verónica, em casa dela, o

que acontecera com o meu aspirante. Ainda momentos antes ela mesma me havia reivindicado uma compensação e só podia ser um sinal de que tinha chegado a hora de o fazer.

«Espera um pouco», pedi ao Paulo.

Levantei-me e fui abrir a porta. Estava tudo muito sossegado no exterior. A maioria dos colegas já tinha ido embora e eu aproveitei para percorrer o corredor até ao gabinete da Verónica. Bati à porta, na esperança de ouvir um sim, e quando o ouvi, entrei.

«Muito trabalho?», perguntei.

«É um processo que já me está a dar dores de cabeça», replicou, enquanto fechava uma pasta. «Mas vou embora daqui a pouco.»

«Relativamente àquele assunto da compensação…» Fiz uma pausa. «Estarias recetiva a uma ideia fora da caixa?»

Olhou-me com um ar intrigado e recostou-se na cadeira.

«Desenvolve.»

«O que seria mais excitante para ti: veres alguém a fazer sexo mesmo à tua frente ou seres vista a fazê-lo?»

«Porque me estás a perguntar isso?»

«Responde e logo saberás o porquê!»

«Não sou propriamente fã de pornografia, e ao vivo nunca assisti. De qualquer forma, sem dúvida que preferia mil vezes ser vista do que ver, mas também nunca experimentei.»

«Então, acho que chegou a hora de acrescentares essa experiência à tua lista de aventuras sexuais. Vem comigo!»

Estiquei o braço na direção dela, para me dar a mão, e a Verónica, sem saber o que a esperava, confiou em mim e veio comigo.

«O que vamos fazer, **Afonso**?», murmurou.

Antes de abrir a porta do meu gabinete, voltei-me para ela e disse-lhe também num sussurro:

«Ninguém te vai tocar ali dentro além de mim, só que irei falar mais do que o habitual e vou pedir-te que ignores isso. Concentra-te apenas no que estiveres a fazer e nas sensações.»

Entrei no gabinete com ela pela mão e, ao ver-nos entrar, o Paulo pôs-se de pé para nos receber.

«Deixa-te estar, senta-te e descontrai», disse-lhe. «Queria apresentar-te a Raquel, a minha namorada.»

A Verónica lançou-me um olhar reprovador.

«Olá, Raquel!», cumprimentou o Paulo, meio atrapalhado.

«Sabes, Paulo…», comecei por dizer. «A dada altura das minhas formações, levo os meus aspirantes para o 404, que nada mais é do que um quarto de hotel especialmente preparado para que eu os observe enquanto praticam sexo, de forma a poder fazer a minha avaliação. Mas como gosto de variar, e a Raquel adora experimentar coisas novas, hoje decidi fazer o contrário. Hoje serei eu a foder e o meu aspirante a ver. Não para me avaliar, mas para aprender. Combinado, Paulo?»

25

«Não sei se é a melhor forma de…»

«Era uma pergunta retórica! Cala-te!», atirei com raiva.

Encostei-me à minha secretária, puxei a Verónica para mim e comecei a beijá-la, enquanto lhe acariciava o rabo. Tirei-lhe a camisola e atirei-a propositadamente para cima do Paulo. Rodei-a ao contrário, encostei o rabo dela à minha cintura e comecei a percorrer-lhe o tronco com as mãos, desde os seios até ao sexo. Agarrei-lhe no cabelo, puxei a cabeça dela para trás e dei-lhe um beijo no pescoço, seguido de uma leve mordida.

«Vês, Paulo, este é um movimento básico de um homem dominador. A mão no cabelo é um sinal de domínio e o pescoço exposto pronto a ser beijado ou mordido é uma técnica para a fazeres acreditar inconscientemente que é ela a presa. E ela quer ser a presa, mas, para isso, tens de saber ser o lobo mau!»

Afastei-a de mim, baixei a minha roupa, fi-la ajoelhar-se, voltei a agarrá-la pelo cabelo e enfiei o meu pau na boca dela.

«Fá-las chuparem-te, Paulo. Não é o que elas mais gostam, como deves imaginar, mas é importante para cimentares a postura dominadora. Uma vez lobo, sempre lobo. Em contrapartida, depois dás-lhes o melhor sexo oral da vida delas.»

Lancei-lhe um sorriso insolente, mas ele estava mais assustado com o que estava a acontecer mesmo à sua frente do que interessado em ouvir-me e aprender como satisfazer uma mulher.

Puxei a Verónica para cima, despi-a da cintura para baixo, deixando-a só com o sutiã, sentei-a na secretária, segurei-lhe nas pernas e abocanhei-lhe o sexo. Chupava-a com a cabeça de lado, para que o Paulo pudesse ver melhor o que eu estava a fazer e como estava a fazer, e ia olhando de vez em quando na direção dele, para que se sentisse um interveniente daquele acontecimento.

Se havia pessoa, no meu universo, capaz de aceitar fazer aquilo comigo era a Verónica, e a cada segundo que passava a estranheza daquela situação (que não afetava apenas o Paulo) transformava-se

lentamente em adrenalina e prazer. No fundo, era juntar o útil ao agradável, aproveitando para riscar uma das experiências sexuais que, mais tarde ou mais cedo, tinham de ser feitas.

«Chupa-as até ao infinito», disse-lhe, depois de me levantar e enquanto me preparava para começar a penetrá-la. «Elas vão dar-te sinal quando já estiverem satisfeitas e quiserem avançar. Caso não o façam, para quando já não sentires a língua.»

«Acho que já percebi a ideia, é melhor deixar-vos a sós.»

O Paulo levantou-se e dirigiu-se para a porta, mas, ao passar por trás de mim, barrei-lhe a saída e encostei-o ao armário.

«Onde é que pensas que vais?!», vociferei. «Vais ficar aqui e de olhos bem abertos para veres como se faz, estás a entender? Não disseste que a tua atitude tinha mudado e que estavas aqui pronto para o demonstrar? Então, porque ages como um cãozinho a fugir com o rabo entre as pernas? Se não tens tomates para aguentares uma cena destas, em que mundo esperas conseguir satisfazer uma mulher como deve ser? Hã?! Responde!», gritei.

«Isto não é prova nenhuma, é apenas exibicionismo.»

«É exibicionismo, sim, mas estou a exibir bons exemplos que tu devias ter coragem de aprender, seu cobarde! És mais um daqueles que quer resultados, mas não se aplica. Queres muito, mas a vontade solteira não faz nada. Agora, vais aguentar até ao fim!»

Lancei-lhe um último olhar enraivecido e voltei-me para a Verónica. Demos um longo beijo, depois agarrei-lhe nas pernas, penetrei-a e comecei a fodê-la em cima da secretária, com o Paulo ainda encostado ao armário, certamente assustado.

«Aproxima-te!», ordenei. Ele acatou a ordem e colocou-se ao nosso lado, com uma expressão amarga. «Tu é que decides as posições, ouviste bem? Não lhes perguntes o que querem. Ou és muito bom e adivinhas, ou atiras ao acaso e esperas que a sorte esteja do teu lado.» Falava e fodia. «Caso elas não estejam a gostar ou não estejam confortáveis na posição que escolheste, elas dão sinais disso. Não faças perguntas nem peças desculpa. Caso erres, não as deixes perceber nunca que foi por ignorância.»

Tirei o meu pau de dentro dela, fi-la descer da secretária, virei-a de costas para mim, empurrei-lhe os ombros para que apoiasse as mãos

sobre a secretária, agarrei-a pela cintura e penetrei-a.

«Não precisas de inventar muito», continuei, tentando articular as palavras com a respiração ofegante. «Não tens de fazer posições acrobáticas para demonstrar que sabes o que estás a fazer. O sexo são meia dúzia de coisas. É tudo uma questão de confiança. Se ela sentir isso, terás uma parceira cúmplice e satisfeita.»

Aumentei a velocidade e as inspirações que aquele esforço me exigia impediam-me de falar. Assim que o fiz, reparei que o Paulo desviou o rosto, como se dispensasse aquele exibicionismo da minha parte, e soltei uma mão da anca da Verónica para agarrar na camisola do Paulo e fazê-lo olhar para nós.

«Não me desprezes, caralho! Olha, vê e aprende!»

«Já chega! Por mim, já chega! Vou-me embora!»

Antes que abrisse a porta para sair, fiz-lhe um aviso:

«Se saíres agora, acabou-se para ti.»

Ele olhou-me muito sério e não alterou a sua intenção. Ignorou-me e abandonou o meu gabinete, batendo a porta com estrondo.

«Estes gajos não aprendem», desabafei. «Que raiva!»

«Pelo menos, agora vais poder dedicar-te só a mim.»

«Isso é uma reclamação?»

«É uma preferência.»

Puxei-a pelos ombros para cima, até se encostar ao meu peito e agarrei-lhe na cabeça para lhe poder falar ao ouvido.

«É uma preferência? Então, diz-me uma coisa: preferias foder comigo com assistência ou não foder comigo?»

«Preferia foder contigo com assistência, se te dedicasses mais a mim do que à assistência.»

Mordi o lábio, virei-a para mim e agarrei-a pelo rosto.

«Eu avisei-te lá fora disso mesmo! Mas queres que eu me dedique só a ti, é? Eu vou dedicar-me só a ti, então.»

Puxei-a pelo braço e encostei-a à parede. Levantei-lhe uma perna, segurei-a com um dos meus braços, agarrei no meu pau e enfiei-o dentro dela de uma só vez. A Verónica abriu a boca e lançou-me um olhar profundamente erótico. Agarrou-se em volta do meu pescoço com os dois braços e começou a beijar-me enquanto a fodia contra aquela parede. Ao contrário do que tinha acontecido quando o Paulo nos estava

a ver, ela começou a gemer, mas como me beijava ao mesmo tempo, os gemidos eram abafados pela minha boca. Quando me vi obrigado a soltar a minha boca da dela, para poder respirar melhor, os gemidos entoaram pelo gabinete e a Verónica tapou a boca com as duas mãos. Puxei imediatamente as mãos dela para baixo e prendi-lhe os pulsos.

«Já que não estás a ser vista, pelo menos és ouvida.»

Continuei a meter-me com força dentro dela e o volume dos seus gemidos começaram a aumentar gradualmente.

«Não posso! Se os outros clientes descobrem o que andamos a fazer nos gabinetes ainda estrago o negócio ao meu pai!»

«Quero lá saber. Geme com força.»

Ela comprimiu os lábios, na tentativa de conter os gemidos que explodiam dentro dela como fogo de artifício, e a sua expressão facial queixosa denunciava o esforço que estava a fazer.

«Não posso! Não posso! Vem-te e acaba com esta tortura!»

«Andas muito certinha», disse-lhe entre dentes, como se lhe estivesse a rugir. «Mas eu não!»

Aumentei ainda mais a velocidade.

«Vem-te, por favor!», implorou.

Mantive-me durante mais alguns segundos na velocidade máxima e as pernas começaram a ceder pelo esforço e, consequentemente, comecei a perder a ereção, até que me rendi e libertei-a. Ela escorregou pela parede até se sentar no chão, com os braços sobre os joelhos, e ficou a ofegar de cabeça pousada nas coxas.

«Vieste-te?», perguntou, enquanto eu vestia as calças.

Olhei para ela e fiz uma pausa antes de responder.

«Não, não me vim. Porquê essa pergunta? Já da última vez que fodemos me perguntaste isso.»

«Pergunto porque é importante para mim. Ou achas que só é importante para vocês, homens, saber se uma mulher se veio? Vocês vêm-se sempre, e se tu não consegues é porque há algo de errado comigo. Achas que eu não sou suficientemente boa?»

«O quê? Que conversa é essa? Eu tinha uma imagem de ti mais confiante. Não é nada disso. Não tem nada que ver contigo. Eu é que, às vezes, resisto mais do que outras, em função de uma infinidade de variáveis. Tal como tu não te vens sempre que fazes sexo, porque nem

sempre as condições estão reunidas para atingires o clímax. Não quer dizer que haja algum problema.»

A Verónica levantou-se e aproximou-se de mim.

«Eu sei que quando fodemos em minha casa tu também não te vieste. Tentaste disfarçar, mas eu percebi. Podes achar que isso é inofensivo, mas afeta o ego de uma mulher. Uma mulher não se vir, infelizmente, até é normal, mas um homem…»

«Se eu me quiser vir bato uma, não preciso de sexo para isso. Para mim, o sexo é uma experiência. Vir-me é um acréscimo. É a cereja no topo do bolo. Para mim, é mais importante fazer vir do que me vir, mas não vou ter esta conversa contigo. Veste-te.»

A Verónica anuiu e começou a vestir-se, enquanto eu, já pronto, me deixei estar encostado na secretária a observá-la. Assim que terminou, olhou-me com azedume e saiu sem dizer mais nada.

Vim-me embora pouco depois e, enquanto conduzia, sentia os meus testículos a latejar. Estavam inchados e doíam-me imenso, o que tornava o simples ato de conduzir muito doloroso, pois as minhas bolas estavam a ser pressionadas por vários lados. Era apenas o resultado de ter estado muito tempo de pau feito e não me ter vindo. Não era uma novidade para mim, mas, de facto, não me lembrava de quando tinha sido a última vez.

A situação não mudou até ao fim do dia, e quando fui tomar banho senti que era o momento ideal para arrumar com aquele assunto. Até porque de seguida dormiria e ia dar-me um relaxamento extra. Com a água quente a cair-me nas costas, apoiei-me com uma mão na parede e com a outra agarrei no meu pau e comecei a masturbar-me. Inicialmente, não estava a pensar em nenhuma imagem erótica em especial, mas percebi que nunca mais sairia dali se não o fizesse. Também sabia que havia umas imagens em concreto que seriam mais eficazes do que outras, mas eu estava a tentar evitá-las, apesar da tentação. Continuei a esforçar-me, a ponto de o meu braço começar a doer, e percebi que tinha de me render e fazer o que tinha de ser feito. Foi então que fui ao baú das lembranças que tinha dos momentos de sexo com a Inês, fechei os olhos e fi-las passarem na minha mente, como um filme. Foi como magia. Em pouco tempo, o meu corpo começou a reagir e acabei por me vir. De imediato, apoderou-se de mim

uma sensação desagradável por ter recorrido àquelas imagens de alguém que tinha optado por outro homem, mas ao mesmo tempo uma sensação boa de vingança equilibrou as contas, pelo que fui dormir relaxado.

O dia seguinte começou praticamente com uma chamada da Rute a dizer-me que estava um homem à minha espera no escritório, mas que dizia não ter nenhuma sessão marcada.

«Como é que se chama o homem?», perguntei-lhe.

«Chama-se Alfredo. E diz que já o conhece», respondeu.

26

Se Maomé não vai até à montanha, a montanha vai até Maomé. Foi um ditado que a Diana decidiu pôr em prática e pediu ao Dr. Alfredo para ir ter comigo aos escritórios, depois de eu lhe ter dito que não iria a uma nova consulta surpresa. Eu considerava-me um estupor, mas não ao ponto de deixar o homem pendurado à minha espera só porque não acreditava que ele me pudesse ser útil. Até porque tinha ficado com uma boa impressão dele. Por isso, disse à Rute para lhe pedir que aguardasse a minha chegada, pois já estava a caminho. Quando lá cheguei, aguardava por mim o mesmo homem de ar simpático, aspeto despretensioso, barbas e cabelos grisalhos e óculos pendurados ao pescoço. Trazia apenas o seu bloco de notas numa das mãos e um sorriso de quem fazia aquilo por gosto. Convidei-o a entrar no meu gabinete e a sentar-se na poltrona onde se sentavam os meus aspirantes.

«É aqui que dá as suas consultas, certo?», perguntou.

«Isso mesmo», respondi, olhando em redor.

«E é aqui onde estou que se sentam os seus clientes?» Abanei afirmativamente com a cabeça. «Muito bem. Não me interprete mal, nem pense que me quero apoderar do seu espaço, mas era importante que trocasse de lugar comigo.»

Inicialmente, não estava a entender o porquê daquela sugestão, mas logo percebi que era um jogo psicológico para me deixar numa posição de ouvinte/dominado e ele ficar com o lugar do orador/dominador. Mesmo sendo aquele o meu espaço. Só por isso se notava que era um homem muito entendido da mente humana, algo que me fazia respeitá-lo. Apesar de eu estar em desvantagem relativamente a ele, pois, como é óbvio, era mais sábio do que eu, gostava daquela sensação desafiadora de estar diante de alguém que não só estava a um passo de mim, como estava um passo à minha frente. Física e metaforicamente falando. Aceitei a sugestão e, quando me sentei na poltrona, apercebi-me de que nunca me tinha sentado nela e, de repente, o meu próprio gabinete parecia um lugar estranho. *Bem jogado, Dr. Alfredo, bem*

jogado, pensei para mim.

«A menina Diana disse-me que o **Afonso** precisava de mim, mas que não tinha intenções de me procurar. Fiz ou disse alguma coisa errada ou desagradável na última consulta?»

«Não. Se bem que já não fui a tempo de poder confirmar o que me disse ou pôr em prática a sugestão que me deu, porque nesse mesmo dia aconteceu uma situação muito desagradável.»

«Se não estou em erro, não sabia se amava uma certa mulher, correto? E eu disse-lhe que, em princípio, sim, e que o primeiro passo era fazê-la saber disso o quanto antes. Mas está a dizer-me que não foi a tempo e que aconteceu algo desagradável. O que foi?»

«Resumidamente: mesmo antes de eu me declarar a ela, descubro que o meu melhor amigo, o meu cão, tinha sido morto pelo atual companheiro dela. Quando os confrontei com isso, ele negou e ela ficou do lado dele. Foi tudo muito doloroso para mim, e eu já não andava bem, por isso tive mesmo de… "desligar" os meus sentimentos. Não só para não sofrer, mas também para poder encarar aquela situação com frieza e objetividade.»

«Desculpe, disse-me… desligar? Explique-me isso.»

«É um mecanismo mental de emergência que desenvolvi para não me importar e, consequentemente, não sofrer. Não sei explicar bem como é possível, mas é como se eu tomasse uma determinada decisão com tanta vontade que, numa questão de minutos, a minha forma de pensar é profundamente alterada.» Ele fez-me um gesto com a mão para continuar a desenvolver aquele assunto, enquanto fazia anotações no caderninho. «Não sei se é assim que se chama, mas devo ter uma espécie de dupla personalidade. Contudo, para mim, é muito mais do que uma personalidade distinta. É como se fosse uma outra pessoa que existe em mim. Uma outra pessoa que não deixa de ser eu, mas que é uma versão de mim muito mais insensível. Mesmo quando está tudo bem, ele está sempre lá e manifesta-se pontualmente, embora eu tente reprimi-lo, mas quando eu preciso dele, deixo-o vir ao de cima e torno-me "ele". Que é o que está a acontecer neste momento na minha vida. Não sei se isto está a fazer sentido para si, eu sei que é estranho, mas…»

«Está a fazer todo o sentido, senhor **Afonso**. É um fenómeno deveras

peculiar, mas tenho muitos anos disto e já nada me espanta. A mente humana é capaz que coisas absolutamente extraordinárias e inacreditáveis. Tanto para o bem, como para o mal. Mas, por favor, termine o raciocínio.»

«Era só isso que tinha a dizer. Eu procurei-o naquela altura porque precisava de um esclarecimento que não estava a conseguir obter sozinho. Contudo, depois das transformações que ocorreram em mim, devido a todos esses acontecimentos, tenho notado uma certa preocupação, mas também incompreensão, devo admitir, das pessoas mais próximas. E a Diana é uma dessas pessoas, por isso decidiu pedir-lhe que me ajudasse. A verdade é que, ao tomar esta decisão, já me ajudou o que tinha de ajudar. Há males necessários e este era um deles. Só eu sei o quanto precisava disto.»

«Não duvido. Só o senhor sabe o quanto lhe dói e ninguém o pode culpar por arranjar estratégias para anular essa dor. Além disso, eu também não o conseguirei ajudar se o **Afonso** não quiser ser ajudado ou se não acreditar que precisa de ajuda. Vim cá porque a menina Diana, que é a pessoa que nos une e, por sinal, muito boa pessoa, pediu-me por favor para o fazer, e ainda pagou esta consulta. Por isso, tudo o que lhe peço é que, mesmo achando que não precisa ou mesmo não querendo, ouça o que tenho para lhe dizer. Já tenho aqui uma imagem preconcebida do que, suponho, está a acontecer dentro da sua cabeça…»

«Normal, eu acabei de lhe dizer», interrompi-o.

«Certo, mas vou explicar-lhe tudo à minha maneira. Só preciso de limar aqui umas ideias, mas para isso teremos de recuar ainda mais no tempo, pois sei que isto não é de agora. Aquilo que está a acontecer com o **Afonso** é o resultado de traumas bem mais antigos. Não gosto muito de esmiuçar o passado dos meus clientes, também por isso não lhe vou pedir para me contar a sua vida toda, mas sim os acontecimentos mais importantes. E depois digo-lhe o que acho que é e o que pode ser. Se concordar, perfeito, se não concordar, amigos na mesma. Não quero que ache que sou dono da razão, só quero é que me ouça, e depois faz o que entender.»

O Dr. Alfredo sabia muito bem o que estava a fazer. Não era à toa que estava a pôr as cartas na mesa daquela forma. Era tudo uma estratégia

para se desviar do meu ego. Ele sabia muito bem que, se tentasse impor-me ideias, iria chocar com o meu ego e perdia todo o efeito. Já o tinha feito ao trocar de lugar comigo, mas mesmo antecipando algumas das suas intenções fui a jogo com ele.

Os minutos seguintes foram passados a fazer-lhe um resumo da minha vida, incentivado pelo ar sempre curioso dele. Também eu estava curioso para saber que conclusões é que ele tiraria daquela narrativa. De vez em quando, fazia anotações no bloco que, mais tarde, vim a perceber que eram apenas desenhos. Quando terminei de falar, ele virou o bloco para mim e mostrou-me o que tinha desenhado. Entre outros rabiscos, consegui discernir um esquema que se resumia a três camadas sobrepostas, sendo que a inferior tinha sido riscada mais vezes, por isso aparecia a uma tonalidade mais escura, a do meio tinha uma tonalidade intermédia e, por fim, a de cima não fora riscada.

«A sua personalidade resume-se a este esquema», atirou.

«Diferentes camadas com diferentes densidades, é isso?»

«É dentro dessa linha, sim. Mas eu passo a explicar melhor a minha teoria para o fenómeno que acontece na sua mente. Apesar das peripécias da sua infância e das dificuldades que o **Afonso** e o seu irmão tiveram de enfrentar, a sua personalidade esteve sempre estável nesta camada menos densa.» Apontou para a camada superior. «É a camada em que impera a tranquilidade, a amorosidade, empatia, romantismo e tudo isso. E foi assim até ao momento exato em que se dá a separação com a sua namorada da altura. Obviamente, foi traumatizante não só pela forma como aconteceu, como também pelo sentimento forte que me disse que sentia por ela, somando ainda ao facto de ter sido a primeira vez que passou pelo fim de uma relação. Nesse momento, a sua mente, que é uma mente obsessiva, queria pôr termo a esse sofrimento da forma mais eficaz possível, no entanto, e dada a situação delicada do seu irmão, o **Afonso** sabia que ele precisava de si, e não podia desistir. Então, a única forma que a sua mente encontrou de suportar tudo o que lhe estava a acontecer ao mesmo tempo foi fazer uma espécie de corte geral e desligar-lhe as emoções. Nesse momento, o **Afonso** desceu drasticamente da camada menos densa para a camada mais densa de todas, e começou a reger-se por instintos e prazeres mundanos de forma insensível. Por causa

disso, aconteceram-lhe essas tragédias que acabou de me relatar e tudo volta a mudar com a morte do seu irmão. Foi uma perda, mas, no fundo, foi o ponto de viragem na sua vida e, de certa forma, a sua salvação. Porque se continuasse na camada mais densa só ia piorar e acabaria por se destruir de outra forma. O **Afonso** acaba por renascer, sai da camada mais densa e estabiliza na camada intermédia, na qual a sua personalidade se manteve até aos acontecimentos negativos mais recentes. Essa camada intermédia, naturalmente, é muito mais instável, pois tem flutuações constantes entre a camada superior, o seu lado mais amoroso e romântico, e a camada inferior, o seu lado mais obsceno, arrogante e agressivo. Daí que, pontualmente, tenha esses impulsos e ideias mais obscuros que parecem uma voz na sua cabeça. Ou seja, no intermédio o **Afonso** não é noite nem dia, é uma espécie de noite luminosa, que conhecemos como uma noite de luar. Na fase em que se encontra, temos apenas noite.»

«Agradeço a explicação, Dr. Alfredo e, embora essa ideia das camadas seja muito boa, a verdade é que não me disse nada de absolutamente inédito e eu continuo sem saber em que medida é que ter conhecimento disso me pode ser útil na situação atual.»

«É exatamente aí que quero chegar. Já vamos lá. O **Afonso** conseguiu manter-se nessa camada intermédia durante todo este tempo porque arranjou âncoras. Essas âncoras eram os seus objetivos; as promessas que fez a si próprio após a morte do seu irmão e do seu cão, que, pelo que me disse, também estão associadas a essa fase negativa que viveu há uns anos e ao seu renascimento após essa fase. Mais recentemente, encontrou uma nova âncora, mesmo que não se tenha apercebido dela, que foi a Inês. Em pouco tempo, o **Afonso** perdeu duas âncoras importantes na sua vida e mergulhou nessa noite interior. Ou fez-se mergulhar propositadamente nela, ao deixar de se esforçar para se manter à superfície. Achando que seria a melhor solução para não sofrer e, assim, estar mais lúcido e conseguir resolver a sua situação. Mas, ao mesmo tempo, isso fê-lo distanciar-se da corda que o poderia salvar, que é o amor. Só o amor o pode salvar, **Afonso**. Neste caso, só a Inês. E eu sei que sabe disso.»

«Espere um momento, para ver se entendi. Eu perdi a Inês, que era uma das minhas âncoras, segundo as suas palavras, e mergulhei na

escuridão, mas aparentemente mergulhei na escuridão para não sofrer pela perda da Inês. Afinal, estou assim porque a perdi ou escolhi estar assim para suportar a dor de a ter perdido?»

«Está a ver o quão incrível é a sua mente, **Afonso**?», disse ele, de olhos arregalados, com um entusiasmo contagiante. Por um segundo, senti-me empolgado com a minha própria desgraça. «Sabe o que é uma doença autoimune? Basicamente, é quando o seu sistema imunitário, que o deveria proteger, ataca o seu próprio corpo por engano. De certa forma, é o que está a acontecer consigo. Aquilo que deveria ser uma defesa está, na verdade, a ser um ataque.»

«Está a dizer-me que eu não me deveria ter "desligado" e deveria estar a sofrer porque esse, sim, seria o caminho da cura?»

«Tente compreender o meu ponto de vista. Eu acredito que o **Afonso** precisa de voltar a ligar-se, porque só assim voltará a ter como objetivo lutar por essa mulher. E será ela que o vai puxar das profundezas. Ou então, terá de esperar que, por obra do destino, ela volte a surgir na sua vida. Ela ou alguém por quem se apaixone. E isso funcionará como um balão de oxigénio que o trará de volta à superfície. O certo é que a estratégia que achou ser a mais indicada está, na verdade, a afastá-lo da solução. Parece masoquista a ideia de ir atrás daquilo que o magoa, mas, como me disse, há males necessários, e este é um deles. O que está a fazer agora é abafar essa dor, e sabe o que está a acumular? Mágoas. Não lhe diria para lutar por essa pessoa se não sentisse que havia bases ou se soubesse que já tinha feito tudo o que tinha a fazer. Mas não é o caso. O **Afonso** ainda nem sequer lhe disse que a amava.»

«Não disse que a amava precisamente porque…»

«Ouça-me, por favor. Fugir não é a solução. Porque essa dor não deixou de existir. Ela apenas foi posta em *stand by*. Isso é o que as pessoas teimam em fazer. Quando são trocadas por alguém, procuram imediatamente outra pessoa que as possa amar ou que, de certa forma, possa atenuar essas lembranças e, consequentemente, as dores do recente término. Mas, no fundo, estão a enganar a outra pessoa e, acima de tudo, a elas mesmas. Não há outra forma de vencer a dor que não seja deixando doer. É preciso espremer essa dor. É preciso senti-la. Porque ela está lá, não adianta negar. Não podemos é olhar para a dor como algo que nos destrói. Como uma fraqueza. No fundo, ela está

apenas a criar defesas. E se a aceitarmos, se a acolhermos e compreendermos, ela dói, mas vai passando. Se a negarmos, vamos criar mágoas, ou seja, a dor até pode passar, mas a ferida não. Por outro lado, se, em vez de a acolhermos, deixarmos que seja ela a acolher-nos, a dominar-nos, então aí ela leva-nos para o fundo do mar e começamos a entrar em depressão. E como estamos sempre a pensar naquilo, estamos sempre a escarafunchar na ferida, e nem a ferida cura nem a dor passa.»

«Conclusão?»

«Desligar é um atalho que lhe tira mais do que aquilo que lhe dá. O **Afonso** sabe, no fundo, que gosta dessa mulher e que a quer, mas ainda não fez tudo o que tem de fazer por ela. E caso não o faça, vai viver atormentado com uma infinidade de "ses" que apenas o vão atrapalhar no futuro. Até pode não dar em nada, mas não pode desistir sem fazer aquilo que tem de ser feito. E isto nada tem que ver com mendigar o que quer que seja. Se não correr até à meta nunca vai saber se ganha ou não a corrida. Por isso, a primeira coisa que tem de fazer é dar o melhor até chegar à meta, e logo se vê se ganha ou perde. O que é certo é que, enquanto se mantiver desligado, nunca lutará pela meta, por isso, nunca ganhará a corrida e nunca se salvará.»

Fiquei em silêncio durante alguns segundos, a olhar para o infinito, e ele percebeu que eu estava a refletir e respeitou o meu silêncio, aguardando que fosse eu a interrompê-lo.

«Não», disse apenas, sem olhar para ele.

Ele permaneceu em silêncio durante mais algum tempo, depois olhou para o bloco de notas e fechou-o lentamente sobre o joelho.

«Não concorda?», perguntou, também sem me encarar.

«Aquilo que diz tem o seu sentido. Sabe, com certeza, mais do que eu sobre o assunto, mesmo que estejamos a falar de mim, e eu não vou dizer que não concordo consigo. Vou apenas dizer-lhe há muitos caminhos para chegarmos a uma determinada meta. E cada um tem a sua estratégia e as suas prioridades. E, neste momento, a minha prioridade não é declarar-me a uma pessoa que decidiu optar por ficar do lado do assassino do meu amigo de quatro patas, além de tudo o que ele me fez e, sobretudo, a ela. Mesmo sabendo que não é este o caminho politicamente correto, é por aqui que quero e vou continuar a

seguir.»

«Claro que é, porque, neste momento, o **Afonso** anulou os seus sentimentos, bloqueou-os. E ao fazê-lo, retirou esse peso da balança, e ela está inclinada para o lado que o faz tomar essa decisão. Ao retirar uma variável da equação, vai criar a ilusão de que a resolverá mais depressa, mas o resultado a que chegará nunca poderá ser o correto. Ao colocar a emoção na balança, certamente ela penderia para o outro lado. Mas o **Afonso** é que sabe. Eu só lhe pedi que me ouvisse, e fê-lo, por isso, fiz a minha parte.»

«Muito obrigado pelo seu tempo, doutor.»

Levantei-me e dirigi-me para a porta. Ele aproximou-se, sorriu-me e esticou-me o braço, para me dar um aperto de mão. Assim que abandonou o gabinete, fiquei de pé, a agarrar na maçaneta da porta semiaberta, enquanto olhava para o vazio. Decidi não bater a porta e também eu saí, dirigindo-me para gabinete da Verónica.

«Preciso de uma informação tua enquanto advogada», disse-lhe, assim que entrei, e ela fez-me sinal com a cabeça para avançar. «Imagina o seguinte cenário: um homem é cabecilha de uma rede de televisão pirata com centenas de clientes e usa um negócio pessoal para lavagem de dinheiro. De que tipo de crimes pode ele ser acusado, caso seja descoberto?»

«Bom… assim de cabeça… um deles é óbvio, que é o de branqueamento de capitais, depois, relativamente à rede, existem vários, como burla informática agravada, acesso ilegítimo, detenção e venda de dispositivos ilícitos, usurpação de direitos de autor e direitos conexos, enfim. Mas porquê essa pergunta?»

«Isso dá prisão?», perguntei.

«Depende sempre de várias coisas, mas, sim, pode dar.»

«Então e… um tipo que entra num estabelecimento comercial, agride uma pessoa e ainda a ameaça que lhe vai destruir a vida. Não é tão grave como o primeiro caso, pois não?»

«Mais uma vez, depende de vários fatores. Essa agressão pode ser considerada uma ofensa à integridade física simples, grave ou qualificada. Mas, se não foi premeditada nem lhe causou uma lesão permanente, em princípio, é considerado uma ofensa simples, e não, não será tão grave como o primeiro caso.»

«OK, era só isso, obrigado.»

Virei-me e dirigi-me para a saída.

«Não me disseste o porquê dessas perguntas. Andas metido em sarilhos, é? Se precisares dos meus serviços…»

«Se eu precisar dos teus serviços, não serão os de advogada.»

Voltei a virar-me e, antes que pudesse sair, ela levantou-se e aproximou-se por trás de mim.

«Por falar em serviço, não acho que o de ontem tenha ficado bem feito. Acho que faltou a cereja no topo do bolo», ironizou.

«Estás a dizer que não te fodi bem?»

«Eu é que não te fodi bem. Confesso que fiquei a matutar no assunto, por isso mesmo queria fazer-te um convite.»

Olhei-a com ar de caso e mantive-me perpendicular a ela.

«Que convite é esse?»

«Não posso dizer, é surpresa, mas… envolve sexo. Claro.»

«Não gosto de surpresas», atirei.

«Calma! Vamos sair mais logo, beber uns copos e depois saberás qual é a minha ideia. Se aceitares, e eu acredito que sim, avançamos, caso contrário, tudo bem na mesma.»

Refleti por um segundo, de olhos colados nos dela, e respondi:

«Tudo bem, vamos a isso, a que horas passo em tua casa?»

«O local onde vamos fica para os teus lados, por isso é melhor ser eu a levar-te.»

«Não, não! Vamos no meu carro!»

«Tudo bem! Mas para não teres de andar para trás, eu vou ter a tua casa e depois vamos no teu carro. Está pronto às 23h00.»

Despedi-me com um aceno de cabeça e regressei ao meu gabinete, porque até às 23h00 ainda tinha muito trabalho para fazer.

Durante o resto do dia só me vinham à cabeça as palavras do Dr. Alfredo, misturadas com as últimas que o Miguel me tinha dito. Por um lado, eu sabia que eles tinham razão, mas, por outro, o meu instinto e a minha sede de vingança eram incontrolavelmente mais fortes. E quando percebi que o que eu tinha contra o Henrique era mais poderoso do que aquilo que ele tinha contra mim fiquei com água na boca e a esfregar as mãos. Só faltava descobrir a melhor maneira de usar aquela cartada.

Despachei-me no escritório e fui mais cedo para casa. Não me voltei a

cruzar com a Verónica e só depois de jantar é que me lembrei que tínhamos combinado sair. Arranjei-me e, quando faltavam cinco minutos para a hora marcada, percebi que não tinha dito a minha morada à Verónica. Fui buscar o telemóvel para lhe ligar e estava nesse preciso momento a receber uma chamada dela, que eu supunha ser para me perguntar exatamente isso.

«Ia agora mesmo lig…»

«Já estou cá em baixo à tua espera. Vamos!»

Desliguei a chamada e fiquei a olhar para o telemóvel. Como é que ela sabia onde era a minha casa no Porto?

27

Fiz rapidamente um *rewind*, tentando perceber em que momento é que eu tinha partilhado com ela a minha morada, mas não cheguei a qualquer conclusão. Mas também não era importante, pois seria a primeira coisa que lhe iria perguntar assim que a visse. Agarrei nas chaves e fez-se uma luz.

«Oh, não!», disse em voz alta. «Ela deve estar na Póvoa!»

Apressei-me a descer até ao piso zero, já possuído por alguma culpa por não me ter lembrado de a avisar onde é que ela me devia encontrar, e saí à rua, já sem esperança de a encontrar. No entanto, para meu novo espanto, lá estava o carro dela, ainda a trabalhar, estacionado junto ao passeio, uns três metros desviado do portão do prédio. Bati-lhe no vidro e disse-lhe assim que o abriu:

«Ia ligar-te quando me telefonaste para te dizer onde é que eu vivia. Entretanto, pensei que tivesses ido para a Póvoa de Varzim, porque foi lá que te levei uma vez. Como sabias que era aqui?»

Ficou a olhar para mim de olhos arregalados e respondeu:

«Foi esta a morada que puseste na ficha que a Rute te deu para preencheres quando foste para aqueles escritórios. Lembras-te?»

Era legítima aquela justificação. Engoli as palavras e fui buscar o meu carro à garagem, porque ainda que eu tivesse aceitado a «surpresa», gostava de ter o máximo de controlo possível sobre a situação. Parei ao lado do carro dela, passou para o meu e segui as indicações que me deu até chegarmos ao destino.

«É esta a tua surpresa?», perguntei, assim que me apercebi que não passava, aparentemente, de um bar comum.

«Calma, isto é só um… atalho. Vem comigo.»

Agarrou-me pela mão e levou-me para o interior do bar. Descemos uma escadaria e mergulhámos numa multidão de gente. Não era grande, o espaço, mas estava cheio, e aparentava ser uma festa privada, a julgar pela conversa que a Verónica teve com o segurança à entrada. Deixei-me conduzir por ela, na expectativa do que tinha preparado, e assim que nos vimos rodeados de gente começou a dançar encostada a mim.

Durante os minutos seguintes, o rabo dela torturou o meu pau de desejo, enquanto se roçava nele, até que lhe deu um intervalo de descanso, quando a Verónica se ofereceu para ir buscar duas bebidas. Voltou pouco depois, mas não trazia apenas as bebidas.

«Olha só quem eu encontrei aqui…», rejubilou ela, enquanto me passava um dos copos para a mão.

Por trás dela surgiu a Alexandra, sorridente, e mais sorridente fiquei eu, por dentro. Aquela noite acabava de ficar consideravelmente mais interessante. Deu-me dois beijos e logo de seguida a Verónica esticou o pescoço para me falar ao ouvido:

«Espero que gostes da surpresa.»

Lançou-me um olhar atrevido e agarrou-se à Alexandra para dançar com ela. Acabei por ficar sozinho, agarrado ao copo, mas não me importava nada, pois estava a desfrutar da visão maravilhosa de duas mulheres atraentes a dançarem uma com a outra. Tudo melhorou quando me apercebi que se tinham beijado. Foi só um vislumbre, porque me tinha distraído e apanhei só a parte final do beijo. Começaram a rir-se uma para a outra e a Alexandra aproximou-se de mim para beber do meu copo. Só teve tempo de dar um gole, porque a Verónica tirou-me o copo da mão, pousou-o, agarrou na Alexandra e fez-me sinal com a cabeça para as seguir. Subimos a escadaria, abandonamos o bar e metemos pela porta imediatamente ao lado do bar. Pelas placas informativas à entrada dava para perceber que se tratava de um *hostel*.

«Percebes agora o porquê de eu ter dito que era um atalho?», perguntou a Verónica, com um sorriso.

Ela já tinha tudo planeado e encaminhou-nos diretamente para o quarto que tinha reservado. Percebi que estava prestes a experienciar o que o Miguel viveu quando eu desertei do sexo a quatro em casa dele, também com elas as duas. Por um lado, sentia-me «mais um», mas, por outro, não queria saber, desde que aquela aventura que estava prestes a começar valesse a pena.

Fui o último a entrar no quarto e quando bati a porta já elas trocavam beijos e carícias. Não tinha a certeza se havia algo que eu gostasse mais de ver do que duas mulheres a beijarem-se. (Um fetiche que, de resto, é partilhado pela maioria dos homens.) Admiro tanto o ser que é a mulher e a sua inerente sensualidade que ver aquelas duas mulheres a

entregarem-se uma à outra era de uma beleza extrema. Eram apenas duas mulheres, hétero e cúmplices, que tinham o atrevimento e abertura mental para desfrutarem sem complexos dos corpos uma da outra, e isso, aos meus olhos, era simplesmente delicioso. Não me importaria nada de passar a noite apenas a observá-las, mas nem aquele quarto era o 404 nem eu estava em trabalho, por isso, não demorei a juntar-me a elas.

Fui por trás da Alexandra e comecei a despi-la, ao mesmo tempo que lhe acariciava o corpo de cima a baixo e lhe beijava pescoço, ombros e costas. Depois, meti-me no meio delas e comecei a beijar a Verónica, enquanto agarrava as duas pelo fundo das costas. A Alexandra aproveitou e começou a abrir-me a camisa e a devolver-me no tronco os beijos que lhe dera nas costas. Assim que chegou ao fundo da minha barriga, voltou a subir e juntou a sua boca à minha e à da Verónica num beijo triplo com muita língua misturada. Logo depois, voltou a deixar a minha boca a sós com a da Verónica e desceu pelo meu tronco numa caminhada de beijos. Baixou-me as calças e os *boxers* e começou a chupar-me com afinco. Enquanto isso, eu desfrutava da boca da Verónica, acariciando-lhe simultaneamente o rabo com uma mão e o seio esquerdo com a outra. Ajudei-a a tirar a camisola, mas depois ela afastou-se para tirar o resto da roupa e eu aproveitei as mãos livres para agarrar na cabeça da Alexandra e marcar o ritmo com que me chupava. O tesão possuía-me por todos os lados e os meus gemidos guturais entoavam pelo quarto. Assim que Verónica se despiu e se voltou a juntar a nós, puxei a Alexandra para cima, agarrei com cada uma das mãos na cabeça de ambas e juntei as três cabeças de novo num beijo, antes de as deixar entretidas uma com a outra.

Enquanto tirava o que restava da minha roupa até ficar completamente nu, a Alexandra beijava e lambia os seios da Verónica e ela agarrava-lhe na cabeça para ser ela própria a introduzir-lhe os mamilos na boca.

Agarrei-as pelos braços, sentei-as ao fundo da cama e pus o meu pau ereto diante do rosto delas, para que me chupassem ao mesmo tempo. A Verónica meteu-o logo na boca e começou a chupar-me, enquanto cravava as unhas numa das minhas nádegas. Ao mesmo tempo, a Alexandra lambia-me e chupava-me deliciosamente as bolas, também

ela a apoiar uma das mãos na minha outra nádega. Todas aquelas sensações, desde as mãos delas no meu rabo até àquela visão paradisíaca de duas bocas suculentas à volta do meu pau, a lutar para ver quem o chupava mais, faziam vibrar de tesão cada uma das minhas células.

Peguei na Verónica pelo braço e empurrei-a para o colchão, para que se deitasse de costas. Depois, levantei a Alexandra, virei-a para a cama e fi-la colocar-se por cima da Verónica na posição de quatro. Agarrei nas nádegas da Alexandra com as duas mãos, afastei-as e comecei a dar-lhe longas lambidelas no sexo. Depois, passei uma das mãos para a Verónica e comecei a estimular-lhe o *clit* com a ponta dos dedos, fazendo-as gemer em simultâneo, ainda que os gemidos fossem abafados pelos beijos que elas trocavam.

Quando senti a Verónica suficientemente molhada, introduzi-lhe o dedo médio no sexo, com a palma da mão voltada para cima, e comecei a fazer os movimentos de «anda cá». Aumentei gradualmente o ritmo dos movimentos, assim como a intensidade com que lambia e chupava o sexo da Alexandra, e os gemidos delas corresponderam. Voltei a agarrar nas nádegas da Alexandra com as duas mãos e dei-lhe uma longa lambidela desde o sexo até ao ânus, começando a estimulá-lo com a ponta da língua contraída.

Estava na hora de me fazer sentir novamente dentro dela. Pus-me de joelhos sobre o colchão, entre as pernas delas, meti a cabeça do meu pau no sexo da Alexandra, agarrei-a pela cintura e penetrei-a até ao fundo. Permaneci naquela posição durante um segundo, para poder sentir ao máximo aquela sensação quente e saborosa. Assim que a penetrei, ela levantou a cabeça, sacudindo o cabelo para trás, e olhou para mim, queixosa. Foi então que comecei a comê-la com força por cima da Verónica. Durante as primeiras penetrações, ficou a olhar para mim e eu a olhar para ela, e aquele contacto visual intensificou ainda mais o nosso prazer. Depois, ela voltou-se para a Verónica para a beijar e eu ergui a cabeça para cima, gemendo na direção do teto, como se invocasse forças divinas para rebentar com aquelas duas naquela noite.

Sem parar de a penetrar, puxei a Alexandra pelos cabelos, erguendo-a para mim, e depois segurei-a no ar pelos braços, agarrando-a junto aos cotovelos. Em baixo, a Verónica acariciava-lhe os seios e ajudava a

suportar a Alexandra naquela posição.

Tirei o meu pau de dentro dela, afastei-a para o lado, descobrindo o corpo imaculado da Verónica, e meti o meu pau nela, começando a fornicá-la sem perder tempo. Fiz-me entrar e sair do seu corpo com movimentos pneumáticos, como se fosse um robô possuído e -descontrolado. Enquanto isso, a Alexandra acariciava as minhas costas e o meu rabo em forma de incentivo, para que fodesse o melhor possível a amiga.

Fui fodendo uma e outra enquanto elas também brincavam uma com a outra, numa mistura total de corpos sem distinção. Não havia sexos, havia sexo, e tudo valia para que as almas e os corpos se unissem na única missão que nos tinha levado a todos àquele quarto.

Já na parte final, fizemos o triângulo perfeito. Eu deitei-me de costas, a Verónica sentou-se em cima do meu pau e a Alexandra em cima da minha cabeça. Enquanto penetrava a Verónica, ia chupando a Alexandra, e lá em cima as duas fechavam o triângulo com um beijo contínuo. A Verónica começou a saltar em cima de mim e o facto de eu não estar a fazer esforço nem estar no controlo da situação fazia com que a excitação se multiplicasse.

Era claro que ela tinha preparado aquilo tudo para que eu pudesse ir até ao fim e vir-me. Pondo, assim, a cereja no topo do bolo. Coisa que não acontecera nas últimas vezes que tínhamos estado juntos. E demonstrou isso mesmo quando saiu de cima de mim, colocou-se ao meu lado e disse-me ao ouvido, enquanto me tirava o preservativo:

«Isto só está a atrapalhar.»

Logo depois, agarrou na cabeça da Alexandra e baixou-a até ao meu sexo para me chupar. Ficámos naquele 69 os dois e foi a vez de a Verónica ser a nossa assistente, segurando no cabelo da amiga e acariciando as minhas bolas.

«Só saímos de cima quando te vieres», sussurrou-me.

De seguida, levantou a Alexandra, voltou a pôr-se em cima de mim, agarrou no meu pau e fez-se descer por ele. Nesse momento, soltei um grunhido de prazer e isso incentivou ainda mais a Verónica, que começou a fazer movimentos rápidos com a cintura. Revirei os olhos e voltei a abocanhar o sexo da Alexandra, para distrair o meu cérebro do que acontecia mais abaixo.

«Isso! Isso! Vem-te!», gritava a Verónica.

Comecei a vibrar a minha cabeça entre as nádegas da Alexandra, roçando a minha cara completamente no sexo dela e fazendo-a gemer cada vez mais alto. Tínhamos encontrado a perfeita harmonia, não só entre os três corpos encaixados uns dos noutros, mas também nos gemidos que pareciam sincronizados.

«Vem-te! Vem-te, estupor!», insistiu a Verónica.

Gemi uma última vez, anunciando o fim daquela viagem, desliguei o meu corpo e parecia que também tinha puxado a tomada delas, porque caíram as duas, extasiadas, para cada lado. Deixei-me estar durante alguns segundos a olhar o teto e a desfrutar daquele silêncio, apenas interrompido pelas nossas respirações. Depois levantei-me, fui à casa de banho e quando voltei sentei-me na cadeira do canto, nu, a observá-las enquanto murmuravam uma com a outra.

«Vamos voltar para a festa, certo?», perguntou a Alexandra.

«Eu vou-me embora», atirei.

«Eu vou ficar por aqui», respondeu a Verónica.

«Tu vieste comigo, tens o carro à porta do meu prédio, tenho de te levar. Como é que vais ficar aqui?»

«Vou dormir aqui. Vocês façam o que quiserem.»

«Depois de tanta diversão juntos, vai cada um para o seu lado?», questionou a Alexandra, arregalando os olhos.

«Porque não vais com a Alexandra até lá abaixo?», perguntou-me a Verónica. «Faz-lhe companhia. Não te preocupes comigo. Eu depois apanho um táxi e vou buscar o meu carro.»

«Boa!», rejubilou a Alexandra, levantando-se da cama. «Vou passar o corpo por água e já venho. Bebemos só um copo.»

Não estava preocupado com ela, estava sim curioso para saber porque é que ela queria ficar ali aquela noite. Ou então, porque não queria ir embora comigo. Alguma coisa escondia, mas também não adiantava perguntar-lhe, porque ela certamente não me iria dizer. Também tinha estranhado o facto de ela sugerir que eu me fosse divertir com a amiga, não demonstrando qualquer ciúme ou interesse na minha companhia. Uma ideia que era reforçada pelo facto de ter pegado logo no telemóvel, ainda deitada na cama, ignorando por completo a minha presença. Deixei-me estar momentaneamente a observá-la de forma

discreta e decidi começar a vestir-me. Assim que a Alexandra se aprontou, voltámos para a festa. A vontade não era muita, mas a vontade de ir para casa era ainda menor. Era apenas uma forma de me enganar durante mais algumas horas e aproveitava para regressar a casa o mais cansado possível, de modo a adormecer assim que chegasse. Mas quando voltei a mergulhar na multidão pela mão da Alexandra, o bar chamou-me a atenção e fui buscar duas bebidas. O álcool parecia-me um atalho bem mais interessante do que me obrigar a dançar músicas que nem de ouvir gostava. Pouco depois, fui buscar mais duas. E outras duas. E mais uma que acabámos por dividir um com o outro, e depois dessa já era claro o efeito do álcool na nossa cabeça. Ela recusou nova bebida, mas eu fui buscar para mim. Quando regressava para junto dela, vi-a ao longe a dançar agarrada a outro tipo e pareceu-me a desculpa perfeita para ir embora dali. Entreguei a bebida que tinha acabado de pedir a um rapaz de olhos semicerrados, certamente já mais impregnado de álcool do que eu, e abandonei o bar.

Não podia dizer que estava bêbedo, mas estava demasiado animado e relaxado para conduzir em segurança. Ainda assim, ignorei as regras, entrei no carro e arranquei.

Não deixava de ser irónico ter ido com uma mulher, ter estado com duas e voltar sem nenhuma. Não estava certo se aquela noite tinha sido mais boa do que má, de qualquer forma, tinha valido pela experiência.

Apesar de aquilo que eu estava a fazer ser profundamente reprovável e até criminoso, eu conduzia devagar. Não pelo peso na consciência, mas porque o meu cérebro processava a informação muito lentamente. Contudo, não tão lentamente a ponto de não serem disparados os alarmes do corpo todo quando, de repente, um vulto atravessou pela estrada, fazendo-me travar a fundo. Fiquei por momentos agarrado ao volante, em choque.

«*Dark*?», disse em voz alta.

Saí do carro, com o coração a mil, e corri para o monte por onde o vulto tinha metido. Podia jurar que era um cão, e muito parecido com o meu, mas a noite estava cerrada e a minha visão turva. Por instinto, estupidez ou só bebedeira voltei a gritar para o meio das árvores, na esperança de um retorno:

«*Dark*?! És tu, companheiro? *Dark*?!»

O silêncio mórbido da floresta foi a resposta. Mesmo assim, esperei mais algum tempo, olhando em redor, à espera que um patudo mimado de olhos azuis e pelo escuro por cima e claro por baixo se aproximasse de rabo a abanar. Mas nada. Só silêncio.

Ainda com o coração acelerado, voltei para o carro (deixara-o no meio da estrada) e percorri alguns metros até poder estacionar num largo junto à berma. Desliguei-o e deixei-me estar de braços caídos e olhar mortiço, tentando recuperar do susto.

Não tinha sido mais do que uma alucinação, mas o suficiente para ressuscitar um fantasma antigo. Comecei a hiperventilar e a sentir-me abafado dentro do carro. O ritmo cardíaco não abrandava e sentia-me cada vez mais enjoado. Ia vomitar. *Que merda*, pensei para mim. Saí do carro e comecei a caminhar pela berma da estrada, sem rumo, para apanhar ar. Tinha esperança de que o enjoo passasse, mas era melhor arrumar logo com aquilo ou tão cedo não voltava a sentir-me bem. Rendi-me e acabei por vomitar. Logo a seguir, aproximou-se um carro e parou atrás de mim.

«Precisa de ajuda?», perguntou-me o condutor.

«Não, pode seguir!»

Virei-lhe as costas e comecei a caminhar em direção ao meu carro. Apercebi-me de que o homem esperou mais algum tempo, certamente para confirmar se eu estava mesmo bem, e depois retomou lentamente a marcha, e eu agradeci o facto de respeitar a minha vontade, pois não tinha paciência para ouvir vozes.

Aqueles escassos metros até ao carro foram revitalizantes e fiz questão de os percorrer muito devagar. Sentia-me mais aliviado, mas o desconforto ainda me fazia companhia. Assim que entrei novamente no carro, meti a mão por dentro da camisa, levei-a à zona das costelas para sentir a cicatriz e, tal como eu esperava, estava extremamente sensível. Nesse momento, percebi que não tinha sido uma alucinação, mas um sinal. E apaguei.

Quando voltei a despertar já amanhecia e o trânsito intensificara-se. Devia ter dormido umas três horas. Passei a mão no rosto, abanei a cabeça e fiz-me à estrada. Naquele regresso a casa pensei em milhões de coisas, mas só tirei uma conclusão em forma de certeza: eu ia à festa de aniversário da Filipa.

28

Tinha chegado o dia de aniversário da Filipa e eu não a tinha avisado que, mesmo sem convite, iria aparecer.

Optei por uma camisa e *blazer* pretos e saí de casa rumo à quinta dos avós dela. Lembrava-me vagamente de onde ficava e fiz uns cálculos por alto para chegar lá perto da meia-noite. Assim, garantia que a festa já tinha começado e ainda não tinha acabado, até porque os parabéns seriam cantados a essa hora.

Entrei no recinto da quinta e estacionei junto aos outros carros, mas o único que reconheci foi o do Miguel. Tentei perceber se estaria ali também o do Henrique, mas era uma busca em vão, já que ele estava constantemente a trocar de carro e podia ser qualquer um dos topo de gama ali parados. Não deixava de ser estranho como é que alguém como a Filipa tinha tantos amigos. Não que não fosse merecedora deles, pois considerava-a uma boa pessoa, mas, se tivesse de a caracterizar em poucas palavras, «sociável» não seria, garantidamente, uma delas. Já no caso do Miguel, seria a primeira.

Desci um passeio que dava acesso ao salão, onde, pelo ruído, estaria a decorrer a festa, e começou a apoderar-se de mim uma sensação de desconforto. O facto de saber que não era propriamente desejado ali dava-me uma certa adrenalina e um gozo especial, mas simultaneamente fazia-me antecipar um sentimento de rejeição. Não me incomodaria se fosse apenas rejeitado por quem assumidamente não gostava de mim, estava-me pouco a importar para isso, mas a verdade é que era muito provável que até os meus próprios amigos se juntassem à oposição. De qualquer maneira, não ia voltar para trás. Eu era o intruso, mas prevalecia na minha cabeça a lei de que quem está mal é que tem de mudar. Por isso, enchi o peito, compus o *blazer*, abri a porta e entrei no salão.

Estavam muitas pessoas no interior. Mais do que aquelas que previa pelo número de carros que tinha visto no exterior. Nenhum daqueles rostos me saltou à vista, por isso presumi que também não tinha sido reconhecido. Aproveitei e virei-me para uma mesa que estava à entrada

com muitos copos de champanhe e comecei a encher um deles para mim. Assim que pousei a garrafa senti uma mão a puxar-me o braço com tanta força que quase entornei o espumante.

«O que estás aqui a fazer?», perguntou em surdina a Filipa, com uma expressão colérica.

«Que forma tão desagradável de receberes um amigo na tua própria festa de aniversário. Quem te ouvir até pensa que nem querias que eu viesse», reagi com ironia.

«É o que merece uma pessoa que considera isto uma “festa pirosa”, mas que, pelos vistos, também quis fazer parte.»

«Talvez tenha exagerado, mas é perfeitamente compreensível, tendo em conta que tinhas optado por um criminoso, em detrimento de um dos teus amigos mais próximos. Tens salgadinhos?»

Comecei a caminhar em direção a uma das mesas redondas, onde vislumbrei uns aperitivos, e ela voltou a agarrar-me o braço.

«Não te faças de vítima, **Afonso**! Sabes muito bem o motivo pelo qual eu não te convidei. Qual é a tua intenção, hã? Armar um escândalo e estragares a minha festa de aniversário?»

«Não exageres. Não vou fazer filme nenhum. Muito pelo contrário. Vim mesmo para te provar que não é por o introduzires na tua vida que tens de me tirar.»

«Não introduzi ninguém na minha vida. Raios! Achas que quero aquele tipo por perto? Isto vai ser bonito, vai!»

Soltou um suspiro e massajou a testa.

«Relaxa! Já te pedi para não exagerares. Não vai acontecer nada de mal. Diz-me uma coisa, ela está…»

Antes que eu conseguisse terminar a frase, uma espécie de corredor abriu-se por entre as pessoas diante de mim e o meu olhar cruzou-se com o da Inês, que estava junto a um dos cantos, sentada num pequeno sofá e aparentemente sozinha. Por um segundo, o mundo congelou à minha volta, e subitamente parecia que tudo tinha ficado desfocado, à exceção do rosto dela, ao longe, a encarar o meu. Mas não passou de um *flash*, porque logo o enorme corpo do Miguel interrompeu aquele contacto visual.

«Afinal, sempre vieste», saudou ele.

«Não podia falhar o aniversário da minha querida amiga», repliquei,

olhando a Filipa de lado.

Lançou-me um sorriso cínico, semicerrando os olhos.

«Como é que andas? Não tens dito nada.»

«Tenho andado dedicado ao trabalho…»

«… e a estragar festas de aniversário», acrescentou a Filipa.

«Mais depressa a tua festa se estraga por uma discussão entre nós do que entre mim e o Henrique ou a Inês!», atirei.

Ela encolheu os ombros e desviou o olhar.

«Por falar no Henrique», continuou o Miguel. «Chegaste a…» Interrompeu o que ia a dizer e virou-se para a Filipa. «Dá-nos um minuto.» Ela olhou-nos uma última vez e afastou-se. «Tu chegaste a avançar com aquela ideia de o denunciar ou lá o que tinhas em mente para o tramar?»

Olhei para o copo e dei um trago antes de lhe responder.

«Não. Mas estou desejoso por ver a cara dele quando lhe disser o que descobri a respeito dele.»

«Vai dar ao mesmo, além disso, seria dar um tiro no pé. Eu sei que é excitante a ideia de mostrares o trunfo que tens contra ele, mas se ainda nem sequer sabes o que fazer com isso, então só lhe estarias a dar tempo de arranjar algo ainda maior contra ti. Não o faças. Muito menos aqui. O teu momento vai chegar.»

Não sabia se ele me estava a dizer aquilo para me dissuadir de o fazer naquele momento, porque acreditava mesmo que a hora ainda não tinha chegado, ou se era apenas uma estratégia para me fazer aguentar até a ideia me passar em definitivo. Independentemente disso, ele tinha razão no que dizia.

«Não te preocupes. Não vou fazer nada… aqui. E hoje.»

«Certo…» Olhou-me, desconfiado. «Mas, olha, porque não concentras antes as atenções na Inês? É um desperdício estares tão perto dela e preocupares-te mais com esse Henrique.»

«Mas foi por causa dela que vim hoje aqui! Vocês os dois é que só falam no Henrique. Eu entendo que, nos últimos tempos, tenho parecido um pouco obcecado com ele e isso vos tenha preocupado. Não, não desisti da ideia de o fazer pagar pelo que me fez, mas hoje não estou aqui por causa dele, podem ficar descansados.»

«Afonsinho? Por aqui?», saudou o Henrique, aproximando-se de nós

a segurar dois copos.

O olhar cínico e venenoso dele contaminou todo o ambiente à nossa volta, contagiando-me também com a sua toxicidade.

«Deixa-me trocar umas palavras com o Henrique», pedi.

O Miguel ficou renitente, ainda a desconfiar de mim, e arregalou-me os olhos em forma de aviso, antes de se afastar.

«Saudades minhas?», interroguei com escárnio.

«Digamos que não fui muito bem recebido da última vez, mas estou certo de que as tuas hormonas femininas já estão mais controladas depois da lembrança que te foi deixada na caixa de correio. Já agora, ainda não me disseste o que achaste do meu bar.»

«Gostei do pouco que vi e adorei o muito que descobri.»

Ficámos os dois em silêncio, a encarar-nos.

«Ai, sim?» Afiou o olhar. «E posso saber o que foi?»

«Descobri que…» Fiz uma pausa para criar *suspense*. «… És conhecido por *Padrinho*, no mundo da noite. Disse-me uma das tuas "funcionárias". Queres partilhar a razão dessa alcunha?»

Notei-lhe um certo alívio no olhar e isso soube-me bem.

«É porque sou uma pessoa muito generosa. Gosto de mimar os meus funcionários. Sou um bom patrão, sabes? Parecendo que não, há muitas famílias que vivem à minha custa. Indiretamente. Sou um benfeitor. Uma espécie de Robin dos Bosques.»

«O lado bom disso, para mim, é que só vou ter de levar contigo neste mundo, já que não nos encontraremos no inferno, uma vez que tu vais para o paraíso, porque és um anjo.»

«Tens razão, tens razão», disse com ar de gozo. «Bem! Tenho de ir, as bebidas estão a aquecer e a minha namorada gosta delas bem frescas.» Começou a afastar-se e depois voltou atrás para acrescentar: «Já agora, lamento pela tua perda. Era um rafeiro bonito. Acho que devias investigar melhor o que aconteceu.»

Cerrei os dentes e apertei o copo na mão. Naquele momento, senti uma vontade enorme de lhe atirar à cara o que eu tinha descoberto, mas por sorte ele já me tinha virado as costas e eu consegui conter-me e disse-lhe apenas:

«Já estou a tratar disso!»

Bebi o resto do espumante que tinha no copo, pousei-o, dirigi-me até

junto do Miguel e toquei-lhe nas costas.

«Vou precisar de uma pequena ajuda tua.»

«Se for para lutares por uma boa causa, conta comigo.»

«Como te disse, estou aqui por causa da Inês, porque quero falar com ela, só que há um problema…» A nossa troca de olhares completou a frase. «Por isso, vou precisar da tua ajuda para me ver livre dele durante alguns minutos.»

Olhou em volta com ar suspeito, como se já estivesse a incorporar o espírito de James Bond, e perguntou:

«Qual é a tua ideia?»

«É o seguinte, mais tarde ou mais cedo, ele terá de ir à casa de banho e deixará a Inês sozinha. Nesse momento, tu vais também à casa de banho e quando estiveres lá dentro vais deixar vir ao de cima o ator que há em ti e simular uma queda. Sem grande espalhafato, até porque não convém, contudo, vais ter de fazer de conta que te magoaste. Ou torceste um pé ou bateste com a cabeça e está a doer. Em princípio, ele vai oferecer-se para te ajudar e, se não se oferecer, tu pedes-lhe ajuda. Sais apoiado nele, discretamente, e dizes que precisas de gelo. Essa será uma desculpa para o conduzires até à zona da cozinha, onde vais procurar gelo ou outra coisa qualquer. Com isto deves conseguir empatá-lo durante uns minutos, tempo suficiente para eu agarrar na Inês, levá-la lá fora e trocar umas palavras com ela. Quando não o conseguires aguentar mais, dás-me um toque para o telemóvel e eu desapareço. Há muita coisa que pode correr mal, mas não vai correr. Percebeste tudo?»

Ele abanou afirmativamente com a cabeça e começaram a ouvir-se as palmas da Filipa a chamar todos para se cantarem os parabéns. Olhei para o relógio e era oh01. Aproximámo-nos da mesa do bolo e formou-se um magote a toda a volta. Cantaram-se os parabéns e quando começou a salva de palmas final, os meus olhos, por instinto, começaram a procurar os da Inês. E lá estavam eles, a olharem também para mim, a umas 15 pessoas de distância. Desviou-os num ápice, mas era demasiado tarde, porque já a tinha apanhado. Foi uma boa sensação.

Findadas as felicitações, a hoste dispersou e eu não me voltei a aproximar do Miguel, para não dar nas vistas. Íamos apenas mantendo o

contacto visual à distância, numa triangulação entre mim, ele e o casal. Não demorou mais de meia hora até o Henrique se afastar da Inês. Pisquei o olho ao Miguel, ele avançou atrás do Henrique para a casa de banho e eu dirigi-me para a Inês. Cheguei por trás dela, agarrei-a pelo braço e disse-lhe ao ouvido:

«Anda comigo.»

Inicialmente resistiu, mas talvez para não dar nas vistas e sem tempo para raciocinar, olhou em volta, para perceber se alguém nos estava a ver, e acabou por ceder.

«**Afonso**, eu estou com o Victor, não faças figuras!», murmurou, aflita, enquanto a levava pelo braço até ao exterior.

Levei-a para a varanda, que abrangia toda a fachada frontal e tinha vistas para um vale praticamente desabitado. Naquela zona da varanda ninguém que estivesse no salão nos conseguiria ver, mas caso nos encontrassem, mesmo que só estivéssemos a falar do tempo, iria parecer muito íntimo.

«O que estás a fazer? Não posso estar aqui, o Victor foi à casa de banho, daqui a pouco está à minha procura.»

«Calma! Está tudo controlado. O Miguel está com o Henrique e garanto-te que ele não nos vai ver aqui. São só dois minutos, o tempo necessário para me explicares porque é que achas que eu estava a mentir quando disse que foi ele que matou o meu cão? Porque achas que estava a mentir quando te disse que ele já me tinha ameaçado e que vigiava cada um dos meus passos? Tu, melhor do que ninguém, sabes quem ele é. Há uma razão por detrás de tudo isto e eu, por mais que puxe pela cabeça, não consigo perceber. Tu sabes que estou impedido de mentir pelas leis do meu universo e também sabes o quanto eu levo isto a sério. Por isso, explica-me».

«Não foi ele porque passou esse dia todo lá no *stand*.»

«Já te expliquei que ele tem pessoas a trabalhar para ele e a fazerem por ele esse trabalho sujo. Ainda há pouco descobri um deles, o tipo que me andava a vigiar antes de ir para o Brasil e que, por acaso, é porteiro no clube noturno dele.»

«E foi ele?»

«Eu confrontei-o com isso e ele negou. Mas não posso jurar que não me tenha mentido, além de que podia perfeitamente ter sido outro

membro da máfia dele a entrar em minha casa.»

«Para com essa ideia obsessiva. O Victor tem muitos defeitos, mas não seria capaz de uma coisa dessas.»

«Como é que podes garantir isso? Ao lado do corpo do *Dark* estava um bilhete a dizer “EU AVISEI”, e ele, de facto, tinha-me avisado que se te voltasse a procurar, fazia mal ao meu cão. Inês, tu sabes que não minto. Como é que não consegues aceitar a verdade? O *Dark*, que bem conhecias, está morto por causa dele, e tudo apenas com o intuito de me afastar de ti.»

«Não pode ser, **Afonso**! Deve haver uma explicação para isso. O Victor é muito carinhoso com o meu *Biju*, não acredito que fosse capaz de fazer algo tão hediondo com um animal.»

«Não posso jurar que tinha sido alguém a mando dele, mas posso jurar que ele me ameaçou, porque isso ouvi eu, e bem. Ele ligou-me pouco depois de nos termos cruzado no *stand*. E na ameaça, já acreditas? O que tens a dizer sobre isso?»

A Inês virou-se para o vale e apoiou-se no gradeamento.

«Estaria de cabeça quente…», murmurou. «Mas, de uma forma premeditada, não acredito que fosse capaz.»

«Eu é que não acredito como é que tu não acreditas nisto. Tem de haver algo mais. Tem de haver uma razão pela qual tu o defendes e o escolhes em detrimento de mim. Será que não vês que estás ao lado de um criminoso? Ele mandou controlar cada um dos meus passos, já me ameaçou, já invadiu a minha casa, matou o meu cão, tem um clube noturno com sabe-se lá o que há de ilegal lá e mais do que isso…» Olhei em redor, para confirmar que não havia ninguém por perto, e sussurrei: «Descobri recentemente que ele tem uma rede de televisão pirata com centenas de clientes, fatura milhares de forma ilegal e, se for descoberto, vai dentro uns anos. Tens noção do que isto é?»

Ela ficou a olhar-me inexpressiva durante mais algum tempo e depois desviou o olhar para o lado. Nesse momento, comecei a sentir uma mistura de surpresa e desilusão.

«Claro que tens noção… porque tu sabes de tudo isto», murmurei. «Sabes e compactuas com um criminoso.»

Uma cólera começou a ganhar forma a partir do meu estômago e eu comecei a afastar-me lentamente da Inês.

«Não é nada disso, **Afonso**. É uma história complicada.»

Virei-lhe as costas e comecei a caminhar.

«Espera! Não é o que estás a pensar. Volta aqui!»

Não olhei mais para ela nem entrei mais no salão. Dirigi-me diretamente para o meu carro e fui embora. Pouco depois de ter arrancado, recebi o toque de aviso do Miguel, mas já não fazia mais falta. Atirei o telemóvel para o lugar do pendura e acelerei até casa. Quando cheguei e me preparava para estacionar o carro, o telemóvel voltou a vibrar e eu olhei por instinto e sem interesse, pensando que seria o Miguel ou a Filipa a perguntarem-me onde estava. No entanto, apercebi-me que era uma mensagem de um número que não conhecia. Peguei no telemóvel, abri a mensagem e dizia: «Vem ter comigo amanhã, às 15h, ao *El Corte Inglés*. Inês.»

29

De facto, não estava à espera que a Inês estivesse a par dos negócios ilegais do Henrique e muito menos que compactuasse com eles ou fosse capaz de ficar ao lado de alguém que está mergulhado em crimes do género. Daí a minha admiração e desilusão. Por um lado, seria de prever que, estando juntos, estariam a par do que cada um fazia, mas, por outro, nada daquilo encaixava com a imagem que tinha da Inês. A minha desilusão era, por isso, sincera, mas, naturalmente, aquele afastamento repentino tinha o propósito de a fazer sentir-se incomodada ao pensar que tinha sido mal interpretada. Não lhe dei tempo de se justificar, por isso, se a minha opinião fosse importante para ela, iria certamente procurar forma de corrigir a imagem que tinha ficado dela. Era uma jogada de risco, pois, caso não me procurasse, eu teria desperdiçado uma oportunidade de saber o que ela tinha para me dizer. Contudo, mesmo que não o fizesse, eu sabia que ela iria ficar incomodada e, inevitavelmente, a pensar em mim. Pode dizer-se que não nos importa o que pensam de nós, mas nunca se quer que pensem coisas erradas a nosso respeito, principalmente quando seria tão fácil eliminar essa imagem negativa com meia dúzia de palavras. Algo que neguei propositadamente à Inês. Tinha-me desiludido, é certo, mas não estava com ideias de falhar aquele encontro.

À hora combinada, parei o carro em frente ao *El Corte Inglés* de Gaia e esperei por ela do lado de fora, encostado a ele. Demorou quase dez minutos até a ver a sair por uma das portas e caminhar na minha direção. Trazia o cabelo solto e uma roupa simples, bem ao seu estilo, pelo que estava linda. Trazia também um sorriso tímido, como se estivesse preparada para me pedir desculpa por alguma coisa.

«Porquê este local?», perguntei, assim que chegou.

«Digamos que é um ponto estratégico. Fácil de encontrar e fica perto da autoestrada, onde vamos ter de entrar.»

Franzi a testa, surpreendido com aquela novidade.

«Onde vamos?»

«À minha terra natal: Aveiro. Posso?»

Apontou para a porta do carro.

«Então, e o Henrique? Sabe disto? Sabe onde estás?»

«Claro que não, **Afonso**! Ele foi hoje para a Alemanha buscar uns carros. Além disso, não estou a fazer nada de errado, apenas a pedir boleia até à minha terra. Certo?»

Abanei a cabeça, entrámos no carro e seguimos viagem.

A Inês foi-me dando as indicações necessárias até ao destino onde me pretendia levar, mas durante a viagem não me desvendou qual era. Queria que eu visse primeiro e não insisti com ela.

Saí da autoestrada, percorri mais alguns quilómetros por uma estrada secundária e, por fim, meti por um caminho em paralelo que dava acesso a um pequeno aglomerado de casas. Parei em frente a um portão vermelho desbotado e saímos.

«Quem é que vive aqui?», questionei.

«Os meus pais, vamos.»

«Não sei se é o momento certo da nossa relação para me apresentares aos teus pais, mas…», ironizei.

Ela revirou os olhos e seguiu à minha frente, subindo a pequena escadaria que dava acesso à casa e convidando-me a entrar. Estava cada vez mais curioso para saber o que me esperava.

Uma senhora, que eu supus ser a mãe, veio receber-nos.

«Este é o **Afonso**, um amigo que me deu boleia para cá hoje e que eu aproveito para vos apresentar.»

A senhora sorriu-me e não havia dúvidas de que era a mãe, porque o sorriso era o mesmo. Deu-me dois beijos e agarrou nas mãos da filha, entusiasmada com a visita surpresa.

«Se me tivesses avisado que vinhas e que trazias companhia eu estaria mais bem preparada», disse, enquanto arranjava o casaco de malha que trazia vestido. «Aceita um chá?»

A Inês olhou para mim.

«Claro!», atirei.

«Ótimo! Vou já preparar.»

A senhora apressou-se para a cozinha e a Inês continuou a percorrer o corredor, fazendo-me sinal para a seguir. Ao fundo do corredor, virámos à esquerda e depois entrámos num quarto. No interior estava um homem deitado numa cama que parecia adaptada. Além disso, o

quarto tinha vários equipamentos ortopédicos, como canadianas e uma cadeira de rodas.

«Então, pai? Como é que está?», cumprimentou a Inês, dando-lhe um beijo no rosto logo depois.

«Vai-se andando», brincou, numa alusão à sua condição.

Espreitei por cima do ombro da Inês e ele ficou a olhar para mim e para a filha, à espera de uma apresentação oficial.

«É o **Afonso**, um amigo que me deu boleia.»

«Olá! Muito gosto!», disse, enquanto lhe esticava o braço para lhe dar um rápido aperto de mão.

Voltei a afastar-me da cama e a Inês começou a falar com o pai algo que não consegui ouvir. Aproveitei que estavam ocupados e percorri o quarto com os olhos. Era todo um ambiente hospitalar que ali estava instalado, até o cheiro, e isso começou a dar-me náuseas. Só estava ali havia alguns segundos, mas já implorava em segredo para ela não se demorar.

«Isto é para ele aprender da pior maneira a não se armar em aventureiro», comentou a Inês comigo, em forma de raspanete ao pai. «Pelos vistos, umas telhas do telhado aqui de casa estavam a precisar de serem trocadas e este senhor, com os seus 60 anos, achou que ainda tinha genica para as ir trocar…»

«O nosso ego masculino é tramado», comentei com um sorriso apagado, tentando disfarçar a minha fraqueza.

«Como se a idade já não fosse um fator de risco, ainda decidiu fazê-lo sem qualquer proteção e, pelo estado em que se encontra, não é difícil de perceber o que aconteceu.»

«Nem quero imaginar!»

E não queria mesmo. Já sabia que vinham aí ossos partidos, sangue, ambulâncias, hospitais e muito drama, e a minha mente obsessiva iria aliar-se ao meu estômago para me deixarem mal. Tentei dissuadi-la dos pormenores, mas não resultou.

«Escorregou e caiu de uma altura de cinco, seis metros, mais ou menos. Uma parte do corpo caiu em cima de uma zona de cimento e a outra parte, felizmente a zona mais importante, como a cabeça, caiu numa zona em terra do jardim. Foi a sorte dele, senão, provavelmente, não estaria aqui.» Engoli em seco e tentei sacudir as imagens que

começavam a formar-se na minha cabeça. «Partiu vários ossos do lado esquerdo, no braço foi o rádio e o cubito, pelo menos. E na perna foi o fémur, o perónio, enfim…» Suspirou e franziu a testa. «Várias operações, muitos parafusos, gesso por uns bons tempos, e agora ainda são uns meses a fazer…»

«Posso ir à casa de banho?», pedi.

Estava a sentir-me zonzo.

«Estás bem? Pareces pálido.»

«Isso é falta de sol. Podes dizer-me onde é a casa de banho?»

«É já esta porta aqui ao lado.»

Apressei-me para a casa de banho e fui passar água no rosto. Molhei ainda a parte de trás do pescoço e sentei-me sobre o tampo da sanita, de cabeça para baixo, a recuperar. Sentia-me um fraco naquele momento, mas se havia coisas que mexiam com o meu organismo eram imagens como aquelas.

Deixei-me estar sentado durante algum tempo naquela posição, para recuperar, mas não demorou muito até a Inês bater à porta.

«Está tudo bem?», perguntou, do lado de fora.

«Sim! Já vou!»

Levantei-me, passei uma toalha no rosto e saí.

«Sentiste-te mal por causa do meu discurso, não foi?», questionou, agarrando-me no braço. «Desculpa, é que eu já estou tão habituada a isto que me esqueço que há pessoas mais sensíveis…»

«Eu não sou “mais sensível”», corrigi de imediato. «Foi só uma tontura. Já passou. Vamos ao chá? Vou despedir-me do teu pai.»

Cumprimentei o senhor o mais depressa possível e dirigi-me para a cozinha, juntamente com a Inês.

«Já vos ia levar o chá ao quarto, acabei mesmo agora de o preparar. É de cidreira, não sei se gosta, mas só tinha este.»

«Por mim, está ótimo!»

«Toma», disse a Inês, passando-me uma das canecas para a mão. «Vamos bebê-lo lá para fora.»

Saiu pela porta da cozinha que dava acesso ao exterior e eu segui-a. Caminhou até um pequeno muro que limitava o jardim, com vista para a rua que passava em baixo e para um pinhal ao longe, e sentou-se. Em baixo, do outro lado da rua, uma casa amarela com um arco em frente

lembrava-me a fotografia que tinha visto no Facebook da Inês, cuja descrição era «em casa». Tinha sido tirada ali. Sentei-me ao lado dela e saboreei o chá.

«Ainda não sei porque me trouxeste aqui», disse-lhe.

Olhou para a caneca antes de responder.

«Quis que visses primeiro a situação, para depois ouvires a minha explicação. Não que eu te deva alguma, mas fiquei a sentir-me mal por perceber que ficaste a pensar coisas erradas a meu respeito, depois da nossa conversa de ontem. Então, resumidamente, é o seguinte: o acidente do meu pai aconteceu pouco tempo depois de tu teres ido embora. Ele teve de fazer operações e usar gesso durante uns tempos, mas depois disso veio a fisioterapia. Estava bastante limitado e afetado psicologicamente com aquilo, porque sempre foi um homem que não sabia nem conseguia estar parado. A prova disso é que se aventurou a subir àquele maldito telhado. Eu precisava de fazer alguma coisa e soube de uma clínica de fisioterapia muito conceituada em Coimbra, a *Ciclimed Pro*, que usa métodos inovadores para recuperar pessoas nas condições em que o meu pai estava. Só que era impossível pagá-la com o meu salário de assistente de loja. Os meus pais tão-pouco estavam preparados financeiramente para uma despesa dessas.»

«E foi aí que decidiste enveredar pelos negócios ilegais?»

«Espera. Ouve-me primeiro, por favor. Nessa altura, o Victor já tinha voltado a falar comigo e eu comentei isso. Ele ofereceu-se logo para suportar as despesas que fossem necessárias, mas eu recusei. Foi então que ele me propôs que eu fosse trabalhar para o *stand* e, em vez de ser ele a pagar as despesas da clínica, dava-me um salário quatro vezes superior e acabaria por ir dar ao mesmo, mas sem que eu me sentisse tão em dívida para com ele. Fiquei reticente, como é óbvio, mas sempre que olhava para o meu pai e o via a caminhar para uma depressão não conseguia estar parada e acabei por aceitar. Fui trabalhar para o *stand* e ele, de facto, dava-me um salário muito generoso e ainda uma parte por fora, ao negro. Comecei a desconfiar porque, na verdade, nem vendemos assim tantos carros lá no *stand*, até que o encostei à parede e ele confessou a origem do dinheiro. Contudo, disse que se eu quisesse continuar a ajudar o meu pai teria de aceitar a origem ilegal daquele dinheiro.»

Terminada a revelação, eu acabava de perder o meu trunfo contra o Henrique. Denunciá-lo seria estar a prejudicar a Inês e, consequentemente, o pai dela. Mais uma vez, ele tinha passado à minha frente. Na verdade, sempre esteve lá, eu é que só naquele momento o descobria. Como se não bastasse, estava ainda protegido pela pele de bom samaritano. Bem dizia ele na noite anterior que era como um Robin dos Bosques. Ainda que fosse ilegal, em teoria ele apenas roubava clientes das grandes operadoras, uma vez que «oferecia» preços mais em conta.

«Em que ponto dessa história vocês retomaram a vossa relação?», perguntei-lhe, sem a encarar.

«Eu pedi-te para vires aqui para esclarecer um mal-entendido. Não para falar de outras coisas. Não queria que ficasses com uma imagem errada de mim. Eu sei que não é bonito aquilo que estou a fazer, muito menos o que ele está a fazer, mas os meus pais são tudo para mim. E, apesar de desde muito nova ter de me desenrascar sozinha e ter feito o meu próprio caminho, sempre fui uma menina do papá. Depois do acidente, ele deixou de poder trabalhar, a minha mãe teve de passar a tomar conta dele…»

«Para! Não te estou a julgar. Eu faria o mesmo. Não é isso que me interessa. Eu quero saber em que momento dessa história que acabaste de me contar é que vocês voltaram.»

«O Victor é uma pessoa de quem eu gostei muito, e quando voltei a estar com ele todos os dias, pois trabalhávamos no mesmo local, muitas coisas começaram a vir ao de cima e a ganhar novamente forma dentro de mim. Acabou por acontecer naturalmente…»

Abanei a cabeça em silêncio e dei mais um trago.

«Sê sincera comigo. Até que ponto o facto de ele te ajudar nesta situação com o teu pai pesou na tua decisão de voltar a dar-lhe uma oportunidade?»

Olhou-me com um ar ofendido.

«O que queres dizer com isso? Achas que eu estou com ele por causa do dinheiro?»

«Claro que não! Mas posso fazer-te outra pergunta na mesma linha e que não te ofenda. Até que ponto o teu estado de carência e a necessidade de me apagares da tua vida pesou nessa decisão de voltar

a dar-lhe uma oportunidade?»

«Eu aceitei o convite para ir trabalhar no *stand* dele pelo dinheiro, sim, porque precisava, mas não estou com ele por causa disso! Como é óbvio! Pensas que sou quem?»

«Não percebes qual foi a intenção dele? Quis ajudar-te a pagar os tratamentos porque lhe interessava. Não só a nível de jogadas financeiras, mas também para limpar a imagem que tinhas dele. Uma vez que recusaste, ele optou por um plano B, convidando-te a trabalhares para ele. Além de ficares comovida pelo seu espírito solidário, ainda lhe dava a oportunidade de contactar diariamente contigo. Estando tu sozinha, carente e ainda com sentimentos por ele por resolver, era mais do que previsível que ias cair na tentação. Estando eu a um oceano de distância e ele contigo todos os dias, tornava-se um jogo muito desequilibrado.»

«Nem toda a gente é como tu, que entra na vida das outras pessoas de forma calculada e planeada. Caso não saibas, há coisas que acontecem naturalmente.»

«Esta não é uma delas, com certeza. Não me respondeste. Até que ponto eu não tenho nada que ver com esse reatamento?»

«Continuas o mesmo egocêntrico de sempre. O mundo não gira à tua volta. Porque havia de ter alguma coisa que ver contigo?»

«Se não teve, então diz-me que não.»

«Não teve que ver contigo. Teve que ver comigo e com ele!»

«Teve que ver contigo porque precisavas de esquecer alguém, que, por acaso, sou eu, e teve que ver com ele porque te pareceu uma boa forma de o conseguires. Estás a tentar fazer renascer um sentimento que está morto, e fui eu que o matei. Estás a tentar convencer-te de que ainda pode dar certo, pois encontras nele algum conforto e estabilidade, e porque te iludiste com meia dúzia de coisas que ele fez por ti e que não te apercebeste que foram feitas com segundas intenções. Eu sei que a situação do teu pai teve peso nessa tua decisão. Não na decisão de voltar para ele, mas na decisão de te esforçares para ficar com ele. Mais uma vez, estás a colocar-te em segundo ou terceiro lugar na tua vida, porque, para ti, há outros valores que pesam mais do que a tua própria felicidade, do que a alegria de teres ao teu lado a pessoa que queres, em vez de alguém que precisas e que, por melhor que seja, não

passará de uma segunda opção. O fogo que ainda arde dentro de ti tem a minha forma e tu tentas convencer-te diariamente de que é a forma do Henrique, porque é mais fácil para ti. Porque te dá a segurança que eu não dou. Mas não podes aprender a gostar de alguém, muito menos podes ressuscitar um sentimento. Será que consegues garantir-me que o amas?»

«Eu não tenho de te garantir coisa nenhuma, **Afonso**!»

Aproximei o meu rosto do dela para a olhar nos olhos.

«Garante-me pelo menos que não me amas.»

«Não vou entrar nesses jogos! Não vou! Esquece!»

Pousei a caneca e levantei-me.

«É melhor eu ir embora. Vens comigo ou…»

«Vou ficar aqui esta noite. Amanhã tenho uns assuntos…»

Abanei a cabeça a arranquei em direção à cozinha. Despedi-me rapidamente da mãe da Inês e fui para o carro. Fiquei momentaneamente imóvel, a digerir o que tinha visto, ouvido e sentido dentro daquela casa. Depois, agarrei no telemóvel, fiz uma curta pesquisa na Internet, recolhi um número e pus a chamar.

«Estou sim, boa tarde! Clínica *Ciclimed Pro*, em que posso ajudar?», ouvi do outro lado da linha, assim que me atenderam.

30

Um dos meus aspirantes teve de cancelar a sessão à última hora e eu vi-me no meu gabinete sem nada para fazer. Dirigi-me para a janela e pus-me a observar o exterior, enquanto pensava na conversa que tinha tido com a Inês. Reparei que muitas das coisas que lhe disse haviam sido sugestões que o Dr. Alfredo me dera aquando da minha primeira consulta com ele. Não o tinha dito com segundas intenções, até porque saiu de uma forma espontânea, mas, uma vez que o tinha feito, esperava que ela refletisse sobre isso.

Voltei a sentar-me e recostei-me na cadeira, enquanto o tédio me começava a consumir de dentro para fora. Olhei para a porta e voltei a reparar na placa que a Verónica mandara colocar nela com uma frase assinada com as suas iniciais. «V.M.S.», assim dizia no canto inferior direito da placa. Não tinha nada para fazer, por isso peguei numa folha em branco, coloquei as iniciais na vertical e comecei a imaginar qual seria o nome dela. Verónica Moreira Sousa? Era uma hipótese. Verónica Mendes Silva? Podia ser, mas não estava satisfeito. Acreditava que fosse um nome mais exclusivo. Talvez o S fosse de Sequeira, ou Santana, ou Sanhudo… Seria Verónica Mesquita Sanhudo? Ponderei. Depois, fez-se uma luz e o meu olhar congelou colado naquela placa cravada na minha porta. Não era Mesquita Sanhudo, concluí, era Mattos Sanhudo, o mesmo apelido do homem que ficou com o meu gabinete nos anteriores escritórios. Tinha reparado no nome do homem quando regressei ao gabinete para reaver o livro dos **Afonsos** que estava guardado numa das gavetas. Fixei o nome por me ter parecido de alguém importante, o que, inclusive, me fez sentir lisonjeado. Só podia ser ele o pai da Verónica, ou seja, o dono daqueles escritórios e, também ele, pelo que me lembrava do aspeto do seu gabinete, advogado.

Aquela conclusão acabava de levantar uma infinidade de perguntas e possibilidades que me fizeram erguer da cadeira e andar de um lado para o outro dentro do gabinete. Comecei a recapitular todo o meu percurso desde quando ainda estava no Brasil e me informaram de que

o meu gabinete seria ocupado e que eu passaria para outro. Quando me mudei para o novo espaço, apercebi-me de que a Verónica trabalhava aí. O que, pensava eu, não seria nada de outro mundo, até porque já sabia que trabalhávamos no mesmo grupo de escritórios desde aquele jantar no hotel, antes da partida para o Brasil. Entretanto, descubro que, afinal, o meu gabinete foi ocupado, precisamente, pelo pai da Verónica. Não podia ser coincidência, mas também não estava a encontrar um motivo válido para aquilo ter sido planeado. A razão mais forte que encontrava era a possibilidade de a Verónica ter arquitetado todo um plano para fazer comigo o que Henrique fez com a Inês. Ou seja, arranjar forma de eu ir trabalhar para junto dela, de modo a aproximar-se de mim. Mas se me queria assim tanto, porque é que logo no primeiro encontro me desprezou? Se me queria assim tanto, porque é que me ignorou ainda na última vez em que tínhamos estado juntos, logo após termos feito sexo? Em contrapartida, por várias vezes demonstrou que me queria. Seria só a complexidade natural de uma mulher ou havia algo mais escondido? Se fosse mera complexidade, duvido que eu não fosse capaz de perceber, logo, só poderia ser a segunda opção.

Podia confrontá-la com a minha recente descoberta, mas, tal como o Miguel me tinha aconselhado relativamente ao Henrique, fazê-lo sem fundamentos suficientes era dar um tiro no pé. O que havia de escondido naquela intenção da Verónica só poderia passar por uma pessoa: o próprio pai. Contudo, levantava-se outro problema, pois ele poderia saber quem eu era e estar a par do hipotético plano da filha. O que não jogava a meu favor, mas, a avaliar pela forma como falou comigo aquando da minha ida ao seu gabinete, eu ia arriscar que não fazia ideia de quem eu era. Confiante nisso, agarrei no telemóvel e matei saudades da voz da Susana.

«**Afonso**, mas que surpresa!», exclamou ao atender.

«Susana, Susana… há quanto tempo. Estou a pensar passar aí em breve para podermos falar pessoalmente, mas antes disso vou precisar de uma informação. Diga-me uma coisa, o ocupante do meu antigo gabinete é o dono dos escritórios que, por acaso, é advogado e se chama Álvaro Mattos Sanhudo, pode confirmar?»

«Sim, é isso mesmo!»

«Por acaso sabe se ele tem alguma filha chamada Verónica, também

advogada?»

«Eu sei que ele tem pelo menos uma filha que se chama Verónica, mas não sei o que ela faz, lamento.»

«Tudo bem, era só por curiosidade, na verdade queria marcar uma hora com ele. Tenho alguma pressa, quando pode ser?»

«Deixe-me só confirmar com o Dr. Álvaro. Já lhe ligo.»

Esperei uns minutos e o telefone voltou a tocar.

«Se tiver muita pressa, ele pode arranjar um tempinho ainda hoje, mas só ao final da tarde. Dá para si ou prefere marcar com mais tempo?»

«Por mim, ótimo!»

Acertei a hora com a Susana e depois tentei concentrar-me nas sessões que ainda tinha pela frente, esforçando-me para parar com os cenários que se começavam a formar na minha cabeça. Estaria o mestre da manipulação a ser, também ele… manipulado?

Assim que terminei o que tinha a fazer, arrumei as minhas coisas e saí do gabinete. Quando cheguei à receção encontrei a Verónica a falar com um homem.

«**Afonso**! Deixa-me apresentar-te o meu amigo. É o Duarte.» Apertei-lhe a mão com um sorriso forçado. «É um investigador reconhecido internacionalmente que trabalha num laboratório cá no Porto. Faz investigação sobre várias doenças ligadas ao sistema reprodutor, inclusive já ganhou vários prémios.»

Supus que aquele final de frase convidava a algum comentário da minha parte, mas não sabia o que lhe dizer sem ser desagradável. Na verdade, a primeira coisa que pensei foi no aperto de mão que lhe tinha dado. Não fosse ele estar contaminado.

«OK!», atirei. «Parabéns!»

«Veio fazer-me uma visita. Aproveitei para te apresentar. Quem sabe não combinamos uma saída os três. Porque não?»

Tinha acabado de sugerir um novo *ménage*, mas desta vez dois para uma, ou eu é que tinha uma mente demasiado perversa? Não era uma ideia que eu descartasse por completo, mas não me imaginava a fodê-la juntamente com um *nerd* de óculos.

«É. Quem sabe. Porque não?»

Sorri em forma de despedida e segui o meu caminho. (Nem imaginava

ela com quem é que eu me ia encontrar.) Contudo, antes de apanhar o elevador, para não restar dúvidas, dei um salto à casa de banho e fui lavar bem as mãos. Sentia-me ridículo ao fazê-lo, mas sabendo a mente obsessiva que tinha, se não o fizesse não ia ficar descansado, pelo que não valia a pena adiar.

Gostei de ver o brilho no olhar da Susana quando cheguei aos escritórios, e não consegui evitar uma sensação de estranheza ao voltar àquele lugar e ser cumprimentado por aquele sorriso.

«Que bom vê-lo!», rejubilou. «Posso dar-lhe um abraço?»

Sem esperar a minha resposta que, ao contrário de qualquer comum mortal, não era assim tão óbvia, levantou-se da cadeira, contornou o balcão e veio apertar-me com os seus braços delgados. Tentei retribuir a ternura, mas não fui suficientemente expressivo. No fundo, aquele abraço deu-me mais tesão do que aconchego.

«Como é que foram estes meses longe de mim?», perguntei.

«A fazer a minha vida normal. Sabe que, na minha idade, as mudanças são sempre mais lentas, tudo acontece mais devagar, de tal forma que pouco mudou desde os tempos do **Afonso** aqui.»

Debrucei-me sobre o balcão para ser mais confidencial.

«E as coisas com o seu marido vão bem?»

Encolheu os ombros e torceu a boca.

«Altos e baixos, sabe como é. Tento espremer a laranja o melhor que posso.» Sorriu de um modo meigo. «Mas fale-me de si. Como estão as coisas com a sua namorada? Ainda não tive oportunidade de lhe dizer o quanto ela é bonita. E muito simpática, por sinal. Gostei muito de a conhecer no jantar do hotel. Acho que fazem um casal muito bonito. Tem ali uma mulher para a vida.»

Fiquei a olhar para ela, a pensar na forma mais trágica de a surpreender com a infeliz novidade que tinha para lhe dar.

«Acho curioso que tenha falado nisso. Por acaso, foi precisamente na noite do jantar que acabou tudo entre nós.»

Arregalou os olhos e levou a mão à boca.

«Peço desculpa! Por vezes esqueço-me da volatilidade das relações atuais. Como a última imagem que tenho é de vocês muito apaixonados, nem me passou pela cabeça que já não estivessem juntos. Lamento se toquei num ponto sensível.»

«Não é um ponto sensível… é um ponto final. Posso então ir falar com o Dr. Álvaro?»

Ela levantou-se, um pouco atrapalhada, foi bater à porta do advogado e trocou algumas palavras com ele. Enquanto falavam, eu recapitulava na minha cabeça a história que tinha inventado para lhe contar. Pouco depois, a Susana chamou-me e eu entrei.

«Viva! Em que lhe posso ser útil?», perguntou o Dr. Álvaro.

«Sabe quem eu sou?»

Pela expressão facial, estranhou a pergunta.

«A sua cara não me é estranha, mas não estou a ver de onde.»

Um homem daquela idade e com aquele estatuto não se ia dar ao trabalho de representar, por isso aquela pergunta parecia confirmar que ele não estava a par daquilo que eu acreditava ser um esquema da filha. Contudo, o melhor era ter a certeza.

«Eu sou o antigo ocupante deste gabinete, estive aqui há uns tempos, quando vim buscar um livro que estava esquecido.»

«Ah, sim! Já me estou a lembrar.»

«Eu não lhe disse quando vim cá, mas confesso que fiquei um pouco desiludido por ter ficado sem o gabinete, pois gostava muito da localização e das vistas, além das amizades que já tinha criado. Mas compreendo perfeitamente que o dono dos escritórios quisesse rentabilizar o espaço e aproveitasse a oportunidade.»

O advogado deu uma gargalhada e pousou os óculos.

«Perdoe-me o riso, é que eu sou o dono. Mas, para lhe ser sincero, não tenho nada que ver com isto. Não vá o senhor ficar a pensar mal de mim e que eu sou tão ganancioso a ponto de não me importar com os meus clientes. Na verdade, estas burocracias eu deixo com a minha filha e ela disse-me que tinha um cliente que queria muito ficar nos outros escritórios. Como sabia que havia aqui um vago, e para não pedirmos a algum dos clientes que se mudasse, acordámos que eu mesmo viria para cá, até porque não me faz grande diferença. Assim, fica toda a gente bem. Mas não foi por causa dos gabinetes que me procurou, pois não?»

Muito me contava o Dr. Álvaro. Confirmou-me que foi mesmo um plano da Verónica e nem foi preciso muito esforço. Ela queria mesmo que eu me mudasse para os outros escritórios. Só faltava saber as

razões escondidas por trás dessa vontade, uma vez que já tinha percebido que não podia ser só para me conquistar ou ir para a cama comigo. Já sabia que não seria o pai a dizer-me essas razões, mas poderia dizer-me muitas outras coisas a respeito dela que me poderiam fazer chegar lá. Era esse o plano com a minha ida ao gabinete dele, mas, para recolher informação, primeiro precisava de uma história que cativasse a sua atenção e criasse alguma empatia, mas que, ao mesmo tempo, tivesse conteúdo jurídico para justificar aquele atendimento. Além disso, teria de, através dela, conseguir criar uma ponte até à Verónica. E nada melhor do que a história (ainda que fictícia) de um pai e uma filha.

«Não!», acabei por responder ao homem, e comecei a debitar a história que preparara: «Venho cá por causa da minha filha. Vou contar-lhe rapidamente o que se passou. Fui pai muito novo, de uma menina, contudo, foi algo que não estava à espera, pois nem sequer tinha um relacionamento com a mãe, não tinha antes nem tive depois do nascimento. Apesar disso, assumi, como é óbvio, a paternidade e cumpri com os meus deveres. Mas foi sempre tudo na base da confiança. Acordámos verbalmente quanto é que eu lhe pagava etc., etc., e nunca foram precisos tribunais ou advogados para nada. No entanto, a mãe dela, há uns tempos, arranjou um companheiro novo e eu só depois disso é que comecei a pensar nas coisas. Já ouvi muitas histórias e tenho receio de que ela possa vir a tentar afastar-me aos poucos da minha filha e fazer do seu novo companheiro o pai dela. Queria perguntar-lhe se devo ou não começar a oficializar as coisas antes que seja tarde ou se corro o risco de estragar a relação que tenho com a mãe dela sem necessidade e isso vir a tirar-me mais do que aquilo que me vai dar. No entanto, gostaria que me desse um aconselhamento não só como advogado, mas também como pai. Já percebi que tem uma filha, certamente terá mais filhos, que já lhe terão dado netos, e sabe o quão importante é as crianças terem os pais por perto. Se eu tiver de arranjar problemas com a mãe da minha filha que seja quando ela já for crescida e capaz de compreender estas coisas.»

«Bom… Confesso que não é um caso muito comum. Dando-lhe uma opinião enquanto advogado, obviamente que o melhor é intentar uma ação de regulação de responsabilidades parentais, porque assim não há margem para dúvidas. Enquanto pai…» Encolheu os ombros. «Ora bem,

o que é que eu lhe hei de dizer… só tenho uma filha, não tenho netos e tão-pouco passei por algo semelhante, por isso não serei a melhor pessoa para opinar sobre o assunto, mas conheço vários casos em que…»

«Desculpe, disse-me que só tinha uma filha?»

«Sim, essa mesma de que acabei de lhe falar. Mas, como lhe estava a dizer, já trabalhei com alguns casos…»

«E também não tem netos, foi o que disse?»

«Não, não tenho. Quer dizer, estive quase a ter… mas porquê?»

«Quase? Agora fiquei baralhado.»

«É uma longa história e que não é para aqui chamada. Ora bem, já tratei casos em que algumas mães se queixam que os pais não pagam a pensão de alimentos e que, por causa disso…»

Não prestei atenção a mais nada do que ele disse e a minha cabeça começou a fervilhar com aquelas recentes descobertas. Entretanto, o meu telemóvel começou a vibrar no bolso e eu espreitei o ecrã, para ver quem me chamava. Era a Inês. Tive de interromper a chamada, parando com o ruído da vibração, e voltei a olhar atentamente para o advogado, fingindo que estava interessado no que me dizia. Mas nada me poderia interessar mais do que desenvolver o pormenor de ele só ter uma filha e não ter netos. O que não batia certo com o que a Verónica me tinha dito em casa dela, quando justificou o quarto de criança e o berço com as idas do sobrinho lá a casa. Apesar de não bater certo, ela podia estar a referir-se a algum sobrinho de algum irmão ou irmã só da parte da mãe, ou poderia ser só um sobrinho por afinidade. Precisava de tirar aquela história a limpo e não podia desperdiçar a oportunidade. Depois percebi que a explicação estava naquele «estive quase a ter (netos)», que só poderia significar uma coisa.

«A sua filha teve um aborto», atirei.

«Desculpe?»

«A sua filha abortou, por isso é que disse que quase foi avô.»

«Não estou a perceber o que isso tem que ver com o facto de me ter vindo procurar hoje. Precisa ou não de um advogado?»

«Peço desculpa, mas sabe que eu também sou pai de uma menina e essas coisas mexem muito comigo. Não me leve a mal. Quando me disse que esteve quase a ser avô, fiquei a matutar nisso. Imagino que

tenha sido espontâneo e o quanto isso afetou a sua filha. Por isso até ponderei recomendar-lhe um psicólogo amigo. Ele é realmente muito bom. É o Dr. Alfredo. Se quiser, posso dar-lhe o contacto dele. Mas não foi intenção meter-me na vossa vida.»

O pai da Verónica ficou a olhar para mim muito sério e depois desviou o olhar para as mãos, que estavam pousadas sobre a secretária. Fez mais um compasso de espera e depois disse:

«Pode dar-me o contacto dele?»

Assim que que lhe dei o número do Dr. Alfredo, o telemóvel voltou a vibrar com uma chamada da Inês. Eu já tinha feito tudo o que tinha a fazer naquele gabinete e aquela chamada era a desculpa perfeita para me retirar.

«Peço imensa desculpa, mas estão a chamar por mim e é muito urgente. Voltarei noutra altura com mais tempo para falar com o senhor. Diga-me só quanto lhe devo, por favor.»

Assim que saí dos escritórios, devolvi a chamada à Inês.

«Qual foi a tua intenção, **Afonso**?!», gritou quando atendeu.

Percebi que já tinha descoberto o que eu tinha feito.

31

«O que é que se passa?», perguntei, só para confirmar.

«Não te faças de desentendido, **Afonso**! Qual foi a ideia de te teres oferecido para pagar as despesas do meu pai na clínica sem sequer me teres dito nada?»

«Tem calma, há uma boa razão para isso, mas não te posso dizer por telefone qual é, preciso que venhas ao meu encontro.»

«Não vou nada ao teu encontro. Explica-me por aqui!»

«Da última vez também me pediste para ir ao teu encontro para me dares uma explicação e eu fui. Mereço, no mínimo, o mesmo!»

«Raios! Onde queres que vá ter, então?»

«Vou enviar-te por mensagem a morada do sítio onde nos vamos encontrar. Em frente, há um café onde podemos falar. Encontramo-nos dentro de 30 minutos. Estarei à tua espera!»

Tinha acabado de lhe enviar a morada da minha casa no Porto e foi para lá que me dirigi. Durante o caminho, os meus pensamentos estavam divididos entre aquilo que acabara de descobrir sobre a Verónica e a justificação que teria de dar à Inês sobre a minha iniciativa em pagar os tratamentos do pai dela.

Relativamente à Verónica, agora fazia sentido na minha cabeça aquele berço e o quarto de criança que vi quando estive na casa dela. Afinal, ela tinha tudo preparado para receber um filho que não chegou a nascer. Contudo, o facto de já ter tudo preparado muito antes de o filho nascer, não só o berço, mas também o quarto, que tão cedo não seria usado por ele, era bem demonstrativo do desejo e cuidado com que ela encarou a maternidade. O que, tinha de admitir, me surpreendia, uma vez que não a imaginava como mãe. Por outro lado, o facto de mesmo depois do acontecimento ela ter mantido, aparentemente, tudo intacto, como se ainda estivesse à espera do filho, era uma prova, acreditava eu, de que ainda não tinha sequer aceitado o trágico acontecimento. O que, mais uma vez, não batia certo com a sua postura e personalidade, pois a imagem que tinha dela era tudo menos de uma pessoa fragilizada. Ou disfarçava bem, ou algo me estava a escapar. Quanto mais pensava

naquilo, mais perguntas ficavam sem resposta e mais certeza eu tinha de que algo de errado se passava com aquela história.

Eram muitas dúvidas, mas iam ficar para depois, porque tinha de virar o disco para a Inês, e não se adivinhava tarefa fácil aquela que me esperava. Estacionei o carro na rua em frente ao meu prédio e esperei dentro dele que ela chegasse. Demorou bem mais do que o prazo que lhe tinha dado, mas a satisfação que senti por ter vindo compensou. Assim que parou o carro atrás do meu fui ao seu encontro e, tal como previa, estava de mau humor.

«Espero que tenhas uma boa explicação para me dar!»

«Que forma tão desagradável de me cumprimentar.»

«Estou à espera, **Afonso**!»

«Está bem. Pronto. Vamos subir.»

Dirigi-me para o portão que dava acesso ao prédio.

«Não vejo aí nenhum café. Não vamos falar num café?»

«Eu disse-te que em frente há um café onde podíamos falar. E há. Olha ali.» Apontei com o braço para o outro lado da rua. «Mas não disse, em momento algum, que era lá que íamos falar.»

«A sério? Será que algum dia vais parar de me enganar?»

«Enganar não é mentir. Além disso, foi só uma brincadeirazinha, não exageres. Vamos.»

«Espera lá, não é aqui que moras?»

«É. Não me digas que foi o Henrique que te disse.»

«Não, parvo! Tenho uma vaga ideia de ter vindo cá naquele dia em que fomos sair com o Miguel e a Filipa. Mas não penses que me vais levar para a tua casa, vamos falar no café!»

«Bom, tu é que sabes. Eu vou entrar.»

Caminhei para a entrada do prédio, abri a porta e segurei nela, sem sequer olhar na direção da Inês. Pouco depois, ela acabou por vir ter comigo, com um ar ainda mais irritado, e entrou. Subimos até ao quinto piso, entrámos em minha casa e ela deixou-se estar junto à porta, com as mãos nos bolsos de trás das calças.

«Fica à vontade. Bebes alguma coisa?»

«Não conto ficar muito tempo. Nem sequer acredito que estou em tua casa. Parece ridículo, mas não sei como conseguiste.»

«Pensa comigo, Inês, se não quisesses mesmo nada, nada, nada,

achas que conseguia trazer-te para dentro de minha casa?»

Revirou os olhos, mostrando desprezo pela minha observação.

«Nem vou comentar…»

«Abro uma garrafa de vinho?»

«Tu não bebes. Se bem me lembro. Não quero nada. Não quero beber nem comer, só quero que me digas porque é que fizeste um pedido à clínica onde o meu pai está a ser tratado para que te cobrassem todos os tratamentos dele.»

«Fez-me muita confusão ver o teu pai naquele estado. E fez-me confusão saber que tu tinhas de recorrer a dinheiro sujo para o ajudar. Sendo eu a pagar isso, além de ajudar o teu pai, que não me custa nada, também te estou a ilibar. Agora, já não tens necessidade de seres cúmplice de um crime de burla, entre outros.»

«Não me mintas, **Afonso**! Eu sei muito bem qual foi a tua intenção. Tu sabias, porque eu te disse, que apenas fui trabalhar para o *stand* do Victor por causa do meu pai. Porque precisava de ganhar dinheiro suficiente para pagar os tratamentos dele. Sendo tu a pagar os tratamentos, além de eu deixar de ter necessidade de trabalhar para o Victor, porque já não se justifica, passo a estar em dívida para contigo. Foi tudo uma jogada tua para me afastares dele e para me comprares. Quem é que pensas que sou?!», gritou.

Deu-me depois um empurrão no peito que me desequilibrou.

«Pensa, Inês, pensa! Em primeiro lugar, nada te impede de continuares ao lado dele e a trabalhar para ele só porque sou eu pagar os tratamentos do teu pai. E não foi para te comprar, porque, se ficasses comigo pelo dinheiro, seria eu quem não te queria. Além disso, eu sei que não és assim, pois já fiz o teste. Foi por isso que, nas primeiras vezes em que estivemos juntos, eu ia com o meu outro carro mais modesto e levava-te para o meu outro apartamento, também ele mais modesto, precisamente para que o meu maior ou menor poder financeiro não fosse uma variável na hora de te conquistar. Fiz isso contigo como faria com outra mulher, porque não preciso desses argumentos. Ao contrário de outras pessoas.»

«Não acredito em ti! És calculista e manipulador!»

Agarrei-a pelos dois braços e fi-la olhar para mim.

«Eu fiz isto para te proteger, porra! Tu manténs um caso com ele,

certamente vives com ele, se ele for apanhado, a probabilidade de vires a ter problemas é muito grande, e os teus pais levariam por tabela! Mas tu preferes acreditar que fiz isto com segundas intenções. Fi-lo por ti, porque preciso que estejas bem, que estejas segura, e não constantemente com medo.»

«Se te preocupas assim tanto comigo, porque é que me abandonaste sem piedade e sem esperança? Porquê, **Afonso**?»

«Porque nessa altura ainda não sabia que te amava!»

Todo o apartamento ficou subitamente em silêncio, e ficámos perplexos a olhar um para o outro. Eu ainda lhe segurava nos braços, mas no momento em que os soltei caíram inertes ao comprido. Dei um passo para trás e não tirei os olhos dela, à espera de uma reação. Eu próprio estava surpreendido comigo, pois fazia anos que não dizia uma coisa daquelas. Fi-lo por impulso e já não podia voltar atrás. Percebi que tinha chegado a hora de fazer o que o Dr. Alfredo me tinha aconselhado a fazer e dizer de uma vez por todas à Inês tudo o que ainda não lhe tinha dito.

33

«Como assim?», perguntou ela.

«É isso mesmo, Inês. Eu apenas não sabia que sentia aquilo que hoje sei que sinto por ti. E passei todo o tempo que estive no Brasil sem ter noção disso. Mas quando voltei e te reencontrei, foi como se aqueles meses, desde o momento em que fechaste a porta do apartamento da Filipa, não tivessem existido. Foi estranho para mim, mas mesmo depois desse reencontro eu não queria acreditar que isso estava a acontecer comigo. Talvez porque já estivesse destreinado ou desacreditado que era capaz de voltar a amar alguém. Quando, naquele dia, me confrontaste com a ideia de que era apenas uma questão de ego e que o que eu não queria era que ficasses com outro, por momentos acreditei em ti. Talvez tivesses razão e o facto de eu dizer que te queria fosse apenas o resultado de um ego ferido por te ter perdido para um “rival” direto. Acreditei nisso, não porque fosse verdade, mas porque, no fundo, era aquilo em que eu queria acreditar. Tudo seria mais fácil se fosse só ego. Além de doer menos, seria ultrapassado mais rapidamente. Essas dúvidas levaram-me a procurar ajuda, para entender melhor o que estava a acontecer dentro de mim, até que percebi que estava numa fase de negação. Porque não queria amar alguém. Porque não me queria sentir fraco e suscetível por amar alguém. Porque não queria correr o risco de voltar a sofrer como sofri da última vez. Saber que estavas com o Henrique não foi, afinal, e sei-o agora, uma facada no meu ego, foi, isso sim, um abre olhos. Talvez já seja demasiado tarde para compor o que estraguei. Demasiado tarde para recuperar esse sentimento que sei que ainda existe por mim. Demasiado tarde para merecer uma nova oportunidade tua. Mas nunca é demasiado tarde para dizer que te amo. Porque não o faço por ti. Faço-o por mim. Porque mais do que tu precisas de o ouvir da minha boca, eu preciso de o dizer. Podes ir embora e nunca mais voltar, mas pelo menos sei que agora nada ficou por dizer. E isso é um enorme alívio.»

O silêncio voltou a abraçar-nos por dois segundos, assim que terminei de falar. A Inês olhava-me de uma forma séria, mas não era capaz de

imaginar o que estava ela a pensar.

«Como é que sabes que é amor?», murmurou.

Era uma pergunta neutra, pois não me deixava perceber se ela tinha passado para o meu lado ou continuava a duvidar de mim. Mas também não me fazia diferença, porque não ia mudar a minha resposta. Naquele momento, só queria ser sincero e, para isso, precisava de recuperar as palavras que o Dr. Alfredo me dissera.

«Sei que é amor porque me consigo imaginar velhinho ao teu lado. Sei que é amor porque consigo imaginar os meus filhos com os traços do teu rosto. Mas mais do que conseguir imaginar, é desejar e gostar que isso aconteça. E sei que é amor porque, por mais egoísta que eu seja, só quero que estejas bem. Seja comigo ou com quem tu escolheres. Eu percebo que precises de estabilidade e de te sentires segura. Também percebo que a imagem que tens de mim não é a melhor, no que diz respeito a esses aspetos, mas o que tu não sabes é que essa imagem está desatualizada. Esse **Afonso** é dos tempos em que eu não sabia nem admitia que te amava. Mas é impossível continuar a ser a mesma pessoa sabendo o que sinto.»

Desviou o olhar para o chão e depois para o lado, sem abrir a boca, e eu deixei-me estar imóvel a um passo dela.

«É melhor ir-me embora…»

Por mais insensível ou indiferente que eu pudesse ser relativamente ao que a Inês me iria dizer depois daquela declaração, certamente esperava algo mais do que aquilo que disse.

«É só isso que tens para dizer?»

«O que queres que te diga, **Afonso**?» Ergueu o rosto para mim. «Que acredito em cada uma das tuas palavras? Que esqueci tudo o que me fizeste? Que vou largar tudo e ficar contigo?»

«Quero que me digas que sentes e queres o mesmo. Ou então, que não sentes nem queres o mesmo. Mas depois de abrir o meu coração contigo, mereço uma resposta concreta.»

«Foste tu que me ensinaste a dispensar as palavras com o teu truque da moeda. Não posso ficar aqui. Já me deste a tua justificação e era tudo o que eu queria. É melhor ir.»

Deu meia-volta, dirigiu-se para a saída e eu fui atrás dela. Quando abriu a porta, disse-lhe nas costas dela:

«Foste a primeira mulher a entrar nesta casa.»

Ela parou no limiar da porta, voltada para fora, e eu fiquei por trás dela, à espera de uma resposta. Mas aquela era a melhor resposta que podia ter. Tinha sido imobilizada pelo próprio instinto, que a tramou e denunciou. Se precisava apenas de mais um motivo para não ir embora, eu acabara de lho dar. Agarrei-a pelo braço, puxei-a para dentro, bati a porta e encostei-a contra ela.

«Onde é que pensas que vais? Eu já disse o que tinha a dizer, mas ainda não fiz o que tinha a fazer.»

Agarrei-a por trás do pescoço e colei a minha boca na dela, num beijo intenso que fundiu as nossas almas numa só. Senti a entrega imediata dela, como se estivesse apenas à espera da minha iniciativa, numa tentativa de sacudir a responsabilidade. Percebia agora o porquê de ela se querer ir embora rapidamente, pois sabia bem que não aguentaria muito mais tempo e podia fazer algo que não devia.

Desci as minhas mãos até ao seu rabo, puxei-a para cima e ela agarrou-se à minha cintura com as pernas. Encostei-a novamente à porta e continuei a beijá-la, enquanto a segurava no ar. Carreguei-a até junto do sofá, pousei-a, tirei a minha camisola, ela tirou a dela, rodei-a de costas para mim, pousei o meu queixo no seu ombro e desabotoei-lhe as calças. Voltei a virá-la para mim, desci-lhe as calças até destapar o rabo e fi-la sentar-se no braço do sofá.

Sabia a importância da rapidez dos meus movimentos. Qualquer impasse podia ser crucial para ela voltar a ligar a razão e cancelar tudo. Teria de manter a rapidez e o nível de excitação no máximo até estar dentro dela. A partir desse ponto, já de pouco valia sentir culpa por estar a envolver-se com um homem que não era aquele com quem se havia comprometido, embora fosse aquele por quem o seu coração batia. Depois de ser penetrada por mim, só lhe restava levar o pecado até ao fim e aproveitá-lo ao máximo.

Pus as minhas pernas à volta das dela, agarrei-lhe no rosto com as duas mãos e voltei a beijá-la. Começou também ela a desabotoar-me as calças, mas antes que as descesse, eu empurrei-a para trás e fi-la cair de costas sobre o sofá. Tirei-lhe depois as botas, arranquei-lhe as calças, depois as cuecas e puxei-a de novo para mim, até o rabo dela ficar apoiado no braço do sofá. Assim, a cintura ficava elevada e o sexo

livre, exposto e à mercê da minha boca. Ajoelhei-me, agarrei nas pernas dela e dei-lhe um beijo molhado do lado de dentro da coxa esquerda, depois outro na coxa direita, bem junto ao sexo, e ainda outro ao fundo do ventre, e depois fui descendo até chegar ao sexo e fazê-la estremecer. Naquele momento, fui abalado por um trovão nostálgico ao lembrar-me de como ela reagia de forma tão expressiva ao meu sexo oral. Comecei a lambê-la, e quando ousei espreitar para o rosto da Inês ela tapou-o com uma das mãos e pôs a outra à frente dos meus olhos.

Não era a posição mais confortável, mas deixava-a, de certa forma, desprotegida. E a excitação proporcionada por esse pormenor compensava qualquer desvantagem que aquela posição lhe pudesse trazer. Além disso, a sua cintura estava num ponto elevado, o que lhe permitia ver melhor o que eu estava a fazer, e isso deixava-a ainda mais excitada. Se bem que preferia não ser vista a olhar para mim.

Encostei os meus dedos indicador e médio em forma de V ao sexo dela, ficando o *clit* entre os dedos, e comecei a deslizá-los para cima e para baixo, abrindo-os e fechando-os, enquanto simultaneamente lhe chupava o *clit*. Mantinha os movimentos durante alguns segundos e depois soltava a boca, prendia-lhe o *clit* entre os dois dedos e movia-os freneticamente para um lado e para o outro, pressionando-lhe o sexo a todo o comprimento com eles. Intercalei os dois movimentos e mantive sempre a intensidade e o ritmo, para que o cérebro dela se sentisse livre para a deixar vir-se quando quisesse. Desta forma, evitava que se sentisse pressionada a vir-se quando eu atingisse o pico de velocidade com que a masturbava. Como se, de alguma forma, se sentisse obrigada a acertar no *timing*. Por isso, só a partir do momento em que comecei a sentir o seu líquido erótico a jorrar-me pelos dedos é que aumentei a velocidade.

Espalhei aquele líquido por toda a região do sexo dela e empurrei-a para o sofá, para que pudesse descansar as costas, ficando com as pernas pousadas sobre o braço do sofá. Tirei o que restava da minha roupa e puxei-a novamente pelas pernas, para que voltasse à posição inicial. Com um braço, agarrei-a numa das pernas e com a outra mão peguei no meu pau e esfreguei-o por fora do sexo dela, antes de o introduzir lentamente. Soltou um gemido queixoso e eu retribui com um gemido gutural. Depois, agarrei também na outra perna e ganhei balanço

para me fazer entrar e sair.

A posição da cintura dela e a forma como eu a penetrava, uma vez que o meu pau não estava alinhado com a direção do sexo dela, permitia que a cabeça do meu pau roçasse diretamente no seu ponto G. E, mais uma vez, apesar de a posição não ser a mais confortável, o prazer que eu lhe proporcionava compensava.

Enquanto a fodia, não tirava os olhos do rosto dela, degustando cada macro e microexpressão de prazer que lhe proporcionava. E por mais que a Inês quisesse criar uma barreira visual com as mãos, não conseguia, pois tinha as mãos demasiado ocupadas a espremer as almofadas do sofá. Aquela posição também a impedia de se erguer até mim, já que não tinha força abdominal suficiente. Um pormenor que lhe provocava uma sensação de bloqueio virtual, o que, inevitavelmente, lhe incrementava o prazer.

Sem tirar o meu pau, debrucei-me sobre ela, meti-lhe o braço por baixo das costas e peguei nela ao colo. A boca dela veio disparada em direção à minha e beijámo-nos, enquanto ela se segurava com os braços à volta do meu pescoço. Contornei o sofá e sentei-me com ela por cima de mim. Despi-lhe o sutiã, para me deliciar com os seus seios, e depois ela mesma tomou as rédeas. Inclinou-se para trás, de forma a apoiar as mãos nas minhas pernas, e começou a subir e descer, fazendo-se penetrar por mim. Enquanto desfrutava daquela visão maravilhosa de a ter em cima de mim, empenhada no nosso sexo, eu acariciava-lhe um dos seios com uma mão e com a outra estimulava-lhe o *clit* com o polegar. À medida que ela saltava em cima do meu pau, eu começava a sentir a esponja do sofá debaixo do meu rabo a ficar ensopada com os fluidos que ela libertava. O que representava um estímulo extra para mim, já que o meu maior prazer era sentir o prazer dela.

Puxei-a para mim, de modo a voltar a sentir os lábios dela nos meus, e, mais uma vez, sem tirar o meu pau de dentro dela, virei-a para o sofá e deitei-a de costas sobre ele. Deixei o meu corpo cair sobre o dela, meti-lhe os braços por baixo dos ombros, para lhe poder segurar a cabeça e fazê-la olhar para mim enquanto a penetrava, e comecei os movimentos pélvicos. O nosso olhar fundiu-se, tal como já tinha acontecido com as nossas almas e os nossos corpos. Penetrava-a lentamente, para que pudesse sentir cada saliência do meu pau a

dilacerá-la de prazer. Por momentos, quis fazê-lo calmamente, não só porque queria e gostava daquela sensação, mas também para que ela sentisse que eu não queria apenas fodê-la. Queria amá-la. E, mais do que isso, queria que se sentisse amada.

Dei-lhe um beijo demorado e depois abracei-lhe o corpo, apertando-o com força contra o meu, também ele a ferver e a suar de tesão. Apoiei a cabeça no sofá ao lado da dela e aumentei gradualmente a intensidade da penetração, fazendo-a gemer cada vez mais alto ao meu ouvido. Mantive o ritmo, permitindo-me também não me preocupar em controlar a ejaculação. Deixei-me consumir gradualmente pela excitação, que aumentava a cada movimento, e quando tivesse de me vir, vinha-me. Desliguei todos os automatismos e permiti que a emoção me dominasse.

Os braços da Inês a envolverem-me o tórax não eram os braços de quem queria sentir o meu corpo para que o seu prazer fosse maior, eram os braços de quem precisava daquele corpo para sentir o maior prazer de todos. No fim de contas, não importa se o sexo foi mais ou menos intenso, se durou mais ou menos tempo, mas sim se foi feito de corpo e alma com a pessoa que se ama. Também por isso não me quis armar em robô sexual. Não daquela vez. Quis sentir e viver aquele momento porque só assim eu saberia que, independentemente de tudo, teria valido a pena para ambos.

Aumentei uma última vez a velocidade para o remate final (e também para que ela percebesse que não aguentava muito mais tempo), e vim-me até à última gota.

Deixei-me estar por um momento por cima da Inês, mas apoiando-me nos cotovelos, para não a sobrecarregar. Mantive a minha cabeça ao lado da dela e não nos movemos até ambos recuperarmos o fôlego. Saí finalmente de cima dela e sentei-me ao fundo dos seus pés. Ela permaneceu deitada e levou as mãos ao rosto.

«Merda…», murmurou.

Não foi difícil perceber o que ia na cabeça dela com aquele simples desabafo. A razão já tinha voltado ao controlo e a consciência começou a pesar-lhe. Mesmo assim, quis perguntar-lhe:

«O que se passa?»

«Merda! Merda! Merda!», murmurou de novo.

Levantou-se e ficou sentada ao meu lado, encolhida e despenteada,

com os braços a esconder os seios e a olhar de um modo apático para o chão, como se tivesse acabado de acordar.

«Eu disse-te que era melhor eu ir embora. Raios! Porque é que me puxaste? Deixavas-me ir e agora não estaria a sentir a consciência pesada. Isto não devia ter acontecido.»

«Olha, olha! Queres ver que te obriguei a alguma coisa…»

«Não, claro que não, mas agora vou mesmo embora.»

Levantou-se e começou à procura da roupa. Fiquei momentaneamente a olhar para ela, e depois também me comecei a vestir.

«Não foi o Henrique que traíste hoje. Foste tu que me traíste sempre que foste para a cama com ele. E se alguma vez o traíste, também não foi hoje, mas sim todas as vezes em que foste com ele para a cama a pensar em mim. É melhor foder com um e depois com outro do que foder com um a pensar noutro. Essa é que é a verdadeira traição, porque, quando isso acontece, estás a enganar três pessoas ao mesmo tempo, incluindo tu própria.»

«Não é o momento para esses discursos, **Afonso**. Por favor! Se eu estou com alguém, tenho um compromisso. Ponto!»

«Essa é uma culpa religiosa. Tu, tal como a maioria, achas menos feio ir para a cama com um homem enquanto gostas de outro, do que ir para a cama com o outro, que é de quem realmente gostas, tendo um compromisso. Isso é uma questão de religião que serve apenas para nos fazer sentir culpados por tudo e por nada. Traição é traição, mas não as ponhas todas no mesmo saco. Ou vais dizer que preferias que eu fodesse contigo a pensar noutra ou que fodesse com outra a pensar em ti, hã? Responde-me?»

«Eu preferia que fodesses comigo a pensar em mim. E também preferia não ter fodido contigo para agora não me estar a sentir uma merda. Raios!», vociferou enquanto ajeitava as calças.

«Obrigado pela parte que me toca. Então, este arrependimento vale mais do que todos os orgasmos que te proporcionei?»

«Nunca fiz uma coisa destas. Merda! Como é que eu vou conseguir olhar-me ao espelho depois disto!»

A Inês continuava a reclamar com ela própria, como se eu não estivesse ali, e tive de a agarrar pelo braço para a fazer parar.

«Sabes como é que te vais olhar ao espelho?», perguntei-lhe, olhos nos olhos, mas era uma pergunta retórica. «Eu digo-te. Vais olhar-te ao espelho com dignidade por te teres permitido viver quando a oportunidade surgiu. Por te teres permitido entregar ao verdadeiro dono do teu coração, independentemente dos compromissos, porque a maior traição é ir contra o coração, contra aquilo que sentes, contra aquilo que és. E vais olhar-te com coragem suficiente para tomares as decisões que tens de tomar.»

Ela parou e ficou a olhar para mim e, por um segundo, acreditei que me tinha ouvido, mas logo desarmou o olhar e caminhou em direção à porta. Ainda fui atrás dela, mas não a quis impedir de ir embora. Mais do que nunca, ela precisava de ficar sozinha.

Voltei para o sofá e sentei-me, ainda em tronco nu, e apercebi-me de que um leve sorriso se desenhava no meu rosto. *Que chatice, Afonsinho. Estávamos tão bem, unidos. Saudades minhas?*

34

«Que me queres?», questionei, assim que atendi a chamada da Diana.

«Como é que tens estado?»

«Tenho estado à espera de mais uma surpresa tua.»

«O Dr. Alfredo não me disse o que vocês falaram, como é óbvio, mas confidenciou-me que, pelo menos, lhe deste ouvidos. Espero que tenhas seguido os conselhos dele.»

«Não te preocupes, as coisas, aos poucos, estão a compor-se. Diz lá o que queres, Diana. Eu sei que gostas muito de mim e queres o melhor para mim, mas não foi por isso que ligaste.»

Fez-se silêncio do outro lado da linha, denunciando um certo sentimento de culpa por, no fundo, saber que eu tinha razão.

«Já sabes qual é o tema. Preciso de falar contigo.»

«Quando e onde?»

«Podes hoje? Tipo… daqui a pouco?»

Olhei para o relógio e vi que não dispunha de muito tempo até à primeira sessão que tinha marcada para esse dia. Era uma entrevista com um futuro aspirante que me implorou por ajuda, via *e-mail*, e não queria chegar atrasado.

«Se não me demorares, sim, posso.»

«É rápido. Também não tenho muito tempo. Vou fazer uma pausa de 15 minutos daqui a pouco. Podes vir ter comigo aqui à empresa? Encontramo-nos no bar. Piso um.»

«Estou a caminho», atirei, antes de desligar.

Dirigi-me até à empresa onde ela trabalhava, uma seguradora em Massarelos, e subi até ao primeiro piso. Ela veio ao meu encontro, pouco depois de a ter avisado que tinha chegado, e sentámo-nos a uma pequena mesa redonda junto à janela.

«Não me digas que escolheste um local movimentado para reduzir a probabilidade de eu voltar a ser desagradável contigo.»

«Por acaso, não», confessou. «É mesmo porque não tenho muito tempo livre e precisava muito de falar contigo. Houve avanços na minha

história com o Carlos…» Fez uma pausa para criar *suspense*. «Fizemos sexo.»

«É suposto eu pedir-te pormenores, agora?»

«Não! É suposto fazeres um comentário. Dizeres alguma coisa. Fiz bem? Fiz mal? E agora? Como me devo comportar?»

«Não importa se fizeste bem ou mal, porque já está feito. Importa saber o que vais fazer daqui para a frente. Agora, mais do que nunca, o teu desafio é fazê-lo continuar a querer. Na verdade, agora é que começa a parte difícil. Supostamente, acabaste de lhe dar o teu "maior tesouro". No inconsciente do homem, não há nada mais precioso que lhe possas dar do que o teu corpo. O desafio é provares-lhe que está enganado e que não é o teu corpo o teu maior tesouro, mas sim a tua alma, o teu amor, o teu desejo.»

«E para lhe mostrar isso, qual deve ser a minha postura?»

«É simples: exigência. Mas essa exigência não deve ser programada, deve ser natural, caso contrário, será desgastante para ti e mais depressa deixas tu de gostar dele do que ele de ti.»

«Exigência em que sentido? Exigir sempre a atenção dele, por exemplo? Exigir que ele me procure e demonstre constantemente que me quer? Exigir que esteja sempre pronto?»

«Não! Isso é só carência e falta de atenção. Para, pensa e mete este *chip* na tua cabeça: tu não precisas dele para seres feliz ou para estares bem. No máximo, precisas dele para partilhares com ele a tua felicidade já intrínseca. O teu bem-estar natural. Entendes o conceito? Ele não pode acreditar que precisas dele para estares bem, caso contrário vai achar que te está a fazer um favor e vai perceber que estás dependente dele. Por consequência, vai sentir que estás nas mãos dele, vai perder o interesse e vai embora. Mas antes de ir embora vai fazer o que quer de ti, e vais acabar por sofrer.»

«Continuo sem saber como posso demonstrar essa exigência sem demonstrar que é carência.»

«Em primeiro lugar, tu é que tens de te convencer de que não precisas dele. Convencer não, perceber. Depois de tomares consciência disso, tudo acontece com naturalidade. Além de desfrutares de uma relação mais saudável com ele, a probabilidade de ela ser duradoura é também muito maior. Relativamente à exigência, não é no sentido de

exigir alguma coisa. Ou, pelo menos, de uma forma óbvia. Tudo deve acontecer de uma forma subentendida. Por exemplo, imagina que ele se começa a desleixar ou deixar de se empenhar na hipotética relação que está a começar, não vale a pena reclamares com ele ou queixares-te de alguma coisa. Nunca o faças, porque isso demonstra que estás a sentir falta e ele não te pode dar o que quer que seja por pena ou por favor. Isso é o estado mais baixo de carência e a coisa mais deprimente do mundo para uma mulher, e mais broxante do mundo para um homem.»

«OK! Se eu pedir, estou a denunciar que estou carente. Mas como se pede algo… sem pedir?»

«Pedir é carência, exigir é exigência. Quando te identificas com a exigência, vais exigir automática e subtilmente e, por consequência, ele vai ter de correr e lutar por ti todos os dias, pois vai sentir-se estimulado para isso. Se te identificas com a carência, vais começar a pedir e a lamentar, a queixar, e isso vai fazê-lo, lentamente, perder o interesse. Depois, claro, vai deixar de se empenhar e dedicar a ti. Por sua vez, vai começar a abrir os horizontes e a olhar para novos desafios. Entenda-se, outras mulheres. Isso é um processo que começa de dentro para fora. Mas também funciona de fora para dentro, embora seja mais artificial e cansativo. Vejamos um exemplo prático…»

«Isso!» Juntou as mãos em jeito de gratidão. «Sê mais objetivo, por favor. Até porque temos pouco tempo.»

«Ah! Então é por isso que querias um encontro de 15 minutos, para me obrigar a saltar as partes filosóficas.»

«Não faças filmes, **Afonso**. Diz logo qual é esse exemplo prático.»

«O sexo com ele foi bom?»

«Isso tem que ver com o exemplo que me vais dar?»

Olhei propositadamente para o relógio.

«Para quem dizia que estava com pressa…»

«Sim! Foi ótimo! Incrível mesmo. E então?»

«E então espero bem que não te tenhas derretido toda e muito menos que o tenhas elogiado no fim.»

«E se o tiver feito?»

«Se o tiveres feito, não o voltes a fazer tão cedo.»

«Mas vocês não gostam de saber que fodem bem? Isso não vos motiva ainda mais? Pensei que gostassem de ser elogiados.»

«É óbvio que sim. Mas vocês, mulheres, também gostam de ser elogiadas, certo? Mas, no fim de contas, acabam na cama com aquele que vos despreza. Porque será? O meu mandamento número 40 diz o seguinte: “Se fode bem, mostra-lhe; se fode mal… igual.” Mas há formas e forma de mostrar. Eu já te expliquei que o homem só pode desconfiar. Ele nunca pode ter certeza de nada. Se lhe dizes que ele é incrível na cama e que nunca ninguém te satisfez como ele, estás a dar-lhe trunfos que ele vai jogar contra ti. Além disso, vais torná-lo cada vez mais convencido, o que não o vai motivar a estar contigo mais vezes. Vai, sim, motivá-lo a receber os mesmos elogios de outras mulheres para se pôr à prova. Mas a mulher com quem tu queres que ele se ponha à prova és tu. Então, se queres mostrar-lhe que fode bem, geme com força, mas não o elogies. Pontualmente podes fazê-lo, mas em boa parte das vezes dizes-lhe algo do género “já fizeste melhor”. Esta frase é infalível, porque consegues baixar-lhe suficientemente o ego para que ele não pense noutros voos e, ao mesmo tempo, não o baixas a ponto de o fazeres desanimar ou desistir, pois se já fez melhor é porque é capaz.»

«Perfeito! Genial! Mas isso é no sexo. Uma relação não se resume a sexo. Em todas as outras situações, que são a maior fatia do bolo, como é que eu consigo ser exigente sem parecer carente?»

«Deixa-me fazer uma introdução antes de responder a essa pergunta. Como sabes, a mulher tem a fama de nunca estar satisfeita, mas depois tem o mau hábito de aceitar as migalhas que recebe, porque “ama muito”, diz ela. Na verdade, ela não se ama e, por causa disso, aceita migalhas, o que, por sua vez, cria essa sensação de constante insatisfação. Depois, cai no erro de pedir, choramingar e mendigar, e essa é a facada final. O tipo faz as malas, vai-se embora ou, muito pior, fica, mas sem estar. Se é que me entendes. Para evitares chegar a esse ponto tens de andar sempre de nariz e rabo empinado. Mesmo quando estiveres a roer-te por dentro, não dês o braço a torcer. Estou a exagerar um pouco, pois, como é óbvio, é preciso bom senso para tudo, mas tu entendeste a ideia. Quando decides não correr atrás, estás automaticamente a demonstrar que sabes bem qual é o teu valor e a enviar-lhe a mensagem de que não aceitas menos do que aquilo que mereces. Que é tudo. Nunca te esqueças: nada menos que tudo. E esta é a melhor forma de exigir sem pedir. Ser exigente sem parecer carente

é simplesmente não aceitares menos do que aquilo que mereces. E uma maneira de o fazeres é, em vez de pedires, ameaçares. Não é bonito, mas é eficaz. Por exemplo, em vez de lhe dizeres para te amar, dizes que se ele não te amar vais embora. Algo que, parecendo que não, muda tudo. Não estás a pedir, mas estás a impor uma condição que, no fundo, significa uma exigência. Tão simples quanto isto. Mas o ideal é não fazeres estas ameaças de uma forma tão direta, porque pode parecer que a vossa relação, ou potencial relação, é um contrato de trabalho. O melhor é ires dando dicas em momentos neutros e de forma subtil. Por exemplo: estás a jantar com ele num restaurante e reparas que na mesa ao lado o homem não foi cavalheiro com a mulher. Aproveitas isso e fazes um comentário do género: “Se fosse comigo, aquele tipo não durava muito.” O Carlos, inconscientemente, irá assimilar essa informação como um alerta. E esse alerta vai ficar gravado na memória dele sem que ele tenha sido o visado. Ou seja, o inconsciente dele vai programá-lo para evitar fazer o mesmo, de modo a não sofrer as consequências que referiste. E tudo isto funciona sem que ele se aperceba. Parece magia, não é?»

«Parece magia, parece fácil e parece-me também que eu não vou ter a frieza suficiente para pôr em prática toda essa teoria.»

Recostou-se na cadeira e expirou de um modo que demonstrava bem o desalento que a assolava naquele momento.

«Tens sempre o caminho mais fácil e natural de todos: seres tu mesma. Mas se me chamaste aqui, presumo que não seja aquele que pretendes seguir. Não tens muito por onde escolher.»

«Se for eu mesma, já sei que vou estragar tudo. Vou ser demasiado emocional, só vou dar ouvidos ao coração e ele vai tramar-me. Foi assim nos meus últimos relacionamentos, e deram errado.»

«Deram errado porquê?»

«Se tivessem dado certo, não tinham acabado, não é?»

«Então um relacionamento só dá certo se for para sempre? Mesmo que tenhas sido infeliz durante todo esse para sempre, por insistires ficar ao lado de alguém que acreditavas amar, mas que, no fundo, não te amava da mesma maneira? Não digas parvoíces, Diana. Ter acabado não é sinónimo de ter dado errado. Não ter sido bom enquanto durou, isso sim, é sinónimo de ter dado errado. Como digo no meu

mandamento número 58: “Não te preocupes com *finais felizes*, mas sim com *durantes felizes*”. Ou no número 100, por exemplo, que diz: “Nunca deixes de começar só porque sabes que um dia vai acabar.” São estas coisas que eu ensino aos meus aspirantes e aplica-se na perfeição a ti. É devido a pensamentos desses que as coisas não resultam como tu gostarias. Preocupas-te com coisas que não são as mais importantes e depois não te admires se falhares. Mas isso é uma conversa que fica para depois. Posso ir?»

«Não! Espera!» Chegou-se imediatamente para a frente e agarrou-me no braço. «Tenho mais uma coisa para te contar. Como te tinha dito, o Carlos é um dos administradores aqui da empresa, e depois de termos ido para a cama, ele convidou-me para ser assessora dos administradores.»

«E o que é que isso implica?»

«Implica passar a trabalhar praticamente à porta do gabinete dele, dois pisos acima de onde estou. E, por consequência, implica estarmos em contacto praticamente o dia todo. Embora eu tenha muita vontade de o fazer, tenho receio que ele fique rapidamente enjoado de mim. Não sei se é o passo certo. Precisava de um conselho.»

Enruguei a testa e fiquei pensativo.

«É uma dúvida legítima. Há esse risco, mas o facto de ele te ter feito o convite depois de te ter levado para a cama, e não antes, é um pormenor muito importante. Se fosse antes, podia ser interpretado como uma estratégia de conquista. E, acredita, isso acontece mais do que aquilo que possas pensar. Uma vez que foi depois de terem ido para a cama, pode ser por realmente te querer ter por perto ou porque te quer controlar. Independentemente disso, também não tenho a certeza que esse seja o melhor passo a dar nesta altura. Mas ele impôs uma data limite para lhe dares uma resposta?»

«Não, mas foi a primeira coisa que me disse esta manhã, e eu fiquei de lhe dar uma resposta. O que lhe digo?»

«Não dizes nada. Deixa-te estar assim. Faz de conta que estás a pensar. E não é mentira nenhuma. Até porque não convém dares logo uma resposta. Não estás desesperada, lembras-te? Eu também vou refletir sobre o assunto e depois digo alguma coisa, mas agora tenho mesmo de ir que estou atrasado.»

Quando cheguei ao escritório já passavam dez minutos da hora marcada para a primeira sessão, mas, ao contrário do que eu previa, não encontrei um novo aspirante à minha espera para uma primeira entrevista. *Olha, olha quem voltou, o nosso cordeirinho de estimação.* Era o Paulo, o último desistente.

«O que é que estás aqui a fazer?», perguntei.

Levantou-se antes de responder.

«Eu era o caso urgente…», confessou com um ar de culpa. «Criei um *e-mail* e nome falsos para marcar uma nova sessão.»

Claro, assim ele sabia que, durante a próxima hora, caso não o atendesse, ficaria sem fazer nada e isso seria uma ajuda extra para lhe dar uma abébia e esquecer a deserção.

«Podias ter-te poupado a esse esforço. Aparecias, eu mandava-te embora e o resultado seria o mesmo. Eu disse-te que se saísses por aquela porta tinha-se acabado para ti. Perdeste, Paulo.»

Segui para o meu gabinete e ele veio atrás.

«Dei-me a todo esse trabalho precisamente porque é importante para mim. E só tu me podes ajudar!»

No momento em que disse aquela frase estávamos a passar diante do balcão da Rute, e junto a ela estava a Verónica, debruçada sobre o ombro dela. Estavam a olhar para o computador e ambas levantaram a cabeça, encarando-nos.

«Paulo, não é?», perguntou a Verónica, aproximando-se de nós. «Pensei que tinha desistido.»

«E não é mentira, mas estou a tentar reverter a situação.»

«Perdeste, Paulo!», repeti. «Só tinhas de ver para aprender. Não era nada de mais. Fiz-te um aviso, ignoraste-o e tomaste uma decisão. Só estou a respeitar a tua vontade.»

«Sê mais compreensivo», pediu a Verónica.

«Preciso de um tratamento de choque», acrescentou o Paulo.

Não lhes dês ouvidos. Tens três pessoas a olhar para ti. Se cedes agora, tens de ceder sempre. Mostra a tua firmeza.

«Vá, **Afonso**. Sê um bom papá e cria este novo Afonsinho. Ele merece e o mundo precisa de mais **Afonsos**», pediu ela de novo.

«Está bem. Vou dar-te uma nova oportunidade, mas ficas a dever-me uma contrapartida por ter de ignorar o erro que cometeste. Depois

decido qual vai ser. Anda comigo!» Abri a porta do meu gabinete e apontei com o dedo. «No lugar do costume.»

Ele entrou e, ao bater a porta, os meus olhos voltaram a reparar na placa que a Verónica mandara afixar do lado de dentro. De repente, senti uma explosão mental, como se uma tocha se tivesse acendido dentro de uma gruta e iluminasse as gravuras das paredes que sempre lá estiveram, mas que eu não queria ver. «Sê um bom papá» e «o mundo precisa de mais **Afonsos**» tinham sido as últimas palavras da Verónica. Agora entendia o porquê daquela especial preocupação para que eu me viesse. Não era porque me queria dar prazer, era porque queria engravidar de mim.

35

«Mudaste de ideias?», perguntou o Paulo, receoso.

Fiquei na dúvida se me sentava e falava com ele ou se saía para confrontar a Verónica com aquela conclusão. Comecei a enraivecer, mas tentei manter a calma e refletir melhor, pois podiam ser apenas coincidências e queria poupar-me a uma figura ridícula. Dirigi-me até junto do Paulo, sentei-me e respondi-lhe:

«Disseste que precisavas de um tratamento de choque, é? Se não estás preparado sequer para ver um casal a fazer sexo à tua frente, que choque é que te posso dar? Deixaste-me ficar mal. Não sei se é de choques que tu precisas.»

«O que eu sei é que preciso de me sentir um homem, um lobo. Preciso de coragem, atrevimento, garra. Sinto-me demasiado suave, mole e bonzinho. Nenhuma mulher quer um homem assim, por isso estou disposto a transformar-me, a bem ou a mal. Mas não tenho o conhecimento nem a experiência suficientes para saber qual o melhor caminho a seguir. Isto está a começar a afetar-me. Parece que tenho um bloqueio qualquer. Como se fosse uma porta que estivesse emperrada. E, às vezes, para abrir uma porta emperrada é preciso dar-lhe pontapés…»

Queria concentrar-me no que ele me dizia, mas estava a ser difícil. Na minha cabeça só ocorriam *flashes* da Verónica, que resumiam em fotografias mentais os pontos cruciais desde a minha chegada àqueles escritórios. Quanto mais pensava naquilo, mais coisas descobria, e o que me levava a crer que estava certo é que tudo encaixava na perfeição. O desgosto pelo filho que perdeu, a obsessão por mim que tentou disfarçar, o plano para me levar para aqueles escritórios, a sedução disfarçada, a preocupação constante se eu me tinha vindo, o berço e o quarto de criança preparados para um filho que ainda esperava e sabe-se lá mais o quê que não me conseguia lembrar. Era como se tivesse visto em mim os genes perfeitos para a sua nova cria e tivesse engendrado todo um plano para os obter de forma a parecer algo natural ou acidental. *A sério que te deixaste enganar por uma louca*

dessas?

«**Afonso**? **Afonso**?», chamou o Paulo.

Abanei a cabeça para acordar daquele mergulho interior.

«Não vais lá com pontapés. Isso não te enraivece, só te amedronta ainda mais. Temos de ir pelo caminho mais longo. Já tenho uma ideia do que podemos fazer, mas fica para mais tarde. Agora, se me permites, tenho um assunto a tratar. Esta sessão é oferta.» Levantei-me e fui abrir a porta. «Depois ligo-te.»

Fiquei à porta a vê-lo a ir-se embora e quando saiu do meu campo de visão dirigi-me em passos largos até ao escritório da Verónica. Ignorei as boas maneiras e entrei sem pedir licença.

«Que susto, **Afonso**! O que foi isso?»

«Quantos sobrinhos tens, Verónica?»

«Porque é que queres saber? O que se passa?»

«Responde à minha pergunta. Quantos tens?»

«Tenho um! Só tenho um.»

«Como se chama?»

«Francisco», respondeu prontamente.

«Que idade tem?»

«Tem 4 anos, mas porquê?»

«Que estranho, ia jurar que eras filha única…»

«Eu nunca te disse que era filha única.»

«Mas disse-me o teu pai.»

«De onde é que conheces o meu pai?»

«Do meu antigo gabinete, para onde empurraste o teu pai, para que eu pudesse vir para o escritório onde trabalhas.»

«O que queres dizer com isso?»

«Não precisas de fazer de conta. O teu pai disse-me o que te aconteceu. Tiveste um aborto espontâneo. Mas ainda estás numa fase de negação, por isso manténs tudo intacto em tua casa. O berço e o quarto de criança. Não existe nenhum sobrinho chamado Francisco. Nem de sangue, nem de afinidade. Na verdade, esse é o nome que tinhas pensado para o teu filho e os 4 anos que disseste ser a idade dele suponho que seria a idade do teu filho, caso tivesse nascido. Por isso respondeste tão prontamente às perguntas.»

Ela rendeu-se à irrefutabilidade dos meus argumentos e baixou a

cabeça. Pouco depois, levantou-se e caminhou até junto da janela. Deixei-me estar próximo da porta e esperei que fosse a Verónica a quebrar o silêncio que se instalara naquele gabinete.

«É verdade, sim», confessou num murmuro. «É verdade tudo aquilo que disseste. Desde a minha fase de negação até à idade que teria o meu filho. Teria completado, mais ou menos por esta altura, 4 aninhos. Confesso que, naquela altura, há uns cinco anos, mais ou menos, não tinha planos de engravidar. Tinha apenas sexo casual com um rapaz. Ele era muito especial para mim, mas não passava de sexo. Até porque ele aparecia e desaparecia. Sabia muito pouco sobre ele e nem sequer… sabia se correspondia à verdade. O que é certo é que acabei por engravidar. Numa fase inicial, não queria. Não queria mesmo e parece que o universo me fez a vontade e…» Fez uma pausa. «E pronto… já sabes o que aconteceu. Depois disso, contra todas as minhas expectativas, fiquei muito revoltada. Sentia-me frustrada e muito, muito culpada. Dizem que só damos valor quando perdemos, e esse foi o maior exemplo que a vida me deu disso mesmo. Hoje, daria tudo e faria tudo para voltar atrás no tempo e pelo menos passar a desejar aquele filho como o comecei a desejar depois de o ter perdido. Talvez se, naquela altura, o quisesse tanto como o quero hoje, o meu organismo se tivesse comportado melhor e deixar-me-ia tê-lo. Não sei se isto tem algum fundamento científico, biológico ou espiritual, mas, para o bem ou para o mal, é aquilo em que acredito. Perdoa-me se estás chateado por eu ter escondido este acontecimento, mas compreende que é uma marca que fica para a vida e, confesso, está a ser difícil de superar. Mas estou a trabalhar nesse sentido.»

«Estás a trabalhar, sim. E estás a trabalhar muito bem, e é por causa disso que estou chateado. Não por me teres escondido que tiveste um ab…» Decidi não dizer a palavra. «Mas por teres engendrado um plano para me aproximares de ti, seduzires, levares para a cama e engravidares de mim. Meu Deus! Até me sinto uma mulher que foi iludida por um homem que a queria levar para a cama. Tenho é de te dar os parabéns. Bom trabalho!»

«O que estás tu a dizer? Isso é completamente absurdo. Porque havia eu de querer engravidar de ti? Para te prender? Mas estamos em que ano? Em 1974? Não faz qualquer sentido.»

«Porque és completamente obcecada por mim e, na tua cabeça, talvez eu tenha os genes ideais para ser o pai do teu filho. Sei lá o que vai nessa mente desequilibrada. E não, não é para me prenderes, porque sabes muito bem que isso não funcionaria comigo. Tu até nem te importavas, mas um homem não é a tua prioridade neste momento. És uma mulher jovem, bonita, elegante, não terias dificuldade em seduzir o homem dos teus sonhos, a prova disso é o que fizeste comigo. A tua prioridade… é um filho. Eu não sou o teu destino final, sou apenas um meio para atingires um fim. Por isso é que escolheste aquela frase que mandaste pôr do lado interior da minha porta, pois tu és exatamente assim, não olhas a meios para atingires um fim. Fizeste questão de assinar a frase com as tuas iniciais, e foi precisamente a partir dessa ponta que comecei a desenrolar este novelo, que começou muito antes de eu voltar do Brasil. Mais precisamente naquele jantar no hotel, quando descobriste que eu trabalhava num dos escritórios do teu pai. Se é que já não sabias antes. Aproveitaste que eu estava no Brasil para começares a planear tudo e inventaste a história de que havia alguém que tinha mesmo de vir para estes escritórios para convenceres o teu pai a mudar-se, mas na verdade estavas a guardar o lugar para mim.»

«Havia, sim, alguém interessado, e só podia vir para estes escritórios, mas acabou por não ficar muito tempo!»

«Então, porque é que o teu pai não voltou?»

«Porque ele passou a preferir o outro!»

«Para!», gritei, consumido pela raiva, e agarrei-a pelo braço com força. «Para de mentir! É mais do que óbvio o teu plano. Não me faças de burro, porra! Mas olha, podes tratar de arranjar um novo cliente, o meu gabinete fica vago ainda hoje.»

Soltei-a e apressei-me a ir para o meu gabinete, de forma a arrumar as minhas coisas. Ela correu atrás de mim e entrou comigo no gabinete, fechando a porta atrás dela, para ninguém nos ouvir.

«Estás a precipitar-te, **Afonso**! Nem sequer me ouves e estás a tirar conclusões sem fundamento. Nada do que aconteceu entre nós foi premeditado da minha parte. Se calhou vires para aqui foi porque o destino assim quis…»

«Destino?», atirei com escárnio, enquanto guardava o computador na mala. «Se isto foi destino, então tu és Deus.»

«Nunca te forcei a nada. Aquele convite para jantarmos em minha casa, por exemplo, foi feito por iniciativa tua. Quando fodemos aqui neste mesmo gabinete à frente do teu amigo, também foi iniciativa tua. Como é que consegues acusar-me de ter planeado alguma coisa? Se aconteceu, foi porque tinha de acontecer. E se eventualmente engravidar, é porque tinha de ser.»

Voltei a parar para olhar para ela e comecei a sentir uma mistura de raiva e asco a fermentar-me no estômago.

«Se eventualmente engravidares? Então quer dizer que há hipóteses? Ia jurar que tomavas a pílula. Ou será que estou enganado?», perguntei com ironia.

«Claro que tomo, mas sabes que, às vezes…»

«Não tomas nada, porque a tua intenção é precisamente engravidar! Mas convém-te passar a imagem de que aconteceu de forma acidental. Não só para te ilibares, como para preservares o melhor possível a relação que tenho contigo e, por sua vez, com o hipotético filho. E tinhas de engravidar de mim, porque fui eu o escolhido para fazeres um *remake* do que aconteceu há uns anos, mas agora com um final feliz. Lamento a tua perda. Não quero sequer imaginar a tua dor, mas claramente ela afetou-te muito e desenvolveu em ti uma obsessão cega. Agora é ela que te está a mover, a par do desespero.» Fiz uma pausa. «Espera lá…»

Fiquei a olhar para ela com ar de caso, depois de se fazer novamente luz dentro da minha cabeça.

«O que foi? O que vais inventar agora?»

«A última vez que estivemos juntos não foi iniciativa minha. Foi ideia tua e, mais uma vez, foi tudo combinado. Só falta saber se a Alexandra também estava por dentro do assunto. Por isso é que perto do fim me tiraste o preservativo e a fizeste chupar-me. Foi tudo para me distrair, para depois te voltares a pôr em cima de mim, numa tentativa que eu me viesse dentro de ti, pois certamente devias estar no período fértil e a probabilidade era máxima. Foi também por isso que nesse dia decidiste ficar a dormir no *hostel*, provavelmente porque ouviste dizer que convém permanecer deitada depois do ato sexual. Tudo isto é demasiado perverso, doentio e inacreditável. Nem sei se hei de sentir raiva, nojo ou pena de ti.»

Voltei a concentrar-me nas arrumações apressadas. Estava lá havia

pouco tempo, por isso não tinha muito para recolher.

«É um absurdo aquilo que estás a tentar fazer. Não sei se, entretanto, alguma coisa mudou em ti, mas se te arrependeste de algo que fizemos, não tenho culpa disso. Nunca fiz nada contra a tua vontade. É muito triste usares o pior momento da minha vida para inventares uma obsessão qualquer e justificares aquilo que aconteceu entre nós, que foi por vontade mútua.»

Não lhe respondi mais até terminar de arrumar. Depois, peguei nas minhas coisas e dirigi-me para a saída.

«Estás a ser injusto comigo, **Afonso**! Estás a pintar-me como uma vilã por causa de uma ideia que veio da tua imaginação fértil. Aquilo que aconteceu entre nós justifica tanto a tua teoria mirabolante como milhões de outras que ainda nem sequer ponderaste. E, no final, vais acabar por perceber que a teoria verdadeira é a de que tudo aconteceu naturalmente.»

Não dei ouvidos ao que ela tinha acabado de dizer, pois só queria que parasse de falar, para eu dizer a minha deixa final.

«Lamento, mas não ficaste a fazer nada no *hostel* depois de eu ter saído. Não tinhas nada meu dentro de ti. Eu fingi que me tinha vindo muito antes do orgasmo, pois com duas mulheres em cima de mim sabia que podia não tirar a tempo. Eu era incapaz de me vir dentro de uma pessoa que não amo. Tomando ou não a pílula.»

«O quê?», perguntou, admirada.

«Pareces desiludida, mas é isso mesmo. Não será desta vez, e muito menos serei eu a dar-te o filho que tanto queres.»

Virei-lhe as costas e fui embora. Quando cheguei a casa, pousei a tralha toda em cima da mesa da sala e fiquei a olhar para aquilo. Tinha abdicado do gabinete e, por consequência, fiquei sem local onde continuar as minhas sessões. Ou seja, um problema extra que a Verónica me tinha arranjado.

Por mais que ela tentasse justificar o que tinha acontecido, eu estava tão convicto da minha tese que ignorei tudo o que me disse. Não era possível que tudo aquilo tivesse acontecido «naturalmente» ou por «destino», como ela dizia. O destino não me poderia querer assim tanto mal. A verdade é que passei o dia todo perturbado com aquela situação, mas simultaneamente aliviado por me ter apercebido dela a tempo.

Assim acreditava eu. Mas o meu dia estava longe de estar terminado, pois já era noite quando recebi uma chamada da Filipa, e a sua voz denunciava que algo não estava bem:

«Voltaste a estar com a Inês?», perguntou.

«Sim, porquê?»

«É que ela apareceu aqui em casa e aconteceu algo grave. Ela vai odiar-me, mas acho que é melhor vires cá.»

«Vou já para aí!»

36

Peguei nas chaves e despachei-me a chegar a casa da Filipa. Como não podia deixar de ser, durante a viagem criaram-se mil e um cenários no meu imaginário sobre o que teria acontecido. Com a preocupação, esqueci-me de lhe perguntar. Assim que cheguei, a Filipa veio receber-me à porta com um ar preocupado.

«O que aconteceu?», perguntei.

«Parece que a Inês e o Henrique tiveram uma discussão e ele abusou da força», sussurrou.

«Bateu-lhe?»

«Ela diz que não, que só a agarrou com “força a mais”, mas tem o braço marcado. Está assustada e não acho que a minha presença seja suficiente para que ela se sinta segura, por isso chamei-te.»

«Onde está ela?»

Fez-me sinal com a cabeça para a seguir e entrámos sem fazer barulho. Abriu a porta da sala, ficando a segurar nela, e eu entrei logo depois. A Inês estava sentada no sofá, com o *Biju* ao colo.

«O que estás aqui a fazer, **Afonso**? A sério, Filipa? Eu disse-te para não dizeres nada a ninguém! Caramba!»

«Perdoa-me, Inês, mas não podia ficar quieta. Pelo menos assim sei que te sentes mais segura. Vou deixar-vos a sós.»

Ela abandonou a sala e eu fiquei a olhar momentaneamente para a Inês, enquanto ela olhava para o cão e lhe afagava o pelo. Depois, aproximei-me e sentei-me ao lado dela.

«Se me vais dizer coisas como “eu bem te avisei”, podes dar meia-volta e ir embora», alertou ela.

Não lhe respondi. Agarrei-lhe num dos braços e puxei a manga para trás, mas não vi marca nenhuma.

«Dá-me o outro braço.»

«Não!», atirou, escondendo-o atrás das costas.

Agarrei na mesma no braço dela, tirei-o de trás das costas, puxei a manga e vi a marca de quatro unhas cravadas na carne, do lado interior do antebraço. Larguei-lhe o braço e ela voltou a puxar as mangas, mas

sem olhar para mim.

«Que mais é que ele te fez?»

«Não fez mais nada. Discutimos, ele agarrou-me, eu fiz força para me soltar, ele fez força para me segurar e acabou por me marcar o braço. Acabou por me soltar, eu peguei no meu cão e vim-me embora. Não aconteceu mais nada.»

«É impressão minha, ou estás a defendê-lo?

«Não estou! Não estou mesmo. Só não quero que vocês exagerem nos filmes. Isso vai dar uma dimensão ainda maior ao que aconteceu e só vai piorar tudo.»

«É suposto fazermos de conta que não aconteceu nada?»

«É suposto respeitarem a minha vontade.»

«Porque discutiram?»

«A sério que é essa a tua preocupação?»

Passei a mão no rosto e suspirei.

«A minha preocupação és tu, é o teu bem-estar e a tua segurança, mas já que, aos teus olhos, não é grave aquilo que aconteceu, então vou falar do que deve ser mais importante», ironizei.

«Tu queres é saber se foste o motivo da discussão.»

«Não me sentiria propriamente orgulhoso por ser o motivo de uma discussão que acabou com o teu braço nesse estado.»

Fez um momento de silêncio, depois pegou no cãozinho, pousou-o no chão e rodou para mim.

«Tu achas que depois do que aconteceu entre nós eu tinha coragem de voltar a estar com ele como se nada fosse?»

«Contaste-lhe?»

«Não, não contei. Esperei que ele voltasse da Alemanha para termos uma conversa e limitei-me a pôr um ponto final na relação. Depois é que começou a discussão e… resultou nisto.» Apontou com o queixo para o braço. «Por isso é que eu digo que não vale a pena fazerem filmes porque eu tinha acabado tudo. Foi a turbulência normal do fim de uma relação. Mas já acabou.»

«Acabou para ti, mas pode não ter acabado para ele. Sabe-se lá do que é capaz de fazer, e é melhor prevenir.»

«Não é preciso! Não vais fazer nada, ouviste? Não te ponhas com ideias. Deixa-o estar e deixa-te estar também. Já chega de conflitos. Já

tratei do fim e é para ficar assim.»

«Acabaste a relação por causa do sentimento de culpa?» Abanou a cabeça afirmativamente. «Não foi por teres percebido que é de mim que gostas e que é comigo que tens de ficar?»

«Aquilo que aconteceu entre nós, e o consequente sentimento de culpa e vergonha, foi apenas a gota de água. Foi o pretexto final para tomar esta decisão. Há muitos outros motivos. E um deles foi ter percebido que não tinha de ficar com ele.»

«Mas sim comigo», completei.

«Não…», murmurou. «Não ficar com ele não significa que tenha ou que vá ficar contigo. Não vou andar a saltar de um lado para o outro. Não estou assim tão desesperada. Aquilo que aconteceu entre nós os dois e entre mim e ele deu apenas para perceber que não tenho de ficar nem com um nem com outro.»

Aquilo doeu-me. Tinha de admitir. Não me dizia nada que nunca me tivesse dado a entender, mas talvez por subitamente me ter iludido com a hipótese de o ter deixado para ficar comigo, custou mais ouvir o que tinha acabado de me dizer.

O facto de ter desviado o olhar para a perna que tinha dobrada sobre o assento do sofá denunciava um certo sentimento de pena de mim por, de alguma forma, me ter desiludido. Tive de demonstrar que não me sentia afetado, pois a pena é dos piores sentimentos que alguém pode ter numa situação daquelas. *Doeu, não foi, **Afonso**? Percebes agora a falta que eu te faço?*

Depois de perceber o que sentia por ela, havia coisas que nunca mais voltariam a ser as mesmas. Tinha passado a importar-me com aspetos que antes me eram indiferentes. Ao tomar consciência do sentimento que tinha pela Inês, era como se ele se tornasse real e eu tinha obrigatoriamente de o contabilizar nas contas da sedução. Tal como o Dr. Alfredo me havia dito na nossa última conversa: ao anular o sentimento, eu estava a anular uma variável na equação que, ainda que ilusoriamente, me ajudava a resolvê-la melhor. Por isso, o desafio naquele momento era mais difícil, não pelo que tinha mudado na Inês, mas pelo que tinha mudado em mim. Contudo, não ia deixar de lutar. Apenas ia mudar a estratégia. Por isso, recostei-me no sofá e adotei uma postura descontraída.

«Fico contente…»

Olhou-me com um ar desconfiado.

«Ficas contente? Como assim?»

«A primeira vez que entrei na tua vida foi com a intenção de te livrar de um sentimento e de uma pessoa. E consegui. Mas, ao afastar-me, tu voltaste para ela e talvez por destino foi preciso voltar à tua vida para te afastar novamente dele. Quer dizer… afastar não, mas fazer-te perceber que tinha de o fazer por ti mesma. Fico contente por ter conseguido o mais importante, que era fazer-te largar alguém que te faz infeliz. São poucas as pessoas que tomam uma decisão corajosa como essa. A primeira parte está feita.»

«E qual é a segunda?»

«A segunda parte é agarrares alguém com quem possas ser feliz e, às vezes, isso também implica riscos que muitas pessoas não estão dispostas a correr. O medo de sofrer é tramado.»

«Posso muito bem ser feliz sozinha.»

«Podes, e acho muito bem que acredites nisso. E também acho muito bem que te sintas capaz de o ser. Porque isso é muito importante, contudo… nós somos feitos para interagirmos e convivermos uns com os outros e, dessa forma, exponenciar a nossa felicidade. Por isso temos amigos, colegas, família, companheiro ou companheira. A felicidade é multiplicada quando partilhada. Mas, por vezes, não escolhemos as melhores pessoas para o fazer. Por medo de sofrer, por medo que acabe. Morremos de medo que as nossas relações terminem, porque associamos isso a fracasso. E, às vezes, preferimos escolher alguém que gosta mais de nós do que nós dessa pessoa, porque pelo menos assim sabemos que somos nós que decidimos se acaba e quando acaba essa relação. O que, convenhamos, não é uma forma prudente de viver a vida, mas sim cobarde. Não conheço nenhuma forma de viver que valha realmente a pena e que seja baseada na prudência e segurança. Mas compreendo que nem todos tenham a coragem para desfrutar de pessoas e experiências que sabem que um dia, provavelmente, vão acabar.»

«Lições de moral a esta hora. Uau! E eu a pensar que tinhas vindo cá para me fazeres sentir segura. Mas, no fim de contas, estás apenas a tentar puxar a brasa à tua sardinha.»

«Não estou. Até porque já não se aplica. Da primeira vez, sim, diria isto com a intenção de justificar a minha partida, mais dia menos dia. Mas como desta vez não tenho mais intenções de ir embora… Como desta vez o para sempre é uma hipótese, ou melhor, é a única hipótese, a possibilidade de fim, embora exista, como em todas as relações, não é sequer uma questão que coloco.»

Ficou a olhar profundamente nos meus olhos, como se estivesse à procura de encontrar neles o comprovativo de veracidade das minhas afirmações. Mas fiquei sem saber se o encontrou.

«Neste momento, a minha prioridade sou eu e a minha única preocupação é arranjar um novo emprego. De preferência aqui perto, para não ter de usar carro, uma vez que o vou vender.»

«Porque é que vais vender o teu carro?»

«Porque é que achas? Para conseguir pagar os tratamentos do meu pai. Pelo menos, nos próximos meses.»

«Já te disse que sou eu que os vou pagar.»

«Não preciso do teu dinheiro!» Levantou-se, irritada, e foi colocar o *Biju* dentro da cesta dele, junto ao canto. «Já está a ficar tarde. Obrigada pela preocupação, mas é melhor ires embora. Já me vou deitar. Bate a porta quando saíres.»

Dirigiu-se para a porta da sala e olhou-me por cima do ombro antes de sair. Deixei-me ficar sentado no sofá, a vê-la a afastar-se, e assim que desapareceu peguei no telemóvel e liguei para a Diana.

«Podes falar?», perguntei num sussurro, quando atendeu.

«Que susto, **Afonso**! Pela hora, pensei que era novamente alguém a pedir-me para te ir buscar bêbedo a um bar.»

«Não te preocupes, foi só uma fase. Já passou. Estou a ligar-te porque acabei de ter uma resposta para o dilema que me apresentaste hoje sobre aceitares ou não o convite do Carlos.»

«Sou toda ouvidos. Aceito?»

«Sim. Vais aceitar, mas com algumas condições.»

«Ele quer promover-me e ainda vou impor condições?»

«Claro! Tens de o fazer acreditar que ele é quem mais quer, ou já te esqueceste? Por isso, vais apresentar-lhe duas condições. A primeira é que, apesar de ires trabalhar quase para a porta dele durante o período de trabalho, a vossa relação será estritamente profissional. Nada de

olhares, toques, beijos, etc.»

«E qual é o objetivo disso?»

«O objetivo é demonstrar a tua seriedade, o teu profissionalismo e a tua postura firme. Além disso, ele provavelmente vai tentar que quebres essa postura, o que vai fazer com que te continue a seduzir. Mesmo no local de trabalho.»

«Certo. E qual é a segunda condição?»

«Como és uma mulher muito dedicada e séria, não vais deixar o teu lugar entregue a qualquer pessoa. Podes ser promovida, mas quem ocupar o teu lugar tem de ser uma pessoa da tua confiança. Ou seja, a tua segunda condição é…»

«**Afonso**?», interrompeu a Filipa, desde a porta.

Levantei-lhe a mão para que aguardasse e continuei:

«A segunda condição é que serás tu a escolher a pessoa que vai ocupar o teu lugar. Lugar esse que ficará para a Inês, uma amiga minha de confiança e competente. E assim ficamos todos contentes. Combinado? Quando tiveres novidades, diz. Vou desligar.»

«Alguma coisa grave?», perguntou a Filipa, enquanto se aproximava.

«Não! Estava só a tentar arranjar um novo emprego à Inês.»

«A sério? E achas que consegues?»

«Claro que sim! Não costumo falhar.»

«Isso seria incrível. Ela, quando chegou aqui, só falava nisso. Que tinha deixado o trabalho. Que não sabia como ia ajudar o pai. Que tinha de vender o carro. Quase não queria saber do que o Henrique lhe tinha feito. Sem dúvida que quanto mais cedo ela conseguir um emprego, melhor, ou então começa já a criar cenários devastadores. Já lhe disse que não tem de se preocupar com nada. Diz-me uma coisa…» Olhou para trás, para confirmar que a Inês não nos ouvia. «Como é que foi a vossa conversa?»

«Basicamente, desvalorizou o que o Henrique lhe fez e pediu para que não exagerássemos, porque só iríamos piorar.»

«Ela até pode ter outras preocupações, mas isso não anula os riscos que corre. E, no fundo, a Inês sabe que ele, provavelmente, vai voltar a procurá-la. Embora ela faça de conta que não se passa nada. Eu só tenho medo que…»

«Que ele apareça aqui.»

Olhou-me de lado, preocupada, e enrugou a testa.

«Ele sabe para onde ela foi. Só podia ter vindo para minha casa, porque a esta hora não ia para Aveiro, para casa dos pais. Eu sei lá do que é que ele é capaz. Ainda aparece aí a bater à porta.»

«Eu fico cá esta noite.»

«O quê? Estás a falar a sério?»

«Sim. Fico cá a dormir esta noite por precaução. Embora duvide muito que ele venha. Mas pelo menos assim podes dormir descansada. Apenas não digas nada à Inês, senão ela vai dizer que não é preciso e vai querer mandar-me embora. Quando amanhecer, vou embora e ela nem se apercebe. Arranjas-me uma manta?»

Assim que terminei de falar, a Filipa deu-me um abraço, que me apanhou de surpresa, e logo a seguir saiu da sala. Pouco depois regressava com um cobertor nas mãos e a controlar se estava a ser vista. Entregou-mo, apagou as luzes e voltou a sair.

Só consegui adormecer quando a madrugada já ia a meio. Mas foi um sono que durou pouco tempo, pois o *Biju* decidiu acordar ao nascer do dia e começar a brincar com um peluche pela sala toda. Começou a correr de um lado para o outro e a fazer barulho. Àquela hora, o Henrique já não ia aparecer, mas por sua vez já tinha aparecido o sono e eu vi que ainda tinha algum tempo para dormir antes de a Inês acordar. Tirei o peluche ao cão e escondi-o debaixo do sofá, para ele não fazer barulho, mas só piorei tudo. Quando se viu sem o brinquedo começou a ladrar e eu tive de lho devolver. Tinha esperança de que ele se calasse, mas estava demasiado excitado e, além de continuar a ladrar, continuou a correr de um lado para o outro. Percebi que tinha de me ir embora. Comecei a calçar-me e, quando me preparava para sair, a Inês abriu a porta da sala, ainda vestida de pijama, para ver o que se passava com o cão.

«Ainda estás aqui?»

«Dormi aqui esta noite. Achei melhor, não fosse o Henrique aparecer a pedir perdão. Violentamente.»

«Eu sei cuidar de mim, não preciso de proteção.»

«E por acaso já pensaste em como se sente a Filipa, que provavelmente está com mais medo do que tu e agradeceu-me o facto de eu ter decidido ficar? O mundo não gira à tua volta.»

Senti-me incrível. Nunca pensei poder apontar-lhe um dos defeitos que ela sempre me apontou. Foi uma vinganzinha saborosa e que, ao mesmo tempo, fê-la tomar consciência do quão ingrata estava a ser, pois o seu semblante mudou de imediato.

«Tens razão…», murmurou.

Não estava incomodado, mas dava-me jeito fingir que sim, para ela se sentir culpada e continuar a pensar em mim. Por isso, disse-lhe apenas, num tom sarcástico:

«De nada! Vou embora.»

Dirigi-me para a saída, sem esperar qualquer reação da parte dela, e abandonei o apartamento com a certeza de que se estava a sentir mal por ter sido injusta comigo.

Quando cheguei à rua, trazia comigo o sentimento de dever cumprido. Tinha-a protegido durante aquela noite, mas tinha de a proteger durante os próximos tempos, o que implicava tratar do Henrique. Era chegada a hora de pôr o meu plano em prática.

37

«Imprima-me estas fotografias em papel A4, por favor», pedi ao senhor da reprografia.

Passei-lhe o telemóvel e pouco depois trouxe-me quatro folhas com as fotografias que tirei ao computador do Zé porteiro, nas quais se viam os nomes e contactos dos clientes da rede montada pelo Henrique. Agarrei nos papéis, meti-me no carro e segui viagem até ao *stand* dele. Pelo caminho, não desejava mais nada a não ser que ele estivesse lá quando chegasse. Caso contrário, ia quebrar todo o clima de ação que eu estava a impor naquele momento.

Por sorte ou destino, lá estava ele. Vislumbrei-o pouco antes de chegar à entrada do *stand*. Eu trazia na mão as folhas enroladas e a história bem estudada do que lhe ia dizer. O Henrique estava junto à secretária, a falar com a funcionária, e o facto de o *stand* estar vazio fez com que rapidamente se apercebesse da minha presença.

«Olha, o nosso primeiro cliente!», comentou ele com a funcionária, de forma a que eu ouvisse. «Não me digas que vieste buscar o *Jaguar* que eu te sugeri na primeira visita.»

«Não, mas se, por acaso, for esse o carro mais potente que tiveres aqui, talvez seja esse que deves usar para fugir.»

Olhou-me com um ar desafiador e depois desviou momentaneamente o olhar para as folhas que eu trazia na mão.

«Dá-nos um momento», disse para a empregada.

Esperou que ela estivesse suficientemente longe, sem tirar os olhos de mim, e depois perguntou:

«Porque havia eu de fugir?»

Atirei as folhas enroladas para cima da secretária e ele, reticente, pegou nelas e desenrolou-as, enquanto me olhava de lado.

«O que é isto?», questionou.

«É uma lista dos teus clientes todos. Nomes e contactos. Já percebi o teu negócio, Henrique. E não, não estou a falar deste. Este é apenas para lavares o dinheiro oriundo da tua rede, através da compra e venda de carros que vais buscar ao estrangeiro. Na verdade, este *stand* não

passa de uma lavandaria gigante. Não sei se a polícia já te fez uma visita aqui, se fez, presumo que não tenha descoberto nada, mas eu fiz o meu trabalho de casa. E já há algum tempo que me tenho de dedicado a isto. Podes sentir-te lisonjeado. Vê só que me dei ao trabalho de contactar cada um destes números, simulando um inquérito, só para recolher dados acerca dos teus clientes. Desta forma, garanto que se a polícia não fizer nada, os teus clientes farão. Até porque eles também podem ser multados. Já agora, não sei se sabes, mas podes ser acusado de pelo menos uns cinco crimes que podem dar prisão durante uns aninhos ou pena suspensa. No entanto, no fim de contas, a maior chatice é ficares sem o teu negócio, por isso presumo que seja mais essa a tua preocupação.»

Tentei dramatizar ao máximo o cenário que lhe apresentava, de forma a deixá-lo assustado. Imagino que ele já estivesse a par dos riscos, mas era importante que eu mostrasse que sabia o que estava a dizer e que já tinha tudo preparado para o tramar. Esforcei-me ainda para não falar na Inês, sob o risco de ele achar que tinha sido ela a denunciá-lo e deixá-la ainda mais sob ameaça.

O Henrique ficou a olhar para mim e podia ver-lhe no rosto a raiva e, ao mesmo tempo, a impotência que o bloqueava.

«O que pensas fazer com isto?»

«Por mais gozo que me desse destruir o teu negócio, isso não me acrescentaria nada. Por isso, por mim, podes continuar a fazer o que andas a fazer, só que com uma condição…» Limitou-se a olhar para mim, à espera que eu prosseguisse. «Vais fazê-lo longe daqui.»

«Explica-te melhor.»

«Quero que desapareças do mapa. Faz o que tiveres a fazer, mas longe daqui. Noutra cidade, noutro país, decide tu. Nomeia alguém para gerir as tuas coisas e recomeça noutro local qualquer. Quando digo para desapareceres, isso implica também deixares de entrar em contacto com as pessoas que estejam direta ou indiretamente ligadas a mim. Como a Inês ou a Filipa.»

«Afinal, isto é tudo por causa dela. Foi fazer-te queixinhas, não foi? Aposto que já se enfiou debaixo de ti!»

Cerrei os punhos e comprimi os lábios de raiva, mas depois lembrei-me do que acontecera da última vez e controlei-me.

«Não. Não se enfiou debaixo de mim, mas, como sabes, temos amigos em comum e as coisas sabem-se. Mas parece que também ela foi muito generosa contigo ao não apresentar queixa contra ti pelo que lhe fizeste. E, embora nós saibamos que provavelmente, e infelizmente, nada te iria acontecer, era mais um problema que não te daria jeito ter. Entende isto como uma segunda oportunidade. Não a desperdices. Tudo o que te estou a sugerir é que estejas quieto num lugar incógnito a fazer a tua vidinha. Se por acaso me chegar aos ouvidos que tu contactaste alguém ou foste visto por alguma das pessoas que me são próximas, irei dar uso ao que sei contra ti, mas não te vou avisar que o vou fazer. Basta um passarinho contar-me que te viu em algum lado próximo daqui e não preciso de mais nenhum motivo.»

«A probabilidade de me conseguires tramar é muito baixa.»

«Ambos sabemos que, no fundo, não acreditas nisso. O aviso está feito.» Virei-me para ir embora, mas parei logo de seguida, para acrescentar: «E nem tentes contratar alguém para fazer o trabalho sujo por ti. Se eu me aperceber de alguma coisa estranha ou acontecer alguma coisa estranha, é o equivalente a seres visto. Além disso, não sou o único que sei disto. Boa viagem!»

Abandonei o *stand* muito calmamente e caminhei para o meu carro. Assim que entrei, recebi uma chamada da Diana.

«Espero que sejam boas notícias!»

«Eu também espero, para ti e para mim. Já falei com ele e disse-me que aceitava as condições. Disse ainda que se ela pudesse vir cá hoje para reunirem, seria ótimo.»

«Hoje? Bem… saiu-me melhor do que a encomenda. Está combinado. Ela passa aí na empresa ainda hoje.»

Desliguei a chamada e senti-me momentaneamente desconfiado. As coisas estavam a correr demasiado bem. Das duas, uma: ou, de facto, estava a seguir o caminho que tinha de seguir, e por isso as portas pareciam abrir-se naturalmente, ou então a vida tinha uma ratoeira à minha espera. Mas decidi acreditar na primeira hipótese.

Não quis demorar a dar a novidade à Inês e liguei-lhe.

«Se é para saberes se está tudo bem, sim, está tudo bem. Ninguém apareceu aqui em casa para me raptar.»

«Não foi por causa disso que te liguei. O que não significa que não me

preocupe com esse aspeto, por isso obrigado pelo esclarecimento. Estou a ligar-te porque ontem disseste que precisavas de um novo emprego e por acaso soube que uma amiga minha vai ser promovida na empresa e vai deixar o lugar dela vago. Lembrei-me de lhe sugerir o teu nome e agora parece que o patrão quer reunir contigo para uma entrevista. Mas tem de ser hoje.»

«A sério?! Isso é uma excelente notícia. Mas que tipo de trabalho é? E onde é que eu tenho de ir?»

«Penso que seja da parte de Recursos Humanos da empresa ou algo assim, mas é uma oportunidade de ouro. Quanto ao local… é melhor ser eu a levar-te lá e apresentar-te à minha amiga. Se estiveres pronta à 16h00, eu passo aí no apartamento para te ir buscar.»

«OK! Claro! Estarei pronta a essa hora.»

Gostei do entusiasmo na voz dela. Fez-me sentir bem.

À hora combinada, estava a tocar à campainha do prédio dela e pouco depois surgiu à entrada, com um ar envergonhado.

«Achas que estou bem vestida para a entrevista?», perguntou.

No fundo, eu sabia que toda aquela preocupação era desnecessária. Só por um fenómeno raro ela não ficaria com o emprego, mas também não me interessava que ela ficasse muito confiante. Quanto menos esperanças tivesse, maior seria a alegria quando recebesse a notícia. Por isso, nem me preocupei em tranquilizá-la.

«Estás bem, mas estás com um estilo diferente…»

Fez cara estranha e percebi que ela também sabia disso.

«Esta roupa é da Filipa. É por isso. Já não tinha nada meu cá. Tive de me desenrascar. Mas achas que se adequa?»

«Já vais descobrir. Vamos!»

Entrámos no carro e seguimos viagem até Massarelos. Quando lá chegámos, avisei a Diana e ela veio receber-nos à entrada.

«Então, esta é que é a Inês», observou ela. «Muito gosto em conhecer-te. Vamos subir?»

Olhámos uns para os outros e subimos os três até ao piso da administração. Quando chegámos, deixei-me ficar à entrada, sentado nos sofás, e a Diana acompanhou a Inês. Pouco depois, a Diana voltou para me fazer companhia enquanto esperava.

«Será esta a felizarda que recebeu o ramo de flores?»

«Não, quem recebeu as flores deve ter sido algum funcionário da empresa de recolha de lixo. Mas, sim, ela era a destinatária.»

«Explica-me essa história.»

«Muito longa para hoje.»

«Nota-se no teu olhar…», murmurou.

«O que é que se nota no meu olhar?»

«Que gostas mesmo da rapariga.»

Olhei-a com um ar desconfiado.

«Coincidiste connosco três minutos. Como podes dizer isso?»

«**Afonso**! Sou mulher! Topo isso à distância. Por acaso, ela é muito bonita e, confesso, fica bem ao teu lado. Mas continuarei a achar que…» Baixou a voz. «Eu fodo muito melhor.»

Trocámos sorrisos atrevidos.

«Por falar nisso, caso vocês fiquem próximas ao ponto de falarem sobre mim, evita referir o pormenor de eu e tu já termos fodido um monte de vezes. Só para evitar constrangimentos desnecessários. Já agora, eu e a Inês não estamos juntos. Mas mais do que nunca, concordo contigo: fica muito bem ao meu lado.»

A nossa conversa não durou mais do que cinco minutos, pois foi o tempo que a Inês demorou a surgir no corredor, sorridente, a caminhar na nossa direção.

«Começo dia 1!», atirou, com um largo sorriso.

Ao fundo do corredor, um homem, que eu imaginei ser o Carlos, chamou pela Diana.

«Tenho de ir. Sabem como sair?»

Abanámos a cabeça, despedimo-nos e saímos.

«Entusiasmada com o novo emprego?», perguntei, enquanto caminhávamos em direção ao carro.

«Entusiasmada e baralhada», respondeu com um leve sorriso. «Está tudo a acontecer muito depressa. Não sei se estou a conseguir acompanhar todas estas mudanças. Mas sem dúvida que isto veio mesmo a calhar. Caso contrário, ia começar a pensar, a pensar e só ia piorar. Por isso, tenho de te agradecer. Agradecer e pedir desculpa por ontem e por esta manhã.» Parou de andar e eu também parei, a olhar para ela. «Fui injusta contigo. Foi muito bonito da tua parte teres ficado a dormir lá no sofá, sem conforto nenhum, só para me poderes proteger, a

mim e à Filipa. Eu sabia que o Henrique não iria aparecer, não é o perfil dele, mas percebo que a Filipa não tenha essa perceção e que fosse importante para ela ter ali mais alguém. Também te agradeço o facto de te teres oferecido para pagares os tratamentos do meu pai, mas, como é óbvio, não posso aceitar e hoje mesmo pus um anúncio na Internet para vender o meu carro. Tenho sempre a hipótese de vir de transportes públicos. Não me custa nada.»

«E a mim não me custava nada ajudar-te. De transportes públicos até aqui ainda é muito tempo. Mas vou respeitar.»

Lançou-me um rápido sorriso e retomámos a marcha. *Queixa-te, **Afonso**! Ela sente-se em dívida contigo. Não te vai negar ajuda e precisas de razões para se continuarem a ver.*

«Resolvido o teu problema, agora só falta o meu.»

«Qual é o teu problema?»

«Tive de sair dos escritórios onde estava, por causa de uns problemas, e agora não tenho onde fazer as sessões. Tenho de procurar um novo espaço, mas isso vai dar-me um monte de trabalho e não posso ficar muito tempo parado.»

«Porque não fazes em tua casa? Se é assim tão urgente, parece-me o melhor local provisório.»

«Impossível. Nem pensar. Zero hipóteses. Aquele é o meu espaço. Até hoje, só lá entrou uma pessoa além de mim e não vou agora meter lá estranhos todos os dias.»

Ficámos subitamente em silêncio, a digerir aquelas palavras, e eu senti que não lhe foi indiferente aquilo que tinha dito. *Se fosse planeado, não te saía tão bem*.

«Tens sempre o teu outro apartamento… na Póvoa.»

«É muito deslocado do Porto. E é estranho eu sair da minha casa para ir para outra casa trabalhar. Era como se vivesse lá, mas não quero viver lá. Além disso, não tenho o espaço preparado.»

Se não tens o espaço preparado, pede-lhe ajuda, burro! Não vês a oportunidade que tens aí à tua mão? Pensa melhor.

«Sendo assim, não sei. Só procurando…»

«Pensando bem…», interrompi. «Talvez a hipótese do apartamento na Póvoa de Varzim seja uma boa solução de recurso.»

«Eu acho que sim. E tens outra privacidade.»

Pede-lhe ajuda para organizar o espaço e leva-a para lá. Diz que não tens jeito nenhum para essas coisas.

«Mas tenho alguma urgência e aquilo está como viste. É uma sala de estar. Não tem aspeto de consultório…»

«Sim, mas os teus clientes, ou lá como devo chamar, vão compreender que é uma situação provisória.»

Merda! Ela vai continuar a resistir. Aperta com ela. Cria uma situação dramática para a deixares sem escolha.

«Não posso. Ia parecer muito amador e, inconscientemente, poderia perder credibilidade aos olhos deles. Mas não tenho jeito nenhum para decorações, nem tenho tempo, mas também não estou a ver quem me poderia hoje ajudar a dar um jeito naquilo…»

Adotei um ar pensativo, como se não soubesse que a pessoa que me poderia ajudar estava bem do meu lado.

«Só se quiseres que eu te dê uma ajuda…»

Fiz uma cara surpreendida.

«Tu? Da última vez que entraste numa casa minha acabaste a foder comigo, terminaste um relacionamento, largaste o emprego, mudaste de casa e decidiste vender o carro. Nem quero imaginar o que vai mudar na tua vida se voltar a acontecer.»

«Não sejas parvo! Não vai acontecer nada. Logo, não vai mudar nada. Mas pronto, se não queres a minha ajuda…»

«Já que insistes, eu aceito», adiantei-me.

«Isso foi tudo de propósito, não foi?»

«Foste tu que falaste do meu apartamento na Póvoa. Além disso, foste tu que te ofereceste. Não pedi nada!»

Semicerrou os olhos e olhou-me com desconfiança.

«Hummm… Está bem. Vou acreditar.»

Entretanto, chegámos ao carro e fiz-lhe sinal para entrar.

«Tenho só de fazer uma chamada, é rápido.»

Esperei que ela entrasse, afastei-me ligeiramente do carro e pus a chamar para o Miguel.

«Ora viva! Como é que estamos?»

«Com muita pressa», respondi-lhe. «Preciso de um favor.»

«Confesso que não estava à espera de outra coisa.»

«Prometo que depois te compenso. Preciso que pesquises em todas

as plataformas *online* de venda de carros um *Mini Cooper* cinzento com listas pretas. Foi publicado hoje pela Inês. É o carro dela. Assim que o encontrares, tira um *print screen* e envia-me. Tem de ser ainda hoje. Depois explico porquê.»

«OK. Tranquilo. Eu trato disso.»

Desliguei a chamada e entrei no carro muito sorridente.

«Vamos?»

38

Estacionei em frente ao prédio e quando saí do carro caiu-me uma gota de água no ombro. Não tardava muito até começar a chover. Subimos até ao sétimo andar e eu abri-lhe a porta da minha *Sala da Culpa,* para que entrasse na minha frente. Fê-lo tão devagar que parecia que estava a tentar não acordar nenhuma das recordações que aquele apartamento lhe trazia.

«Tens razão. Isto está longe de parecer um consultório», comentou, assim que chegou à sala de estar.

«O que é que achas que podemos fazer?», perguntei.

Começou a andar pela sala com uma mão na cintura e outra no queixo, enquanto olhava para a mobília e para as paredes.

«Acho que podemos puxar o sofá mais para junto da janela, pomos aquela mesinha junto ao sofá e uma cadeira em frente a ele, para ti. Não sei se tens quadros nas outras divisões, mas, se tiveres, era melhor trazê-los para cá, para dar um ar mais intelectual ao espaço. Talvez não seja possível tornar a sala num consultório, mas conseguimos criar uma zona dentro da sala que pareça um.»

A Inês continuou a debitar ideias sobre o que se podia fazer com a disposição da mobília e eu limitava-me a olhar para ela e para a sua boca a mexer, como se não existisse mais nada. Parecia entusiasmada com aquela atividade simples, o que me deixava derretido. Por momentos, deixei de a ouvir, tal era o meu estado hipnótico.

«… O que é que achas?», interrogou.

«Se tu dizes, eu concordo», atirei.

«Ah! Uma coisa muito importante: livros. Muitos livros. Mais do que quadros e peças de arte, é importante teres livros por todos os lados. Isso vai criar uma atmosfera rica e sábia. Além de embelezar o espaço e preencher estes espaços vazios dos armários. Diz-me que tens livros aqui em casa.»

«Tenho, tenho alguns, mas estão encaixotados na despensa.»

«OK, eu vou buscá-los. Entretanto, trata de arrastar o sofá para junto da janela. O que for pesado fica para ti.»

Lançou-me um rápido sorriso e saiu. Fiquei a olhar para a porta, admirado com aquela súbita boa-disposição da Inês. Faltava saber se era por estar na minha companhia, por já ter um novo emprego ou por estar demasiado distraída para se preocupar.

Arregacei as mangas e tratei de afastar as mobílias e arrastar o sofá para junto da janela. Tinha praticamente todos os móveis reorganizados quando recebi uma mensagem do Miguel. Era um *print screen* do anúncio que a Inês publicara do carro dela. Logo de seguida, ela surgiu à entrada da sala, a segurar uma caixa a trasbordar de livros, e eu guardei o telemóvel e corri para a ajudar.

«Porque é que está fechada?»

«O que é que está fechada?», perguntei, ao pousar a caixa dos livros junto a um dos armários.

«Todas as portas no corredor estavam entreabertas, só uma está fechada. Aliás, trancada. Algum motivo especial?»

Ergui-me e fiquei a olhar sério para ela. *Anda logo, **Afonso**! Arranja uma justificação credível. Tens 0,01 segundos.*

«É um quarto de arrumações. Está fechado há muito. Devo ter perdido a chave», respondi de uma forma despreocupada.

Pareceu pouco convencida, mas não quis explorar o assunto.

«OK! Vou buscar outra caixa de livros que tens na despensa.»

«Eu vou lá. Não precisas de andar a carregar pesos. Enquanto isso, podes ir pondo os livros nas estantes… por favor.»

Ela anuiu com a cabeça e eu despachei-me a abandonar a sala. Espreitei para confirmar que ela não me estava a ver, entrei na despensa e liguei para o Miguel.

«Estou? Olha, vou precisar que ligues em anónimo para a Inês, daqui a pouco, mas terás de mudar de voz…»

Expliquei-lhe rapidamente qual era o meu plano, agarrei na caixa de livros e regressei à sala.

Nos minutos que se seguiram fomos uma autêntica equipa. Enquanto a Inês preenchia as estantes com os livros e organizava os pequenos objetos sobre os móveis, eu tratava de esvaziar as paredes de casa e pendurar os quadros na sala, tal como ela sugerira. Quando terminámos, já a chuva caía intensamente lá fora e nós caímos sobre o sofá, exaustos.

«Já parece mais consultório do que sala de estar», comentou a Inês. «E eu estou a precisar de um bom banho. Não contava com este treino ao final do dia.» Tirou o telemóvel do bolso. «Estão a ligar-me em privado. Devem querer vender alguma coisa.»

Antes que a pudesse impedir, deitou a chamada abaixo e voltou a guardar o telemóvel. *Fodeu!*

«Ou então comprar! Não disseste que tinhas posto um anúncio para venderes o teu carro? Se calhar é algum interessado.»

Ela ficou pensativa e eu só desejava que o Miguel não tivesse desistido. Pouco depois, o telemóvel voltou a vibrar.

«Atende!»

Ela atendeu e ficou a ouvir o «interessado», enquanto se limitava a devolver palavras monossilábicas. Fiz-lhe sinal para partilhar a conversa comigo, pois fazia parte do plano eu intervir.

«Está a dizer que adora o carro e que há muito que esperava encontrar um assim», sussurrou, tapando o microfone.

«Diz-lhe que já tens pretendentes para ele. Qual é o preço?»

«Dez!»

«Diz que já te ofereceram 13.»

Fez cara feia e dei-lhe um incentivo com um movimento da cabeça. Voltou a concentrar-se na chamada e fez o que eu lhe sugeri. Pouco depois, arregalou-me os olhos e disse-me:

«Acabou de me oferecer 15, se eu lhe prometer que é para ele. Isto é um absurdo. O carro não vale isso. Deve estar a querer burlar-me. Vou desligar a chamada.»

Tirei-lhe o telemóvel da mão e falei eu.

«Estou sim? Fala o pai da proprietária da viatura. Disse 15, não foi? Negócio fechado. Volte a ligar-me noutra altura para acertarmos os detalhes. Com licença, vou desligar.»

Desliguei a chamada e entreguei-lhe o telemóvel.

«Acabaste de pedir a um burlão que me volte a ligar?»

«Não te preocupes. Tu precisas do dinheiro e apareceu-te a oportunidade. Aceita as oportunidades que a vida te dá. Além disso, eu vou tratar de tudo contigo. Não deixarei que sejas enganada.»

«Oh, não! Se calhar é o Victor e ele armou isto tudo só para se encontrar comigo. Ainda por cima, ele tem um *stand*.»

«Não é nada o Victor!» Percebi que tinha exagerado na convicção. «Quer dizer… não sei… mas não deve ser. Ele sabe onde tu vives e se te quisesse encontrar ia a tua casa. Mas tenho a certeza de que ele não vai. Além disso, já te disse que te vou ajudar.»

«Ontem não tinhas assim tanta certeza. O que mudou?»

O que tinha de mudar era o assunto, por isso levantei-me e fui até junto da porta de vidro que dava acesso à varanda.

«Não sei se já queres ir embora, mas talvez seja melhor esperar um pouco, até que a chuva passe.»

«Não tenho pressa, posso esperar. Se achas melhor…»

«Aquilo ali fora é um casal à chuva?»

Ela levantou-se e pôs-se ao meu lado para espreitar.

«Não vejo ninguém lá fora. Só mesmo carros a passar.»

«Na verdade, era uma visão minha do futuro.»

Agarrei-lhe na mão.

«O que é que estás a pensar fazer, **Afonso**?»

Corri a porta de vidro.

«Nem penses! Estás louco! Não vou lá para fora.»

«Tu é que disseste que estavas a precisar de um banho.»

Virei-me de costas para a varanda e comecei a recuar, trazendo a Inês comigo pela mão.

«De água quente! De água quente, **Afonso**! Oh, meu Deus!»

Assim que a chuva começou a cair-lhe no corpo, ela começou a gritar e encostei-a contra o gradeamento, encurralando-a.

«O que estás a fazer?»

«A batizar o nosso amor.»

Beijei-lhe os lábios frios e molhados e ela não ofereceu qualquer resistência. A vontade era mútua. Eu queria-a, ela queria-me e não havia mais nada a separar-nos, a não ser aquelas roupas que se encharcaram em poucos segundos. Puxei-a para dentro, peguei nela ao colo e levei-a para o quarto.

O facto de as nossas roupas estarem molhadas fez com que, por instinto, cada um se preocupasse em tirar a roupa, para não passarmos por momentos desconfortáveis a tentar tirar a do outro. Assim que nos vimos em roupa interior, afastei os lençóis para trás, peguei na Inês, enfiei-a debaixo deles e juntei-me a ela.

Assim começou o sexo mais calmo que alguma vez tínhamos feito. Percebi que estávamos em sintonia e que ambos queríamos, naquela noite, desfrutar calma e lentamente dos nossos corpos colados um no outro. O meu sexo dentro do dela a entrar e a sair devagarinho e as nossas bocas coladas uma na outra do início ao fim, como se cada beijo fosse o primeiro. De vez em quando, deixava o meu corpo descansar sobre o dela e apertava-a com os meus braços, para nos podermos sentir ao máximo um ao outro.

Era pura energia. Era pura poesia. Era pura magia. Era muito mais do que dois corpos que ali estavam sob os lençóis. Talvez fosse o mundo inteiro. E debaixo daqueles lençóis éramos certamente os donos dele. Naquele momento, tive a certeza de que um quarto fechado com ela era muito maior do que um mundo inteiro sem ela. Naquele momento, tive a certeza de que por mais que as pessoas, ou acontecimentos, nos tentassem afastar, acabaríamos sempre juntos numa cama. Existem, de facto, muitas forças fundamentais no universo, mas a maior delas é garantidamente a vontade mútua. Podíamos não saber, não ter consciência, não acreditar até, mas não seria por isso que essa força deixaria de atuar e atrair-nos continuamente um para o outro. E quando as nossas bocas se fundiram e o meu pau mergulhou nas profundezas do ventre dela, o que aconteceu foi sobrenatural. Os gemidos, nomes obscenos, posições acrobáticas, brinquedos sexuais, palmadas, puxões ou mordidelas tornavam-se acréscimos quando aquilo que nos unia era um sentimento tão forte. E sabia-me bem aquele alívio, aquela independência de uma personagem, de uma *performance*, de um modelo e de um padrão estudados ao milímetro e de uma exigência que me roubava o brilho que um momento como aquele merecia. Havia tempo e oportunidade para fazer isso tudo e muito mais, mas ali, naquela fração de tempo que o universo tinha guardado para nós, só queria sentir e viver.

Era a segunda vez que fazíamos sexo desde que eu tinha tomado consciência do amor que sentia pela Inês. Por essa razão, mesmo sem os grandes cenários de fundo ou o risco e a adrenalina das vezes anteriores, aqueles dois momentos tinham superado todos os outros juntos.

Enquanto recuperava o fôlego, deitado na cama e de peito destapado,

a Inês ficou ao meu lado, voltada para mim e de rosto pousado sobre o meu braço, enquanto brincava com os poucos pelos que tinha ao fundo da minha barriga.

«Posso fazer-te uma pergunta?», questionou.

«Se eu puder escolher não responder, podes.»

«Aquela tua indisposição em minha casa, depois de eu ter falado no que aconteceu com o meu pai, teve que ver com… isto?»

Passou o dedo pela minha cicatriz.

«Talvez. Talvez seja um reflexo psicológico, sim.»

«Posso fazer outra pergunta?»

«Podes. Mas só mais uma, porque já sei por onde vais.»

«Só faço mais uma se me garantires que me respondes.»

«Fazemos assim: fazes uma pergunta e eu tenho a opção de responder ou passar. Se eu responder, não podes fazer mais perguntas e tens de lidar com a curiosidade. E se eu passar, sou obrigado a responder a uma nova pergunta, seja ela qual for.»

«O que te aconteceu para teres essa cicatriz?»

«Passo.»

«Qual é o nome dela?»

«O quê? O nome de quem?»

«O nome dessa mulher que tu amaste muito no passado.»

39

Levantei-me e sentei-me na beira da cama, de costas para a Inês. Tinha prometido responder-lhe, mas se o fizesse estaria a dar um tiro no pé, pois passaria para as mãos dela uma arma que podia usar contra mim e contra a nossa relação. Enquanto não houvesse um nome e um rosto era como se não fosse real, e era assim que o meu passado tinha de continuar. Pelo menos, aquela parte dele.

«Vamos falar de outra mulher depois do que acabou de acontecer? Achas mesmo que é o momento adequado?»

«Tu é que passaste a pergunta, não era suposto, mas também é uma curiosidade minha e vais ter de responder.»

«Porque não fazemos do dia de hoje o primeiro de uma nova vida e esquecemos o que está para trás? Remexer no passado só nos puxa ainda mais na direção dele.»

«**Afonso**… olha para mim.» Virei-me para ela e continuou: «Estou disposta a tentar que dê certo desta vez, mas não podes continuar a esconder o teu passado. Não és só feito de presente e futuro. Também és feito do passado. Mais do que qualquer outra coisa. E sendo o passado a tua maior parte, se não a partilhares comigo haverá sempre um enorme vazio entre nós. Eu preciso de respostas. O meu cérebro e o meu coração precisam de explicações. Preciso de atar todas estas pontas soltas e de tapar todos estes buracos que apenas me criam incertezas e inseguranças.»

«A ignorância é uma bênção, Inês.»

Levantei-me, nu, e fui para junto da janela.

«Neste caso, é uma maldição!»

«Maldição é aquilo que vai começar a acontecer na tua cabeça depois de te começar a falar do meu passado. Vais começar a matutar nas coisas, vais usá-las contra mim, ou então sentir pena, ou nojo, ou raiva. Não percebes que não te digo nada apenas porque não quero contaminar a nossa história?»

«Se a nossa história começou, foi porque houve esse passado. Está tudo interligado. Não podes simplesmente tirar os primeiros 20 capítulos

do livro da tua vida e esperar que daí em diante a história faça sentido. Não é assim que funciona. Por pior que seja também é por causa dele que estamos aqui, por isso…»

«Mafalda!», atirei.

Fez-se silêncio no quarto.

«O que é que aconteceu?»

«Inês, não vamos estragar este momento. Está bem?»

«Ela trocou-te, não foi? Por isso esse é o teu maior medo, o de seres trocado. Ela fez-te sofrer imenso, e foi isso que te tornou assim, numa pessoa fria, calculista e manipuladora.»

Fiquei a olhar para a Inês a partir da janela, enquanto ouvia a chuva a cair atrás de mim. Tinha-se deitado na minha direção e, depois de um compasso de espera, caminhei até junto da Inês e baixei-me, para que a minha cabeça ficasse à altura da dela.

«A inteligência é, sem dúvida, das características que mais admiro em alguém.» Sorri. «Estás correta, sim. A Mafalda foi uma mulher que amei. Muito. E por quem sofri. Muito. Talvez porque, a dada altura do nosso relacionamento, ela tenha encontrado alguém melhor do que eu, ou pelo menos mais interessante em algum aspeto que para ela era mais importante do que cinco anos de namoro. E para mim, que imaginava uma vida ao lado dela, ou melhor, só imaginava a minha vida ao lado dela, como deves imaginar, isso abalou-me de uma forma profunda e transformou-me.»

«Ainda a amas?»

«A Mafalda pertence ao passado. E é lá que vai continuar.»

«Não me respondeste, **Afonso**.»

«Eu amo-te.»

«Isso não significa que já não amas a Mafalda.»

«Certo dia, alguém disse o seguinte: “Se achas que amas duas pessoas, então escolhe a segunda, porque se amasses a primeira nunca te terias apaixonado pela segunda.” Quando amas alguém, o teu coração transborda. Ou seja, não tem espaço para outra pessoa. Se começas a gostar de outra pessoa é porque havia espaço no teu coração, e se havia espaço é porque não transbordava, e se não transbordava era porque talvez aquilo que sentias já não fosse amor. Ou pelo menos aquele amor romântico, se é que isso existe. Bom! Vou

preparar qualquer coisa para comermos!»

Levantei-me, contornei a cama e a Inês deteve-me.

«Não! Leva-me a casa.»

«Vês? Eu disse-te que ia dar errado falar no meu passado!»

«Não! Não é nada disso que estás a pensar. A entoação não foi a mais adequada.» Fez uma pausa. «Eu apenas quero levar as coisas devagar. Está tudo a acontecer muito depressa, nem tempo tenho para pensar e preciso de acalmar um pouco.»

«Íamos só comer qualquer coisa…»

«Eu sei, e depois vem um banho, um filme, sexo, uma noite de sono, pequeno-almoço, etc., e nem parece que há três dias vivia com outra pessoa. Quero tentar, mas preciso de ir com calma.»

«Estás é com medo de te entregares por completo e voltares a sofrer. Mas se não estás por inteiro, de que nos vale isto?»

«É um medo legítimo, tendo em conta a minha história recente. Já muito fiz eu. Demasiado até. Além disso, nem sequer devia estar nesta cama. Não me esqueci do “pormenor” de já terem passado por aqui montes de mulheres. Merda! Fui lembrar-me disto e agora estou a sentir-me desconfortável.»

«OK! OK! Eu levo-te a casa», apressei-me a dizer, de forma a evitar que ela começasse a desenrolar aquele novelo.

«Pois é! As minhas roupas! Da última vez foi a camisa que ficou sem botões, agora é a minha roupa que está toda molhada!»

«Mais uma razão para ficares. Passamos aqui a noite enquanto as roupas secam e amanhã…»

Não me deixou terminar a frase. Saiu da cama e foi abrir o guarda-fatos, rejubilando com o que lá encontrou.

«Mas não falta aqui roupa limpa e seca. Vais gostar menos de mim se eu me vestir com roupa de homem?»

«Nem um bocadinho.»

Encolheu os ombros e lançou-me um sorriso, como quem me dizia «então não há problema» e começou a pegar nos cabides, a ver a roupa que melhor se ajustava ao corpo e à circunstância. Juntei-me a ela, pois também eu precisava de uma nova roupa.

«O que achas?», perguntou, assim que se vestiu.

Tinha vestido uma camisola de malha que lhe tapava as mãos e só

acabava depois do rabo e para baixo vestia umas calças desportivas que, naturalmente, tinham espaço para outra Inês.

«Nunca essas roupas foram tão bem frequentadas.»

Aproximei-me dela, agarrei-a com um braço, encostei-a à parede e comecei a beijá-la enquanto lhe apalpava o rabo.

«Levas-me ou não?», questionou, ao empurrar-me para trás.

Fiz-lhe sinal com a cabeça e fui à frente. Descemos até ao rés do chão, entrámos no carro e seguimos viagem até Matosinhos. Quando chegámos, deixei que fosse ela a tomar a decisão de como se despedir de mim.

«Avisa-me quando chegares a casa.»

Anuí com a cabeça e ela aproximou o rosto para me dar um beijo, contudo, no último segundo pareceu reticente e acabou por me beijar no canto da boca. Mas antes de sair ainda lhe disse:

«Podes acreditar quando digo que te amo.»

«Eu vou acreditar, mas apenas porque, quando me fizeste aquela declaração em tua casa, o teu olhar era o mesmo que tinhas quando fizemos amor no topo daquele hotel. Macio, meigo e brilhante. Não acreditei em ti porque disseste um conjunto de palavras bonitas que qualquer mulher gosta de ouvir, mas porque senti através dos teus olhos que o dizias com o coração.»

Sorriu-me uma última vez e bateu a porta. Arranquei até casa e quando finalmente me reencontrei com o sofá da sala senti uma profunda sensação de realização. Tinha sido um dia longo, mas bastante compensador. No entanto, o relaxamento que se estava a apoderar de mim esfumou-se quando a campainha suou. Com ela soaram também os meus alarmes, pois não estava a perceber quem poderia estar a tocar à campainha àquela hora.

«Quem é?», perguntei através do intercomunicador.

«É a Verónica. Desculpa a hora, mas queria falar contigo.»

Não lhe respondi logo. Primeiro ainda tinha de processar aquela informação. Ela tocou à campainha pouco depois de eu ter chegado, o que significava que, ou tinha sido uma coincidência, ou ela estava a controlar quando eu chegava a casa. No entanto, as coincidências são sempre um fraco argumento, por isso só poderia ser a segunda hipótese, o que tornava aquilo muito estranho.

«Tocaste à campainha pouco depois de eu chegar a casa. Por acaso estavas à minha espera?»

«Não! Estava a passar aqui perto e como queria falar contigo aproveitei e passei aqui. Sabia que se ligasse, não atendias.»

Estava a mentir.

«Já falámos tudo o que tínhamos para falar.»

«**Afonso**, ouve-me só desta vez e eu deixo-te em paz.»

Voltei a fazer silêncio enquanto refletia. Se a mandasse embora, ela não ia descansar enquanto não me dissesse o que tinha a dizer. Se a ouvisse, continuava a existir o risco de não me deixar em paz, mas pelo menos era menor. Tinha de aceitar a proposta.

«Vou descer.»

Quando cheguei ao piso zero, encontrei-a de costas para a entrada e com as mãos nos bolsos do casaco.

«O que queres, Verónica?»

«Às vezes, as coincidências são tramadas», começou por dizer. «Porque por mais argumentos que se apresente parece que nunca temos razão. Por isso não vim aqui justificar nada. Por mais que diga que aquele gabinete não era para ti, mas sim para outro pretendente que acabou por não ficar nele, não vais acreditar. Ou que a minha preocupação com o facto de atingires o orgasmo tinha exclusivamente que ver com a minha forma altruísta de encarar o sexo. Porque talvez, tal como tu, eu me preocupe mais com o prazer do outro do que com o meu. Ou até que o motivo pelo qual fiquei no *hostel* depois do sexo a três foi por não me apetecer voltar para casa e levar com toda aquela solidão em cima de mim. Sabes, **Afonso**, não somos assim tão diferentes, afinal. Tenho a certeza de que tu também não lidas bem com a solidão, caso contrário, não tinhas um animal de estimação para te fazer companhia.»

«Passaste o resto da noite sozinha, na mesma.»

«É diferente! Mas como te disse, não me vou andar a justificar, porque já vi que não vale a pena e não foi para isso que vim aqui. Tenho de confessar que, em tempos, fiquei um pouco… obcecada por ti. Mas depois desapareceste uns meses e a ideia passou-me. És uma pessoa que me atrai. Talvez porque temos mentalidades semelhantes, mas é isso, nada mais que isso. Nunca tive ambições relativamente a ti que

fossem além do sexo.»

«Também não é preciso mais para se fazer um filho. Se calhar é por isso que queres tanto ter um, para fugires à solidão.»

«Meu Deus, **Afonso**! Para com essa conversa. Atualiza-te. Isso é muito século passado. Não gosto da casa vazia, mas também não sou nenhuma idosa viúva e abandonada pelos filhos.»

«Afinal, porque é que vieste aqui a esta hora, Verónica?»

«Vim pedir-te para voltares para os meus escritórios. Acho que tomaste uma decisão precipitada. Se o problema sou eu, não tem mal, eu mudo de gabinete ou não falo para ti, se preferires.»

«A minha decisão está tomada. Não há volta a dar. Além disso, já encontrei um novo espaço para as minhas sessões.»

«Mas porquê? Estava tudo tão bem e de repente cai-te a ficha e vais-te embora sem mais nem menos?»

«Não foi sem mais nem menos. Mas mesmo que eu esteja errado, a decisão está tomada e não vou voltar atrás.»

«Mas eu já te disse que se quiseres eu…»

«E eu já te disse que não vale a pena. Não insistas!»

«Ouve-me, **Afonso**! Isto é tudo um mal-entendido.»

«Seja como for, é melhor assim. Assunto encerrado.»

O olhar dela arrefeceu subitamente.

«Como queiras, então. Não insisto mais!»

Voltou-me as costas e foi embora, e, enquanto a via a afastar-se, uma certeza tomou conta de mim: ela ia voltar.

40

«Espero que tenhas dado de comer ao lobo», disse ao Paulo, assim que estacionei no parque do *Valkiria*.

«Pelo menos, sinto que está mais forte.»

«Pois, da última vez também deste a entender isso e depois foi o que se viu, mas estou certo de que já aprendeste a lição. No entanto, antes de avançarmos preciso de falar contigo. Já vim a este bar e o que eu pude reparar é que elas aqui são especialmente difíceis de seduzir. Mas tu és um tipo até bem-parecido e, com a postura de um **Afonso**, consegues vingar. O desafio que te vou colocar é o seguinte: tens de conseguir seduzir uma das mulheres que vamos encontrar lá dentro, que será escolhida por mim, a ponto de ela te dar o número de telemóvel. Vou dar-te uns 20 minutos para o conseguires. Este é o desafio mais simples que te darei, até porque vamos ter mesmo de começar por baixo, mas neste bar é especialmente difícil, por isso, se o conseguires, estarás de parabéns.»

«Certo. E se conseguir o número depois faço o quê?»

«Se conseguires?»

«Depois de conseguir o número faço o quê?», corrigiu.

«Ah, bom! Assim já entendo melhor a pergunta. Quando conseguires o número, voltas à base e vamos embora. Não te vou exigir mais nada hoje nem te vou punir na eventualidade remota de não alcançares o objetivo. Por isso, não te sintas pressionado. Não te esqueças que tens o conhecimento, apenas te faltam os tomates para o pores em prática, e hoje é dia de tratarmos da horta.»

Saímos do carro e caminhámos em direção ao *Valkiria*.

«Só uma última coisa», disse-lhe, antes de começarmos a subir a escadaria que dava acesso à entrada do bar. «Lembra-te de que não é a mim que tens de provar alguma coisa. É a ti. Diverte-te!»

Subimos a escadaria e demos de caras com o Zé porteiro, cujo semblante arrefeceu assim que me viu.

«Entra na frente, já vou ter contigo», disse para o Paulo.

Esperei que ele entrasse para abordar o porteiro.

«Saudades minhas, Zé?»

«O que quer de mim desta vez?»

«Nada! Não quero nada. Vim cá a bem. Fica tranquilo. Diz-me uma coisa: o *Padrinho* tem dado notícias?»

«Só falamos quando ele precisa de alguma coisa, ou eu. Por isso, há uns dias que não sei nada dele.»

«Muito bem. Era só para saber. Curiosidade…»

Lancei-lhe um sorriso malicioso, agarrei num cartão e entrei. Encontrei o Paulo a apreciar o ambiente e logo os meus olhos começaram à procura de um rosto: o da Cláudia. Não esperava nenhum entusiasmo especial por me reencontrar, até porque eu podia ser muito peculiar, mas compreendia perfeitamente que fosse apenas mais um aos olhos de alguém cujo trabalho é dar atenção a homens carentes em troca de bebidas com preços inflacionados. Mas quando os nossos olhares se cruzaram abriu-se um sorriso nos lábios dela, e logo depois aproximou-se de nós.

«Olhem só quem voltou! Lembro-me de que a tua companhia foi agradável, mas já não me recordo do teu nome», disse ela.

«**Afonso**, e este é o Paulo.» Cumprimentou-o com um sorriso. «Paulo, vai buscar uma bebida, precisas de te desinibir.» Assim que se afastou, dirigi-me a ela. «Queres que te pague umas bebidas?»

«Se quiseres ser meu amigo…»

«Então, em troca, vou precisar de um favorzinho teu.» Lançou-me um olhar intrigado. «Vamos sentar-nos de forma que, quando o meu amigo regressar, tenha de ficar de costas para a zona do bar. Pouco depois, vou dizer que vou à casa de banho e tudo o que tens de fazer é deixá-lo suficientemente entretido para que ele não fique à minha procura com o olhar, caso eu me demore. Além disso, não refiras em momento algum como é que funciona essa história das bebidas. É importante. Depois explico o que está a acontecer. Combinado?»

Parecia baralhada, mas alinhou no desafio e fomos sentar-nos. Quando o Paulo voltou do balcão com duas cervejas na mão, veio sentar-se diante de nós, no único lugar deixado propositadamente livre. Começámos a falar, pedi uma bebida para ela e, tal como combinado, disse a minha deixa:

«Vou à casa de banho, já volto.»

Levantei-me, afastei-me da mesa e em cinco minutos estava de volta. Encontrei-os alegremente a falar um com o outro e por momentos pensei que o Paulo tinha ficado com a ideia de que era a Cláudia que eu queria que ele seduzisse, mas tratei de o esclarecer.

«Paulo…», chamei.

Olhei para o fundo do bar e depois para ele.

«Vestido preto», disse-lhe apenas.

Ele entendeu a dica, olhou disfarçadamente por cima do ombro, levantou-se e foi ter com ela.

«Podes dizer-me o que se está a passar?»

«Eu podia dizer-te que tinha feito uma aposta com ele em como não conseguia sacar o número de telemóvel de uma das tuas colegas em menos de 20 minutos de conversa e poupava-me a uma explicação, mas como acho que a explicação é mais interessante, vou escolhê-la. Basicamente, estou a ajudar o Paulo a ganhar um pouco mais de coragem e atrevimento.»

«Estás a ajudá-lo a engatar gajas, diz antes assim. Mas nós aqui estamos imunes a engates. Estamos aqui apenas para trabalhar. O nosso único foco é pôr estes tipos a pagarem-nos bebidas, ganharmos o nosso e darmos o fora daqui. Além disso, pelo que estou a ver tu mandaste-o ir ter com a Rita. O teu amigo até é bonitinho, mas se já tinha poucas hipóteses com qualquer uma de nós, com a Rita muito menos. É a mais bonita, mas também a que tem o nariz mais empinado. Saca-lhe umas bebidas, mas não lhe dá o número.»

«Vai dar-lhe o número, sim.»

«Podes conhecer muito bem esse Paulo, mas eu também conheço muito bem aquela Rita. Não vai, não.»

«Vai, sim, porque eu já lhe paguei para isso.»

«Pagaste à Rita para dar o número dela ao teu amigo?»

«Paguei para o entreter durante uns 20 minutos e dar-lhe um número quando ele lho pedisse. Não necessariamente o dela.»

Deu uma gargalhada.

«Disseste que o estavas a ajudar, mas, afinal, estás é a pregar-lhe uma boa partida. Essa é boa!»

«Estou mesmo a ajudá-lo. Não é partida nenhuma.»

«Estás a enganá-lo, onde é que isso é ajudar?»

«Trata-se de uma estratégia, apenas. Antes de vir, propus-lhe esse desafio e criei a imagem de que era algo muito difícil de acontecer, para que, quando ele conseguisse, a alegria e, por consequência, a confiança fossem muito maiores. Depois, escolhi a tua colega, que eu achei a mais bonita, para engrandecer ainda mais o feito dele, e ela aceitou o desafio a troco de duas bebidas.»

«Não deixa de ser uma mentira.»

«Não é uma mentira, é uma ilusão. Sabes, os leões adultos fingem sentir dor quando são mordidos pelos filhotes, para os incentivar. Aquilo que estou a fazer com o Paulo é a mesma coisa. Depois desta pequena vitória, ainda que fictícia, ele vai sentir-se mais confiante e na próxima vez, sem ajuda, será essa mesma confiança que o vai proteger na hora do desafio. Se não és confiante, faz de conta. O resultado acaba por ser o mesmo. *Fake it until you make it*, finge até que aconteça. Nunca te esqueças desta dica.»

«E se da próxima vez falhar?»

«Nesse caso, ele terá uma vitória e uma derrota. É melhor do que duas derrotas, certo? Esta vitória já ninguém lha tira e em cima destas constroem-se as outras.»

«OK! Ganhaste! Mas qual é, afinal, o problema do rapaz? Baixa autoestima? Vergonha? Medo? Insegurança?»

«Apenas anda a redescobrir a sua natureza. Um lobo é um lobo, um cordeiro é um cordeiro. Um é predador e o outro é presa. É assim que funciona a natureza, quer gostem ou não. A informação genética está lá e ninguém a pode apagar, mas, por vezes, o ambiente molda os nossos comportamentos e faz-nos acreditar que somos alguém que não somos. Mas quando nos assumimos e nos permitimos ser, a música é outra e tudo acontece naturalmente.»

«Fiquei a saber o mesmo, mas obrigado pela aula de Biologia. Pagas-me mais uma bebida? Está a acabar o meu tempo…»

Fiquei de olho no Paulo e na Rita e já perto dos 20 minutos vi-o a tirar o telemóvel do bolso para registar o número. Pouco depois, despediu-se e veio ter connosco. Assim que se sentou atirou o telemóvel para a mesa com um sorriso a transbordar de confiança para me mostrar o número.

«Parabéns! Grande conquista. Basta acreditares e confiares em ti e, quando assim é, ninguém consegue duvidar», disse-lhe. «Podes estar a

dizer a maior mentira do mundo, mas se a dizes com profunda convicção, ela parece verdade. Esse é o poder da confiança. E não era fácil o desafio. Aqui a Cláudia que o diga.»

Dei-lhe um leve encosto com o cotovelo a pedir apoio.

«É verdade», anuiu ela. «Vi-te daqui a falar com a Rita e, conhecendo-a como conheço, parecia impossível, mas conseguiste.»

«Está feito. Vamos!», atirei.

Abandonámos o *Valkiria* e caminhámos em direção ao carro.

«É um bom começo», desabafou, sorridente.

«É, sim, mas fica preparado porque da próxima vez pode não correr tão bem. Acontece a todos. É perfeitamente normal. Mas não é o fracasso que faz de ti um cordeiro, é antes a identificação com esse fracasso. Tornas-te um cordeiro quando admites que és fraco, quando aceitas ser fraco e quando não te importas de ser fraco. O que define um vencedor não é a ausência de medo, mas a capacidade de o enfrentar. E essa capacidade tem um nome: coragem.»

«Certo. E quando perder, depois faço o quê?»

«Quando perderes?»

«Se perder, depois faço o quê?», corrigiu, numa espécie de reedição das perguntas que trocáramos quando chegámos ali.

«Se perderes, vais lembrar-te das vitórias e da sensação que elas te trouxeram. E vais focar tudo nessa sensação boa de vencer. Vais focar tudo nessa sensação prazerosa de receber um “sim” de uma mulher. Seja um “sim” em forma de número de telemóvel ou de um gemido. Porque esse “sim” que recebeste ali dentro já ninguém to tira. É teu até quando te deixares de te lembrar dele. Por isso, foca-te nessa sensação, pois será ela que te vai fazer manter no caminho das vitórias, mesmo que pontualmente percas.»

«É isso! É isso! Eu sou um vencedor!», exultou o Paulo.

«Claro que és um vencedor. E a prova disso foi aquilo que aconteceu ali dentro. Estás de parabéns!»

Sentia-me contente por ele. Sabia que aquilo fora tudo encenação, mas também tinha consciência de que o que ele sentia era real. E, no fim de contas, era o que mais importava. Um raciocínio que me fez perceber que tinha mais uma semelhança com a Verónica. Pois também eu, pelos vistos, não olhava a meios para atingir os meus fins. Com a

diferença de ser por uma boa causa.

Assim que entrámos no carro, mudei o meu olhar e o tom de voz para preparar a mudança de conversa que ia fazer.

«Lembras-te de eu te ter dito, quando aceitei dar-te uma nova oportunidade, que me ficavas a dever uma contrapartida, certo?»

«Sim, e disseste que depois decidias qual seria», retorquiu.

«E já decidi: preciso que me compres um carro.»

«O quê? Comprar-te um carro?»

«Calma! O dinheiro será meu. Só terás de encenar um pouco. Mas depois explico os pormenores. Conto contigo?» Apesar de reticente, o Paulo anuiu com a cabeça. «Perfeito. Sendo assim, amanhã temos novo encontro.»

41

Tinha sido o Miguel a falar com a Inês, mas tinha de arranjar outra pessoa para fazer aquela compra por mim. Pensei no Tito, mas já tinha usado esse cartucho quando lhe pedi um falso *test drive* para me encontrar com a Inês. Assim sendo, a pessoa que se seguia na hierarquia das hipóteses era o Paulo. Expliquei-lhe o que pretendia fazer e mantive-me em contacto com ele e com o Miguel. No dia seguinte, recebi uma chamada da Inês:

«Ele ligou-me! Quer encontrar-se comigo para ver o carro e fazermos o negócio. Não me parece que deva confiar.»

«É muito simples, basta fazê-lo pagar primeiro, à tua frente, e só depois é que passas o carro para nome dele.»

«OK. E achas que podes vir comigo para me sentir mais segura? Ele deu-me uma morada para ir ao encontro dele.»

«Claro! Encontramo-nos lá.»

Ela enviou-me a morada, ainda que não fosse necessário, pois tinha sido eu a escolhê-la, e à hora marcada já estava lá à espera dela. Também já lá estava o Paulo, mas mantivemos a distância, para não levantar suspeitas. Só quando a Inês chegou é que ele se aproximou de nós. Viu o carro, fingindo que tomava atenção aos detalhes, e depois fomos até ao banco mais próximo, de seguida à conservatória e quando finalmente tratámos de todas as burocracias a Inês entregou-lhe a chave e o Paulo foi-se embora.

«O meu carrinho», lamentou a Inês, enquanto o via a afastar-se.

«Era tão mais fácil se tivesses aceitado a minha ajuda.»

«Tenho pena de o vender, mas também tenho a certeza de que, se aceitasse o teu dinheiro sem mais nem menos, ia ficar a sentir-me pior do que me sinto. Fiz o que tinha de ser feito. Além disso, é só um carro, há coisas mais importantes.»

«O importante é que correu tudo bem. E foi um bom preço. Acho que o universo está a conspirar a teu favor.»

Cerrou os dentes e olhou-me com um ar receoso.

«Depois da tempestade vem a bonança. Têm-me aparecido muitos

problemas, mas, felizmente, também muitas soluções. Só espero que seja mesmo para o meu bem…»

«Claro que é! O mundo quer o melhor para ti. E eu também!»

Sorriu-me de um modo envergonhado e eu aproximei-me dela, encostei-a a mim e dei-lhe um beijo no meio do passeio.

«Acho que devíamos celebrar», disse-lhe.

«E como seria essa celebração?»

«Em minha casa…», sussurrei.

«Com um filme e cereais?»

«Claro… com um filme e cereais…»

Lancei-lhe um sorriso atrevido, depois contornei o carro, entrámos e fizemo-nos à estrada, em direção a minha casa.

Mais uma vez, não tinha olhado a meios para atingir os meus fins, e também mais uma vez, entendia eu, tinha sido por uma boa causa. Não me queria armar em bom samaritano, mas se estava ao meu alcance e se a podia deixar feliz, então tinha de o fazer. Tal como acontecera com o Paulo, eu tinha criado a ilusão, com aquela manobra, de que as coisas estavam a correr melhor do que era suposto. Não só para a ajudar diretamente, mas também para que, indiretamente, ela desenvolvesse uma crença de que a vida, de alguma forma, a estaria a proteger. E isso, parecendo que não, ia ajudá-la a encarar os acontecimentos negativos com mais confiança e tranquilidade e, por esse motivo, ia resolvê-los melhor.

A dada altura no caminho em direção a casa, houve um letreiro de uma loja que chamou a minha atenção e encostei o carro.

«Aconteceu alguma coisa?», perguntou a Inês.

«Já alguma vez entraste numa *sexshop*?»

«Eu? Não! Porque perguntas?»

«Então, acho que hoje vai ser a primeira vez. Vem comigo!»

Saí do carro e a Inês saiu logo a seguir, mas só com um pé, para ficar a olhar para mim por cima do tejadilho do carro.

«Onde é que tu vais? Não vou entrar agora numa *sexshop*. Tu estás tolo. Não preciso de brinquedos!»

Fui ao encontro dela, puxei-a pela mão para a afastar do carro, bati a porta e disse-lhe:

«Não precisas de brinquedos, mas quando entrares ali vais querer

muito brincar. Confia em mim e anda comigo.»

«Oh, meu Deus! Que vergonha, **Afonso**!»

Atravessámos a rua e entrámos na *sexshop*. À nossa espera, atrás do balcão, estava uma jovem funcionária.

«Em que posso ser útil?»

A Inês apertou-me a mão e tomei as rédeas da situação.

«Queríamos comprar uns brinquedos sexuais, mas gostávamos que nos apresentasse alguns dos produtos.»

«Com certeza, vamos a isso! Vou mostrar-vos assim por alto alguns dos produtos que temos aqui. Já agora, os brinquedos são mais para o senhor, para a menina ou para o casal?»

«O objetivo é usá-los em conjunto, mas com foco nela.»

De repente, as atenções caíram todas em cima da Inês, e só não se escondeu debaixo da minha roupa porque não conseguia.

«Comecemos então por aqui», sugeriu a funcionária, apontando para uma parede repleta de dildos de todas as formas e feitios. «Temos diferentes tipos de dildos, que tanto podem ser realistas, ou seja, representando o pénis, como também temos noutros formatos mais simplistas. Estes em concreto são feitos em PVC e silicone, mas também temos noutros materiais, como este aqui em vidro, já se sabe que é uma sensação mais fria, mas há sempre quem goste. Tem com escroto e sem escroto, com ou sem ventosa, e alguns, inclusive, são compatíveis com o *strap-on*.»

«O que é um *strap-on*?», interrogou-me a Inês, num sussurro.

«É aquilo», apontei. «Mas não iremos por aí.»

Assim que viu o que era soltou um guincho e levou a mão à boca. A funcionária riu-se e continuou com a apresentação.

«Passamos de seguida para os nossos vibradores e coelhos. Como podem ver, também temos os normais e realistas.»

«Peço desculpa pela pergunta», começou por dizer a Inês. «Mas eu estou a olhar para estes e para os que me mostrou há pouco e não percebo a diferença. É o coelhinho?»

«Não, não! Basicamente, a diferença entre um vibrador e um dildo é que um vibra e o outro não. Quanto ao coelhinho, trata-se de um estimulador clitoriano que alguns vibradores trazem e que tem, precisamente, o formato de um coelho. Avancemos agora para os *plugs*,

bolas vaginais e ovos vibratórios.»

A mulher continuou a fazer-nos uma visita guiada pela loja e, aos poucos, a Inês foi-se sentindo mais à vontade e começou mesmo a fazer perguntas com mais frequência. Via-a cada vez mais interessada e achava especialmente engraçado o modo envergonhado como fazia as perguntas. Mas mais envergonhada ficou quando a apresentação acabou e a funcionária nos perguntou o que é que iríamos levar. Nesse momento, olhou para mim, passando-me a responsabilidade de decidir o que seria.

«Escolhe tu, Inês. Algo que te desperte curiosidade.»

«Não me faças isso, **Afonso**. Eu nem sei usar estas coisas.»

«Eu sei usar tudo o que está aqui. Apenas escolhe. Menos o *strap-on* e outras coisas de meter no meu cu.»

«Isto é tão constrangedor…», murmurou-me. «Pode ser então aquele gel de massagem que disse que aquecia.»

«Estás a jogar muito pelo seguro. E mais o quê?», perguntei.

«Se quiser pode levar umas algemas ou umas amarras», sugeriu a funcionária, e eu dei um incentivo com o olhar. «Também se vendem muito bem e não é nada muito radical.»

«Gosto…», admitiu com timidez. «Pode ser as amarras.»

«Já agora, sugiro uma venda, resulta sempre bem.»

«Pode pôr», respondi por ela, e depois agarrei numa embalagem de bolas vaginais e pu-la no balcão. «E isto também.»

A Inês arregalou-me os olhos e eu ignorei-a. Paguei, agarrei no saco e saímos da loja. Quando chegámos ao carro, atirei:

«Não gostas muito de brinquedos, mas hoje vais acabar na mesma como uma boneca de trapos. Vamos embora!»

42

Assim que entrámos no meu apartamento, agarrei-a pelo rabo, peguei nela e levei-a para o quarto. Pus uma música ambiente e comecei a despi-la enquanto a beijava. Meteu as mãos por dentro da minha camisa, para sentir os meus abdominais, e depois desceu-as para me desabotoar as calças e meter a mão no interior dos meus *boxers*. Se havia algo que me deixava profundamente excitado era aquilo. Sentir que ela procurava o meu pau. Que gostava de o sentir na mão e que o desejava ter dentro dela. Despi-a até ficar só de roupa interior e quando lhe tirei o sutiã (ainda de pé, junto à cama), baixei muito lentamente a minha cabeça, para ela saber aonde me dirigia, e comecei a beijar-lhe um dos seios. Com uma das mãos segurava-a pelas costas e com a outra acariciava-lhe o sexo por cima das cuecas. Sentia-a molhada através do rendado das cuecas e isso era, para mim, uma sensação mágica.

Ajoelhei-me diante dela, para venerar o único deus em que acreditava (mandamento número 23: deus não está no céu, mas entre as pernas de uma mulher), e com as mãos nas coxas dela comecei a tirar-lhe as cuecas com os dentes. Aos poucos, descendo-as de um lado e do outro, fi-las cair no chão. Depois, voltei a erguer-me, tirei-lhe o elástico do pulso e virei-a de costas para lhe apanhar o cabelo.

«Não te movas!», ordenei.

Coloquei-lhe a venda e de seguida peguei nela e deitei-a sobre a cama. Quando virei costas para ir buscar as amarras, já ela, instintivamente, tentava esconder os seios com os braços. Algo que em breve ia ficar impedida de fazer. Amarrei-lhe os braços e as pernas à cama, mas deixei-lhe alguma folga para poder ajeitar o corpo, caso se sentisse dorida ou desconfortável. Percebi pelo movimento do tórax que a sua frequência cardíaca aumentava à medida que lhe reduzia a liberdade. E para a torturar um bocadinho decidi aproximar a minha boca da barriga dela e respirar junto à pele.

Peguei depois no gel, despejei um pouco sobre ela, fazendo-a estremecer com a sensação, e comecei a espalhá-lo. Percorri-lhe o

tronco desde o pescoço até ao sexo, massajando-o através de movimentos circulares e com uma leve pressão. De seguida, concentrei energias na zona do sexo e dei continuidade aos movimentos circulares, mantendo a velocidade. Aos poucos, os gemidos foram aumentando de volume e as contrações tornaram-se mais frequentes. Comecei a dar ligeiro destaque ao dedo médio, concentrando-o na entrada do sexo dela, até que o introduzi todo. Com ele dentro dela, continuei os movimentos circulares, tentando abranger toda a zona erógena com a palma da mão, e acrescentei por fim o dedo anelar. Mantive o ritmo e aos poucos fui transformando os movimentos circulares em movimentos laterais, enquanto gradualmente ia aumentando a velocidade até atingir um nível vibratório. O corpo da Inês começou a reagir por todos os lados, testando a resistência das amarras, e os gemidos transformaram-se em gritos. Também essa era uma liberdade que eu lhe queria suprimir, por isso, enquanto a minha mão funcionava com um vibrador que a fazia vir por entre os dedos para cima dos lençóis, a minha boca servia de tampão para tapar a dela com um beijo. Mas ela abanava a cabeça de um lado para o outro, para poder gemer em paz, e eu vi-me obrigado a agarrá-la por trás da cabeça e prendê-la contra à minha boca. Com os quatro membros amarrados, os olhos vendados, a cabeça presa pela minha mão, a boca tapada com a minha e ainda uma mão a masturbá-la freneticamente, a única sensação possível era de uma autêntica explosão orgástica interior.

Soltei-a para que pudesse recuperar o fôlego e peguei nas bolas. (Eram quatro bolas metálicas, unidas por um cordão e com uma argola na ponta para poderem ser puxadas.) Mas antes de as introduzir, decidi passear com elas ao longo do tronco da Inês e fazê-la sentir a frieza do metal que, muito em breve, estaria todo dentro dela. Despejei mais um pouco do gel, que também funcionava como lubrificante nas mãos, e lubrifiquei as bolas.

«Estás pronta?», perguntei-lhe ao ouvido.

Limitou-se a abanar a cabeça e com a aprovação dela fiz deslizar as bolas ao longo da sua barriga, descerem pelo sexo e entrarem uma a uma, devagarinho. Quando entrou a primeira, a Inês abriu a boca em silêncio e mordeu o lábio. Na segunda, a mesma coisa. Na terceira, deixou escapar um gemido e na quarta uma expressão de dor misturada

com prazer era bem visível através da boca.

«Está tudo lá dentro e só sai quando eu decidir», disse-lhe.

Despejei mais gel sobre os seios e o ventre dela e continuei a passear com as minhas mãos ao longo do seu tronco e a acariciar-lhe o *clit*, enquanto observava as contrações musculares que ocorriam no sexo dela, atolado com quatro bolas de aço cirúrgico.

Coloquei-me por cima dela, com um joelho de cada lado do tronco e comecei a masturbar-me, contando com a ajuda da sensação prazerosa do lubrificante para endurecer o meu pau. Quando o senti suficientemente duro, apoiei-me com uma mão na cabeceira da cama e com a outra encostei a cabeça do meu pau nos lábios da Inês e percorri-os a toda a volta, lubrificando-lhe a boca. Por fim, empurrei-o para dentro dela e fi-la chupar-me. Aquela posição não era a mais confortável para a Inês, por isso dei-lhe uma ajuda. Subi os meus joelhos, para ajustar o meu centro de gravidade e poder ter as duas mãos livres, e agarrei na cabeça dela para passar a ser eu a controlar os movimentos de vai e vem para dentro da boca.

Larguei-lhe a cabeça para que pudesse descansar, saí de cima dela e, sem nunca lhe tirar a venda, comecei a desatar-lhe as amarras. As de baixo desatei-as junto aos tornozelos, mas as de cima desatei-as junto às pernas da cama, pois ainda ia precisar delas.

Virei-a de barriga para baixo, pus-lhe as mãos atrás das costas e atei-as com as amarras. Depois, levantei-lhe a cintura para o ar, ficando apoiada com o rosto no colchão, agarrei na argola e comecei a puxar as bolas com a mesma velocidade com que as tinha metido. Assim que as tirei, ergui-me, agarrei no meu pau e penetrei-a de uma só vez, escalando em segundos para a velocidade máxima. Com as mãos untadas, o esforço para me segurar seria muito maior, um problema que evitei com as amarras à volta dos pulsos dela, pois assim tinha onde me agarrar para a foder da melhor maneira.

Ia intercalando as mãos entre aquela com que me segurava nas amarras e aquela com que esbofeteava as nádegas dela enquanto a penetrava com força. Passei-lhe a mão na barriga, para recolher um pouco do gel de massagem que lhe tinha passado, e comecei a lubrificar-lhe o ânus com o polegar, fazendo movimentos circulares. Sem nunca parar de a penetrar, fui aumentando aos poucos a pressão que

lhe fazia no ânus com o polegar, até que o fiz deslizar suavemente para o interior do cu dela. Soltou um gemido queixoso, mas foi abafado pelos lençóis. Com um polegar todo dentro do cu, o meu pau a entrar e a sair-lhe do sexo e uma mão a puxá-la contra mim, continuei a rebentá-la naquela posição durante um bom tempo.

Puxei-a pelas amarras, para que desencostasse a cabeça do colchão, e empurrei-a para a frente deitando-a de barriga. Deitei-me sobre ela, agarrei-a pelos ombros, apoiando os meus antebraços no colchão e fiz-me entrar novamente nela, enquanto apoiava a minha testa por trás do pescoço dela e lhe beijava as costas de vez em quando. A Inês não parava de gemer e eu fazia questão de me enterrar o mais fundo possível no corpo dela, afundando-o no colchão a cada tacada. Ajustei os movimentos pélvicos às oscilações das molas por baixo de nós, sincronizando os movimentos dos nossos corpos e criando um efeito de maior ação. Depois, aumentei a frequência quase a um nível vibratório, contraindo até à exaustão todo o meu corpo, e só parei quando senti os meus músculos completamente esgotados. Saí de cima dela e comecei a desatar-lhe as mãos, aproveitando para descansar. Quando se viu livre das amarras tirou a venda, beijou-me e depois disse:

«Quero olhar para ti enquanto me fodes.»

Depois daquela mão dentro dos meus *boxers* para sentir o meu pau, aquele tipo de frase era outro dos pormenores que me deixavam louco e daquela vez ela tinha acertado em cheio nos dois.

Atirei-me para cima dela e continuei a fodê-la como se estivesse a começar a partir do ponto em que ela me disse aquela frase. Tinha sido como uma bomba energética que fez os meus músculos vibrarem de entusiasmo, o que me ajudou a manter o nível de intensidade elevado daquela foda. Com o rosto junto ao dela, de olhos colados e mãos entrelaçadas, tirei o travão à excitação e deixei-a escalar até ao pico. Quando senti que me estava a vir, saí de dentro dela, pus-me de pé sobre a cama, puxei-a para mim, para que ficasse sentada, apontei-lhe o meu pau à cara e vim-me todo para cima dela. E para lhe provar que não o fiz por mero regozijo pessoal, baixei-me, passei o polegar pelos lábios dela para espalhar o sémen que lhe escorria pelo rosto e beijei-a.

«Anda, vamos tomar banho.»

«Vieste-te para cima dos meus olhos, não os consigo abrir.»

«Não te preocupes, eu levo-te.»

Peguei nela ao colo, levei-a para a casa de banho e eu mesmo limpei-lhe o rosto. (Até porque fui eu que sujei.) Enchei a banheira e mergulhámos nela, ficando a Inês encostada ao meu peito.

«Será que ainda não me portei suficientemente bem?»

«O que queres dizer com isso?», interroguei.

«Sempre disseste que se me portasse bem me contavas a tua história. O que me falta para ser merecedora?»

«Já te falei da Mafalda…»

«Essa Mafalda é apenas a ponta do icebergue. Além disso, não me praticamente disseste nada de concreto sobre vocês.»

«O que eu te posso dizer é que já faltou mais…»

«Isso não significa que falta pouco.»

«Neste momento, tu estás na minha vida, mas eu quero que fiques. Quando eu perceber que não estás, apenas, mas que vais ficar, então nessa altura estarão reunidas as condições.»

«Se eu estou é porque quero ficar, senão nem sequer estava.»

«Isso é o que tu dizes, talvez seja aquilo em que acreditas e, porventura, o que sentes, mas ainda não é a realidade.»

Peguei numa esponja e comecei a lavar-lhe as costas.

«Dei-te a entender que se não me contasses a tua história não tinha condições para ficar. Agora dizes-me que só me contas a história se eu ficar. Resta uma pergunta: em que é que ficamos?»

«Ficamos por aqui com essa conversa, o que achas?»

«Então, responde-me a mais uma pergunta. É pequenina!»

«Faz lá essa pergunta.»

«Qual é mais antiga: a cicatriz ou a tatuagem?»

«A cicatriz é um pouco mais antiga.»

«Estão relacionadas?»

«Sim. É tudo?»

«Por hoje é tudo. Por hoje… repito.»

Puxei-a para mim, para que se voltasse a encostar ao meu peito, e comecei a acariciar-lhe os seios com as mãos cheias de espuma, ao mesmo tempo que lhe beijava a boca por cima do ombro.

Quando terminámos o banho, sequei-me primeiro do que ela e ia sair à frente para lhe dar alguma privacidade.

«E o filme com os cereais? Não estava a brincar», recordou, quando eu já tinha agarrado a maçaneta.

«Vou preparar, encontramo-nos na sala.»

Vesti-me e fui para a sala. Peguei numa tigela, enchi-a de cereais e fui para o sofá perder-me na Netflix, à procura do filme que preenchesse os requisitos românticos da Inês e os eróticos do **Afonso**. A dada altura, apercebi-me da naturalidade com que estava a fazer aquilo, sendo que tinha, algures na minha casa, uma mulher a terminar o seu banho e a vestir-se como se ali vivesse. Nunca parei para pensar naquela hipótese, mas dei por mim a desejá-lo profundamente. A verdade é que me sentia bem, confortável e animado. Talvez não fosse uma ideia tão remota quanto pensava.

Entretanto, escolhi o filme ideal e reparei que a Inês estava a demorar muito. Fui chamá-la ao quarto e ao passar pelo corredor vi a luz acesa numa divisão onde não era suposto alguém entrar, além de mim. Empurrei a porta e encontrei a Inês a olhar as paredes repletas de apontamentos.

«O que é isto, **Afonso**?»

43

«Tem um aspeto assustador, não tem?», perguntei.

«Um pouco. O que é isto? Que papéis são estes nas paredes? Estes recortes, estas tabelas e gráficos. Só vejo coisas relacionadas com a mulher. Até tem coisas sobre os signos?»

«Isso é uma nova variante que estou a tentar explorar.»

«Explica-me, por favor! Isto parece uma daquelas salas dos criminosos que aparecem nos filmes de ação… e terror.»

«Calma! Isto não tem nada que ver com crime, ação ou terror. É apenas a minha sala de estudo.»

«Sala de estudo? O que é que estudas aqui? Mulheres?»

«Não só, também tenho algumas coisas sobre homens. Acima de tudo, estudo o comportamento humano, com especial foco na fração feminina. É o meu trabalho, lembras-te?»

«Foi aqui dentro que aprendeste a seduzir mulheres?»

«Eu aprendi a seduzir com as mulheres no terreno, mas foi aqui que investiguei e desenvolvi as minhas ferramentas.»

«Parece tudo um pouco obsessivo, não?»

«Se entrasses no laboratório de um cientista qualquer, certamente irias encontrar um cenário idêntico, apenas temos objetos de estudo diferentes. Foi aqui que desenvolvi as minhas fórmulas mágicas de sedução que hoje em dia passo aos homens que me procuram. Muito do que sou hoje aprendi a ser com isto que estás a ver.»

«Ou seja, aquilo que tu és e sabes é tudo resultado de um estudo intensivo e obsessivo sobre as mulheres? Não é genuíno?»

«Todos podemos aprender a tocar piano, mas nem todos seremos um Mozart. Entendes o conceito? Não, não fui sempre assim, tornei-me assim quando me comecei a dedicar mais à arte da sedução. Estudei quais eram os gestos, atitudes, palavras e personalidades que atraíam mais o sexo oposto e fui limando a minha personalidade até resultar neste diamante.» Sorri de forma atrevida.

«Eu apaixonei-me por uma pessoa que não existe?»

«Tu apaixonaste-te por uma pessoa que não existia. Ou melhor, que

ainda não se tinha revelado, talvez. Só sou o que sou porque era o que era. Em parte, é uma máscara, mas, em parte, é genuíno. Muito por causa das influências do meu irmão.»

«Espera lá, tens um irmão?»

«Já falei de mais, vamos embora, ou queres ver mais alguma coisa? Tenho aqui na prateleira uma coleção de filmes eróticos que, inclusive, me serviram de inspiração para…»

«Não mudes de assunto! Quantos irmãos tens?»

Fiz uma pausa, olhei em redor e depois respondi:

«Tinha um.»

Levou a mão à boca e ficou momentaneamente calada.

«Perdeste um irmão? Oh, não! Desculpa! Desculpa ter insistido. Agora entendo o porquê de não quereres falar.»

«Não faz mal. Pelo menos assim já ficas a saber mais um aspeto da minha vida. Havia camisolas mais bonitas no armário», observei, apontando para a minha camisola que ela tinha vestido.

«As outras eram muito curtas e não me tapavam o rabo.»

Virou-se de costas para que eu pudesse comprovar o que acabava de dizer e aquela imagem das suas pernas nuas e a minha camisola a mal tapar o seu rabo foi tão excitante que o meu pau deu sinais de que já estava pronto para outra.

«Assim não dá», continuou. «Ando sempre a vestir a tua roupa. Se não é a tua, é a da Filipa. Oh, meu Deus! Esqueci-me! Tinha metido na cabeça que hoje ia comprar roupa. Amanhã começo a trabalhar e não tenho roupa adequada. E com isto tudo, passou-me por completo a ideia. Esquece o filme, tenho de ir embora.»

Saiu da minha sala de estudo e eu fui atrás dela.

«Tem calma, ainda tens tempo. Há um pequeno centro comercial a dez minutos daqui. Podemos ir lá agora e resolvemos isso.»

«Isso seria incrível. Obrigada! Vou vestir-me!»

Deu-me um beijo rápido e correu para o quarto. Em pouco tempo, já estava na sala pronta a sair e fomos ao centro comercial.

Faltavam poucos minutos para fechar quando demos por terminadas as compras. Eu carregava um monte de sacos e a Inês carregava outros tantos. Não só com roupa, mas também com uma panóplia de produtos de mulher.

«Foi por pouco», disse ela.

«Foi por pouco que não esvaziaste as lojas», completei.

«Que engraçadinho! Mas não é nada que não estivesses à espera, já que és um estudioso da mulher. Levas-me a casa? Já é tarde e amanhã quero estar fresca para o meu primeiro dia.»

«Levar-te a casa?» Fiz-me de desentendido.

«Sim! Levar-me a casa. A casa da Filipa. Para eu dormir.»

«Estás a dez minutos de minha casa que, por sua vez, fica muito mais perto da empresa onde amanhã vais começar a trabalhar, estás a queixar-te que é tarde e ainda queres ir para Matosinhos?»

«Estás a sugerir que fique em tua casa?»

«Tens nestes sacos tudo o que precisas para ires fresca e arranjada amanhã para o trabalho. Além disso, aquela desculpa que deste na Póvoa de "já terem passado por aqui montes de mulheres" não se aplica, porque foste a única. E eu amanhã posso perfeitamente levar-te à empresa. Já que estás aqui, fica esta noite comigo.»

«Não posso, a Filipa está à minha espera. Ela não sabe nada sobre nós e se eu não durmo em casa vai pensar que voltei para o Victor e vai começar a chatear-me. Já a conheço!»

Peguei no telemóvel e marquei o número da Filipa.

«O que estás a fazer?», perguntou, intrigada.

«Estou? Filipa? Olha, estou aqui com a Inês. Era só para te dizer que estamos juntos, não só aqui neste momento como na vida. E vamos ficar juntos, incluindo esta noite, por isso não estranhes o facto de ela não dormir aí.»

«Tu és louco», soltou, com um sorriso disfarçado.

Devolvi-lhe um sorriso, entrámos no carro e fomos embora. Quando finalmente a tive de volta na minha cama, ela já a dormir e eu ainda à espera que o sono chegasse, fui possuído por uma sensação de plenitude. Depois de ela me ter confessado que estava disposta a tentar de novo comigo receei que a ideia de «objetivo cumprido» me roubasse o entusiasmo e algum do encanto que sentia por ela, mas depois percebi que eu apenas estava mal-habituado. Já devia ter percebido que com a Inês era diferente. Desde que admiti o que sentia por ela que não a via mais como uma meta. A meta, agora, era o infinito. E tê-la ali, deitado ao meu lado, na cama daquela minha casa, era uma visão que queria

repetir todas as noites.

Acabei por adormecer e quando acordei trazia do sono uma certeza: ia convidá-la para vir viver comigo. Mais do que uma vontade pessoal, era também uma forma de cimentar tudo aquilo que acontecera nos últimos dias entre nós. Por um lado, podia ser precipitado, por outro, também sentia que não havia tempo a perder. Na verdade, já demasiado tempo tínhamos nós perdido. A pensar nisso, quando a deixei na empresa disse-lhe:

«Quando saíres, estarei aqui à tua espera.»

«Não preciso de motorista, **Afonso**. Tenho autocarro.»

«Não me custa nada. Eu venho cá buscar-te.»

«Já disse que não. Não tenho 10 anos!»

«Tudo bem! Mas promete-me que passas em minha casa depois do trabalho. Tenho uma pequena surpresa para ti.»

«Hummm… Uma surpresa?», perguntou, curiosa.

«Sim. Mais logo vês. Passas em minha casa ou não?»

«Está bem, eu passo. Até logo!»

Arranquei em direção a casa e pelo caminho fiz um pequeno desvio, para fazer uma cópia da chave do meu apartamento para entregar à Inês, em forma de convite. Restavam-me algumas horas para pensar numa forma original de o fazer e seria nisso que me ia dedicar durante o resto do dia. Contudo, o destino ia trocar-me as voltas, pois quando entro em casa e fecho a porta, sou surpreendido por alguém que me agarrou por trás e me injetou qualquer coisa no pescoço que me fez adormecer em segundos.

44

Uma sensação de profundo desconforto acordou-me. Quando finalmente o meu cérebro ficou suficientemente desperto para perceber o que estava a acontecer, o pânico começou a tomar conta de mim. Estava deitado na minha cama, amordaçado, completamente nu e com os membros amarrados, tal como tinha amarrado a Inês na noite anterior. Não vi ninguém e veio-me logo à cabeça um nome: Henrique. Ou algum dos seus súbditos. Comecei a gritar, mas com a mordaça a tapar-me a boca os gritos não passavam de gemidos. No entanto, pareceram suficientes para chamarem a atenção da verdadeira responsável por aquele sequestro, pois pouco depois surgiu à entrada do quarto a Verónica. Com um olhar frio e inexpressivo, aproximou-se de mim e sentou-se na beira da cama.

«Não me deste outra opção, **Afonso**. Eu juro que tentei fazer as coisas a bem e até de um jeito disfarçado, para que nem tu nem eu passássemos por situações desconfortáveis como esta, mas parece que foste mais perspicaz do que eu estava à espera.»

Tentei soltar-me, mas as mãos estavam tão apertadas que mesmo sem fazer nada já era doloroso. Tentei também dizer alguma coisa, mas só saíam gemidos impercetíveis. Ela aproximou o ouvido do meu rosto, como se tentasse perceber o que eu queria dizer, e depois encolheu os ombros, fingindo que não havia nada a fazer. Continuei a gemer através da mordaça, arregalando os olhos para fingir que tinha algo importante para lhe dizer ou que estava aflito, numa tentativa de a convencer a tirar-me a mordaça. De outra forma era impossível dissuadi-la da loucura que ela podia estar prestes a cometer. Pareceu ignorar-me, depois abandonou o quarto e regressou com o que parecia ser uma seringa, que pousou na mesa de cabeceira. Arregalei-lhe os olhos e ela disse-me:

«Lembras-te daquele meu amigo, o Duarte, com quem, certa vez, te cruzaste à saída dos escritórios? Eu até te disse que ele fazia investigação sobre algumas doenças associadas ao sistema reprodutor. Pois é, acabámos por nos conhecer depois do meu…» Engoliu em seco.

«Pronto, tu sabes. Nessa altura, eu procurei diferentes especialistas para entender melhor o que é que tinha acontecido e o que é que podia ser feito para não voltar a acontecer. E ele foi um deles. Mas não é por causa disso que te estou a falar nele. É por causa disto que ele me deu.» Apontou para a seringa. «Aqui dentro está um vírus que pode afetar gravemente a produção de espermatozoides e tornar um homem infértil, por isso, se não quiseres este bichinho dentro do teu corpo a matar os teus bichinhos, vais portar-te bem e colaborar comigo. Começando por não fazer barulho quando eu te tirar essa mordaça, combinado?»

Desconhecia a existência um vírus com esses efeitos, mas também não estava em condições de confiar nos meus conhecimentos na área e muito menos estava em condições de desconfiar de uma louca com uma seringa. Não tinha outra solução que não fosse acreditar nela. Abanei a cabeça e ela tirou-me a mordaça.

«O que estás a fazer, Verónica? O que é isto?»

«Ssshhh…» Mandou-me calar com o dedo nos lábios. «Eu não te vou fazer mal absolutamente nenhum. Fica tranquilo. Quer dizer, só se me obrigares, mas não vai ser preciso, pois não?»

«Diz logo o que queres?!»

«Um filho!», atirou. «Como podes ver, não é nada de mal. Aliás, não é nada que qualquer mulher comum não queira, certo?»

«Certo, mas o que é que isto tem que ver com esse desejo?»

«Não me deste escolha, **Afonso**! Eu tentei de tudo e quando estava tão perto de conseguir, tu estragaste-me os planos.»

«Espera lá… vais forçar-me?»

«Não! Que palavra feia. Vou convencer-te.»

«Não me vais convencer de nada! Mas tu enlouqueceste?»

«Ouve-me! Só quero um filho teu. Dás-mo e eu desapareço da tua vida para sempre. Não te quero nem nada do que seja teu, além disto. Não peço muito, pois não?»

«Não pedes muito? Mas há alguma coisa maior no mundo do que um filho? Isto é completamente absurdo e inacreditável. É o extremo da obsessão. Tu não estás bem, precisas de ajuda. A perda de um filho é traumatizante, mas nada justifica isto!»

«É por precisar de ajuda que estou aqui a sujeitar-me a isto tudo, e a

ti também. Porque só tu me podes ajudar. Por isso, sê um bom rapaz e colabora, por favor.»

«Não vou colaborar com uma loucura destas. Como é que estás a pensar obrigar-me?»

«Só te vou obrigar se me obrigares a isso.»

«Mas isto tudo já é uma obrigação! Será que não entendes?»

«Sabes, **Afonso**, tenho de te dar os parabéns pela tua perspicácia. Toda a tua análise foi muito bem feita. Desde a forma como eu te consegui trazer para os meus escritórios, fazendo parecer que fora um mero acaso, até àquela noite no *hostel*, que se revelou um fracasso. Mas agora também preciso que sejas perspicaz para entenderes que é melhor colaborares comigo.»

Não sabia o que ia dentro daquela cabeça, mas precisava de pensar urgentemente numa forma de dissolver as intenções dela. Precisava de tempo para pensar, mas primeiro tinha de o ganhar, e a melhor forma era fazê-la continuar a falar.

«Só lamento ter percebido tão tarde. Bem estranhei o teu comportamento, algo não batia certo, mas tu estavas a bater nas teclas certas para mexeres com o meu subconsciente.»

Ela ajeitou-se na cama e começou a falar como se tivesse todo o tempo do mundo para contar o que se tinha passado.

«Percebi que tinha de fazer de conta que não queria saber de ti e que já tinhas passado à história para ferir o teu ego. Sei que és movido pelo ego e que irias querer levar-me para a cama só para mostrares que ainda havia razões para eu te desejar. Porque é isso que tu queres, ser desejado, mas não propriamente procurado. Um erro que cometi nos primeiros tempos em que, confesso, me senti um pouco obcecada, e foi essa a minha falha. Tu não queres uma mulher que ande atrás de ti, queres uma mulher que te faça querer andar atrás dela. E o desprezo é sempre uma boa ferramenta. Mas corrigi as minhas falhas e comprovei isso no teu regresso.»

«E tudo para engravidares a todo o custo. Isso é simplesmente nojento e repugnante. Um filho não é um brinquedo, porra! Isso não te pesa na consciência?»

«Sabes o que me pesa na consciência? Não ter querido, um dia, o que quero hoje e como quero. Pesa-me na consciência não poder voltar

atrás no tempo. Mas quando te vi, percebi que foi um sinal do universo. Percebi que tu entraste na minha vida com o propósito de me dar o filho que me arrependi de, um dia, não querer.»

«Se tu não tiveste esse filho, não foi porque não quiseste, foi porque não tinha de ser. Não culpes a tua falta de vontade. Mas porquê eu? Porquê essa fixação por mim?»

«Porque tu és muito parecido com ele…»

«Ele quem?»

«O pai do meu filho.»

«Se fosse destino eu entrar na tua vida para te fazer um filho, eu deveria querer, não achas? Parece-me que foi só azar meu, por ser parecido com um gajo com quem andaste a dormir.»

«Não é sorte nem azar. É um sinal! É que vocês não são só parecidos fisicamente. Até a personalidade é muito semelhante. Quando te vi pela primeira vez até pensei que fosses algum irmão dele, mas depois perguntei ao Miguel se tinhas irmãos e ele disse-me que não, e eu esqueci a ideia.»

«O quê? Irmão? Como é que ele se chamava?»

«Chamava-se David, mas começou a procurar-me cada vez menos até que deixou mesmo de me procurar e simplesmente desapareceu. Nunca mais soube nada dele. Acabei por nunca lhe dizer que tinha engravidado porque, enquanto procurava coragem para lhe dar a notícia, perdi o bebé e depois achei que não valia a pena fazê-lo carregar esse fardo. Pouco depois, ele deixou de me dar notícias e percebi que foi melhor assim.»

Fiquei apático a olhar para o vazio. Não queria acreditar que aquilo estava mesmo a acontecer. Não podia ser verdade, mas tudo apontava que sim. O meu irmão não se chamava David, mas chegou a confidenciar-me várias vezes que gostava muito do nome e que se um dia tivesse um filho esse seria o nome que lhe daria. Por isso usava-o como nome fictício para se apresentar às mulheres com quem se envolvia, de forma a proteger a sua identidade. Contra todas as probabilidades, o meu falecido irmão acabava por estar ligado ao que acontecia naquele quarto.

«Foi Deus que te colocou no meu caminho», continuou ela. «Para que eu pudesse concluir a minha missão de ser mãe. Ser mãe daquela

criança em concreto. Por isso é que, não muito tempo depois de deixar de ter notícias do David, eu cruzei-me contigo numa das festas do Miguel. Foi um sinal, acredita em mim!»

«Não foi sinal nenhum! Isto é uma loucura!», gritei.

«Chiu! Fala baixo. Senão volto a pôr-te a mordaça e vais ter de falar contigo próprio enquanto estivermos aqui.»

Estava demasiado determinada e percebi que, por mais argumentos que eu apresentasse, não a ia fazer mudar de ideias. Apesar das ameaças, não era ódio, raiva ou qualquer sede de vingança que eu sentia na voz dela. Era, acima de tudo, uma mágoa profunda com um toque sonhador que tinha tanto de compassivo como de psicopata. Queria tanto aquilo e acreditava tanto que aquele era o caminho para a felicidade ou libertação que todos os estragos que pudesse causar eram justificáveis.

Precisava de continuar a entretê-la com a conversa e surgiu-me uma pergunta que ainda não me tinha lembrado de lhe fazer.

«Como é que entraste em minha casa?»

«Com a chave», respondeu, como se fosse óbvio.

«Até hoje, só tinha uma única chave do meu apartamento. A não ser que tivesses feito uma cópia, mas para isso precisavas da minha chave e ela anda sempre comigo. Terá sido quando fui a tua casa? Ou então no *hostel*! Deves ter feito um molde dela.»

«Sim, foi feito um molde da tua chave, mas não fui eu.»

«Mas como? Se eu andei sempre com ela.»

«Nem sempre…», respondeu, sem olhar para mim.

Fiz uma pausa quando finalmente percebi como conseguiu.

«É claro! Tens razão! Nem sempre andei com elas. E um desses momentos foi quando aquele homem foi ao meu gabinete colocar a placa na porta para tapar o buraco que lhe tinha feito. Por isso é que ele me convidou a sair do gabinete, alegando que ia fazer muito barulho. Nesse intervalo de tempo, ele vasculhou nas minhas coisas e tirou os moldes às minhas chaves. Uma delas tinha de ser a deste apartamento. Bem jogado, Verónica! Bem jogado! Não deixa de ser irónico que tenha sido essa mesma placa a ponta do fio do novelo que comecei a desenrolar até te desmascarar. Mas se já nessa altura planeavas fazer isto, porquê só agora?»

«Eu não tinha planos de fazer isto quando fiz uma cópia da chave. Se isto aconteceu foi porque tu decidiste afastar-te de mim, por isso, este momento constrangedor é culpa tua.»

«Que lata, Verónica! Estás completamente doente, nem vale a pena falar para ti. Se não tinhas planos de fazer isto, por que raio havias de ter uma chave do meu aparta…» De repente, voltei a congelar com o que acabava de descobrir. «Foste tu! Meu Deus! Foste tu que mataste o meu cão. Foi para isso que fizeste a cópia da chave e foi por já teres vindo aqui que sabias onde eu morava e dispensaste que eu te desse a morada naquele dia em que fomos sair. Agora estou a lembrar-me de tudo! O *Dark* foi morto no intervalo de tempo em que estive numa consulta com o Dr. Alfredo. E como a consulta foi marcada de um dia para o outro, eu tive de ligar à Rute a pedir-lhe que desmarcasse a primeira sessão da tarde desse dia, porque pelo menos das 14h00 às 15hoo eu estaria numa consulta. Ela transmitiu-te essa informação porque, certamente, tinha instruções tuas para te confidenciar cada um dos meus passos, e tu percebeste que era o momento ideal para vires aqui. Meu Deus! Que macabro! Que doentio! Mas porquê o meu cão? Para quê o meu cão?!»

Percebi que o semblante dela ficou ainda mais frio.

«O teu cão foi uma tentativa arriscada, mas que se revelou acertada. Nessa altura, eu já entendia vagamente a tua personalidade. Dava para perceber que tinhas pelos menos duas facetas. E logo na primeira conversa que tivemos, quando vieste para os meus escritórios, falaste de um outro **Afonso**, mais perverso e monstruoso, que dizias estar adormecido. Pouco depois, pude ver um pouco dele, quando partiste o telemóvel contra a porta do gabinete, e percebi que era esse **Afonso** que eu iria conseguir levar para a cama. Era esse que eu queria que fodesse comigo. Por acaso, nesse momento confidenciaste-me que alguém tinha acabado de te ameaçar o cão e por esse motivo partiste o telemóvel. Deu para ver que o teu cão era uma peça fundamental para o equilíbrio da tua personalidade. Mas não me interessava despertar tristeza em ti, mas raiva. Assim sendo, já não me custava nada. Deixei um pequeno bilhete junto ao teu cão, para garantir que tu percebias que ele tinha sido assassinado. Por acréscimo, também sabia que o teu cão era a tua companhia e, com certeza, não estando ele presente tu

estarias mais recetivo a acolher alguém na tua vida. Quando mais não fosse por carência. E aí tudo indicava que eu estaria na linha da frente para suprir essa tua falta, e acho que não me enganei. Era um plano simples que tinha tudo para dar errado, mas, tal como tu, eu raramente falho e correu tudo como planeei. Como te disse, o destino queria que isto fosse assim. Caso contrário, não daria tão certo. Bom! Já chega de conversa. Vamos ao que interessa.»

Levantou-se da cama e colocou-se por cima de mim.

«O que é que estás a fazer?»

«Ssshhh…»

Voltou a calar-me com um dedo nos lábios e começou a beijar-me o peito. Precisava de fazer alguma coisa urgentemente e a melhor ideia que me ocorreu foi contar-lhe a verdade.

«Ele é meu irmão», murmurei.

A Verónica ergueu a cabeça, olhou para mim e eu esclareci:

«O David, o pai do teu filho, é meu irmão.»

«O Miguel disse que não tinhas irmãos.»

«Porque foi essa a informação que lhe dei. Muito poucas pessoas sabem da existência desse meu irmão.»

«Ai, sim? E o que é feito dele, então?»

«Nada. Está morto.»

A feição da Verónica mudou drasticamente. Não parecia triste nem chocada, estava, isso sim, desconfiada do que eu acabara de dizer.

«Não acredito. Estás a tentar manipular-me.»

«Não posso jurar que estejamos a falar da mesma pessoa, mas podemos já confirmar isso. Na primeira gaveta da mesa de cabeceira tenho um caderno preto. Dentro desse caderno está uma foto de nós os dois», revelei, apontando com a cabeça.

Olhou-me por mais um segundo e depois saiu de cima de mim, abriu a gaveta, tirou o caderno e encontrou a fotografia. A forma como ficou a olhar para ela foi suficiente para perceber que falávamos da mesma pessoa.

«O que é que aconteceu?», perguntou, num murmúrio.

«Doença.»

«Que tipo de doença?»

«Daquelas que dão poucas hipóteses…»

Os olhos da Verónica começaram a encher-se de água e continuavam colados na fotografia. Percebi que aquela informação a tinha afetado e talvez pudesse ser a arma perfeita contra ela. Se, indiretamente, era por causa do meu irmão que eu estava naquela situação, então talvez fosse por causa dele que eu me veria livre da Verónica e daquelas amarras.

«Não sei que relação vocês tinham», continuei. «Mas conhecendo o meu irmão como conhecia, ele deve ter-se afastado de ti na altura em que começou a enfraquecer.»

«Mas porquê? Porque não me disse nada?»

«Para te proteger. Se não te disse nada foi porque gostava de ti e não queria que o visses a definhar com a doença. Ele tinha um ego muito inflamado e, como sabes, era um tipo bem-parecido. Duas características que a doença lhe roubou. Além de não querer que o visses naquele estado por uma questão de ego, também não o fez para te proteger, pois saberia que seria doloroso para ti.»

As lágrimas corriam cada vez mais pelo rosto dela.

«Não pode ser! Ele não me podia ter feito isto. Não me podia ter impedido de estar ao lado dele numa altura dessas!»

«Fê-lo por ti. Porque gostava de ti. Apenas e só para te proteger. Eu não sei, éramos muito próximos, mas ele não me falava muito de sentimentos ou relacionamentos, mas ninguém o conhecia melhor do que eu e se o fez, fê-lo também por ti. Quanto ao filho que ele nunca chegou a tomar conhecimento, também estou certo de que ele faria tudo para ser o melhor pai possível, mas tenho igualmente a certeza de que nunca defenderia a ideia que estás a tentar concretizar. Se respeitas a história que vocês viveram, o que ele representa para ti e a alma dele, desiste desta ideia. Se o fizeres, prometo que não procurarei vingança nem irei atrás de ti.»

A Verónica caiu de joelhos em pranto e ficou agachada ao lado da cama durante algum tempo, a soluçar, e eu só torcia para que ela me tivesse dado ouvidos e aceitasse a minha proposta.

Quando finalmente se recompôs, limpou as lágrimas, ajeitou o cabelo e voltou a guardar a fotografia no meio do caderno. Pegou na seringa, sentou-se na cama e debruçou-se sobre mim.

«O que vais fazer, Verónica?»

Olhou-me muito seriamente, com uma dor profunda no olhar, e depois

tirou a proteção da agulha.

«Não, Verónica, por favor! Ver…»

Espetou-me no pescoço e injetou o líquido todo.

«Sssshh…» Calou-me. «Esta seringa não tem vírus nenhum. É apenas tiopental, um fármaco que te deixará inconsciente em poucos segundos. Quando acordares, vais perceber que nada disto aconteceu. Tudo não passou de um sonho. Seguirás a tua vida normalmente e não me voltarás a procurar, nem eu a ti.»

Passou-me a mão no rosto, com um semblante dolorosamente enternecedor, e logo depois comecei a sentir-me zonzo e apaguei.

Quando voltei a acordar era como se nada tivesse acontecido, o que me deixou ainda mais confuso. Estava debaixo dos lençóis, de *boxers* vestidos e nem sinal das amarras. Tal como se tivesse acabado de acordar de uma sesta. Ergui-me da cama e olhei em redor, à procura de vestígios da presença da Verónica. Nada. Saí da cama e quando me levantei senti-me zonzo e tive de me sentar. Fiz uma pausa, voltei a levantar-me, agora mais lentamente, e fui até à sala. Percorri todas as divisões da casa e estava tudo no devido lugar. Tal como se tudo aquilo que tinha acontecido não tivesse passado de um sonho. *Não pode ser*, pensei. Foi então que me lembrei da minha sala de estudo. Depois da morte do *Dark*, eu instalei pequenas câmaras de vigilância dentro da minha casa e fiz questão de não mudar de fechadura. Sabia que se o assassino do meu amigo de quatro patas tinha entrado uma vez, provavelmente iria voltar ao local do crime e eu queria não só prevenir-me, como saber quem tinha sido. As imagens estavam num computador na sala de estudo e foi para lá que fui, de forma a confirmar se tinha sido ou não um sonho o que se tinha passado no meu quarto com a Verónica.

Puxei atrás a gravação algumas horas e vi o momento em que ela me atacou com uma seringa no pescoço. Estava comprovado. Não tinha sido um sonho. Continuei a assistir à gravação e vi-a a arrastar-me para o quarto, vasculhar as minhas coisas e encontrar as amarras que eu tinha usado com a Inês. Assim que me amarrou, limitou-se a percorrer a minha casa de uma ponta a outra. Não sei se por curiosidade ou à procura de alguma coisa. O local em que esteve mais tempo foi precisamente o mesmo onde eu estava naquele momento, a minha sala de estudo. Tentou aceder àquele mesmo computador que eu estava a

usar, mas não encontrou a palavra-chave. Foi então que acordei e, pouco depois, ela surgiu no meu quarto. Adiantei o vídeo da parte em que estava acordado até ao momento em que ela, por impulso, me voltou a injetar. Logo depois, começou a tirar-me as amarras, guardou-as no mesmo local de onde as tinha tirado, vestiu-me os *boxers* e tapou-me com os lençóis. Por fim, recolheu as suas coisas e desapareceu.

Enquanto olhava aquelas imagens analisei o que estava a sentir, e não discerni sequer um pingo de raiva ou qualquer sentimento de vingança por ela. O único sentimento que conseguia distinguir era compaixão. Ela não tinha feito nada daquilo por maldade, mas sim por mero desespero e, depois das revelações que lhe fiz acerca do meu irmão, era como se ela tivesse caído em si e percebesse que nada daquilo faria sentido. No fim de contas, talvez aquele momento constrangedor tenha sido bom para ambos. Eu para me ver livre da Verónica e ela para se ver livre daquela espécie de obrigação interior de recuperar um filho perdido.

Tal como lhe tinha dito, não iria atrás dela, mas havia algo que tinha mesmo de fazer, e o mais depressa possível: mudar de fechadura. Por isso, tratei de contactar um serralheiro, que não demorou a chegar a minha casa. Olhei para o relógio e não faltava muito para a Inês me tocar à campainha, e foi isso mesmo que aconteceu quando o serralheiro estava quase a terminar o serviço.

Não queria que ela soubesse o que se tinha passado com a Verónica, até porque era uma preocupação desnecessária para ela e só iria atrapalhar a nossa relação, que estava a recomeçar tão bem. Tinha de me recompor rapidamente e fazer um esforço para ela não se aperceber de nada. Além disso, tinha menos de um minuto para arranjar uma justificação para o que estava a acontecer à minha porta.

«Problemas na porta?», perguntou ela, assim que chegou junto de mim e do serralheiro, que se encontrava agachado ao meu lado.

«Estou a mudar a fechadura.»

«Mas porquê? Estás com medo dos ladrões?»

«Já te digo porquê. Entra. Pousa as tuas coisas. Vai até à cozinha comer ou beber qualquer coisa. Já vou ter contigo.»

Olhou-me momentaneamente com um ar curioso e entrou. Fiquei a acompanhar o serralheiro enquanto ele acabava o serviço, e assim que

terminou entregou-me duas chaves da nova fechadura e foi-se embora. Guardei uma no bolso e outra na mão e fui ao encontro da Inês. Encontrei-a na cozinha, encostada ao balcão, a segurar um copo com água. O olhar dela era de quem esperava uma resposta minha, mas não abri a boca. Aproximei-me, tirei-lhe o copo da mão, peguei nela, sentei-a sobre o balcão e comecei a beijá-la. A meio do beijo deixei cair pela abertura da blusa dela a chave que tinha na mão. Soltou um gemido ao sentir o frio do metal e empurrou-me.

«O que é me meteste aqui?», perguntou, enquanto puxava a camisa das calças para tirar o objeto.

Quando percebeu que era uma chave ficou a olhar para mim, ainda mais intrigada e a exigir-me uma explicação.

«Já devia ter mudado a fechadura há mais tempo. Quando arrendei o apartamento só me entregaram uma cópia da chave e nunca há apenas uma cópia. A partir de hoje, sinto-me mais seguro, porque sei quem tem a segunda cópia da chave.»

«Mas porque é que me estás a dar a chave, **Afonso**?»

«Era essa a surpresa que tinha para ti. Na verdade, é um convite que te quero fazer. Eu gostava que aceitasses vir viver comigo. Não tem de ser já, não tem de ser de um momento para o outro, mas agora essa chave é tua e a partir de hoje podes entrar e sair quando quiseres da minha casa. Tu geres as vezes e o tempo. Não entendas isto como se eu tivesse pressa de alguma coisa, entende antes como se eu não tivesse tempo a perder. Aliás, nós não temos tempo a perder. O que achas da ideia?»

A Inês desceu do balcão, virou-se de costas para mim e debruçou-se sobre ele em silêncio, enquanto refletia.

«Acabei de sair da casa do Victor…», murmurou, antes de se virar para mim. «Não me parece o momento certo, **Afonso**.»

«Eu sei, eu sei! Mas, como disse, o convite está feito. A chave é tua e fazes com ela o que bem entenderes. Não tens de a usar diariamente. Apenas quando quiseres. Entende isto como uma prova de confiança e uma demonstração de que não tenho nada a esconder. Ficas com ela?»

Ela ficou a olhar para a chave que tinha na mão durante alguns instantes e depois ergueu o olhar para mim, mostrando um sorriso fechado, e abanou a cabeça afirmativamente. Abracei-a, peguei nela e

beijei-a. Nesse momento, comecei a ouvir o meu telemóvel a tocar em cima da mesa da sala, mas ignorei-o e continuei a beijá-la. Parou de tocar, mas pouco depois voltou a fazer barulho.

«É melhor ires ver o que é, pode ser importante.»

Fui até à sala, peguei no telemóvel e vi que era uma chamada de um número que eu não tinha gravado.

«Estou?», atendi.

«Estou sim? Desculpa estar a ligar-te depois de tanto tempo, mas preciso de falar contigo…», ouvi do outro lado da linha.

«Quem é que está a falar?»

«Pensei que ainda reconhecias a minha voz. É a Mafalda.»